

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Vanderlei Martins Ribeiro de Miranda

**Léxico e Cultura:
estudo linguístico na área rural de
Sabinópolis-MG**

Belo Horizonte
2013

**Léxico e Cultura:
estudo linguístico na área rural de
Sabinópolis-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Vanderlei Martins Ribeiro de Miranda

FALE - UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Belo Horizonte, abril de 2013.

**Dissertação aprovada em /..... / 2013 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra - UFMG
Orientadora**

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Antunes Rocha – UFOP

Prof^a. Dr^a. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG

*Duas riquezas: Minas
e o vocábulo.*

*Ir de uma a outra, recolhendo
o fubá, o ferro, o substantivo, o som.*

*Numa descansar de outra. Palavras
assumem código mineral.
Minérios musicalizam-se em vogais
Pastor sentir-se: reses encantadas.*

Carlos Drummond de Andrade (1980, p. 35)

Agradecimentos

A todos os meus informantes de Sabinópolis, que relataram, com alegria, histórias e causos de suas vidas, momentos que sempre ficarão na minha lembrança.

A meu primo Cláudio Miranda (Cláudio de Tatá), que teve a paciência de percorrer comigo, durante um dia inteiro, caminhos e estradas da zona rural de Sabinópolis, me apresentando pessoas interessantes e sábias, com as quais aprendi muito.

A meu primo Antonio Figueiredo de Miranda (Antonio de Tereza), que sempre ajudou no período que estive em Sabinópolis realizando as entrevistas, me esclarecendo sobre as palavras coletadas e aspectos da vida rural.

A meu primo Hermógenes Padilha de Miranda (Seu Imoge) e sua esposa Tereza Figueiredo de Miranda, pela atenção e pela hospedagem em sua casa na zona rural de Sabinópolis.

A meu amigo de Sabinópolis Marcelo Carvalho, que me hospedou em sua casa no período que estive realizando as entrevistas, compartilhando comigo momentos de alegria.

A dona Laura Barroso de Queiroz, sempre amável e hospitaleira em seu sítio em Sabinópolis.

A meu primo Sebastião Padilha de Miranda (Duca), pela atenção e histórias interessantes que me relatou.

A todos meus amigos da graduação e pós-graduação, principalmente a Maryelle Cordeiro, pelo apoio sempre dispensado.

A professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela paciência, orientação e pelo apoio nos momentos mais difíceis da minha dissertação.

A meu amigo Herman Antonio de Souza, que sempre compartilhou comigo momentos de reflexão sobre a linguagem.

A todos meus amigos de Lagoa Santa, principalmente Jader Batista de Souza e Nelson Batista, meus companheiros desde os tempos de criança.

A meus amigos e parentes de Belo Horizonte, sem os quais não conseguiria terminar essa jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pelo bom atendimento e atenção, e pelo apoio para que esse projeto pudesse ser finalizado.

Por último, a todos os parentes, amigos e ao povo de Sabinópolis, esta encantadora, culta e hospitaleira cidade dos rincões do vale do Rio Doce.

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo o estudo do vocabulário rural do município de Sabinópolis, que se localiza na mesorregião Vale do Rio Doce em Minas Gerais. Criado em 1923, a partir do município do Serro, Sabinópolis surgiu de um grande arraial nas montanhas do Vale do Rio Doce, entre os rios Correntes, Corrente-Canoas e Correntinho, nas encostas da Serra do Botelho, caminho dos bandeirantes que exploravam o ouro da região. O estudo fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Antropologia Linguística (Duranti e Hymes), Sociolinguística (Labov e Milroy), Lexicologia e Lexicografia (Matoré e Biderman), focalizando o léxico, sobretudo, numa perspectiva diatópica. Seguindo o modelo laboviano, partimos do presente, ao coletar nossos dados por meio de 10 entrevistas orais realizadas na zona rural de Sabinópolis, voltamos ao passado ao consultar dicionários do século XVIII (Bluteau), XIX (Morais), primeira metade do século XX (Laudelino Freire), retornamos ao presente para estabelecer comparações entre esses períodos. Após análise dos dados, constatamos a existência de um vocabulário regional, com semelhanças e diferenças de outras áreas já estudadas. Através dos resultados obtidos por meio de nossa pesquisa, que evidenciaram os aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância da lida com a terra, mostramos que os estudos lexicológicos, apontam estreita relação do homem com a cultura e o ambiente em que se encontra inserido.

Palavras-chave: Léxico, Cultura, Minas Gerais, Vale do Rio Doce, Sabinópolis.

Abstract

This research presents the study of the rural vocabulary of Sabinópolis, located in the region of Vale do Rio Doce, in Minas Gerais. Founded in 1923 from the city of Serro, Sabinópolis emerged from a large camp in the mountains of Vale do Rio Doce, between the rivers Correntes, Correntes- Canoas and Correntinho, on the slopes of the Serra Botelho route of pioneers who explored the gold in the region. As for theoretical support we relied on the Anthropological Linguistics (Duranti and Hymes), on the Sociolinguistics (Labov and Milroy), on the Lexicology and Lexicography (Matoré and Biderman), focusing on the lexicon, principally on the diatopical perspective. Following the labovian model, we start from the present to collect our data through 10 oral interviews carried out in Sabinópolis, we back to the past to consult dictionaries of the eighteenth century (Bluteau), XIX (Morais), of the first half of the twentieth century (Laudelino Freire), we return to the present to make comparisons between these periods. After analyzing the data, we found the existence of a regional vocabulary, similarities and differences with other areas studied. The results obtained through our survey, which showed the historical, social and cultural aspects in the region, highlighting the importance of working with the land, we show that the lexicological studies indicate a strong relationship of man with the culture and the environment in which is inserted.

Keywords: Lexicon, Culture, Minas Gerais, Vale do Rio Doce, Sabinópolis

ABREVIATURAS

ADJ – Adjetivo singular

ADV – Advérbio

Cf. – Confira

INF. – Informante

Loc. Adv. – Locução Adverbial

Loc. Pron. – Locução Pronominal

NCf – Nome composto feminino

NCm – Nome composto masculino

n/e – Não encontrado

Nf – Nome feminino

Nm – Nome masculino

p. – página

PESQ. – Pesquisadora

PREP – Preposição

Pron – Pronome

Ssing – Substantivo singular

TERC. – Terceiro

V – Verbo

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Áreas estudadas	209
QUADRO 2 – Quadro comparativo	210
QUADRO 3 – Lexias comuns – Sabinópolis, Serra do Cipó, Águas Vermelhas e Passos	216

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas	207
GRÁFICO 2 – Número de lexias encontradas em cada dicionário	208
GRÁFICO 3 – Origem das lexias	213
GRÁFICO 4 – Lexias comuns nas quatro regiões	215

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Estrada rural de Sabinópolis/MG	11
FOTO 2 – Ponte sobre o rio Guanhães	14
FOTO 3 – Curral em Sabinópolis/MG	29
FOTO 4 – Trecho do ribeirão Correntes	38
FOTO 5 – Carro de boi em Sabinópolis/MG	47
FOTO 6 – Casa de fazenda em Sabinópolis/MG	219
FOTO 7 – Antigo engenho em Sabinópolis/MG	258

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Município de Sabinópolis	28
MAPA 2 – Sabinópolis na <i>Estrada Real de Minas</i>	33
MAPA 3 – Regiões Culturais do Brasil	34
MAPA 4 – Localização do município de Sabinópolis	37
MAPA 5 – Sabinópolis	209
MAPA 6 – Águas Vermelhas	209
MAPA 7 – Passos	209
MAPA 9 – Santana do Riacho	209
MAPA 9 – Jaboticatubas	209

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1. Língua e Cultura.....	14
1.2. Língua e Sociedade.....	17
1.2.1. Variação linguística.....	19
1.2.2. Níveis de Variação linguística.....	20
1.3. Léxico.....	21
1.3.1. Estudos Regionais.....	24
1.3.1.1. Léxicos Regionais.....	26
CAPÍTULO II - BREVE PANORAMA HISTÓRICO	29
2.1. A região em estudo.....	29
2.2. O município de Sabinópolis	35
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1. Constituição <i>corpus</i>	38
3.2. Descrição do <i>corpus</i>	41
3.2.1. Fichas lexicográficas	42
3.2.1.1. Sobre as obras lexicográficas consultadas.....	44
3.3. Macro e Microestrutura do Glossário.....	45
.. 3.3.1. A Macroestrutura.....	46
..3.3.2. A Microestrutura	46
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	47
4.1. Fichas lexicográficas	48
4.2. Análise dos dados	207
4.2.1. Lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.....	207
4.2.2. Número de lexias presentes em cada dicionário.....	207
4.2.3. Comparações regionais.....	209
4.2.4. Forma e gênero	211
4.2.5. Origem.....	213
4.2.6. Variação e manutenção.....	215
CAPÍTULO V - GLOSSÁRIO	219
5.1. Quadro geral de classificação.....	220
5.2. Glossário.....	222
CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	258
REFERÊNCIAS	260
ANEXOS¹	

¹ Os textos que constituem o *corpus* deste trabalho encontram-se no CD-Rom em anexo.



FOTO 1 – Estrada rural de Sabinópolis/MG (acervo pessoal)

INTRODUÇÃO

A língua expressa valores, conhecimento, crenças e atitudes e a palavra constitui-se como um meio de representação da realidade e, por isso, comporta um universo semântico particular, que atende às necessidades de expressão e comunicação de seus falantes. Assim o que pode parecer estranho a uma pessoa de uma determinada região, após uma observação mais detalhada passa a ser compreensível e justificável.

Tal fato se explica porque o conjunto de palavras de uma língua é bastante heterogêneo, forma-se de maneira gradual, sendo constantemente alargado e renovado, na medida em que, por razões de várias ordens, surgem novos vocábulos. Por outro lado, muitas palavras caem em desuso, mantendo-se por um tempo maior em regiões mais afastadas de centros urbanos.

A linguística contemporânea tem, no Brasil, valorizado, sobremaneira, nos últimos anos, os estudos com focos regionais, haja visto o número de trabalhos acerca de estudos que se voltam para analisar a língua falada em diferentes regiões. Estudos pontuais, realizados em diferentes universidades brasileiras, poderão em breve, fornecer dados reais de uso da língua neste País.

Nesta pesquisa, procuramos contribuir para a ampliação dos estudos lexicais em Minas Gerais, no caso, com dados orais registrados em entrevista de campo, através de gravações. O trabalho fornecerá, pois, ao projeto *Léxico regional: estudando o português mineiro* – FALE/UFMG, mais uma parcela de vocabulário regional, desta vez coletado em Sabinópolis, mesorregião do Rio Doce, em Minas Gerais. Nesse cenário, podemos considerar que as palavras costumam materializar aspectos da realidade local, de cada região, o que justifica estudos pontuais, evidenciando o tripé léxico-cultura-sociedade.

Nosso estudo orientou-se por 5 objetivos específicos: i) realizar levantamento do vocabulário encontrado na região, por meio de entrevistas orais; ii) descrever o léxico coletado nessas entrevistas; iii) procurar relacionar os dados coletados à história e à cultura local; iv) comparar os resultados da pesquisa com outros dados de pesquisas já realizadas em território mineiro, com a mesma metodologia, realizados por Souza (2008), Ribeiro (2010) e Freitas (2012); v) organizar um glossário com as lexias encontradas; vi) contribuir, por meio do material coletado, para a criação de um banco de dados que auxiliará futuras pesquisas linguísticas e culturais na região.

O trabalho é constituído de seis capítulos:

No capítulo I, intitulado **Fundamentação Teórica**, apresentamos os pressupostos teóricos que dão sustentação a essa pesquisa. Discorremos sobre: i) língua e cultura, com enfoque na Antropologia Linguística, na visão de Duranti e Hymes; ii) língua e sociedade, baseando-nos em Labov e Milroy, com destaque para a variação linguística; iii) Léxico, com os ensinamentos, principalmente de Matoré e Biderman.

No capítulo II, denominado **Breve Panorama Histórico**, é apresentado um esboço da região em estudo, com destaque para o município de Sabinópolis.

No capítulo III, **Procedimentos Metodológicos**, explicita-se a metodologia, a pesquisa de campo executada para o levantamento dos dados, com detalhamento dos critérios adotados para a transcrição das entrevistas e descrição do modelo de ficha lexicográfica utilizada para a análise de dados.

No capítulo IV, **Apresentação e Análise de Dados**, há a descrição dos dados, coletados nas dez entrevistas orais realizadas com moradores do município mineiro de Sabinópolis. Os dados foram apresentados na forma de fichas lexicográficas contendo as seguintes informações: a) lexia; b) abonação; c) registros em dicionários; e) registros em glossários. Tais informações são capazes de oferecer subsídio para a análise linguística realizada. Estão presentes, ainda, neste capítulo, análise quantitativa e qualitativa dos dados, demonstrada por meio de gráficos. Ainda é realizada uma comparação entre os dados estudados neste trabalho e os dados das pesquisas desenvolvidas por Souza(2008), que analisa o léxico rural do município de Águas Vermelhas – Norte de Minas Gerais, por Ribeiro(2010), com pesquisa sobre o léxico rural de Passos – região Sul/Sudeste do Estado e por Freitas (2012) que enfoca o léxico do município da Serra do Cipó/MG .

No capítulo V, é apresentado o **Glossário**, elaborado a partir das lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas. As lexias são apresentadas, inicialmente, segundo critério onomasiológico e, em seguida, pelo critério semasiológico.

Finalmente, são retomados, no capítulo VI, **Considerações Finais**, os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores, assim como os resultados obtidos por meio das análises.

Integra, ainda, esta Dissertação, um CD-Rom, com as transcrições das dez entrevistas orais, realizadas no município mineiro de Sabinópolis. Tais entrevistas, que figuram como parte fundamental da pesquisa, foram transcritas, digitalizadas e as linhas enumeradas para localização e consulta.



FOTO 2: ponte sobre o rio Guanhães (acervo pessoal)

Capítulo 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Língua e Cultura

A língua enquanto sistema é indissociável da sua função comunicativa. E essa função converge para reflexões acerca da cultura e da sociedade de um determinado povo ou de uma determinada comunidade linguística.

Cultura costuma ser um termo vago, muitas vezes tratado como polissêmico, podendo ter entendimentos diversos. Torna-se, por isso, imprescindível bem defini-lo. É, em princípio, a investigação antropológica que nos dará respostas mais satisfatórias, principalmente em se tratando da relação dessa ciência com a linguística, como nos tem relatado a história, a saber: i) no início do séc. XX, nos Estados Unidos, o particularismo histórico de Franz Boas e seus discípulos, com conhecidas influências sobre o descritivismo norte-americano; ii) evidentes influências do estruturalismo saussureano; iii) o

funcionalismo de Bronislaw Malinowski e as propostas de Lévi-Strauss, com quem Roman Jakobson colaborou. Mais perto de nós, a chamada antropologia simbólica, de que os trabalhos de Clifford Geertz são um bom exemplo, abordam os fenômenos culturais numa perspectiva semiótica.

No início do século XX, Franz Boas (1858-1952) afirmava que não era possível compreender, de maneira efetiva, a cultura de um povo sem ter contato com sua língua. O estudo da língua, de acordo com Boas, serviria com um meio de interpretar a conexão existente entre cultura e linguagem.

Esse teórico influenciou muitos pesquisadores, dentre eles Edward Sapir (1844-1939). Esse último teve fundamental participação no desenvolvimento da escola linguística norte americana, interessando-se pelos problemas filosóficos envolvendo a linguagem e explorando seus mais variados sentidos. Sapir acreditava que a língua era fundamental para o desenvolvimento da cultura e refutava a ideia da superioridade de uma língua em detrimento de outra. Em sua teoria, Sapir (1980) afirmava que a percepção de mundo de determinado indivíduo está diretamente relacionada e controlada, de certo modo, pelo uso de sua linguagem.

Nessa mesma linha, Benjamin Lee Worf (1897-1941), discípulo de Sapir, destacou-se como estudioso de línguas indígenas americanas, investigando a relação entre linguagem e pensamento e como a linguagem pode modelar até mesmo os pensamentos.

Uma outra corrente da antropologia que surgiu desde finais dos anos 1980 merece destaque: a antropologia cognitiva. Essa vertente estuda a antropologia com foco na linguagem e entende a cultura como

[...] Sistemas aprendidos e partilhados de significado e compreensão, comunicados fundamentalmente por meio da língua natural. Estes significados e compreensões não são apenas representações acerca do que existe no mundo; têm um carácter directivo, evocador e construtor da realidade.¹

Assim, cada grupo, cada sociedade produz modelos de representação e interpretação do mundo, amplamente partilhados por seus membros, e que intervêm de forma determinante nos seus comportamentos e na compreensão da realidade. O estudo da linguagem poderia ser, nessa perspectiva, uma forma privilegiada de acesso ao mundo mental e cultural dos povos.

¹ D' ANDRADE (1990: 65)

Essa área, conhecida como Antropologia Linguística, que se iniciou mais ou menos em 1870, nos instiga a procurar o tecido cultural dentro dos quais são produzidos enunciados e sentidos, observando, desse modo, a importância da língua para a compreensão de cultura e sociedade.

Dell Hymes (1964, 1972) foi um dos grandes responsáveis pelo avanço dos estudos culturais nessa perspectiva quando defendeu o estudo da comunicação e da cultura. Com esse teórico, o termo *Antropologia Linguística* ganhou forças ao ser editada uma primeira coletânea que incluía artigos de autores como Mauss, Melet, Lévi-Strauss, Blomfield, dentre outros nomes.

Ao contrário de Chomsky (1957) que preconizava o estudo das estruturas mentais internas do indivíduo, para Hymes (1972), um falante para ser comunicativamente competente ou estar integrado a uma comunidade não deve apenas dominar as estruturas linguísticas, mas saber, também, como a língua é usada pelos membros dessa comunidade de fala, ou seja, ele deve ser capaz de produzir enunciados adequados ao contexto ou ao ambiente, não lhes causando estranhamento. Essa competência se integra com suas atitudes, valores e motivações em relação às propriedades e uso da língua e com sua competência e atitudes para entender a interrelação da língua com outro código de conduta comunicativa.

A fala como atividade social é uma ideia compartilhada por todos os antropólogos linguistas, mas Dell Hymes foi o primeiro a inserir o critério social ao conceito de competência, isto é, de acordo com esse teórico, o conhecimento das estruturas e regras de uma língua, em termos comunicativos, não é suficiente para afirmar que determinado indivíduo seja competente.

Os falantes, na visão dos antropólogos linguísticos, fazem parte de organizações sociais bastante complexas e singulares das quais eles participam ativamente compartilhando expectativas, crenças e valores morais. De acordo com Alessandro Duranti (2000, p. 22),

[...] o que diferencia os antropólogos linguísticos de outros estudantes da língua não é somente o interesse pelo uso da linguagem (...), mas sua visão da linguagem como um conjunto de estratégias simbólicas que formam parte do tecido social e da representação individual de mundos possíveis ou reais.²

² Lo que distingue a los antropólogos linguísticos de otros Estudiantes de la lengua no ES solo el interes por el uso del lenguaje (...), sino su vision del lenguaje com un conjunto de estrategias simbólicas que Forman parten del tejido social y de la representación individual de mundos posibles o reales.

O uso da língua é, portanto, mediado culturalmente, sendo, assim, um fator de identificação cultural, conforme nos mostra Duranti (2000, p. 39) ao afirmar que

Se quisermos compreender o papel da língua na vida das pessoas, precisamos ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, onde as palavras são encaixadas e constitutivas de atividades culturais específicas, tais como, contar história, pedir um favor, mostrar respeito, insultar[...].

Tal espaço de discussão sobre as relações entre língua e cultura tem sido progressivamente preenchido pelas preocupações dos sociolinguistas no que diz respeito às questões de variação linguística em interação com a variação das sociedades e os fatores que as envolvem – internos, externos, históricos – além de resultados de contatos linguísticos.

A aplicação desse modelo tem sido bastante relevante para os estudos lexicológicos, já que a adoção de uma perspectiva integrada da sociedade, cultura e linguagem leva-nos a assumir que a língua é relativamente determinada pela cultura ou, ainda, a cultura é determinada por diferentes usos linguísticos.

1.2. Língua e Sociedade

É consensual que todas as línguas vivas estejam em constante processo de variação. Isso acontece principalmente pelo fato de elas serem usadas por seres humanos que estão sempre em movimento, locomovendo-se por diferentes lugares, inventando e reinventando coisas, em um processo contínuo. As línguas se modificam tendo em vista determinadas épocas, lugares ou grupos sociais, fornecendo assim objeto de estudo à linguística histórica, à dialetologia, à sociolinguística.

Podemos dizer que a Língua moderna iniciou-se a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure na França e da publicação da obra *Cours de Linguistique Générale*, em 1916, escrita por seus ex-alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, três anos após sua morte.

Ferdinand Saussure foi um dos primeiros que analisou a língua sob uma perspectiva social. Para ele “os costumes duma nação tem repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui uma Nação.”³ É a partir de Saussure que surge a ideia de

³ SAUSSURE, 1989, p.29

que a língua não é só um bem cultural e histórico herdado das gerações anteriores, ela é, também, mutável porque é social, sendo sujeita a ação do tempo.

Privilegiando a perspectiva sincrônica, a língua é vista por Saussure como um sistema de regras, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. De acordo com esse linguista, a estrutura social pode determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, o que prova que os valores sociais costumam ter influências sobre a língua.

A partir de 1964 com a realização de um congresso na Universidade da Califórnia, no estado de Los Angeles, Estados Unidos, que contou com a participação de William Labov, Dell Hymes e John Gumperz, a Linguística moderna passa a constatar a importância da fala e, ainda, os fatores que a influenciam e que poderiam culminar em variações e mudanças linguísticas, nascendo, assim, a preocupação em observar o fenômeno linguístico oral em sua abrangência dialetal e variacional. Desse congresso resultou a coletânea *Sociolinguistic*, obra que enfoca a diversidade linguística na estrutura social, com destaque para a fala, e consolida a nova área, assim definida por Mollica (2004, p.9),

[...] a Sociolinguística é uma ciência que se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando, principalmente, os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo”.

Como grande responsável pela ampliação dos estudos relativos à heterogeneidade da língua, relacionada a fatos sociais, destaca-se o linguista norte-americano William Labov. Segundo Tarallo (2007, p.7), Labov foi “[...] quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”. Esse linguista propôs um modelo teórico metodológico que, levando em conta a relação existente entre língua e sociedade, era capaz de sistematizar a ‘variação natural’ da língua falada. Com isso, Labov conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais.

Hoje, a Sociolinguística é reconhecida como a área da linguística que estuda a língua inserida em seu contexto social, levando em conta os fatores externos, que poderão caracterizar a diversidade e a heterogeneidade linguística.

Uma outra grande contribuição aos estudos da sociolinguística contemporânea foi dada por Lesley Milroy (1980), com o conceito de *rede social*. Ao estudar sobre a variação vocálica no inglês falado em comunidades de Belfast, Milroy percebeu que o emprego das

variantes só podia ser explicado através da observação das redes de relacionamentos existentes entre os membros do grupo – redes densas e multipléxicas funcionam como mecanismo de reforço de valores linguísticos e culturais partilhados por membros de uma comunidade de fala. As redes sociais mais *densas* e *múltiplas* são constituídas de *laços fortes* (redes em que todos conhecem todos e nas quais os indivíduos compartilham mais de um tipo de relação). Em contraposição, existem as redes mais *frouxas* e com *pouca multiplexidade*, que constituem os laços fracos. Elas operam como canais de transmissão de inovação e de influência de uma rede densa sobre a outra, interligando os grupos coesos à sociedade ampla e estratificada.

A densidade e a multiplicidade das redes sociais funcionam como indicadores das pressões de normas e valores sobre os indivíduos: quanto mais densa e múltipla for uma rede social, maior a estabilidade linguística nesse grupo; quanto mais frouxa, mais sujeita a variações.

1.2.1. Variação Linguística

Dentro da sociolinguística, a variação é estudada sob dois pontos de vista: sincrônico e diacrônico. Do ponto de vista sincrônico, o objeto de estudo pode ser abordado com enfoque no espaço (variação diatópica), no social (variação diastrática), contextual ou estilística (variação diafásica), meio (variação diamésica). Do ponto de vista diacrônico (variação diacrônica), o pesquisador estabelece ao menos dois cortes sincrônicos em uma mesma língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes atuais e pretéritas ou que se encontram em desuso.

- a) Variação diatópica: do grego *dia* – através de, e do grego *topos* – lugar, diz respeito à origem geográfica, ocorrendo, portanto por fatores regionais.
- b) Variação diastrática: do grego *dia* – através de, e do latim *stratum* – camada, estrato. Acontece no âmbito das diferentes classes sociais e leva em conta: faixa etária, sexo, escolaridade, profissão, meio de convivência e classe social.
- c) Variação diafásica: do grego *dia* – através de, e do grego *phásis*: expressão, modo de falar. Está ligada à variação estilístico-pragmática. Nesta o falante faz um uso diferenciado da língua de acordo com o grau de monitoramento, formalidade.
- d) Variação diamésica: do grego *dia* – através de, e do grego *mésos* – meio (de comunicação) –, está intrinsecamente ligada ao conceito de gênero textual. Ocorre quando há comparação entre a língua falada e a língua escrita.

- e) Variação diacrônica ou histórica: do grego *dia* – através de, e do grego *khronos* – tempo. Trata do indiscutível fato de que as línguas mudam com o tempo.

1.2.2 – Níveis de Variação Linguística

A variação linguística também pode se dar em vários níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático. O nível fonético-fonológico acontece quando uma palavra é pronunciada de maneiras distintas, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição de um fonema. É o que costuma caracterizar o sotaque. Já o nível morfológico varia quando existem modificações na forma das palavras. A variação sintática se dá quando existem diferenças como no caso das concordâncias verbal e nominal, e também na posição dos termos na construção de uma frase. O nível de variação semântica é notado quando o significado de uma palavra varia em regiões diferentes, ou seja, o significante é o mesmo, mas o significado não. A variação lexical ocorre quando há variação ou mudança de significantes para designar um mesmo objeto. Por fim, a variação estilístico-pragmática está ligada ao grau de maior ou menor formalidade do ambiente e da intimidade entre os interlocutores, podendo ser utilizada pelo mesmo indivíduo em situações distintas de interação.

Faz-se necessário salientar que toda variedade linguística surge com objetivo de atender às necessidades de determinadas comunidades que a empregam, não havendo, portanto, variação superior à outra, e isso acontece porque, conforme diz Bagno (1999, p.18), “o fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica automaticamente, que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo”.

Normalmente, essas mudanças e variações não são controladas pelo falante, elas ocorrem no inconsciente das pessoas, são lentas e graduais, enquanto relacionam-se diretamente com a interação do falante em seu contexto social e sua adequação a sua realidade social, histórica, cultural e política.

Tais níveis de variação podem ocorrer conjuntamente. Em se tratando de um estudo lexical de cunho regional, mais especificamente rural, as variações semântica, lexical e fonética costumam interagir.

1.3. Léxico

Desde a antiguidade que a palavra exerce fascínio sobre os homens. Nas civilizações primitivas, conhecer determinada palavra poderia dar poder a quem possuísse esse conhecimento, conforme aponta Biderman⁴:

O homem primitivo acredita que o nome não é arbitrário mas existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa. Assim sendo, não separa a palavra do referente que ela nomeia. Crê que se pode atuar magicamente sobre uma pessoa através de seu nome. [...] Um aborígine australiano acredita que um inimigo poderia praticar magia negra contra ele, se conhecesse seu nome. Na ilha de Chiloé no Chile, os índios guardam seus nomes em segredo; se um espírito malévolo os conhecesse poderia fazer lhes mal; não os conhecendo, seria impotente para agir. [...] Os antigos egípcios recebiam dois nomes: o nome verdadeiro e o nome onomástico, isto é, o nome grande e o nome pequeno. O Onomástico, ou nome pequeno, era público; o verdadeiro, porém, era secreto e cuidadosamente ocultado.

No mundo moderno, mais precisamente no século XIX, os estudos da palavra quase que se restringiam aos aspectos fonológicos e formais, salvo os trabalhos de Schuchardt⁵ que procurava estabelecer a relação entre os significados das palavras por meio das coisas que elas representam. É quando surge a Geografia Linguística, tendo como precursor o teórico Gilliéron (1895), responsável por mapear várias regiões da França. Com sua pesquisa ele pôde delimitar, por meio de isoglossas, os vários dialetos daquela região, demonstrando a enorme complexidade a que a evolução linguística está sujeita, como área móvel dos falares, entrecruzamento de isoglossas e acidentes imprevisíveis que atingem as palavras. Além disso, com a Geografia Linguística, passou-se a estudar a palavra como uma realidade dinâmica e viva, a qual, por essa razão, estava exposta às intempéries do uso. Gilliéron passa a dar importância, portanto, a diversos fatores, como o caso da homonímia, da paronímia e dos choques fonéticos na cadeia falada, considerando, assim, a palavra como uma espécie de organismo vivo em constante competição na língua, advindo desse fato as variações e mudanças linguísticas.

Nesse sentido, o método da Geografia Linguística foi um grande passo para a valorização dos estudos lexicais, uma vez que considerou a palavra como uma realidade

⁴ BIDERMAN (1998, pp. 81-82).

⁵ *Romanischen Etymologien*, 1899.

dinâmica, sujeita à heterogeneidade humana, além de renovar o método de trabalho, conforme aponta Câmara Junior⁶:

A geografia linguística é, ademais, importante como uma nova abordagem ao estudo histórico comparativo. Em vez de ter que recorrer aos textos antigos de fases passadas extintas, o investigador apenas focaliza os aspectos vivos, contemporâneos, da língua apreendendo as formas lingüísticas no intercâmbio oral.

Como já mostramos, com Ferdinand de Saussure (1916), a linguística ganha, no século XX, *status* de ciência e os estudos lexicais também recebem um grande impulso. O pensamento de que “a língua é uma realidade mutável, tendo em vista que as sociedades mudam com o tempo” ganha força, encontrando respaldo em outros teóricos, dentre eles André Martinet. Para Martinet a mudança linguística é inerente ao funcionamento da língua.⁷

[...] nos contentaremos que as línguas se modificam sem jamais cessarem o funcionamento e que existem chances para que a língua que abordamos para descrever o funcionamento esteja em curso de modificação [...].

Na década de 50 os linguistas começaram a levar em conta os aspectos sociais da linguagem nos estudos lexicais. Dentre esses, surge George Matoré⁸ que institui a *Lexicologia Social*. Esse linguista considerava a palavra como parte de uma estrutura social e não como um objeto por si só, orientação que vem sustentando os estudos lexicais na nossa contemporaneidade.

Fundamentando-se em Matoré (1953), Biderman (1981) destaca que *a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo*, ou seja, é pela palavra que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. Para essa lexicóloga, as unidades lexicais de uma língua são portadoras de significado e refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade:

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural.⁹

As palavras apresentam-se como ‘testemunhas de uma sociedade’, já que são resultados de todas as experiências vividas e acumuladas pelas sociedades e culturas através

⁶ CÂMARA JR (1975, p. 125).

⁷ MARTINET (p.29).

⁸ MATORÉ (1953).

⁹ BIDERMAN (1981, p. 132)

dos tempos. Como os membros dessas sociedades vão se ‘recriando’, mudando ao logo dos tempos, o léxico também assimila essa condição de ser variável e é esse constante movimento de recriação que expande o inventário vocabular de uma língua.

Sobre essa questão, Biderman (2001, p. 179), assim, se manifesta:

O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Hoje, a Lexicologia é considerada um ramo da linguística que tem por objetivo o estudo científico do léxico de uma determinada língua, sob diversos aspectos, procurando determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo lexical de um idioma bem como o seu uso em diferentes comunidades de falantes. É uma disciplina que se relaciona, com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e com a semântica.

Com o objetivo de descrever as palavras, organizam-se e registram-se itens lexicais em diferentes tipos de obras lexicográficas. A Lexicografia, atividade antiga que pode ser definida como a ciência que se dedica à prática dicionarística, tem seu início efetivamente, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngües e bilíngües (latim e uma língua moderna).¹⁰

As obras lexicográficas – *dicionários, glossários e vocabulários* – podem ser descritivas (quando se contempla o registro das lexias tal como elas são utilizadas em determinadas comunidades de fala) ou prescritivas (cujo objetivo é determinar a maneira como que as palavras e expressões devem ser empregadas). Além disso, elas também podem ser monolíngües, bilíngües ou multilíngües. Essas obras podem se restringir em registrar temas específicos ou se limitarem a determinadas regiões.

De acordo com Barbosa (*apud* Ribeiro, 2010, p. 38), o dicionário almeja reunir o maior número possível dos lexemas¹¹ de uma língua e defini-los; o vocabulário procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso (político, geográfico, religioso), como é o caso dos vocabulários técnico-científicos e especializados. O glossário, por sua vez, objetiva esclarecer o contexto lexical de um único texto/obra manifestado. É comum ser encontrado no final de livros.

¹⁰ BIDERMAN (2001, p. 17).

¹¹ Unidade léxica abstrata (Souza, 1995, p. 223).

Várias são as teorias adotadas para o estudo do léxico. Dependendo da teoria utilizada, o conceito de léxico pode variar, não havendo, nessa área, uma “homogeneidade investigativa”. De acordo com Krieger (2006, p.159),

As várias possibilidades de abordagens, relacionadas, seja à feição multifacetada da palavra, seja a seu papel na articulação do discurso, seja ainda à interligação com o mundo exterior, justificam a diversidade de campos gramaticais, linguísticos e discursivos que a ele se voltam ou com ele se interconectam.¹²

Como o léxico reflete a cultura de um povo, “língua e cultura configuram-se como um bloco indissociável que, no caso da língua materna, passa a ser adquirido, paulatinamente.”¹³ E é esse léxico, que é adquirido, que identifica os elementos que circundam determinada comunidade, possibilitando o convívio social.

É a partir dos estudos lexicais que se torna possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. Isso é possível porque cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional.

1.3.1. Estudos Regionais

O interesse pelos estudos regionais no Brasil tem seu início a partir de 1920, com a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Nesse estudo, Amaral realiza análises de caráter morfológico, fonológico, sintático e lexical do falar do interior paulista.

Compartilhando da mesma linha de pesquisa, ainda, na década de 20 do século passado, em 1922, Antenor Nascentes publica *O Linguajar Carioca*; em seguida Gladstone Chaves de Melo contribui com a publicação *A língua no Brasil*, em 1934, e Pereira da Costa com *O vocabulário pernambucano*, em 1937. Em todas essas obras de cunho regional ou dialetológico, que contribui significativamente para a descrição do português falado em diversas áreas do território brasileiro, dá-se destaque, sobretudo, ao léxico.

Na metade do século passado, a ideia de elaborar atlas linguísticos começou a tomar forma com Antenor Nascentes em sua obra *Bases para elaboração do Atlas linguístico do*

¹² KRIEGER, in. SEABRA (2006, p.160)

¹³ OLIVEIRA (1997, p. 41)

*Brasil*¹⁴, despertando, assim, interesses de vários pesquisadores para os estudos linguísticos regionais. Desde essa época, vários atlas regionais foram confeccionados. Destacamos, dentre os já concluídos:

- a) Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado entre 1960 e 1963;
- b) Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), publicado em 1987;
- c) Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, (EALMG), publicado em 1977 o volume I;
- d) Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), os volumes I e II foram editados em 1984 e o III volume está em fase de elaboração;
- e) Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), publicado em 1994;
- f) Atlas Linguístico da Região Sul do País (ALERS), foram publicados dois volumes em 2002;
- g) Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALIPA), publicado em 2004;
- h) Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II), publicado em 2005;
- i) Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), publicado em 2008;
- j) Atlas Linguístico da Amazônia, publicado em 2004 como tese de doutorado;
- k) Atlas Linguístico do Litoral Potiguar, publicado em 2007 como tese de doutorado;
- l) Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, publicado em 2008 com tese de doutorado.

Constam, em elaboração, os atlas: Atlas Linguístico do Ceará; Atlas Linguístico de São Paulo; Atlas Geossociolinguístico do Pará; Atlas Linguístico do Mato Grosso; Atlas Linguístico do Maranhão; Atlas Linguístico do Espírito Santo; Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte. Ainda, sendo construído, destacamos o Atlas Linguístico do Brasil.

Data de 1996, durante a realização do Seminário *Caminhos e perspectivas para a geografia linguística no Brasil*, realizado em Salvador – BA, o início do empreendimento para a construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), quando um grupo de pesquisadores, oriundos de distintas universidades brasileiras se reuniram. O projeto ALIB, de caráter nacional, coordenado pela professora Suzana Cardoso da UFBA, tem como meta demonstrar a realidade da língua portuguesa, contribuindo “para o entendimento da língua e de suas variantes, eliminando visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como

¹⁴ Nascentes, 1958, p.7, *apud* CARDOSO (2010, p.160)

culta e estigmatizam as demais variantes, causando, desse modo, ao ensino – aprendizagem da língua, consideráveis prejuízos.”¹⁵

1.3.1.1. Léxicos Regionais

De cunho dialetal, uma vez que se baseia na análise de dados orais recolhidos em áreas geográficas diversas, utilizando-se de uma metodologia comum, mas distinta da adotada na elaboração dos atlas linguísticos anteriormente citados, estudos que descrevem o léxico de diferentes regiões de Minas Gerais vêm sendo desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais desde 2006, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da Professora Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra..

Tais dissertações apoiam-se nos ensinamentos da Antropologia Linguística e não fazem a adoção de questionários. Realizam-se gravações em áreas rurais, registrando assim a fala de pessoas pertencentes a distintas regiões, ao mesmo tempo que se observa a questão do ambiente físico.

Sobre a questão língua-ambiente, encontramos respaldo em Sapir (1961, p.41), ao ponderar que

o léxico completo de uma língua pode se considerar na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo poderíamos daí inferir, em grande parte o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado.

Como produtos do processo de nomeação da realidade pelo homem na tarefa de apreender, estruturar e apropriar-se do universo que o cerca, as palavras variam e adquirem significados mais amplos ou restritos, dependendo do ambiente que descrevem: refletem, cultura, normas sociais, tradições, visões de mundo, experiências, tornando-se, deste modo, testemunho da própria história de uma dada comunidade linguística numa determinada época.

Contabilizam-se seis estudos que descrevem o léxico mineiro: cinco dissertações de mestrado (três já defendidas e duas em andamento) e uma tese de doutorado (em andamento), aqui descritos sucintamente:

Dissertações de mestrado já defendidas:

¹⁵ CARDOSO (2010, p. 169).

- 1) *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lúcio de Souza, dissertação de mestrado defendida em 2008, enfocou o norte de Minas, mais precisamente o mundo rural do município de Águas Vermelhas;
- 2) *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro, dissertação de mestrado defendida em em 2010; teve como objetivo o estudo do vocabulário rural do município de Passos, que se localiza na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais. A referida localidade está inserida em uma área denominada geohistoricamente como “Sertões do Jacuhy”, alvo de disputa, em épocas passadas, entre os governos de Minas e São Paulo.
- 3) *Café com quebra-torto: um estudo léxico-cultural na Serra do Cipó-MG*, de Cassiane Josefina de Freitas, dissertação de mestrado defendida em 2012; estudou o vocabulário rural da região da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Minas Gerais. A área pesquisada abrange parte de dois municípios mineiros: Jaboticatubas e Santana do Riacho, que se caracterizam por seu caráter predominantemente rural.

Além do território mineiro, sob a mesma metodologia e orientação, desenvolveu-se a dissertação de mestrado de Raquel Pires Costa, intitulada *Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*, defendida em 2012. Esse trabalho teve como objetivo realizar o levantamento e descrição do léxico dos pescadores do município de Raposa, estado do Maranhão. A comunidade de pescadores da Raposa está localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, e é formada basicamente de famílias de pescadores oriundos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal, no século passado, na década de 50. Com o objetivo de mostrar que os estudos lexicológicos apontam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se inserem, buscou-se observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com a pesca retrata a realidade sociocultural desse grupo.

Em todos esses trabalhos foram elaboradas fichas lexicográficas para fins de sistematização dos dados coletados, além de confecção de glossários tendo como lema¹⁶ as lexias¹⁷ recolhidas nas gravações orais.

¹⁶ Palavra, locução, frase, sintagma, signo ou conjunto de letras ou signos que encabeça o verbete; o mesmo que entrada (Souza, 1995, p. 223).

Sobre a importância de se estudar o léxico regional, Isquierdo (2001, p.91) afirma:

o estudo do léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional, analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer.

Nossa proposta, nesta pesquisa, que vem sendo desenvolvida neste Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG, é estudar o léxico de mais uma área rural do interior de Minas: o município de Sabinópolis, localizado na mesorregião do Rio Doce, leste de Minas Gerais, destacada no mapa apresentado a seguir:



MAPA 1: município de Sabinópolis¹⁸

No próximo capítulo, traçaremos um breve panorama histórico dessa região.

¹⁷ Unidade léxica já existente; realização de um lexema (Souza, 1995, p. 223).

¹⁸ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Sabinopolis.svg
Acesso em julho de 2012



FOTO 3: Curral em Sabinópolis/MG (acervo pessoal)

Capítulo 2 – BREVE PANORAMA HISTÓRICO

2.1. A Região em estudo

As primeiras explorações às terras mineiras ocorreram entre os séculos XVI e XVII, partindo principalmente das províncias da Bahia e do Espírito Santo. Atraía esses exploradores a notícia de uma serra de esmeraldas, localizada aproximadamente na confluência dos vales dos rios Jequitinhonha, Doce e Mucuri. Entre os principais desbravadores destacam-se Francisco Bruzza de Spinozza, que partindo da Bahia em 1554 penetrou as bacias dos rios Jequitinhonha e Pardo, chegando à Serra das Almas, Grão-Mogol ou Itacambira, conforme nos relata Lima Júnior¹⁹. Embora Spinozza não tenha conseguido êxito em seu empreendimento, sua empreitada abriu caminho a novas expedições.

¹⁹ LIMA JÚNIOR (1965).

Já em 1561 Dom Vasco Rodrigues Caldas, também saindo da Bahia, parte em direção da sonhada serra, porém, devido a ataques de índios *Tupinaens*, teve que desistir da expedição. Pouco depois, em 1568, Martim Carvalho conseguiu encontrar algumas pedras verdes, tidas como esmeraldas de baixa qualidade, e alguns grãos amarelos, no entanto, tudo se perde em um naufrágio no rio Cricaré. Ainda nesse período, segundo Lima Júnior²⁰, um dos mais importantes desbravadores foi Antonio Dias Adorno, que tendo constatado ouro e algumas pedras tidas como preciosas, aguçou a sede de riquezas de outros exploradores. Mas as inúmeras doenças e outros problemas fizeram-no desistir da empreitada. Entretanto, segundo esse historiador²¹,

Coube a Marcos de Azevedo Coutinho a glória de ser o descobridor indiscutível das esmeraldas. Partindo do Espírito Santo, subiu, ele, o Rio Doce, desviou-se para a margem direita, atravessou uma grande lagoa e ganhou altíssimas serras, onde colheu abundantes e belíssimas esmeraldas.

Na segunda metade do século XVII, mais precisamente em 1674, a grande bandeira de Fernão Dias Pais parte de São Paulo rumo aos sertões de Minas, abrindo caminhos e reconhecendo territórios. A História relata que é a partir da grande bandeira de 1674 que “seguindo os caminhos abertos por Fernão Dias Pais (1674 - 1681), o bandeirante taubateano Antonio Rodriguez Arzão descobre a primeira jazida de ouro nos sertões de Minas Gerais, em 1692 ou 1693”²². A partir daí outras regiões auríferas são descobertas no imenso território das Minas Gerais, destacando-se, por exemplo, a importante região de Sabará. Partindo dessa localidade,

começou a penetração dos outros bandeirantes até aportarem numa região “frígida, penhascosa e intratável”, a que os índios do lugar davam o nome de Iviturú – hoje assim grafado, habitada por selvagens da tribo dos botocudos.

[...]

Em duas memórias antigas aparecem os nomes dos descobridores. Uma cita a descoberta das minas do Serro Frio, vulgarmente chamado “Hiveturaí” pelo sertanista Gaspar Soares. Junto a este, vieram Antonio Rodriguez Arzão e Lucas de Freitas. [...] Em outra memória, mencionada por Silvia Pontes, o sertanista Antonio Soares, vindo do norte de caeté e seguindo a vereda dos indígenas pela cumeada da Serra da Lapa, descobriu as minas do Serro Frio.

[...]

Foi assim aberto, numerado e encerrado, a 14 de março de 1702, o “Livro Primeiro da Receita da Fazenda Real destas Minas do Serro Frio e Tucambira, de que é Guarda-mor explorador Antonio Soares Ferreira”.²³

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Opus cit*

²² SEABRA (2000, p.109)

²³ SOUZA (1999, pp. 30-31).

Em *Ivituruí*, vocábulo indígena que significa “morro dos ventos gelados”, vários ranchos foram erguidos nas proximidades dos córregos dando início a formação dos arraiais de *Baixo* e de *Cima* que se desenvolveram em pouco tempo e, juntos, deram origem ao povoado do *Serro Frio*. Novas levas de pessoas chegaram atraídas pela abundância de ouro daquelas terras. A exploração desordenada da primeira década do século XVIII levou à criação do cargo de superintendente das minas de ouro da região, ocupado pelo sargento-mor Lourenço Carlos Mascarenhas e Araújo em 1711.

Em 1714, tendo em vista a enorme riqueza encontrada nessa região mineira, o segundo governador de São Paulo e Minas D. Braz Balthazar da Silveira achou conveniente elevar a pousada sabarense de Antonio Soares Ferreira a categoria de Vila, com o nome de Vila do Príncipe. Mais tarde, além do ouro, os mineradores descobrem lavras de diamante na região onde hoje estão Milho Verde, São Gonçalo do Rio das Pedras e Diamantina.

Para defender os interesses do império, em 1720, o território de Minas foi dividido em quatro comarcas com os nomes de Vila Rica, Rio das Mortes, Sabará e Serro Frio, sendo o território do Serro Frio desmembrado do de Sabará. A comarca do Serro Frio era a maior de todas, divisando ao norte com a província da Bahia, ao nascente com Porto Seguro, ao sul com a comarca de Vila Rica e ao poente com a de Sabará. A cabeça da comarca do Serro Frio era a Vila do Príncipe (atual cidade do Serro), fazia parte também dessa comarca o importante arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina. Nessa comarca desenvolveu-se intensa atividade mineradora, sendo o ouro e o diamante (abundantemente encontrados nessa região) extraídos em grande quantidade.

Muitas foram as restrições impostas à exploração de ouro nessa comarca, após o descobrimento dos diamantes. Em 1725 é determinada a criação da Casa de Fundição, para onde toda a produção aurífera da região passaria a ser encaminhada. Mas, apesar de todas as regras impostas, muitos aventureiros ganharam contrabandeando ouro e diamante.

Já nessa época surgem os primeiros núcleos agrícolas que, posteriormente se urbanizariam, conforme nos relata Espindola²⁴

A economia do ouro tinha propiciado a formação de uma rede de centros urbanos espalhados ao longo da serra do espinhaço, com diversas ramificações para leste e oeste. As sesmarias deram origem a propriedades rurais que combinavam a mineração com grande lavoura, engenho de açúcar e de farinha e pecuária.

²⁴ ESPÍNDOLA (2005, p. 248).

Dessa forma, à medida que a mineração entrava em declínio, esta atividade foi sendo paulatinamente substituída por outras atividades econômicas, diversificadas e muitas relacionadas à vida rural.

As regiões de Minas Novas e da Mata do Peçanha (esta última pertencente à região do Rio Doce) produziam algodão de boa qualidade e conseguiam a mesma cotação dos produtos de Pernambuco e Maranhão, conforme nos relata ainda Espindola²⁵. Em sua passagem pela região, Saint Hilaire²⁶ descreveu que a parte oriental da Comarca do Serro do Frio era exclusivamente agrícola, enquanto na parte ocidental os moradores se dedicavam mais à pecuária.

Na parte oriental da comarca, portanto, as atividades giravam em torno das já citadas cultura do algodão e da economia de subsistência, sendo o feijão e o milho produtos principais. Eram produzidos, também, queijo, café, cana-de-açúcar e aguardente, para consumo próprio e para os comércios de Diamantina, Minas Novas, conceição do Mato Dentro e outras localidades. A criação de gado nessa região prestava-se principalmente para a produção de leite, seja para o próprio consumo ou para a produção de derivados deste produto.

Ainda no período colonial, a vila do Serro Frio passa também a difundir cultura e civilização para toda a região. Uma leva de exploradores, artistas, políticos e religiosos passa então a povoar o local, com destaque para nomes como os de Mestre Valentim da Fonseca e Silva e o Maestro Lobo de Mesquita.

Caminhos que ligavam o arraial do Tijuco (atual Diamantina) a Ouro Preto e a Paraty no Rio de Janeiro foram construídos, a fim de escoar a enorme quantidade de ouro e diamante dessa região e de outras áreas mineradoras das Minas Gerais para a metrópole. A parte desse caminho que ligava Ouro Preto a Diamantina ficou conhecido como *Caminho dos Diamantes*.

Hoje, essa região se insere no *Projeto Estrada Real*, programa formulado em 2001 pelo Instituto Estrada Real, sociedade civil, sem fins lucrativos, criada pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) com a finalidade de valorizar o patrimônio histórico-cultural, estimular o turismo, a preservação e revitalização dos entornos das antigas *Estradas Reais*. Desmembrado do Serro, o município de *Sabinópolis* (em destaque

²⁵ *Opus cit.*

²⁶ SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*.

pela seta), local de nosso estudo linguístico, integra esse Projeto, conforme podemos observar no mapa apresentado a seguir:



MAPA 2: Sabinópolis na Estrada Real de Minas²⁷

²⁷Fonte: <http://cascavelbikers.blogspot.com.br/2012/04/pedal-na-estrada-real.html> Acesso em agosto de 2012.

Depois de serem exploradas exaustivamente durante quase cem anos, as minas entram em decadência no início do século XIX, restando na mineração somente alguns mineradores, encorajados pelo governo, que conseguiam arcar com os altos custos de produção. A grande maioria da população passou a se dedicar à pecuária e à agricultura de subsistência. Em 1838 a vila é elevada a cidade, continuando como centro administrativo e jurídico da região.

O isolamento forçado ajudou na conservação do patrimônio histórico de Serro. Em 1938, todo seu acervo urbano-paisagístico é tombado pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ao longo do século XX, o desenvolvimento se deu através da criação de gado, base econômica da cidade, sendo grande parte do leite destinado à fabricação do *Queijo do Serro*.

Mesmo com a decadência da mineração, essa área se caracteriza, segundo classificação de Diêgues Junior²⁸ como “região cultural da mineração”, como se apresenta no mapa seguinte:



MAPA 3: Regiões Culturais do Brasil
Fonte: Diêgues Júnior (1960)

²⁸ DIÊGUES JR. (1960).

Segundo esse autor²⁹, essa região cultural caracterizou-se, nos primórdios, pela exploração dos terrenos por parte dos paulistas que “devassaram o território, realizaram a conquista e descobrimento das minas, mas a outros grupos, os baianos, negros e reinóis, é que se deve a fixação.” Assim, a região cultural da mineração apresentava, em sua formação histórica, uma heterogeneidade étnica e cultural muito grande e, conseqüentemente, uma vida social e cultural muito diversificada, com diferentes papéis sociais: o garimpeiro, o contratador, o comerciante, o grande proprietário de terras e aventureiros de todos os lugares. De acordo ainda com Diegues Junior³⁰,

Os centros em que se processou a mineração representam para o mediterrâneo brasileiro os núcleos de povoamento onde se verificam as relações étnicas e culturais, constituindo-se os estabelecimentos de onde surgiu a sociedade que teve por base econômica a exploração das minas, -- as de ouro e as de diamantes. A princípio, eram simples ranchos, que se construíam para abrigar os que se dedicavam à mineração. O desenvolver da exploração levava à formação do arraial, de onde surgiram depois os povoados e as vilas.

Diegues Junior³¹ ainda cita um pouco mais à frente que:

Do ponto de vista de classe chegaram às minas homens de todas as profissões e, conseqüentemente, espalharam pelos vários degraus da escala social. Todo esse elemento humano, tão variado nas suas origens e tão diversificado nas suas conseqüências, participou da vida tanto social como econômica da mineração nos arraiais ou, mais tarde, nas cidades. [...] Todos eles, porém, se sujeitaram a uma certa modelação que o próprio meio lhes deu, sem quebra do lastro básico de origem Lusitana.

Como podemos observar, essa sociedade mineradora apresentava uma ampla gama de tipos humanos e de classes, ou seja, uma sociedade com mobilidade social muito grande, sociedade esta que, conforme apontou Diegues Junior, apesar de apresentar uma enorme diversidade cultural e étnica, centrava-se principalmente no modelo lusitano, haja vista que esse elemento era que controlava, de forma reguladora, a vida nessa região.

2.2. O município de Sabinópolis

Em 1805, Joaquim José de Gouveia e sua esposa Francisca Vitória de Almeida e Castro, casal abastado de Vila do Príncipe, resolveram doar a quem interessasse um terreno situado ao leste dessa Vila, às margens do Ribeirão Correntes, para que ali se construísse um povoado³². Esse terreno ficava situado para os lados da região conhecida, durante o

²⁹ DIÉGUES JR, (1960, p. 239).

³⁰ Idem, p.241.

³¹ Opus cit, p. 245.

³² BARROSO (1997).

século dezenove, como Mata do Peçanha, região de matas seculares e solos férteis, conforme aponta Pimenta³³:

A região da mata do Peçanha, no Principio do Século Dezenove, abrangia uma vasta extensão de terra, coberta de densas florestas, situada nas bacias dos Rios Suaçuí Grande, Suaçuí Pequeno e Correntes. Tornou-se tão afamada pela fertilidade de suas terras, pela beleza de suas seculares florestas, pela abundância de rios, ribeirões e regatos, e pelo povoamento que ali se operava.

Atraídos, portanto, pela promessa dessa doação e com a fertilidade das terras dessa região, alguns aventureiros dirigiram-se a esse novo povoado, procurando dedicar-se a novas atividades, principalmente a agropecuária, uma vez que, com o declínio da mineração em fins do século XVIII, a cidade do Serro já não oferecia maiores oportunidades. Nasce assim então, o Arraial de São Sebastião dos Correntes, tendo como primeiros moradores: Joaquim Barrozo Álvares, Padre Bento de Araújo Abreu, Antonio Borges Monteiro, Mestre Urbano de Taveira Queiroga, Capitão Semeão Vaz Mourão e outros, em sua maioria, oriundos da antiga Vila do Príncipe.

Muito embora esses desbravadores tenham buscado, em São Sebastião dos Correntes, desenvolver atividades ligadas ao cultivo da terra e à criação de animais, ainda hoje são desenvolvidas nessa localidade algum tipo de atividade mineradora, demonstrando assim a aptidão natural – oriunda, ainda, dos períodos áureos da mineração na antiga Vila do Príncipe (atual Serro) – dos moradores da região para esse tipo de atividade. Dentre essas atividades, podemos citar a importante lavra de ouro de São João de Guanhões, que durante muitos anos explorou esse tipo de metal às margens do rio Guanhões, na região sul do município. Destacam-se, nos dias atuais, algumas lavras de pedras preciosas, como águas-marinhas e, ainda, exploração significativa de ferro.

Assim, com o passar dos anos, mais e mais pessoas foram chegando ao Arraial dos Correntes, migrando das decadentes regiões mineradoras, como Vila do Príncipe e Tijuco (Diamantina), atraídas pelas notícias das férteis terras do local e da grande riqueza hídrica, interessados, portanto, em desenvolver atividades ligadas à agropecuária. Essas pessoas ajudaram, então, no desenvolvimento do arraial, que no início do século XX já tinha condições de se emancipar, haja vista seu acentuado progresso.

Tendo em vista, portanto, a rápida evolução do arraial, em 1923 é criado, pela Lei Estadual nº 843, de 7 de setembro de 1923, o município de Sabinópolis, conforme aponta

³³ PIMENTA (1966, p.28).

Barroso³⁴. O nome foi escolhido em homenagem ao seu filho mais ilustre, o deputado Sabino Barroso.



MAPA 4: Localização do município de Sabinópolis³⁵

De acordo com dados do IBGE, o município de Sabinópolis conta com uma população de 16.326 habitantes³⁶. A sua distância em relação à capital de Minas Gerais é de 270 km e dista, aproximadamente, 40 km da cidade do Serro. O município caracteriza-se ainda por possuir uma grande área rural, responsável pela expansão econômica da cidade

³⁴ BARROSO (1997, p. 215).

³⁵ Fonte: <http://www.iesmig.com.br/Localizacao.php>

³⁶ IBGE



FOTO 4: Trecho do ribeirão Correntes (acervo pessoal)

Capítulo 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Constituição do *corpus*

Conforme já pontuado, este estudo pauta-se nos dados acerca da área rural de Sabinópolis, município que integra a mesorregião do Rio Doce, região leste do estado de Minas Gerais.

O *corpus* foi obtido por meio de entrevistas orais. Seguindo metodologia proposta por Labov (1982), utilizando de gravador, realizamos 10 entrevistas, uma delas com dois informantes, todos eles moradores que sempre residiram nesse município mineiro. Tivemos, portanto, 11 entrevistados.

A realização das entrevistas não constou de um questionário com perguntas previamente estabelecidas, mas por meio de uma conversa informal foi seguido um roteiro

mais ou menos pré-definido que abordou assuntos relativos à vida no campo, aos hábitos e costumes, a vida social e religiosa, assim como a sua cultura e historia locais. A escolha dos informantes foi baseada nas normas estabelecidas pelo projeto “Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais”, projeto da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Professora Doutora Maria Antonieta Mendonça de Amarante Cohen e desenvolvido entre os anos de 2003 e 2006. Essas normas prevêem que, em condições ideais, o falante deve:

- ter idade igual ou superior a setenta anos;
- ser oriundo preferencialmente de localidades rurais;
- ter nascido ou passado a maior parte de sua vida na região que está sendo estudada;
- ter baixo grau de escolaridade ou ser analfabeto.

A escolha de tais informantes deve-se ao fato de o vocabulário usado por pessoas enquadradas nesse perfil tender a mostrar um léxico mais próximo ao vernacular, além de revelar possíveis retenções linguísticas.

Realizadas as 10 gravações, foram verificados os seguintes dados acerca dos nossos 11 informantes:

- Quanto à idade, variava de 72 a 87 anos, assim distribuído: 72 anos: 1 pessoa; 78 anos: 3 pessoas; 79 anos: 1 pessoa; 80 anos: 1 pessoa; 82 anos: 3 pessoas; 86 anos: 1 pessoa; 87 anos: 1 pessoa.
- Quanto ao gênero: masculino: 6 e feminino: 5.
- Quanto à ocupação profissional: lavrador: 8; do lar: 3.

Em uma segunda etapa da pesquisa, transcrevemos todas as entrevistas gravadas. Para a transcrição dessas entrevistas foi adotada também a metodologia proposta pelo já mencionado projeto “Pelas Trilhas de Minas: As bandeiras e a língua nas Gerais” (FALE/UFMG).

O modelo de transcrição não se refere a uma transcrição fonética, trata-se de uma transcrição ortográfica, com adaptações.

Seguimos as orientações gerais desse modelo, a saber:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;

- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica³⁷;
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma 'imagem' do texto elaborado no plano da oralidade³⁸

1-Nem tudo será registrado:

- a) o alçamento das postônicas não será registrado

ex.: diferente= diferente torrado= torradu

(A ideia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto não precisa ser registrado)

2-Será obrigatoriamente registrado

- a) alteamento/abaixamento das pretônicas

piridi=perdi

reberão= ribeirão // premero= primeiro

- b) a redução dos ditongos [ow];[ey]; [ay], serão grafados ortograficamente como pronunciados.

dotô= doutor;

falô= falou; primero=primeiro;

reberão=ribeirão

- c) ausência do -r no final dos nomes: doutor = dotô

- ausência do -r final em verbos: falá=falar; comê= comer

- ausência do -r- no meio de vocábulos: pá= prá; madugada=madrugada

- d) ausência do -m final, desnasalização: homem=home; garagem=garage

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalados deverão ser marcadas com o til: assim termos ãlusão e ãzame . (Clicar em inserir símbolos, latim estendido e lá há todas essas possibilidades do ~ com vogais como e, i e u -Times New Roman).

- f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas: Izé=

Zé; ieu=eu; alembrá=lembrar

- g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com '.

mai' ~ mais; ago' ~ agora

- h) paragoge: mali= mal

i) iotização, grafando com i: fia = filha; jueio= joelho

- j) aglutinação, com apóstrofo: dex'eu = deixa eu; pr'eu ~ para eu

³⁷ FERREIRA NETTO; RODRIGUES (2000, p.172)

³⁸ *Ibdem*

k) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados: Eis=eles; ê =ele; ea =ela; eas = elas

l) casos de *uma, alguma, nenhuma*, etc, marcar com til: ã ~ uma; algã ~ alguma

m) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada.

Ex.: mermo ~ mesmo; memo

3- Indicações de:

- Pausa: reticências ...
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: /
- comentários: (())
- sobreposição de fala: { }
- discurso direto: " "
- ênfase: maiúscula
- truncamento: /
- alongamentos : repetir o segmento
- começar com minúsculas
- pontuação: apenas interrogação ?
- interjeição: com h

Posteriormente, realizamos levantamento de lexias que, acreditamos, refletem a cultura local desses informantes, uma vez que se encontraram presentes em diversas ocasiões durante nossa etapa de gravação, tanto nas entrevistas, quanto em conversas paralelas no local do estudo.

O *corpus* coletado nessas entrevistas constitui-se de 300 lexias.

3.2. Descrição do *corpus*

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo e quantitativo, pois a análise proposta, além de possibilitar a descrição e a interpretação dos dados, tendo como parâmetro a presença ou não das lexias selecionadas em obras lexicográficas – dicionários, glossários e vocabulários, também considera a dimensão quantitativa, à medida que nos utilizamos de gráficos e tabelas para evidenciar os dados.

3.2.1. Fichas lexicográficas

Para descrição dos dados, foram elaboradas 300 fichas lexicográficas, organizadas em ordem alfabética, conforme modelo a seguir:

Nº da ficha – lexia (classificação morfológica)
<i>abonação</i>
Registro em dicionários: 1. Bluteau: 2. Moraes: 3. Laudelino Freire: 4. Aurélio: 5. Amadeu Amaral:
Registro em glossários: 1. Souza(2008): 2. Ribeiro(2010): 3. Freitas (2012):
Origem:
Obs.:

- Do lado esquerdo, em primeira posição, apresentamos o número da ficha, seguido do vocábulo selecionado para análise. Esse vocábulo aparecerá na forma encontrada nas entrevistas, salvo os verbos que, por causa da diversidade de formas, optamos por colocá-los na forma infinitiva; e, entre colchetes, sua classificação morfológica, de acordo com sua ocorrência no *corpus*.
- Logo abaixo, no item “abonação”, apresenta-se , em itálico, um trecho da fala do entrevistado contendo uma mostra do *corpus* da lexia em estudo. no final desse item, são identificados o número da entrevista e a linha em que o vocábulo aparece nesse *corpus*.
- No item “registro em dicionários”, destaca-se como o vocabulário é descrito em obras lexicográficas distintas. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra o termo, indicamos “n/e”.
- No item “registro em glossários”, verifica-se o registro das lexias nos glossários presentes nas obras *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lucio de Souza; *O vocabulário rural de*

Passos/MG: um estudo lingüístico nos Sertões do Jacuhy, de Gisele Aparecida Ribeiro; *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural na Serra do Cipó/MG*
Quando não há o registro da lexia no glossário, indicamos “n/e”.

- e) Algumas vezes, a entrada do verbete adotada pelos dicionários e glossários consultados não corresponde à nossa lexia. Há variações quanto a gênero, número, ortografia. Nesse caso, optou-se por considerar a forma dicionarizada, pois essas variações não prejudicavam nossa análise.
- f) No item “origem”, apoiando-nos em dicionários etimológicos, apontamos a origem do vocábulo.
- g) Quando há alguma informação a mais, acrescentamos no último item, abreviado de observação.

Apresentamos, a seguir, como amostra, uma ficha preenchida:

05. AGREGADO Nm [Ssing.]

Infor: Eu nunca tive um terreno pra morá não... assim meu não... / Entr: Mora é de? / Infor: Assim de agregado né... (Entr. 10. linha 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ‘agregado – participio do verbo aggregar; *Subst.* Ajuntamêto, ou união de muitas cousas para a composição de uma só.’
2. Moraes e Silva: ‘agregádo – part. pass. de Agregar; *Subst.* União, ajuntamento de partes de um todo. O todo que resulta de cousas agregadas, ou da união de quesquer partes integrantes. (...)’
3. Laudelino Freire: ‘agregado ou aggregado – *s.m.* Lavrador pobre que, em falta de terras próprias, se estabelece nas fazendas alheias, com permissão dos proprietários, mediante condições que variam de um lugar para outro (...)’
4. Aurélio: ‘agregado: (...) 9. Bras. Lavrador pobre estabelecido em terra alheia mediante certas condições. 10. Bras. NE. Aquele que vive em fazenda ou engenho alheio, cultivando certa porção de terra e prestando serviço ao proprietário alguns dias por semana, mediante remuneração; morador.’
5. Amaral: ‘agregado – *s.m.* indivíduo que vive em fazenda ou sítio, prestando serviços avulsos, sem ser propriamente um empregado.’

Registro em glossários:

1. Souza: AGREGADO (A) s. Trabalhador rural que vive em terras que não são de sua propriedade. “...*quem tinha suas fazenda dava a pessoa pra morar de agregado...*” (Entr.4, linha 597)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português / XVI.(CUNHA, 1987, p. 22)

Obs: brasileirismo.

Preenchidas, essas fichas lexicográficas trazem informações importantes para posteriores análises, pois permitem que verifiquemos se cada lexia é dicionarizada ou não, por um ou mais autores, ou por nenhum deles; se é comum em regiões distintas do Estado, ou se não ocorre; se o vocabulário é considerado arcaico, se é um brasileirismo etc. A ficha lexicográfica constitui-se, ainda, como uma ferramenta eficiente na quantificação e comparação dos nossos dados.

3.2.1.1. Sobre as obras lexicográficas consultadas

Adotamos para consulta as seguintes obras lexicográficas:

- i) O *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1721), de Rafael Bluteau: obra que inaugurou o movimento de dicionarização, contribuindo de maneira central na consolidação da noção do português como língua nacional. Verdelho (2009) aponta a obra de Bluteau como a “mais monumental da lexicografia portuguesa”.

A obra de Bluteau pode ser [...] categorizada como um dicionário enciclopédico que reflete a época em que o autor viveu, época cujo imaginário está ligado a reis, monarcas, rainhas, princesas, batalhas, cavalheiros e igreja. Neste sentido, transmite com fidelidade a mentalidade de seu tempo. A análise de sua obra possui, assim, um interesse sociolinguístico.³⁹

- ii) O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, uma obra monolíngüe, que, apesar de ser uma continuidade da obra de Bluteau, traz inúmeros vocábulos inéditos. Segundo Biderman(2003, p.56) “podemos considerar Morais (SILVA, 1813) como um dicionário de língua, registrando o vocábulo mais usual da língua escrita e oral do seu tempo”.
- iii) O *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, publicado no Rio de Janeiro de 1939 a 1944, sob a organização de Laudelino Freire. Trata-se de uma obra de referência do século XX por apresentar grande riqueza vocabular, além da inclusão e locuções e expressões, termos técnicos e neologismos.
- iv) O *Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa*, considerado como um “dicionário padrão da língua portuguesa”, apresenta um diversificado repertório lexical. É uma obra que dispõe de um grande número de abonações e exemplos.
- v) O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* foi escolhido com o objetivo principal de esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada de sua entrada na língua portuguesa, já que, parte desses vocábulos não

³⁹ MURAKAUA, ano ???, p.497

estavam registrados nos dicionários mais antigos. Identificar as formas variantes que os vocábulos adquiriram no decorrer do tempo e verificar se algumas delas coincidiam com as encontradas no nosso *corpus*, era outra finalidade da seleção deste dicionário.

- vi) O *Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, descreve o dialeto ‘caipira’, no interior de S.Paulo.” Amaral, pioneiro no estudo do léxico rural, já apontava que os estudos regionais da língua portuguesa

[...]permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.⁴⁰

Partilhando de mesma metodologia que aplicamos neste estudo, a consulta aos glossários presentes nas obras *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lucio de Souza; *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo lingüístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro e *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural na Serra do Cipó/MG*, permitirá a verificação de semelhanças e diferenças lexicais em quatro zonas distintas do território mineiro.

3.3. Macro e microestrutura do glossário

Haensch (1982), denomina “glossário” toda obra lexicográfica que registra e explica vocábulos usados por autores de uma obra. Para ele, não apenas o texto literário, mas inúmeros textos podem salientar palavras de significados difíceis; quando tais palavras aparecerem em ordem alfabética no final de um texto, chama-se de *glossário*.

Já para Barbosa(1995, p.19-21), “o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, podendo ser classificado em *lato sensu* e *stricto sensu*. Ambos resultam do levantamento das palavras – ocorrências e das acepções em um único texto.”

Nossa proposta foi a de confecção de um glossário onde fosse catalogado um número expressivo de lexias encontradas no *corpus*. Tais lexias foram organizadas de acordo com dois métodos: o onomasiológico e o semasiológico – o primeiro trata do conceito ao nome

⁴⁰ AMARAL, 1976, p.3

e o segundo do nome ao conceito - . A escolha dos dois métodos se justifica pelo fato da “Onomasiologia e a Semasiologia, ao mesmo tempo que se opõem, complementam-se constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico” (Seabra, 2004, p.34)

3.3.1. A Macroestrutura

Após a realização das 10 entrevistas orais obtidas em pesquisa de campo e da efetuação das transcrições de tais entrevistas, houve a seleção de lexias que melhor caracterizassem a região pesquisada.

Selecionadas as lexias que compõem o glossário, as entradas foram organizadas em ordem alfabética, mantendo a forma registrada nas transcrições para melhor consulta e identificação, com exceção dos verbos que foram alterados para sua forma infinitiva.

Seguindo o método onomasiológico, as lexias foram agrupadas em redes semânticas afins.

3.3.2. A Microestrutura

Para a elaboração da microestrutura do glossário presente neste trabalho foi utilizado o seguinte modelo:

Forma do Verbetes

Lexia - (dicionarizada) • Estrutura Morfológica • Origem • Definição • Abonação.

As informações *Lexia*, *Registro em Dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem* e *Abonação* são consultadas nas fichas lexicográficas. A *Definição*, por sua vez, constará somente no glossário. Como exemplificação, segue um dos verbetes presente em nosso glossário:

MANJARRA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do engenho de cana. • *um... um... toca é duas ou... assim né ó.. chama duas manjarra né... aqui ó... agora... tem... e dá um cruzado assim né...* (Entr. 6. linha 50)

O próximo capítulo, trata da descrição e análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas.



FOTO 5: Carro de boi em Sabinópolis/MG (acervo pessoal)

Capítulo IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos e analisamos os dados retirados do *corpus*, selecionados a partir de entrevistas realizadas na comunidade rural de Sabinópolis, região leste de Minas Gerais, conhecida como mesorregião do *Vale do Rio Doce*. Para fins de sistematização, apresentamos, em fichas, as 300 lexias selecionadas e transcritas conforme mostram as regras já citadas na seção 3.1.

4.1. FICHAS LEXICOGRAFICAS

Apresentamos, a seguir, as 300 fichas:

A

01. ABALA(R) [V]

Ó... mudô muita coisa que o povo desde primeiramente que essa luz apareceu o povo abalô tudo... abalô rapaz quarqué casinha que ocê vê aqui pra baixo tem as suas televisão... (Entr. 5. linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: 'abalar ou aballar – mudar com alguma coisa e começar a tirá-la do lugar'.
2. Moraes e Silva: 'abalar – abanar, agitar o que está fixo, e firme (...) demover da opinião, do proposto (...) mover-se'.
3. Laudelino Freire: '3. Alterar, modificar'.
4. Aurélio: '3. Causar abalo a; comover, impressionar. (...) 5. Pôr em rebuliço, agitar.'
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: controvertida. Cf.: abalar – 'fazer oscilar', 'partir, fugir' XIII. (CUNHA, 1987, p. 2)

02. ABRI(R) A PICADA F [V + {Asing + Ssing}]

QUEMA feito um condenado... mas cada palma dessa grossura... tava abrin[d]o a picada... e eu passei a mão num martelo... (Entr. 8. linha 73)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e. Cf.: 'picada – 8. Abertura mais ou menos larga, conforme o uso a que se destina, feita através da mata ou de campo cerrado, para estabelecer comunicação de um ponto a outro.'
4. Aurélio: n/e . Cf. 'picada.9. *Bras.*: Atalho estreito, aberto no mato a golpes de facão.'
5. Amaral: n/e. Cf.: 'picada – passagem aberta através do mato.// É port., mas o *Novo Dic.* o registra como colhido pela primeira vez, o que mostra que não será usual. Entre nós é de emprego comuníssimo.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português (CUNHA, 1987)

Obs.: brasileirismo.

03. AÇUCA(R) SUJO ~ AÇUCA(R)SUJA ~ AÇUCA(R) CASERA NCm~NCf [Ssing + ADJsing]

Ocê já viu... pois é... havia aquela de coada... põe um tanto pra pô na caixa pra ispumá... e aquela.. fazê o melado... pra fazê açucá... chamava açucá sujo... açucá casera... (Entr. 6. linha 419)

agora tirava açucá... aqueles pedaço de açucá assim... chama açucá sujo... ou então açucá casera... (Entr. 6. linha 440)

Fazia açucá refinado e dessa açucá refinado fazia doce... tinha açucá suja... e a refinada... a suja é essa... (Entr. 7. linha 118)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e. Obs. Registra somente ‘açúcar de farmácia, açúcar demerara, açúcar dos diabéticos, açúcar mascavado, açúcar mascavo.’
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

04. AFORÇA(R) A IDEIA F [V + {Asing + Ssing}]

... e ele não ten[d]o aquilo copiado ele tem que aforçá a idéia pra até aprendê...” (Entr. 3. linha 442)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Cf. forçar, esforçar XIII.(CUNHA, 1987, p. 364)

05. AGREGADO Nm [Ssing.]

Infor: Eu nunca tive um terreno pra morá não... assim meu não... / Entr: Mora é de? / Infor: Assim de agregado né... (Entr. 10. linha 43)

Registro em dicionários:

6. Bluteau: ‘agregado – particípio do verbo agregar; *Subst.* Ajuntamêto, ou união de muitas cousas para a composição de uma só.’
7. Moraes e Silva: ‘agregádo – part. pass. de Agregar; *Subst.* União, ajuntamento de partes de um todo. O todo que resulta de cousas agregadas, ou da união de quesquer partes integrantes. (...)’
8. Laudelino Freire: ‘agregado ou agregado – *s.m.* Lavrador pobre que, em falta de terras próprias, se estabelece nas fazendas alheias, com permissão dos proprietários, mediante condições que variam de um lugar para outro (...)’
9. Aurélio: ‘agregado: (...) 9. Bras. Lavrador pobre estabelecido em terra alheia mediante certas condições. 10. Bras. NE. Aquele que vive em fazenda ou engenho alheio, cultivando certa porção de terra e prestando serviço ao proprietário alguns dias por semana, mediante remuneração; morador.’
10. Amaral: ‘agregado – *s.m.* indivíduo que vive em fazenda ou sítio, prestando serviços avulsos, sem ser propriamente um empregado.’

Registro em glossários:

4. Souza: AGREGADO (A) s. Trabalhador rural que vive em terras que não são de sua propriedade. “...*quem tinha suas fazenda dava a pessoa pra morar de agregado...*” (Entr.4, linha 597)
5. Ribeiro: n/e
6. Freitas: n/e

Origem: latim > português / XVI.(CUNHA, 1987, p. 22)

Obs: brasileirismo.

06. AGUARDA(R) [V]

Então ela num quis deixá e eu estudei esse livro... foi só duas coisa que eu aguardei já dentro desses setenta anos mais ou menos que eu num esqueci... (Entr. 3. linha 444)

E isso tá aqui ó já com sessenta / com setenta anos... eu não tinha mais de sete anos nessa ocasião né e tá aguardado aí... (Entr. 3. linha 453)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cf. ‘guardar’.
2. Moraes e Silva: Cf. ‘guardar’.
3. Laudelino Freire: Cf. ‘guardar’.
4. Aurélio: Cf. ‘guardar’.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. Cf. aguardar ‘ant. guardar’ XIII. (CUNHA, 1987, p. 399)

Obs: Arcaísmo – forma encontrada no século XIII.

07. ALAMBIQUE Nm [Ssing.]

...cabava de enchê o co:cho...ela fervia a tempo de podê derramá...das cana saía a cachaça...e lá dentro do alambique ficava a borra lá...(Entr. 8. linha 127)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ‘alâmbique, almbîque. *Vid. Lãmbique.*’ ‘Lambique ou Alambique – Vaso em que por meio da sublimação & destilação se tira a substancia de varias materias, como flores, ervas, vinhos e outros licores.’
2. Moraes e Silva: ‘alambíque – vaso, que consta de recipiente, onde se põe o que há de distillar-se, e de cabeça, ou capitel, onde se ajunta o vapòr, que condensado em liquido sae polos canos, ou gargalos.’
3. Laudelino Freire: ‘aparelho de metal, empregado na distilação (...).’
4. Aurélio: ‘aparelho de destilação, constituído por uma caldeira, na qual se depositam os materiais por destilar 9...0; destilador.’
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: árabe > português. (CUNHA, 1987, p. 25)

08. ALEMBRA(R) [V]

...eu ainda tenho uma meio lembrança de tropa... cê num alembra de tropa não né?(Entr. 2. linha 5)

Ês falava que tirava ouro no guanhães... mas eu num alembro não... isso aí num alembro não... lá em casa tinha até as bateia... as bateia tinha o imbigó... onde eles lavava o oro... disse que oro ficava naquele negócio dela... mas eu nunca vi não... (Entr. 2. linha 189)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: lembrar. “Vid. Lembrar”
2. Moraes e Silva: Alebrado, alebrança. “&c. v. lembrado, lembrança, lembrar.”
3. Laudelino Freire: ‘Alebrar. V.r.v. O mesmo que lembrar’.
4. Aurélio: Alebrar. “[De a-4 + lembrar.] (...)Ant. Pop. 1. Lembrar”.
5. Amaral: ‘alembra(r), *lembrar, v* // Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop. *Alebrava-vos eu lá?* (Gil V., “Auto da índia”).’

Registro em glossários:

1. Souza: ALEMBRAR (A) v. Trazer lembranças à memória. Recordar-se. Variante de lembrar (lembrar > alebrar – caso de prótese). “*Eu alebro... um mucado eu alebro...*” (Entr.7, linha 9)
2. Ribeiro: ALEMBRAR • (A) • [V] • Lat. • Recordar, vir à lembrança. • Cê num alembra dela não. Ele era muito chique. (Ent. 10, linha 332)
3. Freitas: ALEMBRAR • (A) • [V] • Lat>Port • Trazer algo à memória, recordar,

relembrar. Variante de lembrar • “*Ele era fei menina em vida ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fuzim...*” (Ent. 06, linha 375) • (alebrar~lembrar: caso de prótese)

Origem: latim > português. (CUNHA, 1987, p. 469)

Obs: Prótese (a-); arcaísmo.

9. ANIMAIS DE CUSTEIO NC_m [Spl + {Prep + Ssing. }]

Animais de casa... animais de custeio... de trabalho né... é boi é... é cavalo... coisa né... mais é uma galinhinha... um porquinho... (Entr. 8. linha 14)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

10. ANIMAIS-DE-SELA NC_m [Spl + {Prep + Ssing.}]

os animais-de-sela a notícia ia lon:ge... todo mundo... falava: “ô gente... animais-de-sela... boiada-de-carro... vacada-de-leite... é João Mariano... mais ninguém... é bobage...” (Entr. 3. linha 478)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

11. ANIMALZIM Nm [Ssing]

Ficô não... num tinha / ele tinha um animalzim... num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do guanhã[es]... aonde o corgo do jacaré despeja no guanhã[es]... (Entr. 1. linha 542)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

12. ANTONCE [ADV]

Sirviço demais... agora num tô guentan[d]o mais... mas eles num gosta de ficá sem o plantio dele né... vai antonce eu num falo com ele que eu num planto que eu num guento... eu num guento mais... (Entr. 9. linha 10)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Entonces. “Vid. entãõ.”
2. Moraes e Silva: Entõnces. “v. Entãõ. Men. e Moça, 2. f.15.”
3. Laudelino Freire: Entonce. “adv. O mesmo que entonces.” “Entonces, adv. Do cast. ant. O mesmo que entãõ.”
4. Aurélio: Entonce. “[Do lat. vulg. **intunce*.] Adv. Bras. Pop. Arc. 1. Entãõ. [Var.: *entonces*.]”
5. Amaral: ‘antãõce, antonce, intonces, outras formas de *entãõ*. // Cp. O arc. entonces (...) Inf. D. Pedro, Livro da Virtuosa Benfeiotria.’

Registro em glossários:

1. Souza: “*Entonce era assim... o pai de família ficava procurando aí () trabalhador coisa e tal né...*”(Entr.1, linha 160) “*...alumiava com azeite e cera do mato né... entonce... aquela rua lá...*” (Entr.6, linha 16)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Cf.: então ‘No port. med. documentam-se, também, as formas *entonce* (...)’.(CUNHA, 1987, pág. 301)

Obs: assimilação

13. APARTAÇÃO Nf [Ssing]

pai Joaquim cuidava era das suas égua dele... tinha as égua... tinha os jumento... todo ano ele tinha aquela remessa de burro pra vendê... vinte... trinta burro pra vendê na apartação... (Entr. 3. linha 543)

Hum? Na apartação... quando chegava a época de apartá os burro... {tira... ele apartava} e vendia aquela remessa de burro... (Entr. 3. linha 546)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: ‘apartação – ato de apartar, aparta, apartamento. (...) 3. *Taur.* Escolho de touros para as touradas. 4. Ato de apartar ou separa o gado vacum pertencente a diversas fazendas. 5. Partilha de bezerros do ano entre o fazendeiro e o vaqueiro; vaquejada. 6. Ato de separar de outros certo número de animais.’
4. Aurélio: ‘apartação – 1. Ato ou efeito de apartar(-se); apartada, apartamento. 2. *Bras.* Ato de apartar ou separar o gado para certo fim; aparte.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Cf.: partir. (CUNHA, 1987, p. 584)

Obs.: brasileirismo.

14. APIA(R) [V]

...ele tava debruçado na janela eu fui pareei o burro assim... cumprimentei ele... ele mandô eu apiá... e eu não senhor dotô... tô com pressa... (Entr. 3. linha 378)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Apear. Tirar a alguém o cavallo.
2. Moraes e Silva: Apear. v. at. Fazer pór a pé.
3. Laudelino Freire: Apear. v.r.v. De a + pé + ar. Fazer descer de cavalo, carro, trem, etc.; desmontar.
4. Aurélio: Apear. v.t.d. 3. Descer de montaria ou viatura.
5. Amaral: : ‘apeá(r) – voc. Port., que no dial. apresenta a particularidade de envolver, correntemente, a ideia de ‘hospedar-se’: ‘Quando chego? Adonde apeô? – *Apeei* na casa do Chico.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: APIAR • (A) • [V] • Descer do cavalo. • O carro impurrô ela. Mais[s] ela que foi curpada. Que ela apiô do carro do pai dela e foi correno. (Ent. 13, linha 145)
3. Freitas: APIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Descer de animal ou de veículo. • “*Tinha que apiá ali na rodoviara e trevessá de banda e caminhá uma distância com o daqui a...como daqui lá na casa do (B...) pa podê chegá na casa dela.*” (Ent. 09, linha 141)

Origem: latim > português. Cf. pé; appear / XVI. (CUNHA, 1987, p. 588)

15. APREPARO Nm [Ssing]

Ô minino... com nós aqui nunca que ()... quando dava festa só lá pra Sabinópolis... e num tinha tempo de ir a festa nada... quando tinha aí era algum apreparo né... () aqui na roça... ()... o povo bebe... briga e... dá muita má sastifação né... má sastifação... (Entr. 5. linha 272)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cf. 'preparo'.
2. Moraes e Silva: Cf. 'preparo'.
3. Laudelino Freire: Cf. 'preparo'.
4. Aurélio: Cf. 'preparo'.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Cf.: 'preparo XIX'(CUNHA, 1987, p. 632)

Obs: prótese do 'a'.

16. ARCANÇA(R) [V]

Muita coisa a gente escuta... muito antigo... a gente escuta daqueles mais véio... que a gente já num arcanço muito a coisa antiga mais né... a gente já num arcanço... mas esses mais velho que ainda tem algum ainda pode contá... quase que num tem gente véio antigo mais... velho mesmo num tem não... (Entr. 1. linha 498)

isso é coisa antiga que nós já num arcanço... nós conhece os antigo muito assim é no retrato né... mas nosso tempo num era tempo de nós conhecê... quando ele morreu num era do nosso tempo não... (Entr. 1. linha 511)

Infor 1: E minjolo ocê arcanço? / Terc: Minjolo eu vi um lá na fazenda de Osvaldo Mourão... caminho de Sabinópolis... (Entr. 7. linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cf. 'alcançar'
2. Moraes e Silva: Cf. 'alcançar'
3. Laudelino Freire: Cf. 'alcançar'
4. Aurélio: Cf. 'alcançar'
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português.(CUNHA, 1987, p. 27)

17. ARMAZÉM Nm [Ssing]

Plantava uai... tinha muito repoio... a única coisa que a gente plantava de fora era o repoio () e o alface... assim mesmo que a gente compra a semente né... é a semente... no mais era tudo de casa mesmo... num é igual hoje não... que tudo a gente pega no armazém... as verdura antigamente era mais... mió do que hoje... (Entr. 2. linha 37)

e quando eu fui chegan[d]o ali perto daquele armazém Pinho... o quartel era ali em frente à porta do armazém Pinho... ali é que era o quartel... (Entr. 3. linha 371)

Inda acha ainda né... hoje o povo está muito preguiçoso... vai no armazém... acha de tudo... sobre tudo é tomá dinheiro emprestado na sua mão e num pagá... sob pena de... só que no armazém se levá compra... se não levá... num é...num... (Entr. 6. linha 66)

muitos dos antigos fala que o arroz de pilão... é muito mais sadio do que esse do armazém... porque ele está com a vitamina toda... e do armazémês limpa a máquina e sai tudo... cê não vê que fica um arroz fraco? (Entr. 6. linha 77)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ‘Almazem ou armazém (...) A casa em que se guardam armas, & instrumentos de guerra por mar. (...) Almazem de qualquer provizão, & quaisquer materiaes em quantidade.’
2. Moraes e Silva: ‘Armazem dizemos hoje. V. o significado em *Almazem*.’ Almazem – Hoje se diz geralmente *armazém*, segundo a etimologia, posto que almazem tem por si os Clássicos’.
3. Laudelino Freire: ‘Armazém – lugar onde se guardam mercadorias.’
4. Aurélio: ‘Armazém – (...) 3. Grande estabelecimento comercial, geralmente atacadista, e de secos e molhados.’
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: árabe > português. (CUNHA, 1987, p. 68)

18. ARQUEIRE Nm [Ssing.]

...uns café antigo vai morren[d]o né... mas pra nossa despesa... teve ano que a gente panhó bastante café... panhamo mais de um arqueire de café... (Entr. 9. linha 40)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ‘alqueire – medida de todo o gênero de grão.’
2. Moraes e Silva: ‘alqueire – medida de grão.’
3. Laudelino Freire: ‘alqueire – medida agrária de valor variável conforme as regiões.’
4. Aurélio: ‘alqueire – (...) *Bras.* Medida agrária correspondente em MG, RJ e GO, a 48.400 m², e em SP a 24.200 m².’
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: árabe > português.(CUNHA, 1987, p. 35). Segundo Aurélio, significando medida de terra é Brasileirimo.

19. ARREPARA(R) [V]

No dia do velório de Gustavo... Alcides saiu de casa... e largô Maura toman[d]o conta de tudo lá sozinha e ele saiu... todo mundo arrearô aquilo que alcides fez.... (Entr. 3. linha 237)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cf. 'reparar'.
2. Moraes e Silva: Cf. 'reparar'.
3. Laudelino Freire: Cf. 'reparar'.
4. Aurélio: Cf. 'reparar'.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. (CUNHA, 1987, p. 676)

Obs: prótese.

20. ARROZ DE PILÃO NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

you vai no... no armazém... na mercearia... acha de tudo né... e de primeiro... arroz de pilão... (Entr. 6. linha 34)

muitos dos antigos fala que o arroz de pilão... é muito mais sadio do que esse do armazém... (Entr. 6. linha 77)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: árabe+português. (CUNHA, 1987)

21. ARTICUM Nm [Ssing.]

É do mato tem muita fruta do mato... tem o / tem o jambo... tem o articum... articum é de madeira mesma de mato... mato virgem... uma fruta grande assim cascuda... hora que ela amarela é gostosa mais num há... muito gostosa... chama articum... (Entr. 1. linha 280)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: “ARATICU. Planta do Brasil. He arvore, muy fresca de três espécies; cujos frutos tem feytio de pinha. O a que chamaõ Araticuape, He doce. O a que chamaõ Aratigoacu toca de agro doce, muy fresco para tempo de calma. A terceyra espécie não se come.”
2. Moraes e Silva: ‘ARATICU , s.m. Fruto do Brasil, é uma espécie de pinha molle, cheya de massa amarellada, com caroços da mesma cor; tem a casca fina verde, com alguns picos porém molles, curtos (...).
3. Laudelino Freire: ‘araticum – denominação comum a várias espécies de plantas pertencentes à família das anonáceas’.
4. Aurélio: ‘araticum – Bras. 1. Designação comum às espécies nativas do gênero *Anona*.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi, *aratikupa'nã*. (CUNHA, 1987, p. 63)

Obs: araticum > articum

22. ASSA-PEXE NC_m [V + Ssing]

Aquilo gosta tam[b]ém é de tempo de lua clara... é de noite é que eas sai pras estrada afora... as catinguenta... e o cumê delas tam[b]ém é raiz de assa-peixe... (Entr. 1. linha 269)
O alimento delas é raiz de assa-peixe... (Entr. 1. linha 272)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
1. Moraes e Silva: n/e
2. Laudelino Freire: ‘assa-peixe – planta da família das urticáceas’.
3. Aurélio: ‘assa-peixe – Bras. Cambará-guaçu’.
4. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português.(CUNHA, 1987)

23. AVULTADO Nm [ADJ_{sing}]

o sali ele comprava mais avultado... comprava cinqüenta saquinho de sal... porque ele tinha muito boi... muita vaca mesmo... tinha muita vaca mesmo... (Entr. 6. linha 405)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Avultar. “Fazer vulto. Parecer grande à vista. Maiorem, altioem, crassioem videre. (Fallando em cousa, que avulta na grandeza, ou altura, ou na grossura, &c.) Huma quase infinita multidão de cavallaria, & de infantaria, que avulta muito mays, do que he na realidade. (...).
2. Moraes e Silva: Avultado. “p. pass. de *avultar*. Coisa que tem volume grande. / Fig. *Sommas avultadas*; grande: rendas.”
3. Laudelino Freire: Avultado. “adj. P. p. de *avultar*. Que tomou vulto. // 4. Grande, considerável: A jugada, o tributo direto mais avultado, que pesava sobre os pequenos agricultores” (Herculano)”.
4. Aurélio: Avultado. “[Part. de *avultar*.] Adj. 2. Intensificado, aumentado. 3. Grande, volumoso, considerável, avultoso, avultante.”
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: AVULTADO (A) adj. Relativo a volumoso, quantidade maior. “... *tem hora que a gente vai com o dinheiro mais avultado pro armazém ou prum açougue e... e... num dá pra nada...*” (Entr.8, linha 183)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Cf.: ‘vulto’. Avultado/XVII. (CUNHA, 1987, p. 829)

24. AZULÃO Nm [S_{sing}]

azulão... canário–chapinha... cabô tudo... essa época do azulão ês pegaram ês tudo... virô cumércio... virô cumércio... (Entr. 5. linha 161)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: ‘azulão – (...) 2. Pássaro da família dos fringílidias, de cor azulada, semelhante ao pardal; gurundi azul, papa-arroz’.
4. Aurélio: ‘azulão – *Bras*. 1. Ave passeriforme, da família dos fringílideos (...).
5. Amaral: ‘nome de vários pássaros azuis, como: o sanhaço,’ *Stephanophorus leucocephalos*’ e um pássaro da família “*Fringilidae*”, também conhecido por *papa-arrôs*. // No Norte dá-se aquele nome ao *virabosta*.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

B

25. BAIA Nf [ADJ_{sing}]

É essa comum... tem a baia... e tem a pintada... tem uma do lombo preto... três qualidade de onça... (Entr. 1. linha 143)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cor vermelha, mais, ou menos fubida. Cavallo baio.
2. Moraes e Silva: BAIO, adj. còr de befta cavallar, còr de oiro defmaiado , tirante a branco.
3. Laudelino Freire: Baio, adj. Lat *badius*. Que tem cor de ouro desmaiado; amarelo torrado (falando da cor do pelo dos eqüinos bovinos e cães).
4. Aurélio: Baia [Do lat. *Badius*.] Adj. 1. Que tem a cor de ouro desmaiado. 2. Diz-se do eqüídeo castanho ou amarelo torrado.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

26. BALANGÔ Nm [S_{sing}]

É... tuido... ô coitado... brinquedo....antigamente... era balango né... balangô... (Entr. 6. linha 372)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: de provável origem onomatopaica. Cf.: balangandã. (CUNHA, 1987, p. 93)

27. BANCA (1) Nf [S_{sing}]

...dava porque o mio tem que plantá né... capina ele... primera capina... depois tem que revirá a terra pra revirá ele... chegá a banca no pé dele né... que se num chegá ele não dá nada... ele mofina a cova... e não dá nada né... (Entr. 10. linha 65)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.

3. Laudelino: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: portuguesa. Cf.: banco – ‘tipo de assento’ XIII; ‘(Geog.) acidente geográfico’ XV. (CUNHA, 1987, p. 96)

28. BANCA (2) Nf [Ssing]

...tinha pedaço de oro de duas três grama () no peso... é duro... mas era friagem rapaz que naquele tempo num era mole não... Agora hoje tem banca... (Entr. 4. linha 125)

É... bateia... sem a bateia num tirava não... num tira... agora hoje tira por conta disso... que tem a / a banca né... (Entr. 4. linha 139)

Tinha e tem... lá não tá dan[d]o banca né... ()... quando dá uma chuva grossa saía assim na enxurrada... ()... não tá deixan[d]o mexê né... (Entr. 8. linha 103)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: portuguesa. Cf.: banco – ‘tipo de assento’ XIII; ‘(Geog.) acidente geográfico’ XV. (CUNHA, 1987, p. 96)

29. BANCA DE QUEIJO NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

...e ela é que tirava o leite e fazia os queijo... e a banca de queijo dela era lá dentro da cozinha... eles fala que lugá quente pra queijo que num serve... e a banca dela era / a fornalha de lá e a banca de queijo de cá ó... e ela fazia seus queijo dela ó... (Entr. 3. linha 538)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: portuguesa. Cf.: banco – ‘tipo de assento’ XIII; (CUNHA, 1987, p. 96)

30. BANDERA Nf[Ssing]

É... o mio é... que tinha de plantá... prepará a terra... plantá... capiná... depois é que vai colhe... quebrá o milho... joga na bandera... depois da bandera vai c'os balaio... (Entr. 1. linha 42)

...bandera é jogá aquelas... de distância em distância joga... faz aquela bandera... dá uma quarta... uma quarta e {tanta... é...} chama bandera... (Entr. 1. linha 45)

É... aquele monte... isso é que chamava bandera... isso é o tipo antigo das / das plantação... era assim... (Entr. 1. linha 48)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Bandeira s.f. 13. Monte de espigas de milho postas nas roças.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: ‘bandê(i)ra – monte de espigas de milho, na roça.’”

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: portuguesa.(CUNHA, 1987, p. 96)

Obs: monotongação ‘bandeira > bandera’

31. BARRIGUERA Nf[Ssing]

A mãe de Tia Quitéri fiava pra mamãe... e mamãe usava / sortava um monte de emborá::...pra fazê ré::dea...fazê barrigue::ra...fazia rédea e barriguera...(Entr. 7. linha 271)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Barrigueira s. f. 3. *Lus.* Peça do arreamento campeiro que, passando pela barriga ou tórax do animal, prende o serigote ou lombilho pelo travessão.
4. Aurélio: Barrigueira [De barriga + -eira.] **S. f.1.** Bras. Peça do arreo que passa em volta da barriga do cavalo; cincha: "O mascate estava apertando a barrigueira da sela para continuar viagem" (José J. Veiga, *A Máquina Extraviada*, p. 11).
5. Amaral: ‘barriguêra – tira de couro ou de tecido grosso que passa por baixo da barriga da cavalgadura, firmando a sela

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: BARRIGUERA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do arreio que passa em volta da barriga do animal. • “((o burro)) *caiu cumigo dent’ do poço e rivirô e eu fiquei por baxo condafê levantei deus judô que a barriguera rubentô o burro sai pelado pa lá eu saí po ôto lado moiado*” (Ent.05, linha 95)

Origem: castelhano ‘barriguera’. (CUNHA, 1987)

32. BARRILERO Nm [Ssing]

Mói a cana ali... tem um processo... leva ela pra tacha... ferve... faz um barrilero com coisa que é pra fazê sabão e põe o óleo de coada... tem umas... (Entr. 6. linha 414)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Barrileira. 2. Mesa que tem em volta um rego, onde se junta e donde cai para um balde o soro da coalhada espremida; francelho.
4. Aurélio: Barrileira [Por. Barrilheira de barrilha.] S.f. Vasilha na qual se faz a barrela.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: castelhano. Cf.: barrilha – ‘cinza da barrilheira, empregada para fabricar soda’ XVIII. (CUNHA, 1987, p. 100)

Obs: monotongação/ despalatalização.

33. BATEIA Nf [Ssing]

É... tin::ha.... eles mexia muito com tiração de oro com um tipo duma gamelinha rasa... chama bateia... (Entr. 1.linha 437)

ocê ia tiran[d]o aquela imundície e o oro ia fican[d]o naquela / naquela panelinha lá embaixo... e purinho... eu nunca vi não... mas era assim... e eu já vi as bateia... (Entr. 1. linha 440)

É... e aquela imundície... cisco... areia... que é mais manero que o oro dava procê tira... no fazen[d]o assim com a água ia sain[d]o areia misturado com a água... e o oro ficava purim no fundo... assim que eles conta que / chama bateia.... bateia eu conheço já vi muita... (Entr. 1. linha 444)

A gamela / essas... essas bateia era feito é de madeira.... hoje pode até / se tivesse hoje talvez muita coisa que serve de bacia / não que serve de madeira... hoje tá vindo é outra coisa... (Entr. 1. linha 526)

a bateia que eu conheci no / no / no Antonio Mariquinha era de / que eu vi ele sain[d]o de lá... Antonio Mariquinha sain[d]o do rio lá... (Entr. 1. linha 528)

ele era gente nossa aqui da Barra... esse Antonio Mariquinha... um homem de barba grande... velho... já conheci ele viúvo... eu fui falei... “ah... num conheço não... vi falá...” “pois é aqui ó... isso que é bateia de tirá dinheiro... (Entr. 1. linha 530)

Ês falava que tirava ouro no guanhões...mas eu num alembro não...isso aí num alembro não...lá em casa tinha até as bateia...as bateia tinha o imbigo...onde eles lavava o oro... disse que oro ficava naquele negócio dela...mas eu nunca vi não...(Entr. 2. linha 189)

Perto da ponte...eles vivia ali com a bateia...tiran[d]o oro...(Entr. 3. linha 156)

É uma gamelinha rasiha...quase tipo uma peneira...agora ês leva ela lá no fundo assim daquela areia...daquele cascalho...e ia peneiran[d]o ela assim... peneiran[d]o... peneiran[d]o...escorria a água e o oro ia todo pro funilzinho do fundo da bateia... (Entr. 3. linha 162)

O cascalho ficava / ele ia tiran[d]o o cascalho com a mão e ia jogan[d]o e ia peneiran[d]o assim dos pouco... dos pouco até descobrir... o oro puro no fundo da / da / da bateia... que aquilo chama bateia... (Entr. 3. linha 166)

É... bateia... sem a bateia num tirava não... num tira... agora hoje tira por conta disso... que tem a / a banca né... (Entr. 4. linha 140)

Este rio Guanhões... este rio Guanhões... diz que ele é muito... que sempre vinha... como fala... na vista de fora... pra tirá o oro... oro em pó... um oro bonito... é uai... tem uma gamela que chama bateia né... sei se cê conhece... (Entr. 6. linha 253)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: BATEA , f. f. vafo como alguidar de madeira, com fundo afunilado , ou conico , ferve para a lavagem do oiro , que fica no fundo.
3. Laudelino Freire: Batea. S.f. Vaso com o alguidar, de madeira, com o fundo afunilado e cônico, o qual serve para a lavagem das areias auríferas ou cascalho diamantífero.
4. Aurélio: Bateia. [Do ár. vatiya, ou taino, pelo esp.] S.f. Gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: origem incerta. Cf. (CUNHA, 1987, p. 101)

34. BICHE(I)RA Nf [Ssing]

bateu a aftosa lá mas que arrasô o gado... que todo dia a gente tinha que ()... achava o gado fedem[d]o de bichera... (Entr. 3. linha 524)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Bicheira s.f. De bicho + eira. Ferida nos animais, com bichos, que nela depositam seus ovos.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: ‘pústula, cheia de larvas de mosca, que ataca os animais de criação (especialmente bois)’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português, ‘bicheira – ferida dos animais cheios de bichos, vermes.’(CUNHA, 1987, p. 108)

Obs: monotongação.

35. BICUDO Nm [Ssing]

Terc: paca sumiu muito tia... canarinho-chapinha... curió... / Infor 2: Curio desapareceu... bicudo desapareceu... (Entr. 7. linha 321)

É bicudo... tem um passarinho chamado bicudo... (Entr. 7. linha 324)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Bicudo s.m. Ave da família dos *Fringilidas*, também chamada bico-pimenta.
4. Aurélio: Bicudo. Bras. Ave passeriforme da família *fringilídeos*, largamente distribuída no Brasil.
5. Amaral: ‘nome de várias espécies de passarinhos da fam. *Fringilidae*, e também do *Pitylus fulginosus*.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português ‘bicudo – 1813’. (CUNHA, 1987, p. 108)

36. BICUDO Nm [Ssing]

Entr: Mas o povo bebia e saía tudo... / Infor: Tudo bicudo... mas a cachaça todo mundo bebia...Cachaça... O povo pára de bebê cachaça minino? Só quando a gente morrê... ((risos))... (Entr. 2. linha 139)

Entr: Tem dois bicudo então? Tem o passarinho... / Infor 2: E tem esses que bebe cachaça... ((risos))... Infor 1: () que bebe cachaça... / Terc: Pintassilgo-do-sertão tam[b]ém cabô né.? / Infor 2: Cabô... / Infor 1: Num te bicudo aqui não... / Infor 2: Agora bicudo ali tem ó... ((aponta para uma direção))... ((risos))... (Entr. 7. linha 325)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Bicudo. 5. Fam. Que bebeu demais e está em princípios de bebedeira.
4. Aurélio: Bicudo. Bras. M.G. 6. Fam. V. embriagado. (1)
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português ‘bicudo – 1813’. (CUNHA, 1987, p. 108)

37. BIGÓ Nm [Ssing]

É... bigó... bigó ainda tem muito ainda... ()... hoje tá muito fiscalizado né... NEM tá ficando mato nenhum que ocê tá passan[d]o por lá e ocê num vê... (Entr. 4. linha 152)

Ah... tem macaco aqui tem o macaco bigó ()... (Entr. 5. linha 141)

É... os florestal ((trecho muito confuso))... eu falei aquilo chama macaco bigó um macaco () cara branca parecendo soim... (Entr. 5. linha 143)

Bigó... bigó é um tipo de guariba né? (Entr. 7. linha 340)

Entr: Ah... eles morreu com a febre amarela? ((conversas paralelas))... mas tinha o soim e tinha aquele outro que ficava muito ne árvore né? / Infor: Bigó... macaco... (Entr. 8. linha 143)

O bigó também é quase tamanho de macaco né... ()... o soim é esse de cara branca né... e o outro é roxo... ()... (Entr. 8. linha 147)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e.

38. BODOQUE Nm [Ssing.]

Entr: Mas é... na época que... o senhor era criança ques brincadeira que tinha.... que fazia? / Infor: Aqui? / Infor: Nós brincava aqui de bodo::que... ocê conhece? (Entr. 8. linha 75)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Bodóque. “sm. Arco com duas cordas, e uma rede no meyo, na qual se poe a balla, ou pellouro de barro, com que se atira.”
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Badoque. “[Var. de *bodoque*.] S. m. Bras. AL 1. V. atiradeira.”
5. Amaral: ‘arco (...) de pequenas proporções, usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos.

Registro em glossários:

1. Souza: BADOQUE (A) s. Atiradeira; variante de bodoque (bodoque > badoque – caso de dissimilação). “Entr: Quando o senhor era pequeno o senhor caçava também?/ Inf: Caçava. / Entr: É mesmo! / Inf: Era badoque ((risos)) / Entr: Ah! / Inf: Era badoque de linha.” (Entr.7, linha 250)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português < árabe. (CUNHA, 1987, p. 115) Brasileirismo.

39. BOIADA-DE-CARRO NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

os animais-de-sela a notícia ia lon:ge... todo mundo... falava: “ó gente... animais-de-sela... boiada-de-carro... vacada-de-leite... é João Mariano... mais ninguém... é bobage... (Entr. 3. linha 478)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português.(CUNHA, 1987)

40. BOI-BALAIÓ NCm [Ssing + Ssing]

Gororós que vai cantan[d]o de honra a São José....tinha... as festa ... ((conversas paralelas)) juni:na... tinha o boi-balaio né... é... hoje ainda tem... inda tem... mas antigamente era tudo... como diz... à moda.. (Entr. 6. linha 305)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português+francês. (CUNHA, 1987)

41. BOI-DE-CARRO NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

pai pelo menos... ele tinha um gado... tanto a vacada-de-leite... dele como os boi de carro... era uma coisa que... a notícia ia lon:ge... (Entr. 3. linha 477)

É aquela gordura... o capim meloso ele tinha aquele mel... ca vassoura do rabo das vacas e dos boi- de- carro ocê pegava e pertava ela na mão assim ó... (Entr. 3. linha 487)

e era aquele gadão mestiço... bunito... aqueles gado chifrudo... ainda tem uns chifres aí dos boi de carro... (Entr. 3. linha 490)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

42. BOIS-DE-COICE NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}}]

essa cabeça que tá aí era dos boi-de-guia que sempre era menor... mas os bois-de-coice... era cada chifre desse tamanho assim... (Entr. 3. linha 494)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: Boi do coice. Animal que, num carro de bois, faz parte da dupla que se acha diretamente ligada ao veículo; bois de tronco.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

43. BOI-DE-GUIA NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

essa cabeça que tá aí era dos boi-de-guia que sempre era menor... mas os bois-de-coice... era cada chifre desse tamanho assim... (Entr. 3. linha 494)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.

3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: Boi da guia. Animal que, em um carro de bois, faz parte da dupla dianteira.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

44. BOI DE SABUGO NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

Boi de sabugo... carrinho de /fazia as cuia... a / a / a () de talo de banana... (Entr. 7. linha 236)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

45. BOTA(R) A PRIMERA CAPINA F [V + {A_{sing} . + N. + S_{sing} }]

Ah... isso aí é divera... igual cana... cana cê plantô ela... cê bota a primera capina nela... ali ele vai só... né... cê passa uma cortagem nela... ali os broto vai brotando [ou]tra vez... quando pensa que não... a planta cresce () né... (Entr. 10. linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português + português + indígena (tupi). (CUNHA, 1987)

46. BRAQUIÁRIA Nf [Ssing]

quando cê vê um campozinho que é pasto é esse capim plantado que é a braquiária... né... mas num tinha isso não... (Entr. 3. linha 489)

cortô os mato... pra... braquiária né... ()... num tem nada pra cumê né... é:... (Entr. 10. linha 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: grego. (CUNHA, 1987, p. 122)

47. BURDUADA Nf [Ssing]

ele sai andan[d]o... hora que ocê mexe com ele... ele incoie e isconde... ocê pode dá burduada assim por cima que num mata ele... (Entr. 1. linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Bordoada, s.f. De bordão + ada. Pancada com bordão; cacetada, bengalada.
4. Aurélio: Bordoada. S.f. Pancada com bordão; cacetada, paulada.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português, 'bordoada / XVI'. (CUNHA, 1987, p. 119)

Obs: metáfora

C

48. CABAÇA Nf [Ssing]

Ês usa mais né Cláudio ((conversas paralelas))... tem a cabaça... mas hoje em dia a gente num vê cabaça mais não... a gente planta... mas ela num dá... (Entr. 2. linha 199)

e nós tirava leite... era na cuia... tinha barde não... / Entr: Cuiá é...? / Infor: Cuiá de cabaça... (Entr. 3. linha 531)

Serrava as cabaça e fazia aquelas cuiá grande assim ó... como ela mesmo... ela é que tirava leite... mãe Sa Ernesta é que tirava leite e fazia os queijo... (Entr. 3. linha 536)

Entr: A cuiá é feita duma planta né? / Infor: É... é uma cabaça... ocê nunca viu uma cabaça não? (Entr. 3. linha 551)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cabaça. Espécie de abobara de carneiro; para a parte do pé, tem figura de pêra, & fazendo huma como garganta, se alarga em hum bojo.
2. Moraes e Silva: Cabaça. s.f. Espécie de abobora, que tem a figura de pera.
3. Laudelino Freire: Cabaça. s.f. Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, em forma de pêra ou de um 8, cujos dois bojós desiguais são separados por um colo mais ou menos estreito.//2. Vasilha formada pela casca inteira e seca desse fruto.//3. Qualquer vaso do feitio daquele fruto.
4. Aurélio: Cabaça. [De or. pré-romana, poss.] Substantivo feminino. 1.Bot. V. *cabaceiro-amargoso*. 2.V. *porongo*1 (1 e 2): —Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela, avidamente.¶ (Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, p. 317.)
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Cabaça • (A) • Nf [Ssing] • Desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • INF. 1: *Cuié de pau e a foia de cabaça né? PESQ.: Cabaça é aquele?... INF. 1: Cabaça é aquela abroba que a gente num come. PESQ.: Aquela dura? INF. 1: É. PESQ.: Que serve de enfeite? INF. 2: Não, a foia da cabaça eu num lembro não. Eu lembro é da ()*. (Ent. 1, linhas 452, 454 e 458)
3. Freitas: CABAÇA • (A) • Nf [Ssing] • desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • “Povo fazendêro aí trocava terra por uma cabaça de melado azedo” (Ent.11, linha 198)

Origem: desconhecida. ‘Vasilha’ / XV. (CUNHA, 1987, p. 131).

49. CABOCLADA Nf [Ssing]

Aí tem... mas é aquelas caboclada...é festa de rua...é mesmo festa... fazen[d]o é festa... os caboclo é todo enfeitado de / nos boné dê em roda assim é espeio... esses espeizinho redondo que põe ne borso? (Entr. 1. linha 373)

e os caboclo já é pena...a caboclada já é pena...a vestimenta deles é pena pura...pena de bicho...bicho do mato...pena de pavão...pena de jacu...essas coisa... (Entr. 1. linha 377)

os caboclo só vinha era de Serro... caboclada prata lá de Serro vinha... agora os marujo {é daqui da rua mesmo... é daqui mesmo}... tinha muito da rua e muitos de cá de roça... tudo era da turma da caboclada / da / da marujada... (Entr. 1. linha 381)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Caboclada, s.f. De caboclo +Ada. Classe dos caboclos.
4. Aurélio: [De caboclo + ada.] S.f. Bras. Grupo ou bando de caboclos.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Do tupi – ‘caboclada 1899’. (CUNHA, 1987, p. 131)

50. CABRESTO Nm [Ssing]

tirava lático de cabresto pra piá VA:CA... pô os bezerrinho pra MAMÁ... punha... arrumava... (Entr. 3. linha 505)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: CABRESTO. A corda, cõ que se prende a besta na estrebaria, e que tem lugar de freio.
2. Moraes e Silva: S.f. Corda, com que se prende a besta na estrebaria, e com que se governa, a que não leva freio, cabeções.
3. Laudelino Freire: Cabestro, s.m. Lat. *Capistrum*. Arreio de couro ou de corda, com que se prendem ou conduzem as cavalgadas pela cabeça, e sem freio.
4. Aurélio: [Do lat. capistru, com metátese.] S.m. Espécie de bucal (1) mais grosso, com todos os componentes da cabeçada (9), exceto a embocadura.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987, p.132)

51. CACIMBA Nf [Ssing]

comia lá pros mato... outra hora... chegava num rancho aí... debaixo de uma árvore... ficava pro ali ()... vinha a madrugada... arrancava que lá pra fora antigamente num tinha ()... trinta ou quarenta légua pra passá num corguinho aí... mas as água tudo aqui do () pra lá tinha que tirá na / na / na cacimba... (Entr. 4. linha 94)

E lá pro lado de Dom Joaquim tudo tem esses poço que esse minino trabaia lá ne... Governador Valada::res... Vitória... tudo pra aí afora ele fez... essas cacimba que ()... (Entr. 4. linha 102)

encheu ali quinhentos litro d'água a mesma da hora... é... mas fez muita vantagem a luz pra nós... como fato isso ali na casa daquele moço ali num assentô cacimba não... (Entr. 5. linha 102)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cacimbas. “(Termo do Brasil) Assim chamão humas covas, que como

pequenos poços abrem junto do mar, para tirarem água doce, que como tão vizinha da salgada fica ainda demasiadamente salobra, & apenas de serviço para o uso mais ordinario. Sahião, por agua as cacimbas do Recife. Britto, Guerra Brasilica, pág. 186. Os nossos, cõ o lodo dos charcos, & com as cacimbas das prayas. Vieira, Tom. 8. 547.”

2. Moraes e Silva: Cacimba. “sf. Cova que se faz em lugar humido, para nella se ajuntar agua, que reçuma; fazem-se junto as prayas e lenteiros.”
3. Laudelino Freire: Cacimba. “s.f. Quimb. *quixima*. Cova feita no leito seco dos rios temporários ou na areia e terrenos úmidos, para recolher água para usos domésticos.”
1. Aurélio: Cacimba¹. “[Do quimb. *Kixima*] S.f. 3. Bras. NE. Escavação em baixadas úmidas ou no leito de um rio, no qual a água se acumula como num poço.”
2. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: CACIMBA (A) s. Cova feita em lugares úmidos onde se acumula água. “*Esse rio... ele era um rio muito limpo... ninguém fazia panhar água em cacimba... só panhava no rio...*” (Entr. 12, linha 68)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Do africano (banto/quimbundo). (CUNHA, 1987, p. 184 / CASTRO, 2001, p. 186).

52. CACUNDA Nf [Ssing]

o pescoço dele é torto assim debaixo da cacunda do casco... hora que ele vai andá a cabeça sai de lado de fora... ele sai andan[d]o... (Entr. 1. linha 222)

porque tem casco por baixo... a barriga é casco e por cima na cacunda é casco... cascudo... chama cágado... (Entr. 1. linha 224)

Pois é... que antigamente havia é tropa... num havia caminhão... nem nada... havia era tropa... tudo na cacunda dos burro... (Entr. 2. linha 8)

Era tudo na cacunda dos burro... que num havia carro não... (Entr. 2. linha 20)

mas ele tava com uns quinze filhote... tudo garrado na cacunda dele... (Entr. 3. linha 113)

E na hora de passá no rio né... e tinha gente... era na cacunda e no carguero né... (Entr. 3. linha 520)

youê tomava café e ia embora pra sua casa... com a enxada na cacunda ou foice ou o que fosse o que ocê tivesse fazen[d]o... é... (Entr. 6. linha 154)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cacunda. —s.f. Corr. de *carcunda*. Costas, dorso. |
4. Aurélio: Cacunda. [Do quimb. *kakunda*.] S.f. Bras. 1. Dorso, costas. [Sin. (bras.): *canastra*.]
5. Amaral: Cacunda. —s.f. — costas: —... e ela se pohnou outra vez de cacunda, que é como dormia quase que a noite inteirinhall. (V. S.). — Para dor de peito que responde na cacunda, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L.). // Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de *corcunda*, passando por *carcunda*, como querem outros.

Registro em glossários:

1. Souza: CACUNDA (A) s. Costas, dorso. “*...por fim eu casei foi com esta aí... minha*

prima carnal aí...porque... que eu carreguei até na minha cacunda.” (Entr.4, linha 83)

2. Ribeiro: Cacunda • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • PESQ.: *E a água? Tinha água encanada ou não? INF. 1: Não. Era do corgo mia fia. PESQ.: Mas como fazia pá buscá? Ia no corgo? INF. 1: Era na cacunda mia fia.* (Ent. 9, linha 214)
3. Freitas: CACUNDA • (A) • Nf[Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • “*Fui caçá tatu tava com uma ispingarda vinte e oito na cacunda*” (Ent.02, linha 275)

Origem: Do africano (banto/quimbundo). (CASTRO, 2001, p. 188).

53. CAFÉ DE MUNHO NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}]

Fazê o cafezinho...o cafezinho... café... tem o café de munho né... você apanhava... tem o tempo próprio né... ia cuidá do café... da colheita... agora sacudí... colocava no pilão... socava... limpava ele... depois torrâ... (Entr. 6. linha 42)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

54. CAFÉ DE PILÃO NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}]

mas a vida... antigamente... era difícil...é... hoje... como diz... você vai no... no armazém... na mercearia... acha de tudo né... e de primeiro... arroz de pilão... café de pilão... (Entr. 6. linha 34)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

55. CÁGADO Nm [Ssing.]

Tem outro que fica ne / natureza dele é de / é de dentro d'água... chama cágado... ele é redondo.... hora que ocê mexe quele... hora que ele anda ele tem os quatro pezinho feito / feito rato... (Entr. 1. linha 220)

a barriga é casco e por cima na cacunda é casco... cascudo... chama cágado... (Entr. 1. linha 224)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: CAGADO, Cágado He huma especie de Tartaruga, mas muito mais pequena, que as celebres da Azia ,& da America; nem da concha dos cagados se faze obras.
2. Moraes e Silva: S.m, animal, que vive em agua doce, coberto de huma concha como a de tartaruga, convexa por cima, chata pola barriga, tem quatro pés , e o collo comprido.
3. Laudelino Freire: Cágado, s.m. espécie de tartaruga de água doce (*Testudo lutaria*).
4. Aurélio: [de or. Controvertida.] Bras. Zool. Designação de varias espécies de reptis quelônios, quelídeos, especialmente as do gênero *Hydraslis*, *Platemys* e *hydro medusa*, que vivem em lagoas rasas e terrenos pantanosos, e de pescoço tão longo quanto a coluna vertebral.
5. Amaral: 'cágudo, cáugdo, cago, cágado.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: controvertida. (CUNHA, 1987, p. 136)

56. CAINANA Nf [Ssing]

Cobra tinha e tem né... cobra tem diversas qualidade... tem jararaca... tem açu... tem cainana... (Entr. 1. linha 210)

cobra perigosa... essa pequena... tem muita qualidade de cobra aí... cainana... que ês trata ê de campero... (Entr. 4. linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Cainana, s.f. Corr. Do tupi-guar. *acãinan*. Espécie de cobra não venenosa (*Coluber paecilostoma*).
4. Aurélio: caninana. [Do tupi = 'cabeça em pé'.] S.f. Bras. Zool. Réptil ofídio, colubrídeo (*Spilotes p. pullatus*), comum em todo o Brasil, exceto no litoral meridional.
5. Amaral: 'caninana - cobra sem peçonha da fam. *Colubridae*.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Do tupi 'kani'nana'. (CUNHA, 1987, p. 148)

Obs: síncope.

57. CAIXA DE GUERRA NCf [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

hoje ainda tem... inda tem... mas antigamente era tudo... como diz... à moda... tudo da roça mesmo... aquelas ca / aquelas caixa de... que eles fala caixa de gue::rra... é... era tudo... à moda da roça mesmo... chamava-se batuque... (Entr. 6. linha 306)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Caixa de guerra, s.f. tambor, também chamado *caixa forte*.
4. Aurélio: Caixa clara. Tambor (3) de fuste médio, com bordões na membrana inferior, o que lhe confere uma sonoridade vibrante, e cujo registro (contralto ou soprano) depende das dimensões do instrumento; caixa de guerra, tambor de guerra.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

58. CAMPERO Nm [S_{sing}]

cobra perigosa... essa pequena... tem muita qualidade de cobra aí... cainana... que ês trata ê de campero... (Entr. 4. linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: monotongação.

59. CANDEIA Nf [Ssing]

De querosene jacaré... é... querosene jacaré... lumiava era com querosene... com querosene... ou então com candeia de azeite... candeia ocê sabe o que que é num sabe?(Entr. 6. liinha 462)

Que eu tenho uma ali... se ocê num sabe eu vou mostrá ocê... candeia... candieiro... com azeite... eu já tive muito azeite aqui... e tô com querosene ó... é... com querosene... lamparina é querosene e com candieiro... (Entr. 6. linha 465)

Fazia os candieiro... por cima da fornalha tinha uma candeia... dipendurada... lá ne Corgo Doce deve tê ela ainda... lá ne Duca ainda... (Entr. 7. linha 66)

É... lá ne Duca deve tê ela... eu lembro dela lá... lá em casa tinha a candeia... ficava em cima da fornalha... (Entr. 7. linha 69)

Tem o candieiro e... a candeia é um pratinho assim... de pó o azeite... (Entr. 7. linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Candea. Candea de garavato. He uma candea pequena sem pe, & que tem hum ganchosinho, donde se pendura.
2. Moraes e Silva: Candeia. sf. Ant. vela. vaso de metal para luz; e a luz: v.g. —apagar a candeia
3. Laudelino Freire: Candeia. —s.f. Lat. *candela*. Vaso de barro ou de folha que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar a luz na torcida que sai por um bico do mesmo vaso: —Pelos frestas das casas contíguas às de Álvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas| (Herculano).
4. Aurélio: Candeia. [Do lat. *candela*, _vela de sebo ou de cera'.] S.f. 1. Pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de folha-de-flandres, barro ou outro material, abastecido com óleo, no qual se embebe uma torcida, e de uso em casas pobres; candela, candil: —Leva a candeia e vê se os alumia.| (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade embora tarde*, p. 34.) [Cf. *lamparina* (2).]
5. Amaral: ‘candeia – árvore da fam. Das Linantéias. (...) O nome provém de que o pau é facilmente combustível, dando uma luz viva.’

Registro em glossários:

1. Souza: CANDEIA (A) s. Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. “É... candeia... naquele tempo num tinha vela... alumiava com azeite e cera do mato né...” (Entr.6, linha 15)
2. Ribeiro: Candeia• (A)• Nf [Ssing]• Lat. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. • *E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite. ... Candeia...* (Ent. 14, linhas 212 e 217)
3. Freitas: CANDEIA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. • “*Quano ele entrô que bateu com o oi ne mim menina é virô cada candeia desse tamãe com o oi assim*” (Ent.09, linha 162)

Origem: português. Candeia sf. ‘pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ vela de cera’ / XVI, candea XIII / Do lat. *candela*.| (CUNHA, 1987)

60. CANDEIA DE AZEITE NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

De querosene jacaré... é... querosene jacaré... lumiava era com querosene... com querosene... ou então com candeia de azeite... candeia ocê sabe o que que é num sabe? (Entr. 6. linha 462)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

61. CANDIEIRO Nm [Ssing]

Que eu tenho uma ali... se ocê num sabe eu vou mostrá ocê... candeia... candieiro... com azeite... eu já tive muito azeite aqui... e tô com querosene ó... é... com querosene... lamparina é querosene e com candieiro... quem não tinha candieiro e nem querosene e num tinha dinheiro pra comprá... (Entr. 6. linha 465)

E tinha os candieiro... () fazia lá... cê lembra? (Entr. 7. linha 64)

Fazia os candieiro... por cima da fornalha tinha uma candeia... dipendurada... lá ne Corgo Doce deve tê ela ainda... lá ne Duca ainda... (Entr. 7. linha 66)

Tem o candieiro e... a candeia é um pratinho assim... de pó o azeite... (Entr. 7. linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Candieiro. “Vaso de latão, folha de Flandes, ou outra materia, em q se deita azeite com torcida, para alumear. Segundo F. de Oliveira, no cap. 39 da sua Gramm. Port., candieiro, se deriva do verbo latino *Candeo*, *candes*, que quer dizer *Resplandecer*, (ou para melhor dizer), *Arder*, & o candieiro resplandece, & arde, porém quando tem lume, & não sempre, (como advertio o dito author)”
2. Moraes e Silva: Candiêiro. “sm. Vaso de metal para óleo, com bicos por onde sai torcida, que se accende.”
3. Laudelino Freire: Candeeiro. “s.m. De *candeia* + *eiro*. Vaso de várias formas, em que se coloca azeite, querosene ou gás inflamável para iluminação: “O bofete de pau santo e pés torneados, o candeeiro de latão e a anarquia dos papéis completavam o pitoresco painel do lar doméstico” (Rebello da Silva).”
4. Aurélio: Candeeiro. “[De *candeial* + *-eiro*.] S. m. 1. Aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lampião, leocádio: “Acendia, tão logo anoitecia, um candeeiro de querosene” (Povina Cavalcanti, Volta à infância, p.18)”
5. Amaral: ‘candiêro – lamparina de lata, com torcida, e que se alimenta com azeite

ou querozene.”

Registro em glossários:

1. Souza: CANDIEIRO (A) s. objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. *"É... hoje é... e antigamente ocê amanhecia o dia aí tranqüilo... com os candieiro aceso assim ó... amarrado lá em cima na telha..."* (Entr.7, linha 188)
2. Ribeiro: CANDEIRO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. • *E o ot[r]o é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite. ... E ali aquela/ a luz que usava () candeero. (Ent. 14, linhas 212 e 215)*
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Candeeiro, XIV. (CUNHA, 1987, p. 146)

Obs: candeeiro > candieiro (assimilação)

62. CANOAGEM Nf [Ssing]

e a gamelinha no fundo dela... lá no fundo no centro tinha uma meia canoagem... e o oro é pesado né... o oro / ocê ia tiran[d]o aquela imundície e o oro ia fican[d]o naquela / naquela panelinha lá embaixo... (Entr. 1. linha 439)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Do castelhano ‘canoa’, derivado do aruaque. (CUNHA, 1987, p. 148)

63. CANSANÇÃO Nf [Ssing]

fomo prendê um gado lá... e fomo fazê uma cerca pruma serra acima... tinha uns cansanção branco quemadô... ocê conhece ele? (Entr. 8. linha 70)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Cansanção, s.f. Arbusto da família das urticáceas, também chamado *urtiga brava*, *urtiga-fogo*, *urtiga grande*, *urtiga vermelha* e *urtigão* (*Urera baccifera*, Gaud.).
4. Aurélio: [De or. Obscura.] S.m. Bras. Bot. Designação comum a várias espécies das famílias das euforbiáceas, losáceas, e urticáceas, caracterizadas por pelos urticantes e

vesificantes, que agridem a pele humana ao primeiro contato.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: obscura. (CUNHA, 1987, p. 148)

64. CAPADO Nm [Ssing]

...lá no ingenho...nós ia pô cumê pros capado... juntava aquela passarada lá... pra cumê o resto das cumida dos capado... hoje ocê não vê um passarinho... (Entr. 3. linha 42)

É... os porco... é... ficava fechado ali... num ficavam sorto à liberdade não... era preso... mas era uma manga grande... agora é partido no meio os capado numa parte... (Entr. 3. linha 49)

é uai... antigamente ia café... arroz... mio ... rapadura... capado... ia tudo pra dispensa do Serro... hoje não a dispensa do {Lucas é no Serro}... (Entr. 7. linha 166)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Capado. —Filho da cabra, já mayor, passando de anno, ordinariamente são capados.¶
2. Moraes e Silva: Capado. —Substantivamente se entende do porco, e talvez do bode, castrados, e dos homens capados.¶
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Capado. [Part. de *capar*.] Adjetivo. **S.m. 3.**Bras. Porco castrado que se destina a engorda.
5. Amaral: ‘porco castrado’.

Registro em glossários:

1. Souza: CAPADÃO (A) s. Porco grande e castrado para engorda. “... *ês chegava aqui / aqueles capadão gordo / naquele tempo tinha fartura demais... atirava na cacunda de um porco...*” (Entr.12, linha 227)
2. Ribeiro: Capado • (A)• Nm [Ssing]• Lat.• Porco grande e castrado para engorda. • *Ingordava o capado. Matava o capado tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuia lá no canto. (Ent. 11, linha 113)*
3. Freitas: CAPADO • (A) •Nm[Ssing] • Lat>Port • Porco grande e castrado para engorda. • “*Nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrêro é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim*” (Ent.09, linha 449)

Origem: português. Capado. —v. capão¹ —capão¹ sm. ‘galo castrado’ XIII. Do lat. **cappō* –*ōnis* (class. *Cāpō* –*ōnis*) (CUNHA, 1987, p. 150)

65. CAPUEIRA-BRANCA NCf [Ssing + ADJ_{sing}]

...mas é preciso de conservá a natureza pra esses bicho / ó se tem uma árvore que dá fruto tá lá aquela árvore mesmo... ((aponta para uma árvore)) dá fruto () capueira-branca a lá... a lá... (Entr. 5. linha 152)

É... capueira-branca... eu deixo ela pros passarinho () aqui tinha um bando de jacu rapaz aqui... comen[d]o banana... comen[d]o fruta aqui no quintal do alto da serra voava tudo pras vage... (Entr. 5. linha 156)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Capueira branca, s.f. Planta da família das solanáceas, também chamado *braço de preguiça* (*Solanum cernuum*, Vel.).
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi + português. (CUNHA, 1987, p. 152)

66. CAPUEIRADA Nf [Ssing]

mas ocê não via essa capueirada que ocê tá vendo aí até hoje em dia ó... aquilo era meloso de baixo em cima... e o pasto que tinha também era meloso... puro meloso... (Entr. 3. linha 483)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi. (CUNHA, 1987, p. 152)

67. CARANGONÇO Nm [Ssing.]

Ah... aquele é carangonço... muita gente hoje fala é... como é que ês fala gente? (Entr. 1 linha 168)

Escorpião... é... mudô o nome pra escorpião... mas todo mundo falava era carangonço... (Entr. 1. linha 170)

É... aqui no Dom Joaquim... nos dentista... () tem um deles que era casado e tinha uma

menina que ea morreu com a idade de dez anos ofendida de / de carangonço... (Entr 1. linha 176)

Mordeu ela e num teve cura... aquilo se mordê a pessoa / o menino na época do... do mês / que na fulinha tem o mês do carangonço... (Entr 1. linha 179)

Tem... {cê oia nessas fulinha Mariana}... essas antiga... assim por cima onde começa o / o / a data do mês... tem o carangonço... tem o cabrito... tem o caranguejo... aqueles preto... cabiludo.... (Entr 1. linha 182)

É... Sei que ele é preto... esse / esse por aqui também ainda tem dele... até hoje tem... custa muito achá... mas tem... ele é cabiludo... e o caranguejo / o carangonço é menor... piquitito e com aquele rabo... com aquela vorta... aonde o veneno é na ponta do rabo... feito... a cobra... a cobra o veneno dela é na presa... a presa é furada e tem o veneno... e o / o que / que eu falei que era? (Entr 1. linha 185)

Não... é... o carangonço... o carangonço também ocê vê o ferrão na ponta do rabo... ocê cortô aquela pontinha... ele pode mordê lá com o dente e tudo... mas num vale nada... (Entr 1. linha 190)

É tamanho assim do... pouco maió que o carangonço... e preto... e duro / uma casca dura... aquilo eu / eu sabia do nome dele... mas num lembro agora... (Entr 1. linha 207)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Carangonço s.m. Variedade de escorpião.
4. Aurélio: Carangonço [De caranguejo, poss.] S. m. Bras. MG Zool. 1. V. escorpião.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: CARANGONÇO • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Animal artrópode semelhante ao escorpião de cor escura e também venenoso. • “*Aqui em casa num parece iscurpião não num tem não...o carangonço tamém não...o carangonço é um bicho desse tamãim assim cumprido perna pum lado e por ôto e ele é roxo da core dos seus ôi assim então ele...ê tem uma truquesa na frente assim e ôta no rabo se ocê mexê cum ele ê morde com a truquesa e morde com o rabo*” (Ent.09, linhas 478 e 479).

Origem: do banto, quimbundo ‘escorpião’ (CASTRO< 2001, p. 202).

68. CARGUERO Nm [Ssing]

...punha... arrumava... no outro dia pegava o carguero com aqueles balaião de puxá mio... (Entr. 3. linha 505)

...meloso vivia dessa altura assim por todo canto.. forrava bem forrado chegava lá punha os bezerrinho dentro dos balaio dos carguero... deixava as vacas cheirá pra elas conhecê aqueles bezerrinho que tava dentro do balaio... e elas vinha companhan[d]o o carguero... (Entr. 3. linha 507)

...trazia os bezerrinho no carguero... de lá do Quilombo até aqui... (Entr. 3. linha 516)

E na hora de passá no rio né... e tinha gente... era na cacunda e no carguero né... era com aquela dificuldade toda... (Entr. 3. linha 520)

...e conduzia o gabinete deles no carguero... num tinha carro essa ocasião não... existia

carro não... era conduzido no carguero... (Entr. 3. linha 600)

Não... carguero é um animal de carro/com a carruagem... é o animal...(Entr. 3. linha 604)

Hum? Tropa é... o cargueiro é tropa... (Entr. 3. linha 606)

Entr: E o senhor chegou mexê com tropa assim? / Infor 2: Não... não... / Entr: Não né... mas carriar? / Infor 2: Carriá... / Terc: Carguero... / Infor 2: () carguero assim... puxá mio... (Entr. 7. linha 273)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cargueiro. s.m. Animal que transporta carga sôbre o dorso.
4. Aurélio: Cargueiro. [De *carga* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 4. Que transporta carga.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: CARGUERO • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Animal que transporta carga sobre o dorso. • *Meu pai tinha uma () tinha um carro de boi. Lá na roça num havia condução. Num tinha caminhão, num tinha/ pra transportá as coisa tinha era carguero. (Ent. 14, linha 165)*
3. Freitas: CARGUERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Animal que transporta carga sobre o dorso. • “*Ê passava a carga pro caminhão e eu vortava com os carguêro pra trás*” (Ent.04, linha 263)

Origem: Do cast. *cargoso* 1873. (CUNHA, 1987)

69. CARNERO Nm [Ssing.]

eu pelo menos minha água sempre foi / uma água ali ó ((aponta para uma direção)) tinha água ali aí ó () mesmo que tinha um carnero ali em baixo a água num () dipois o carnero () junto com uma bomba de rodá água () lá em baixo () dava uns quinze metro de cano que a água vinha aqui em cima ó ((conversas paralelas)) lá pra baixo da () essa bomba nova lá... (Entr. 5. linha 88)

essa água boi chega lá na casa dele... lá no mesmo dia o rapaz até ficô admirado com minha inteligência... o pedreiro dele... por quê? Foi / trabalhamos de tarde a / a / tava esquecen[d]o o carnero de tarde ()... (Entr. 5. linha 104)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Carneiro, s.m. 8. Espécie de bomba.
4. Aurélio: V. Aríete (2). Aríete. 2. máquina para elevar água, acionada pela própria água.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: monotongação

70. CARRANCA Nf [Ssing]

às vezes Antonio aqui sozinho... acostumô demais... quando eu tô aqui... arrumo uma carranca .. eu dô uma de... sabe? (Entr. 6. linha 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Deforme mudança de rosto, arrugando a testa, arcando as sobrancelhas.
2. Moraes e Silva: S.f, o semblante triste, carregado cenho.
3. Laudelino Freire: Carranca, s.f. De cara. Cara carregada ou de sobrancelhas caídas; testa enrugada, que indica mau humor.
4. Aurélio: [De *cara*, *poss.*] S.f. 1. Semblante sombrio, fechado, carregado, com aspecto de mau humor.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: obscura. (CUNHA, 1987, p. 159)

71. CARRIA(R) [V]

Entr: E o senhor chegou mexê com tropa assim? / Infor 2: Não... não... / Entr: Não né... mas carrear? / Infor 2: Carriá... / Terc: Carguero... / Infor 2: () carguero assim... puxá mio... (Entr. 7. linha 273)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e.
3. Laudelino Freire: Carrear, v.r.v. De carro +ear. Conduzir em carro.
4. Aurélio: Carrear. 7. Guiar carros.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

72. CARRERO Nm [Ssing.]

eu podia ter ido embora né... e diferente disso... é o sofrimento aqui na roça... fazia de tudo... de carrero pra cima tudo era com nós... (Entr. 4. linha 13)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Carreiro. —[De *carro* + *-eiro*.] S.m. 1. Guia de carro de bois; guieiro.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Carrero • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Guia de carro de bois. • *O Zé Coração é carrero.* (Ent. 4, linha 169)
3. Freitas: CARRERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Guia de carro de bois. • “*Pegava boi de qualquer tipo no pasto depois passei pra cê pra cê carrêro...mansei mûcho boi mûcho burro brabo*” (Ent.05, linha 07).

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: monotongação

73. CARRO DE BOI NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

É no carro todo tipo de coisa de puxá no carro é com os boi né... no carro de boi era com os boi.... mio... feijão... cana... lenha... madeira de todo tipo... madeira fina... tora... tábuas... (Entr. 1. linha 320)

mãe fazia aquele isforço e nos levava naquela dificuldade que nós costumava ir até de carro de boi... num tinha carro de gasolina... num tinha as estrada boa como que tem hoje... então... nós ia... pai botava as / as / as coisa que precisava tudo no carro de boi e mandava nos levá no carro de boi lá pra / pra rua... (Entr. 3. linha 419)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Carro. Carruagem de carga tirada por boys. Consta de leito, chaveiros, fueiros, chamaceiras, mesas, cadeas, cavaleares, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, cainbas, eixo, tamoeiros, relhos, brochas, canga, cangalhos, &c.
2. Moraes e Silva: Carro. s.m. Instrumento de carregar; consta de rodas, leito, apeio, &c. é tirado por bois, ou cavallos.
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Carro de boi. Substantivo Masculino 1. Carro (1) movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parelhas de bois, e guiado por carreiro (1).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: CARRO DE BOI • (A) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Carro movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parelhas de bois, e guiado por carreiro. • *PESQ.: O senhor fazia o quê? INF. 1: Mixia cum carro de boi, candiero.*

(Ent. 9, linha 11)

3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. (CUNHA, 1987)

74. CASA DE MORADA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]

“eu vou vendê procê minha casa de morada pra mim pagá...” Falei: “ah Cícero... mas não é possíve[l]... ocê vai vendê sua casa de morada... procê pagá essa importância que ocê ficô deven[d]o pai... não há necessidade disso não...” (Entr. 3. linha 289)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: CASA DE MORADA • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Qualquer casa que ser para se viver. • *Sem casa de morada, sem nada, sem nada. Aí meu pai deu de cima, meu pai duente ia p[r]o Guapé, vai daqui, vai dali. Teve mió foi pra nós num foi preles.* (Ent. 7, linha 89)
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. (CUNHA, 1987)

75. CATINGA Nf [Ssing]

Aquele já é... é hora que ele peida... que a catinga dele tá no peidá... ((risos)) é jaratitaca... (Entr. 1. linha 261)

Ah... não... aquilo onde ele peidá... a catinga dele é naquilo... até uma criação de gado que passá perto deles lá e ela... sortá um perfume... ((risos)) ela chega em casa ocê vê ah... o bicho já peidô nela... que ela chega com aquela catinga... custa... custa cabá... (Entr. 1. linha 265)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ‘Catinga. Palavra de Angola, fedor de Negros’.
2. Moraes e Silva: ‘Catinga. s.f. Transpiração fetida dos sovacos, & c’.
3. Laudelino Freire: ‘Catinga. s.f. Cheiro desagradável da pele dos negros; murrinha.’
4. Aurélio: Catinga¹. [Do guar. *kati*, ‘cheiro forte’] S.f.. Bras. 1. Cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo; bodum; murrinha’.
5. Amaral: ‘mau cheiro de gente, de animais, de roupa suja, etc.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Catinga • (A) • Nf [Ssing] • Inc. • Cheiro forte e desagradável que exala do corpo humano. • *Decerto os vizinho viu a catinga, né?* (Ent. 13, linha 202)

3. Freitas: CATINGA • (A) • Nf[Ssing] • Afr. • Cheiro forte e desagradável. • “Bateu uma catíngá de inxofre...inxofre mia fia e um trem fez assim com a moita pareceno um ridimuim num tava ventano nem nada mas fez assim mesmo com a moita” (Ent.09, linha 119)

Origem: banto/kimbundo (CASTRO, 2001, p. 206).

76. CATREZIM DE CAVALETE NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}]

cavacô debaixo do catrezim de cavalete dele pra vê se achava... diz que num acharam não... ês fa:la... ês fa:la... mas falá num é coisa que num pode aprova né... porque num enxerga... num enxergô e nem escutô... às vezes num achô... que isso tava no mato... tá isso lá enterrado até hoje... lá praquelas berada onde era quintal dele lá no mato... (Entr. 1. linha 483)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

77. CAVACA(R) [V]

achô que tava dentro de casa né... que disse que tinha até cavacado dentro de casa né... que ês cavacô... essa turma que matô ele lá... disse que era uns quatro... cavacô achan[d]o / cavacô debaixo do catrezim de cavalete dele pra vê se achava... (Entr. 1. linha 481)

ia com uma cavadeira de pau cavacá o melado todo assim né... que já tava meio açucarado... cavacava... cavacava... cavacava... cavacava... cavacava... até tinha cavacado tudo na gamela... (Entr. 6. linha 425)

agora pegava aquela rapadura... aquele que cavacô... nas gamela... e punha ali... até enchê... cê sabia a quantidade mais ou menos... agora aqui... punha uma gamela... debaixo aqui pra pará... (Entr. 6. linha 429)

cavacava tudo... limpava tudo... por cima e cavacava... e cavacava aquilo com a forradera tirava aquês torrão assim e botava botan[d]o no estalero... ((trecho confuso))... (Entr. 7. linha 103)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cavacar, v.tr.dir. O mesmo que escavar.
4. Aurélio: Cavacar. **V.t.d.** 1. Abrir cava em; escavar, cavar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

78. CAXINGUELÊ Nm [Ssing.]

Aquele é... caxinguelê... (Entr. 1. linha 116)

Ah... aquilo é caxinguelê... aqui tem muito... tem muito ainda... muito de aí... é um bicho que desce na vage... mas fica mais é caçan[d]o coqueiro... ele parece na televisão... (Entr. 5. linha 172)

Mas piqueno... da cara branca... caxinguelê eu conheço.... (Entr. 7. linha 341)

Caxinguelê é parente de soim né? (Entr. 7. linha 350)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Caxinguelê, s.m. Animal da ordem dos roedores, também chamado *caxinxe*, *esquilo*, *serelepe*, *cuatí-purú* (*Sciurus aestuans*, Lin.).
4. Aurélio: Caxinguelê. [Do quimb. Kaxinjiang'elê, 'rato de palmeira'.] Bras. N.E L. Zool.. V. serelepe (1).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: banto/Kimbundo (CASTRO, 2001, p. 208); (CUNHA, 1987, p. 168)

79. CERTIMZIM Nm [Adjsing.]

É pouco menos que... às vezes esse pau né... mede os parmo seu aqui... pai... pai os parmo de pai era quatro parmo pra dá um metro certimzim... (Entr 1 linha 8)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

80. CEVA(R) [V]

Ficô não... num tinha / ele tinha um animalzim... num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do ganhã[es]... aonde o corgo do jacaré dispeja no ganhã[es]... ele morava era ali... ele é que cevava poço lá no ganhã[es] pra pai soltá bomba... ocê já ouviu falá ne bomba que é soltado na água pra matá peixe? (Entr. 1. linha 542)

Muito peixe... cevava ês... Antonio Mariquinha cevava ês... punha mio lá... no dia / naqueles horário que pai ia... ele já sabia... cevava ês... ele levava mio em casca marrado numa () punha lá... outra hora levava canjica de mio e jogava... tudo naquele horário... (Entr. 1. linha 556)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cevaz, 4. Por isca em (tr. dir.).
4. Aurélio: Cevaz. 5. Por isca em.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

81. CHEGA(R) NO CONHECIMENTO F [V + {Prep + Asing} + Ssing]

Veio aqui e conversô com mãe...ela deu um durozinho.. chegou ela no conhecimento...ela foi e cedeu... e eu casei... mas... tudo que eu queria com ele... (Entr. 3. linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

82. CHIFRE MESTRE NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

VeaDO... tem veado... veado tem o gaiero... por aqui num tem dele... mas tem / já vi o retrato... a figura dele muito... muito... o chifre dele é aquela gaiaria de chifre... tem o chifre mestre lá na cabeça... (Entr. 1. linha 146)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: castelhano + português. (CUNHA, 1987)

83. CHIFRIM N_m [S_{sing}]

Só um... é... e de dois é os chifrim natural feito boi... (Entr. 1. linha 159)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: castelhano (CUNHA, 1987)

84. COBRA-CIPÓ NC_f [S_{sing} + S_{sing}]

Uma cobra dessas cumpridinha assim... que parece cipó mas num é a cipó não... acho que era jararaca... aqui tem muitas qualidade de cobra né... tem surucucu... jararaca... cobra-cipó... coral... (Entr. 6. linha 227)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cobra de Cipó. Serpente do Brasyll, de côr azeitonada, que se mantém de raãs, & tão venenôsa, que só o fogo pode atalhar os progressos do mal, que causa.
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cobra-cipó, s.f. Cobra de aspecto semelhante ao do cipó.
4. Aurélio: S.f. bras. Zool. Designação comum a várias espécies de reptis ofídios, de corpo muito fino e alongado, geralmente verde e hábitos arborícolas.

5. Amaral: ‘nome de várias espécies da fam. *colubridae*: cobras compridas, delgadas e ágeis.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português + tupi. (CUNHA, 1987)

85. COCHO Nm [Ssing.]

*É... lá tinha a manga lá... lá tinha os cocho de pô comida pros porcos de engorda... agora os de criá era outra manga separada... lá ocê jogava só o mio... (Entr. 3. linha 46)
pra fazê um doce ou uma quitanda... era assim... a goma... ralava a mandioca.... punha no cocho pra azedá... que é o porvio né... nós falamo goma.... agora punha naquele cocho ali... (Entr. 6. linha 444)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cocho. s.m. 4. Espécie de vasilha oblonga, onde se põe água ou comida para o gado, e que serve também para a lavagem da mandioca ou fabrico da farinha.
4. Aurélio: Cocho. (ô) Substantivo masculino. 3.Bras. Cabo-verd. Espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca, etc.: —Come a ração no cocho da mangueira / Um velho pangaré. | (Ricardo Gonçalves, *Ipês*, p. 44.)
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Cocho • (A) • Nm [Ssing] • Cont. • Espécie de vasilha em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou comida do gado. • *Não, é assim ó: a árvore é reta né? Corta reto assim depois corta assim chanfrado assim? Ai, que fica tipo dum cocho aí a resina vem e para aqui onde cortô reto. (Ent. 1, linha 426)*
3. Freitas: COCHO • (A) • Nm[Ssing] • cont. • Espécie de vasilha em geral feita com um tronco de madeira escavada. • *“Uai nós fazia é...tomava aquele ponto assim...de malado maisi...mais ralo...e punha no cocho...cocho de pau” (Ent.07, linha 47)*

Origem: controvertida. (CUNHA, 1987, p. 192)

86. COLCHÃO DE PALHA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

*Era difícil né... () nós dormia no colchão de paia... hoje em dia a gente num vê mais isso... (Entr. 2. linha 68)
Colchão de paia... rasgava a paia / quando a paia ficava véia a gente jogava fora... lavava os colchão e enchia de paia nova... mas tinha que rasgá... pra podê deitá... (Entr. 2. linha 70)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

87. COMPARAÇÃO Nf [Ssing]

...cê vai vendê ela por dois reais ou... comparaçã... aí você fala comigo... mas e o tempo que eu vou gastá... mas é divera... no fim das contas... acho que... num dá tanto lucro assim não... acho que o lucro é pouco mesmo... (Entr. 6. linha 288)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: COMPARAC,AM.Comparaçã. A ação de comparar huma pessoa, ou huma cousa com outra.
2. Moraes e Silva: S.f. ação .de comparar.
3. Laudelino Freire: Comparação, s.f. Lat. *Comparatio*; *comparationem*. Ato ou efeito de comparar; confronto, paralelo.
4. Aurélio: [do lat. *comparatione*, ‘confronto’.] S.f. Ato ou efeito de comparar; confrontação, confronto, cotejo.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

88. COMPASSO Nm [Ssing.]

Compasso do mio... do antigo... das planta... duma cova na outra... duma cova da outra... seis parmo... (Entr. 1. linha 1)

o compasso do mio e do feijão... café... é dois metro... duma cova na outra... aonde é café só... (“tá ligado?”) (“tá”)... aonde é café só... banana também o compasso dela... aonde há bananeira só... é o mesmo compasso de... de café... o mesmo compasso... cana... é um metro... é um metro duma cova na outra... um metro é... (Entr. 1. linha 3)

mas eu sei do compasso que eu vi lá no Sampaio... lá na minha avó... (Ent. 1. linha 30)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Compasso, s.m. 5. Medida, regra.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

89. COM PO(U)CO [Loc. ADV.]

A rapadura a gente moía a cana... cabava de moê levava pra tacha pra podê ()... com poco () ela dava a conta de subí... batia ela... ela descia... parava com o ()... ela ia descen[d]o... ia descen[d]o... tomava o ponto da rapadura... (Entr. 8. linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Com pouco, loc. Adv. Pouco tempo depois, sem mais tardar, daí a pouco: “*Com pouco* ali apareceu o canho montado no murzelo” (Alencar).
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

90. CORGO Nm [Ssing]

...num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do guanhã[es]... aonde o corgo do jacaré dispeja no guanhã[es]... (Entr. 1. linha 542)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Corgo. s.m. Pop. O mesmo que córrego.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: Córgo *córrego* s. m. - riacho. | F. J. Freire dá o t. como antiq. e equivalente 'a —regueirol. Ad. Coelho, na —Ling.¶, dá esta palavra entre as que —estão realmente caídas em desuso ou vivem só como termos provinciais.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Corgo • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat. • Riacho • *É. Aí és rezava, cantava, pidia um pai-nosso e umas três ave-maria pas arma. E tale coisa. E diz que num pudia incontrá. Aí se tivesse ota turma rezano de lá do corgo... (Ent. 13, linha 437)*
3. Freitas: CORGO • (n/A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Riacho • “*Fui lá no corgo tomei bãim passei um trem na cabeça assim o sangue taiô*” (Ent.02, linha 106)

Origem: português < latim. (CUNHA, 1987)

91. CORDA DE BACALHAU NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

ô coitado... brinquedo...antigamente... era balango né... balangô... amarrava um cipó... era cipó... num era corda de bacalhau nem nada não... ia no mato... tirava um cipó... (Entr. 6. linha 372)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português + origem controvertida. (CUNHA, 1987)

92. CRIVO Nm [Ssing]

Tipo uma mesa... mas porém cheio de crivo né... agora punha um pano por cima tipo essa:.... essa mesa aqui... (Entr. 7.linha 113)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: He hum aro de madeyra delgada, sobre hum fundo de couro cru de cavallo,ou outro animal, cheo dc muyto furo.
2. Moraes e Silva: s. m. especie de peneira de coiro crú furado com muitos buracos para se alimpa o trigo.
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: Crivo. 2. Coador.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

93. CUADO(R) Nm [Ssing]

agora hoje tem banca... tem porção de trem... tem cuadô né que quem trabaia lá... o sujeito vai lavan[d]o... vai lavan[d]o a hora que / que tem o ismiri[l] que é preto... e tem o oro... procê apurá... (Entr. 4. linha 126)

É... bateia... sem a bateia num tirava não... num tira... agora hoje tira por conta disso... que tem a / a banca né... que lavra ali e ele sai no cuadô lá e... (Entr. 4. linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

94. CUATI Nm [Ssing.]

É... cabô... mas eu conheço muita qualidade de bicho do mato... tem gato do mato... cachorro do mato... cuati:::... de duas qualidade... (Entr. 1. linha 101)

() de cuati pra cima de tudo ocê encontrava... tatu... paca... cutia... né... veado... onça... (Entr. 8. linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cuati, s.m.Zool. Pequeno mamífero da América meridional, da ordem dos carniceiros, também chamado *urso-narigudo*.
4. Aurélio: Quati. [do tupi = ‘nariz pontudo’.] S.m. Zool. Mamífero carnívoro, procionídeo (*Nasua nasua*), com sete subespécies distribuídas por todo o Brasil.
5. Amaral: ‘carnívoro da fam. ‘Procynidae’.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *kua'ti* (CUNHA, 1987, p. 231)

95. CUIA Nf [Ssing]

É uai... Brincan[d]o que eu tava minino... e trabalhan[d]o... coisa fácil... com a cuia ia pegan[d]o e pon[d]o dentro dos balaim... (Entr. 1. linha 94)

nossa janta tava guardadinha lá no canto da fornalha... cada / cada / cada um com um prato de cumê... tampado lá na fornalha pra nós jantá... pra podê cabá de chega... e nós tirava leite... era na cuia... tinha barde não... (Entr. 3. linha 530)

Cuia de cabaça... (Entr. 3. linha 534)

Serrava as cabaça e fazia aquelas cuia grande assim ó... (Entr. 3. linha 536)

ela que era a vaqueira e mãe Dedé também era... a vaqueira... ela que tirava o leite... essas cuias redonda deste tamanho assim ó... (Entr. 3. linha 540)

elas baixava debaixo da vaca... prendia a cuia assim no colo... pra podê puxá com duas mãos ó... (Entr. 3. linha 542)

É... é uma abóbora... é uma abóbora... mas só que quando ela amadurece e seca... cê pode abrir ela no meio assim e dá duas cuia... {é... é}... duas cuia que dá... (Entr. 3. linha 554)

barde num tinha não... num tinha barde não... era na cuia que tinha que tirá... (Entr. 3.

linha 561)

Boi de sabugo... carrinho de / fazia as cuias... a / a / a () de talo de banana... (Entr. 7. linha 236)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cuya. Vaso de barro, em que bebe o Gentio do Brasil. Rede, cabaço, & cuya.
2. Moraes e Silva: Cuiá. V. *Cuya*.
3. Laudelino Freire: Cuiá. s.f. 2. Casca do fruto da cuieira, que depois de seca é empregada na fabricação de pratos, púcaros e outros utensílios.
4. Aurélio: Cuiá. [Do tupi.] Substantivo feminino. 2. Vaso feito desse fruto maduro depois de esvaziado do miolo. [Sin. (nessas acepç.): *cabaça* ou *cabaço*, *coité*, *cuieté* ou *cuietê*, *cuité* ou *cuitê*.]
5. Amaral: ‘metade de um fruto de cabaceira, ou *cuieté*, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinha’.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: CUIA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • INF. 1: *Cuié de pau e a foia de cabaça né? PESQ.: Cabaça é aquele?... INF. 1: Cabaça é aquela abroba que a gente num come. PESQ.: Aquela dura? INF. 1: É. PESQ.: Que serve de enfeite? INF. 2: Não, a foia da cabaça eu num lembro não. Eu lembro é da (). (Ent. 1, linhas 452, 454 e 458)*
3. Freitas: CUIA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • “PESQ.: e comé que era esse fuso? INF.: ê tá aí enrolado...não é uma tábua quarquê sabe o povo fazia até de caco de cuiá na época até de caco de cuiá ês fazia o fuso” (Ent.04, linhas 19 e 20)

Origem: tupi ‘kuia’. (CUNHA, 1987, p. 232)

96. CUMUNHEIRO Nm [Ssing.]

Hoje / por isso que tá esse cumunheiro... num há moça mais não... num há... num tem isso não... já é tudo muié... pode falá que já é muié... faz o que que... num tem moça VIRgem mais no mundo... (Entr 1. linha 398)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

97. CUPIM Nm [Ssing.]

Cabô... ()... cupim cumeu tudo... (Entr. 9. linha 76)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cupim, s.m. pequena formiga esbranquiçada, que corrói a madeira e que em Portugal é conhecida por *formiga branca*.
4. Aurélio: [Var. de *cupi*.] S.m. Bras. Zool. Designação comum aos insetos isópteros.
5. Amaral: 'designa várias espécies de termitas, que constroem grandes *casas* de terra; a habitação dos cupins, a que se dá também o nome de *cupinzê(i)ro*.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi *kupi* 'i. (CUNHA, 1987, p. 234)

98. CURIÓ Nm [Ssing]

Terc: paca sumiu muito tia... canarinho-chapinha... curió... / Infor 2: Curio desapareceu... bicudo desapareceu... (Entr. 7. linha 321)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Curió, s.m. Ave canora, de bico preto, cabeça e costas pretas e papo cor de barro vermelho; avinhado (*Oryzoborus torridus*).
4. Aurélio: [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Ave passeriforme, fringílida (*Oryzoborus angolensis*), distribuída por todo Brasil.
5. Amaral: 'certo pássaro (avinhado).'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: de provável origem tupi (CUNHA, 1987, p. 235).

99. CURISCO Nm [Ssing.]

aquelas veste né... tem umas que põe só aquela tirinha... como diz Julinha de Juquinha... aquela tirinha ((risos)) que aquilo chama curisco... Julinha fala que aquilo chama / o nome daquilo chama curisco... tampa o cu e o risco... ((risos)) isso é Julinha... (Entr. 1. linha 400)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: CURISCO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Faisca elétrica. O mesmo que raio. • “Num sobrô nem uma muenda pra contá caso...quebrô as treis muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele” (Ent.02, linha 192)

Origem: latim > português, ‘corisco’, séc. XIII (CUNHA, 1987)

Coriscar vb. ‘brilhar como corisco’ ‘faiscar, relampejar’ XVI. Do lat. *coruscāre* || corisco XIII. Der. Regress. De *coriscar*. Cp. CORUSCAR.

100. CURTUME Nm [Ssing.]

Mas o de carnero quem sabia alvejá era ne lugá longe aí... tinha as fábrica e o curtume próprio daquilo... (Entr.1. linha 313)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva:
3. Laudelino Freire: Curtume, s.m. 4. Lugar em que se faz o curtimento de peles.
4. Aurélio: Curtume.[De curtir + ume] 3. Estabelecimento onde se curtem couros.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: controvertida (CUNHA, 1987).

101. CUSPIR NA ORELHA DAS MORENA F[V + {Prep + Asing} + Ssing + { Prep + Apl} + Ssing.]

()... de vez em quando tinha um forrozinho também né... a gente ia pra lá... cuspi na oreia das... das morena né... cê cospe? (Entr. 8. linha 91)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

102. CUTIA Nf [Ssing]

tem rapo:sa... pa::ca... cuti:a... cutia com paca parece que a natureza é uma só... (Entr. 1. linha 102)

Parece... e é sureca como a paca é a cutia também é... agora o cabelo da polpa dela cá... da / da cutia é amarelo... {é amarelo}... (Entr. 1. linha 105)

Tinha e tem... tem pato... tatu... cutia... que hoje é proibido matá né... (Entr. 6. linha 244)
() *de quati pra cima de tudo ocê encontrava... tatu... paca... cutia... né... veado... onça...* (Entr. 8. linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cutia, s.f. Pequeno mamífero roedor da família dos cávidas (*dasyprocta aguti*, Lin.).
4. Aurélio: [Var. de *acuti*.] S.f. Bras. Zool. Mamífero roedor, dasiproctídeo, gênero *Dasyprocta*, com sete espécies em território brasileiro.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi *aku'ti* (CUNHA, 1987, p. 237)

D

103. DANDO IMITAÇÃO ~ DANDO UMA IMITAÇÃO F [V + Ssing] ~ F [V + Asing+Ssing]

Tinha e ainda tem... tá dando imitação que as aranha que dando uma diminuída viu... (Entr. 8. linha 35)

Tá dando uma imitação... eu tô achan[d]o que elas diminuíram é largatixa que tá comen[d]o elas... (Entr. 8. linha 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

104. DAR MOLEQUE F[V + Ssing]

Do grande ainda tem ali... um pedaçinho ali ó ((aponta para o local))... mas ninguém ranca não que sempre é pouco porco... e... tem a banana... num precisa de / de plantá / de usá ele... fica ali é perdendo ali... mas ele... dá muleque dessa artura ó ((mostra com a mão))... (Entr 1. linha 66)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português + africano. (CUNHA, 1987)

105. DE A PÉ [LOC. ADV.]

num tinha estrada de carro... tinha só trilho... tinha só um trilho... passava muito mais é de a pé e / cavaleiro... (Entr. 2. linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

106. DEFERENTE [ADJ_{sing}]

Hoje tem umas missa aí... as missa tudo deferente... o tipo dos padre celebrá é outro... tudo deferente que era... batizado... os batizado era duas hora / uma hora da tarde... (Entr. 1. linha 344)

Mudaram... mudaram... povo tá tudo deferente né... (Entr. 9. linha 81)

Nó... diferente né... era diferença da turma de moça com rapaz... tinha ()... no forró... num tinha conver::sa não tinha na::da... agora hoje tá tudo deferente... que ninguém pode né... confiar mais... ninguém::... (Entr. 9. linha 83)

Nó... demais né... falo assim com a minina que mora comigo... cuidado minha fia... cê tá... hoje umas moça nova... muitos rapaz novo já tá casado... tá tudo de / tudo deferente... o povo tá diferente... a gente () que tudo muda né... (Entr. 9. linha 87)

Sei lá... o povo hoje tá deferente né... as coisa tá tudo deferente né... num pode confiá em ninguém... às vezes a gente faz um forró... alguma coisa aí... ninguém num conhece ()... quem conhece é Deus... a gente num pode confiá em ninguém... é por isso que eu falo... num pode confiá em ninguém... às vezes cê faz aí::... aquele forró::... e convida o pessoal... cê não sabe o que vai acontecê... é isso que eu penso... né... (Entr. 9. linha 96)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: diferente
2. Moraes e Silva: diferente
3. Laudelino Freire: diferente
4. Aurélio: diferente
5. Amaral: 'deferente – inimizado, estremecido com.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: metafonia.

107. DE MANEIRA [LOC. CONJ.]

Não? De maneira que a gente faz... (Entr. 7. linha 380)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: De maneira que, Loc. Conj. De sorte que, de modo que.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

108. DE PRIMEIRO [LOC. ADV.]

de primeiro boi era seis boi no carro... no mais era uma junta... (Entr. 1. linha 315)
Não... de primeiro não... era uma pinguinha assim... coisinha muito pouca pra... só pra
anima... *cê num via ninguém tonto...* (Entr. 1. linha 420)
as festa de primeiro tinha muito *cumê...* ((risos)) até as eleição *de primeiro* tinha *cumê...*
matava vaca... agora num dá mais não... cabô... (Entr. 2. linha 134)
de primeiro não... era tudo por conta do dono do serviço... o dono do serviço... ele fazia a
despesa... (Entr. 2. linha 05)
de primeiro quantos caminhão de mercadoria que saía daqui pra fora... hoje não... (Entr.
2. linha 28)
de primeiro tinha uma passarinhada... aqui mesmo tinha uma quantidade de passarinho de
toda qualidade... (Entr. 2. linha 39)
a gente trabaia::va... com a maió dificulda::de... é... quem sabe... de primeiro que nem luz
que não tinha... (Entr. 6. linha 06)
Porque de primeiro a gente tinha... era um mil réis... era dez tostões... *qué dizê... dez cem*
réis... (Entr. 6. linha 28)
você vai no... no armazém... na mercearia... acha de tudo né... e de primeiro... arroz de
pilão... café de pilão... (Entr. 6. linha 34)
É... não... papagaio... pipa... hoje fala é pipa né... que de primeiro falava era papagaio... de
papel de seda... (Entr. 6. linha 384)
É... de primeiro era uma penura... (Entr. 7. linha 29)
Não era esse boi manso não... de primeiro era boi... boi brabo só... tudo garrado na
sôgra... e a terra dura... (Entr. 7. linha 37)
Assim como lavá ropa né... hoje tem tanquinho e tudo... de primeiro {hoje num tem
ninguém pobre mais}... povo tá tudo rico... (Entr. 7. linha 48)
De primeiro papai comprava só:... o macarrão... e o sal... (Entr. 7. linha 60)
De primero num tinha esse negócio de comprá açucá... (Entr. 7. linha 129)
pai... de primeiro quando a gente morava no Sampa:io... ele só comprava o macarrão... e o
querosene... num comprava nada... num comprava rapadura... não comprava batatinha...
num comprava arroz... (Entr. 7. linha 167)
nó aqui de primeiro aqui *cê levantava de manhã cedo minino... aqui no terrero... nó... (*
*) punha a canjica aí *cê podia juntá a penera assim ó... que ocê pegava passarinho**
DEMAIS... agora sumiu tudo... por que será hein? (Entr. 10. linha 89)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: De primeiro. “loc. adv. Primeiramente, antes de tudo ou de todos: “de primeiro, Vasco Fernandes a puras bombardas impedia que o abordassem” (Aulete) // 2. Antigamente.”
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: DE PRIMEIRO (n/A) loc. adv. Antigamente; outrora. “O forró... *de primeiro...* num tinha esse negócio de... de... mulher num dançava não...” (Entr.4, linha 100)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: DE PRIMERO • (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antigamente; outrora. “De

primêro era no pilão né...pilão igual esse aí ó...ca gente socava...agora tem o aranholi enche o tambori e roda pa podê tirá o azeite” (Ent.01, linha 08)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

109. DISARRIAR [V]

Eu fui aceitei ele ficô lá e me deu a mula e eu vim na mula de Sebastião de Quinquim... cheguei aqui... disarreei a mula... sortei já de noite... cheguei aqui já devia ser umas... de oito pra nove hora... disarreei a mula sortei () a porta da cozinha abri a casa entrei... (Entr. 3. linha 244)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Desarrear, v.tr. dir. De de + arrear. Tirar os arreios a.
4. Aurélio: Desarrear [De des- + arrear.] **V. t. d. 1.** Tirar os arreios a: "Enquanto se punha a janta, desarreou a besta" (Lúcio de Mendonça, Horas do Bom Tempo, p. 223).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: DISARRIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Tirar os arreios. • “*Esse home contô papai um pé de miséria e o papai num respondeu nada...ê contô papai um pé de miséria e disse “cê faz ôta cumpá (C...) faz ôta dessa fica abusano cê é muito abusante” aí que é pegô e vortô pra trazi e eu disarreei a égua levei nove dia pra essa cara disincha” (Ent.02, linha 227)*

Origem: português. (CUNHA, 1987)

110. DISLINDA(R) [V]

eu vim aqui foi pra isso: eu vim aqui procê me emprestá a promissória... que eu tô com um negócio de encren.:ca lá com o ()... mais ()... um negócio duma porca... e ocê me emprestá a promissória pra mim... levá ela pra mim dislindá lá o negócio da porca...” (Entr. 3. linha 329)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: DESLINDAR. Deriva-se do Castelhana *Linde*, que significa *limite*; & como com pedras, ou com outros finaes se determinão, & se declarão os limites de hũ campo, vinha, herdade, & para que sé não confunda com as outras, por metaphora se chama *Deslindar* hum negocio, quando se declara, & se põem nos seus próprios *lindes*, ou limites,& termos,de modo que nelle não haja confusão, nem equivocação alguma.
2. Moraes e Silva: DESLINDAR, v. at, por a coisa em seus termos, desembaraçando-a de outra, de forte que na deslindada não haja embaraço, nem confusão: £ „, *deslindar a matéria, o negocio.* § § Aclarar o negocio complicado. ,§ Examinar. *Arte de furtrar c. 59.:* apurar v. g. “*a verdade não fica tão deslindada como convinha*” – Heitor Pinto.
3. Laudelino Freire: Deslindar, v. TR. Dir. De dê + lindar. 2. Desenredar,

- desenvincilhar. 3. Apurar, descobrir.
4. Aurélio: Deslindar 2. Desenredar, destrinchar, aclarar. 3. Investigar, esmiuçar. 4. Apurar, descobrir (coisa difícil ou complicada).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

111. DIVERA [ADV]

comparação... aí você fala comigo... mas e o tempo que eu vou gastá... mas é divera... no fim das contas... acho que... num dá tanto lucro assim não... (Entr. 6. linha 288)

cê vai lá leva ele e quando vê o dinheiro bunitinho e vende aí por cinqüenta né?” Ocê vai fala assim... “ih dona Laura mas... eu vou gastá coisa e isso... e isso... e isso... e no fim das contas...” e a gente pensan[d]o bem e é divera... (Entr. 6. linha 291)

mas nós não... era mesmo só mexê na roça... carregá cumida pra trabaiadô::... plantá feijão::... mi:o... quando... quando cabava... de... de coê eu ia pra roça... restoiá... Terceiro: Tinha isso divera... (Entr. 7. linha 1)

Ah... isso aí é divera... igual cana... cana cê plantô ela... cê bota a primera capina nela... ali ele vai só... né... cê passa uma cortagem nela... ali os broto vai brotando [ou]tra vez... quando pensa que não... a planta cresce () né... (Entr. 10. linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Deveras. “Verdadeiramente. Sem ficção. Ex animo, ou bonafide. Terent.”
2. Moraes e Silva: Devéras. “v. véras.”
3. Laudelino Freire: Deveras. “adv. De *de + veras*. Verdadeiramente, realmente: “É deveras lamentável esse caso da absorção do gênio do bom gosto pela clínica” (C. Neto).”
4. Aurélio: Deveras. “[De *de + veras*.] Adv. 1. A valer; verdadeiramente, realmente; muito, em alto grau: “Tu crê deveras nessas cousas?” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p.4). [Cf. *deveras* (ê), do v. *dever*.]”
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: DEVERA (A) adv. Realmente, com certeza. Variante de *deveras* (*deveras* > *devera* – caso de apócope). “... “Ô meu filho foi ele... ele representa que nem um cachorro... ele representa que nem um porco... representa que nem um jegue”... “Ô pois eu topei um jegue”... e lá num tinha jegue... pois foi ele... foi ele devera...” (Entr. 12, linha 275)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: DIVERA • (A) • [Adv] • Lat>Port • Realmente, com certeza. O mesmo que *deveras*. • “TER.: *coitada essa muié já judô ieu demais menina esse trem aí já me judô panhá café quano ô tô panhano café ô vejo ea gritano da minha oreia...ea já tabaiô INF.: tabaiei divera...minha vida era só tabaiá fora num parava den’ de casa não” (Ent.10, linha 86)*

Origem: português. Deveras. “adv. ‘a valer, verdadeiramente’ XVI. De de + *veras* (v. verdade).” (CUNHA, 1987)

Obs: *divera* ~ *devera*

112. DIBULHA(R) [V]

Era assim... plantava feijão... era mio... plantava café... é... dibuiava e eu vendia pra Raimundo Cruz... (Entr. 7. linha 07)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Debulhar v.r.v. 2. Desfazer-se, desatar-se (*pr.*, com prep. *em*). “Tétrico Heitor em sonhos se me antolha, *em* chôro a *debulhar-se*” (Odorico Mendes)
4. Aurélio: Debulhar [Do lat. *depoliare < lat. despoliare, 'espoliar'.] 5. Fig. Desfazer-se, desmanchar-se, desatar-se: *Debulhou-se em lágrimas.*
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: DIBUIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Desfazer-se. • “*Ê tava dibuiano pra cá ai a (C...) falô assim “o (P...) pra quê que cê faz isso (P...) bebe não” ai ê falô assim “não (C...) num bibi não eu vim aqui pra sinhora falá pra (P...) que é num fica incomodada comigo não porque eu num tô bebendo não”...tonto((risos))tonto que tava rolano “ô num tô bebendo não e pra sinhora falá pra ea que ô tô aqui rezano pra ela pra ea sará”((risos)) ô coitado...num levô três dia o home morreu”* (Ent.08, linha 92)

Origem: português. (CUNHA, 1987, p. 240)

113. DIFICULDADE Nf [Ssing]

é uma carvoeira... uns serviço assim... mesmo assim carvoeira com muita dificuldade... (Entr. 3. linha 35)

quando nós tava piquitito ainda... mas toda festa de mês de agosto e festa de São Sebastião... mãe fazia aquele isforço e nos levava naquela dificuldade que nós costumava ir até de carro de boi... (Entr. 3. linha 419)

pertinho do vau ia pra lá pra ajudá nós sartá as criação lá no rio com aquela dificuldade... (Entr. 3. linha 516)

E na hora de passá no rio né... e tinha gente... era na cacunda e no carguero né... era com aquela dificuldade toda... (Entr. 3. linha 520)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: epêntese do 'i'.

114. DIFICULTOSO Nm [ADJ_{sing}]

num tinha carro nesse tempo igual hoje tem né... era difícultoso... num tinha estrada tam[b]ém falava tam[b]ém quase tudo era tri:lho... né... (Entr. 4. linha 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: DIFFICULTOSO. Diffcil. *Vid.* No seu lugar. Há cousas destas, que são difficultosas de julgar. *Sunt eorum quaedam perdifficiles ad judicandum.*
Cic. Taõ dfficultosa era a fundação de Roma. *Tanta molis erat Romanam condere gemem. Virgil.*
2. Moraes e Silva: DIFFICULTOSO, adj. Não livre, não desempedido, difficil, embaraçado. Respiração difficultosa.
3. Laudelino Freire: Dificultoso, ou difficultoso, adj. Em que há muita dificuldade; difficil.
4. Aurélio: Dificultoso. [de difficult-, como em dificultar, + oso.] Adjetivo. 1. Que apresenta dificuldade; difficil.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

115. DISCRIMINA(R) [V]

Ah... plantava... ah... o que colhia aí / plantava e... discriminava tudo aí mesmo... né... (Entr. 4. linha 51)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: DISCRIMINADO. He palavra Latina de *Discriminare, Dividir, A partar distinguir.* Como tudo neste Deserto sejão planícies a perder de vista, *Discriminadas* ,humas das outras com huns montes de, area mudavel, representa se a quem caminha ser alagoa, o o rio, que corre, a planície, que vê ao longe. Godinho Viagem,da índia, 115.
2. Moraes e Silva: DISCRIMINADO, part. pass. adoptado do latim, separado *V.g. „ planícies discriminadas das outras com huns montes em meio „, Godinho.*
3. Laudelino Freire: Discriminar, v. r. v. Lat. *discriminare.* Diferençar, distinguir (tr. Dir.).
4. Aurélio: Discriminar. [Do latim *discriminare.*] Verbo transitivo direto. Diferençar,

distinguir; discernir.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

116. DISPEJA(R) [V]

...num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do guanhã[es]... aonde o corgo do jacaré dispeja no guanhã[es]... (Entr. 1. linha 542)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e

3. Laudelino Freire: 19. fazer cair (bitr., com prep. por): A serra generosa, que fornecia o lenho, criava a caça e *despejava* copiosamente, pelos seus flancos robustos, as *águas* abundantes e fecundas dos rios” (C. neto).

4. Aurélio: n/e

5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: obscura. (CUNHA, 1987, p. 591)

117. DISPENSA Nf [S_{sing}]

E antigamente... antigamente as dispensa do Serro era aqui... hoje a dispensa do Luca é no Serro... ((risos))... é uai... antigamente ia café... arroz... mio ... rapadura... capado... ia tudo pra dispensa do Serro... hoje não a dispensa do {Lucas é no Serro}... (Entr. 7. linha 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Despensa. “Casa em que se goardão certas provisoens, & mantimentos. *Cella penaria*. No Cicero de Grutero está penaria, no livro de Senec. *Semper enim boni, assidue Domim referta cella vinaria, olearia, etiam penaria est*. Em Suetonio, na vida de Augusto, cap.6, se Le *cellae penuariae*; mas adverte Beroaldo, que o antigo grammatico Caper, queria, que se dizesse, *penaria*, & não *penuaria*.”

2. Moraes e Silva: Despensa. “sf. casa, onde se recolhe o mantimento, ucharia.”

3. Laudelino Freire: Despensa. “s.f. Do lat. *depensus*. Casa ou armário, em que se guardam provisões culinárias ou gêneros alimentícios, para uso doméstico; copa.”

4. Aurélio: Despensa. “[Do lat. *dispensa*.] S. f. 1. Repartimento de casa, navio, escola, hospital, etc., onde se guardam mantimentos. [Cf. dispensa, do v. dispensar e s. f.]”

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: DISPENSA (A) s. Compartimento ou cômodo da casa onde se guardam alimentos. Variante de despensa (despensa > dispensa – caso de dissimilação). "... então ela num deixava que nós menina entrasse na dispensa... porque era dispensa né... e era muita carne..." (Entr.2, linha 305)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

118. DISPINDI(R)[V]

....porque o primeiro avião era aeroplano...() né... aí... o primeiro avião quando chegô aí ()... ele caiu no Serro... que o... tanque de gasolina dele acabô... ele num teve recurso de vortá pra terra dele mais... ele dispindiu lá no Serro... (Entr. 4, linha 55)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: metafonia / nasalização

119. DISPÔ(R) [V]

era... e... uns vinte cinco... trinta... quarenta mula ()... era... dispunha... vortava e pegava arroz em Uberaba... (Entr. 4. linha 46)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Dispor, Dando, distribuindo; Dispor dos seus bens por testamento.
2. Moraes e Silva: DISPOR, v. at. por com ordem , traçar na mente alguma coisa, e o modo de a fazer. § Preparar v. g.
3. Laudelino Freire: Dispor, v. r. v. Lat. *Disponere*. Colocar e distribuir metodicamente (TR. Dir.).
4. Aurélio: Dispor. [Do latim *disponere*.] Arrumar, colocar em lugar(es) próprio(s) adequado(s), conveniente(s).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

120. DUELA Nf [Ssing]

As grandes de pô leite chamava pipa... e as piquitita era{barril} preparava aquelas duela... eu nunca vi ês fazê não... mas a forma lá ondê que eles fazia eu vi a forma... aquelas duela... tudo feito na forma... (Entr. 3. linha 563)

É... aquelas duela é aquelas tirinha de tábua... despontada dum lado e do outro... agora eles dava um jeito que eles armava elas no fundo... e fazia os arco... (Entr. 3. linha 567)

E da boca pra baixo eles apertava uma cor:da... até que unia uma duela na outra e já fazia o arco... (Entr. 3. linha 570)

O mesmo formato... o mesmo formato... mas tudo de madeira... e o fundo delas embaixo tinha um frizozinho nas duela assim... (Entr. 3. linha 577)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ‘aduela (Termo de Pedreiro.). He o lanço da face das pedras do Arco abaixo do capitel do próprio Arco.’
2. Moraes e Silva: ‘aduella – *s.f.* madeira lavrada para pipas, e toneis.’
3. Laudelino Freire: ‘aduela – *s.f.* De *a* + cast. *duela*. Tábua estreita e geralmente encurvada, que se emprega na fabricação de pipas e tonéis. (...) 2. Pedra empregada nos arcos de uma abóbada. 3. Espécie de madeira americana.’
4. Aurélio: ‘aduela – Tábua encurvada com que se forma o corpo de tonéis, pipas, etc. 2. Pedra em forma de cunha seccionada, que se emprega na construção de arcos e abóbadas de cantaria. 3. Peça de madeira que forra as ombreiras das portas; e janelas. 4. Certa madeira americana. 5. Abertura de ferro dos *saca-trapos*.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: francês. Cf.: aduela – ‘tábua curva de tonel’/xv, *duella* xv/ Do fr. *douelle*, dim. de *douve*..., deriv. do lat. tardio *dōga* ‘recipiente’. (CUNHA, 1987, p.17)

E

121. EM ANTE [LOC. ADV.]

...depois que passô muito tempo em ante da polícia chegá é que ele escapuliu... e caiu fora... mas mesmo assim depois ele foi preso... (Entr. 3. linha 191)

em ante dele falá mais o sinhô Deus tomou-se a palavra dizen[d]o: “não há pior vida ...do que a quem veve habitado aos que andam desligado do espírito santo...” (Entr. 3. linha 463)

...em ante num tinha essa produção mais tarde não... era tudo da seca... passô da época cabô... num produzia mais né... e dipois nós vamos nas água né rapaz... (Entr. 5. linha 58)

Em ante tinha... festa pra todo canto né... nós aproveitava () mas hoje não dá pra gente aproveitá não... a gente tá de idade... (Entr. 10. linha 52)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: EM ANTE (n/d) loc.adv. Antes, anteriormente. “... mas em ante dessa barragem aí esse rio dava enchente de fazer medo viu?” (Entr.4, linha 231)
2. Ribeiro: EM ANTES • (n/A) • [loc adv] • Antes, anteriormente. • *Eu vô fazê só mais uma verdura e o arroz. É iguale ieu. Se eu fô fazê, tem o arroz pronto, se o L. num fô sai[r] trabuçano em antes do armoço, ieu isquento aquele ali que eu fiço onti. (Ent. 13, linha 10)*
3. Freitas: IM ANTE • (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antes. • “pegô e deu uma foiçada no pé do coquêro levantô a foice deu ôtra foiçada im ante de enterá a tercêra eu falei “o nêgo vem cá cê num vai fazê nada não cê vai ficá vigiano é (D...) aqui ó”” (Ent.04, linha 109)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs:

122. EMBORÁ Nm [Ssing]

A mãe de Tia Quitério... fiava pra mamãe... e mamãe usava / sortava um monte de emborá::... pra fazê ré::dea... fazê barrigue::ra... fazia rédea e barriguera... (Entr. 7. linha 271)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

F

123. FARINHA DE FUBÁ NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

...ela torrô farinha de fubá... porque nossa farinha né... tão boa... ...porque cê sabe que tem muita gente que gosta... (Entr. 6. linha 98)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português + africano (banto/quimbundo). (CUNHA, 1987)

124. FAZE(R) DE MUDANÇA F [V + {Prep + Ssing}]

ele num fez diferença nenhuma... num fez de mudança nenhuma... a feição dele vivo como depois dele morto... (Entr. 3. linha 254)

Ah... as festas Vanderlei... quase que num fez de mudança não... só que tem que a nossa cidade aí... antigamente... era um arraialzinho muito... muito fraquinho né? (Entr. 3. linha 417)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

125. FEIJÃO DO TEMPO NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

feijão do tempo... um parmo... duma cova da outra... num pode ser mais nem menos... isso é o tipo do / do mio... o compasso do mio e do feijão... (Entr 1. linha 2)

Não... {Ah o feijão}... feijão do tempo que ocê / é a cova pirtinha uma da outra... plantava mês de... fevereiro / de março... (Entr 1. linha 35)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

126. FIA(R) [V]

A mãe de Tia Quitério... fiava pra mamãe... e mamãe usava / sortava um monte de emborá::... pra fazê ré::dea... fazê barrigue::ra... fazia rédea e barriguera... (Entr. 7. linha 271)

Isso... isso é antigo... é a muié de Tião Quitério fiava pra mamãe... (Entr. 7. linha 282)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Fiar linho. Reduzilo a linhas, estendendo-o, & torcendo o fuso. Huma das ocupaçoens, próprias da molher.
2. Moraes e Silva: Fiár v.at. Reduzir a fio, puxando, estendendo, e torcendo as fibras: v.g. *fiar linho, lã, algodão*.
3. Laudelino Freire: Fiar v.r.v. Lat. *filare*. Reduzir a fios (as febras ou filamentos das matérias têxteis) (*tr. dir.*): “Ela, ao fôgão, fiava lã purpúrea entre as servas” (Odorico Mendes)
4. Aurélio: Fiar¹ [Do lat. *filare*.] V. t. d. Reduzir a fio (substâncias filamentosas): “tirara um fuso da cintura, e ... começara a fiar as pastas de algodão que estavam dentro de uma cabaça” (José de Alencar, *O Sertanejo*, p. 102); *fiar algodão*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: FIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Reduzir o algodão a fio. • “Fazia o fuso a roda embaxo aí tinha que fazê uma vara desse tamãim assim ó do tamãim que queira o menó ô maió e pa i fiانو o gudão né ali cê cumeçava a linha ali e trucia é ia penerano lá () cê puxano a linha cá e é rodano lá...no fuso isso é fiانو na mão...isso é fiانو na mão agora na roda é diferente” (Ent.04, linhas 21e 22)

Origem: latim > português. (CUNHA, 1987)

127. FIAU Nm [Ssing]

as corrente dos rio ocê que sabe tem direito de lado e doutro... mas fica no meio dele que eu num sei... num fica nem um fiau de peixe... fica nada? Tem tirá areia no rio () de peixe pra baixo () fica nada... ()... cabô com a natureza toda... (Entr. 5. linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e.

128. FOLE Nm [Ssing]

É... tem um fole ali que ocê toca pra ele soprá o fogo ó... o fole faz... assim ó... ele tem um canudo lá encostado no fogo... canudo de ferro... ocê enche lá de brasa... de car:vão... e tem uma corda docê puxá o fole ele / ele / é feito um fole de sanfona... ele abre e fecha... (Entr. 3. linha 591)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Folle. Instrumento de fazer vento. Há folle de mão, de órgão, de forja &c.
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Fole ou Folle, s.m. lat. *follis*. Utensílio ou aparelho composto de três tabuas horizontais que vão estreitando para um dos extremos onde se unem por um tubo metálico, tendo a central e a inferior uma válvula que se abre para receber o ar, o qual, posto em movimento pela mão ou por uma alavanca de balanço, produz vento e inflama o carvão a que se aplica.
4. Aurélio: fole [Do lat. *folle*.] Substantivo masculino. 1. Utensílio destinado a produzir vento para ativar uma combustão ou limpar cavidades.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

129. FORMÃO Nm [Ssing]

E ela ta lá cortada com formão... num é com tinta não... é cortada com formão as letra... então num apaga não... (Entr. 7. linha 427)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: FORMAM. Formão. Instrumento de carpinteiro, & de marceneiro, que corta direito, & lizo.
2. Moraes e Silva: Formão, ferro de carpent. marceneiro; he lamina com corte num extremo, e espiga enxada no seu cabo no outro.
3. Laudelino Freire: Formão, s.m. De formar. Utensílio de ferro, de carpinteiro ou ferrador, que tem uma extremidade chata e cortante e a outra embutida num cabo de madeira.
4. Aurélio: formão [De *formar* + *-ão*².] Substantivo masculino. 1. Utensílio de carpinteiro ou de ferrador, com uma extremidade chata e cortante, e a outra embutida em um cabo de madeira.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

130. FORNALHA Nf [Ssing]

nossa janta tava guardadinha lá no canto da fornalha... cada / cada / cada um com um prato de cumê... tampado lá na fornalha pra nós jantá... pra podê cabá de chega... (Entr. 3. linha 530)

e a banca dela era / a fornalha de lá e a banca de queijo de cá ó... e ela fazia seus queijo dela ó... que ninguém fazia queijo melhor do que ela... (Entr. 3. linha 539)

eu ajudei ela e nós fomo lá... tem uma fornalha lá diante que... aqui dentro tem uma fornalha... e lá do do lado de fora ainda tem uma fornalha que tá dentro do forno de fazê quitanda e tem uma fornalha que a gente cozinha... (Entr. 6. linha 94)

Fazia os candieiro... por cima da fornalha tinha uma candeia... dipendurada... lá ne Corgo Doce deve tê ela ainda... lá ne Duca ainda... (Entr. 7. linha 66)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: FORNALHA. *Fornax, acis.Fem.Cic. de Caminus, I.Masc. Virgil.*
2. Moraes e Silva: FORNALHA, s.f. forno grande; forja artificial.
3. Laudelino Freire: Fornalha, s.f. Lat. *fornacula*. Grande forno.
4. Aurélio: fornalha [Do lat. *fornacula*.] Substantivo feminino. 1. Forno grande.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: FORNAIA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que fogão a lenha. • “É guardava o dinhêro era no aterro da fornáia sabe? ê fez um negócio igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinhêro lá dento punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntua era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza” (Ent.11, linha 274)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

131. FORRADE(I)RA Nf [Ssing]

cavacava tudo... limpava tudo... por cima e cavacava... e cavacava aquilo com a forradera tirava aquês torrão assim e botava botan[d]o no estalero... ((trecho confuso))... (Entr. 7. linha 103)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

132. FRISOZIM Nm [Ssing]

O mesmo formato... o mesmo formato... mas tudo de madeira... e o fundo delas embaixo tinha um frisozim nas [a]duela assim... que eles colocava o fundo dentro daquele frisozim assim ó... (Entr. 3. linha 577)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português > italiano. (CUNHA, 1987)

133. FUBÁ INSOADO NCm [Ssing + ADJ_{sing}]

quando é na hora de cumê comida e ele pega farinha torrada... é... que a gente torra... é muitos num gostam não... mas num... fubá insoado né... fubá insoado... (Entr. 6. linha 103)

faz o fubá insoado... com queijo... outra hora frita ovo... ou então com uns torresmos... (Entr. 6. linha 106)

hoje... os minino vão quarqué aí... talvez mora até no terreno dos outro... tem né... qué brinca com isso não...é até bom... é... tá bom... é... como uma vez veio um minino aí... ah

não...eu num como fubá insoado não...fubá insoado é cumê de porco...eu tiro () é com miolo de pão... num é... fubá insoado é cumê de porco... (Entr. 6. linha 388)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: africano (banto/quimbundo) + português. (CUNHA, 1987)

134. FUGUE(I)RA Nf [Ssing]

chamava-se batuque... as batucada... é... noite de São João... noite de ...agora... festa junina... que () as festa junina na cidade era aquelas festa bunita memo né... na roça chamava de fuguera... (Entr. 6. linha 308)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Fogueira, s.f. Lat. *focaria*. 5. Festa popular que se costuma fazer na véspera do dia de S. João, S. Antonio, de São Pedro e de outras festividades da Igreja, e na qual se põem a arder lenha e outras matérias combustíveis e se queimam fogos de artifícios.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

135. FUSO Nm [Ssing]

Infor 1: É a mãe dele é que fazia boneca pra mim... ((trecho confuso))... / Terc: E o fuso que fazia ali? (Entr. 7. linha 267)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Fuso de torcer linhas. “He hum fuso mais grosso em cima, que em baixo, & em cima tem huma rodinha, & na ponta do fuso, que vay por cima da rodinha, tem hum ganchosinho de ferro, ou arame, onde se prendem as linhas, para não escaparem, & se torcerem.”
2. Moraes e Silva: Fuso. “sm. Peça de páo roliça grossa na base, que vem

afinando-se, e adelgaçando-se para cima. Alguns tem uma ponta de ferro com corte espiral até a ponta, e outros cabecinha nella. Deste instrumento usão as mulheres para torcer o fio, que fião, e enrolá-lo nelle até fazer certa grossura. O fuso de torcer linha, é mais grosso em cima onde tem uma roda, e sobre ella um ganchinho, onde se prende a linha.”

3. Laudelino Freire: Fuso. ‘s.m. Lat. *fusus*. Peça de pau roliça que vai adelgaçando para uma das extremidades a ponto de acabar quase em bico, e que serve para fiar e enrolar o fio até formar a maçaroca.”
4. Aurélio: Fuso. “[Do lat. *fusu*.] S. m. 1. Instrumento roliço sobre o qual se forma, ao fiar, a maçaroca: “Ela dando alguns passos, ... com a sua roca, e fiando, com os dedos tão trêmulos, que o fuso lhe caía na relva.” (Eça de Queirós, Últimas páginas, p.376). [Aum.: fuseira.]”
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: FUSO (A) s. Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. “... *mamãe punha uma linha... enfiou no fuso / que eu (pus pé num fuso)... eu quero mandar fazer um fuso assim pra mim...*” (Entr.6, linha 316)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: FUSO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. • “*Era a roda aí então cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a história é muito complicado sabe aí tem que levá pra roda e a roda tem o fuso cê tem que colocá a linha ali e agora foncioná a roda então agora a fiadêra vem e vem sortano o gudão assim e fiano*” (Ent.04, linha 12)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

G

136. GABIROBA Nf[Ssing]

...*goiaba nossa dava muito antes... a o pé ali ó... ((mostra a árvore))... cabaram... e tem uma tal de gabiropa... uma goiabinha assim piquitita assim ó... ((mostra o tamanho da fruta))...* (Entr. 8. linha 59)

A gabiropa pra quês alto de serra lá ó... ((mostra a direção))... (Entr. 8. linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Guabiroba, s.f. Nome dado a diversas arvores e arbustos da família das mirtáceas, do gênero *campomanesia*, também chamada *gabiropa*, *gabirobeira*, *guabiroba* e *guabirobeira*.
4. Aurélio: guabiroba [Do tupi.] Substantivo feminino. Bras. Bot. 1. Nome comum a várias arvoretas e arbustos mirtáceos do gênero *Campomanesia* (v. *campomanésia*). [Sin.: *gabirobeira* ou *guabirobeira*, *guabirobeira-do-mato*.]
2. V. *araçá-felpudo* (1 e 2). 3. O fruto dessas árvores. [Var.: *guabiraba*, *guabirova*, *guavirova*, *gabiropa*, *gabiropa* e *gavirova*.]

5. Amaral: ‘guabiroba – fruto de uma Mirtácea muito comum; a arvoreta que o produz.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e GABIROBA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Fruto de uma Mirtácea muito comum. • PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto p[r]a comê? INF. 1: Uai, era gabiroba, essas coisa. Gaitera. (Ent. 9, linha 106)
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 397)

137. GAMELA Nf [Ssing] ~ GAMELINHA Nf [Ssing]

A gamela / essas... essas bateia era feito é de madeira... (Entr. 1. linha 526)

É uma gamela... agora tem um negócio paren[d]o imbigo... disse que és lavava o oro e o oro e ia praquele fundo praqule imbigo... mas eu nunca vi não... (Entr. 2. linha 193)

Gamela é aquele trem... qué vê ((procura o utensílio)) gamela de pau é isso... (aquilo) num acha mais não... aqui ((mostra o utensílio)) isso que chama gamela... feita de madeira... a gente faz... (Entr. 2. linha 196)

Este rio Guanhães... este rio Guanhães... diz que ele é muito... que sempre vinha... como fala... na vista de fora... pra tirá o oro... oro em pó... um oro bonito... é uai... tem uma gamela que chama bateia né... sei se cê conhece... (Entr. 6. linha 252)

É... agora tinha uma forma... Juninho fez um cocho com Antonio ali... paren[d]o um cocho assim ó... sabe... agora... punha os melado na gamela... essas gamela de pau... punha na gamela... (Entr. 6. linha 423)

cavacava... cavacava... cavacava... cavacava... cavacava... até tinha cavacado tudo na gamela... (Entr. 6. linha 426)

punha uma gamela... debaixo aqui pra pará... e agora por cima... a sua ficava vazia um tanto assim e massava um barro com água... (Entr. 6. linha 430)

É...tin::ha.... eles mexia muito com tiração de oro com um tipo duma gamelinha rasa... chama bateia... aquilo és punha ó... metia outro trem lá no / no / nas areia lá e tirava jogava dentro da gamelinha... agora ia fazen[d]o assim com a água o oro ia... ficando no fun:do... e a gamelinha no fundo dela... lá no fundo no centro tinha uma meia canoagem... (Entr. 1. linha 437)

Entr: E... essa bateias então que o senhor falou ela parece tipo uma gamela? / Infor. É uma gamelinha redonda... tipo duma baciinha... (Entr. 1. linha 523)

Entr: A bateia é aquele negocio de...? / Infor: É uma gamelinha rasa... (Entr. 3. linha 157)

É uma gamelinha rasinha... quase tipo uma peneira... agora és leva ela lá no fundo assim daquela areia... daquele cascalho... e ia peneiran[d]o ela assim... peneiran[d]o...

peneiran[d]o... escorria a água e o oro ia todo pro funilzinho do fundo da bateia... (Entr. 3. linha 163)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Gamella. “Vaso de pao concavo, ou tronco vasado, comprido em que comem os porcos. // gamella também he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, & pouco fundo, em que as molheres costumaõ trazer maõs de carneiro.”
2. Moraes e Silva: Gamella. “s.f. Vaso de páo como alguidar, ou côncavo por igual em redondo para banhos, ou lavar o corpo; para dar de beber as bestas, &c.”
3. Laudelino Freire: Gamella. “s.f. Lat. *camella*. Vasilha em forma de tigela muito grande ou

alguidar, ordinariamente de madeira, em que se dá a comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins.”

4. Aurélio: Gamela². gamela² [Do lat. vulg. *gamella, cláss. *camella*, 'certo vaso de madeira'.]
S.f. 1. Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, us. para lavagem (4) e/ou para dar comida aos animais domésticos.
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: GAMELA (A) s. Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. "() *lá na parambeira / o machado tenho / pra cortar madeira / pra fazer gamela pra vender na feira / pra comprar sapato pra dançar rancheira...*" (Entr.6, linha 136)
2. Ribeiro: Gamela • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. • PESQ.: *Cortava a árvore? INF. 2: Fazia uma gamela lá. (Ent. 1, linha 419)*
3. Freitas: GAMELA • (A) • Nf [Ssing] • Lat>Port • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos, para servi-los ou até mesmo para tomar banho. • “*No torcê a massa aquela água vai...o pruví vai assentano ô numa gamela ô no tacho que parô ea o pruví vai assentano...no fundo*” (Ent.01, linha 156)

Origem: latim > português. Gamela. “sf. _espécie de alguidar feito de madeira” XIII. Do lat. *camella*, dimin. de *camëra* “vaso para beber” (CUNHA, 1987)

138. GARRAÇÃO Nf [Ssing]

Era um trem com respei::to... cê segurava ne moça era pra dança... sodá e dispidi... num tinha essa garração um na outro não... (Entr. 1. linha 395)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: agarração [De *agarrar* + -ção.] Substantivo feminino. 1. Agarramento (1).2. Bras. V. *agarramento* (4).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ‘agarrar’ português. (CUNHA, 1987)

139. GATO-DO-MATO NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

*eu conheço muita qualidade de bicho do mato... tem gato-do-mato... (Entr. 1. linha 101)
É essa comum... tem a baia... e tem a pintada... tem uma do lombo preto... três qualidade de onça... num falan[d]o no gato-do-mato... que é igual gato... mas é do mato... é maió que esse de casa...* (Entr. 1. linha 143)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Gato do Mato, s.m. Nome dado a várias espécies de felinos da floresta.
4. Aurélio: Gato-do-Mato. Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. Designação comum a todas as espécies de mamíferos carnívoros, especialmente os de pequeno porte, pintados ou unicolores, que vivem na região neotrópica. [Pl.:gatos-do-mato.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

140. GAVA(R) [V]

ele vivia lá dentro d'água tirando oro... e ele vivia gavando... que tinha garrafa de oro em pó escondida / guardada dentro da terra... (Entr. 3. linha 147)
eu achei que era uma pessoa da minha iguala... né porque teja me gavan[d]o não... mas eu só um homem que o que eu cuspo eu num ingulo... né? (Entr. 3. linha 333)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Gabar. Dar louvores. Na minha opinião derivase *Gabar* do italiano *gabbare*, que quer dizer enganar, porque de ordinario, quem gaba, lisonjea para enganar, ou com a cegueira do affecto a si proprio se engana.
2. Moraes e Silva: GABAR, v. at. louvar, elogiar.
3. Laudelino Freire: Gabar, v.r.v. Ital. *gabbare*. Fazer o elogio de; preconizar as boas qualidades de; louvar (tr. dir. bit. com preposição *a.*) : “As que os não gabam cuidam que fazem auto de virtude, porque não falta quem os louve, encontrando entendimento” (Frei Luiz de Sousa).
4. Aurélio: gabar [Do ant. escand. *gabba*, ‘escarnecer’, pelo fr. *gaber* ou pelo provenç. *gabar*.] Verbo transitivo direto. 1. Fazer o elogio de; preconizar as boas qualidades de; louvar, celebrar, elogiar: *Mãe coruja, vive a gabar os filhos.*
Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ‘gabar’ do francês (CUNHA, 1987, p. 274)

Obs: degeneração

141. GIRICO Nm [Ssing.]

Muito pesado... tudo na base de mão né... ne mão::... na enxa::da... agora merolhô um poco porque que tem o girico né... então o giriquero... o que a gente faz num dia com o boi... ele faz com uma hora... (Entr. 8. linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

142. GIRIQUEIRO Nm [Ssing.]

Muito pesado... tudo na base de mão né... ne mão::... na enxa::da... agora merolhô um poco porque que tem o girico né... então o giriquero... o que a gente faz num dia com o boi... ele faz com uma hora... (Entr. 8. linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

143. GÊNERO Nm [Ssing.]

Plantava era mio né... era os gê:nero... CANA... esse produto de / banana né... esse trem tudo é... é tudo assim é tirado da roça né... a produção que coia mesmo era mi:o... feijão... arroz que nós plantava muito... (Entr. 4. linha 23)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: GABAR, v. at. louvar, elogiar.
3. Laudelino Freire: Gêneros, s.m.pl. 3. Produtos, especialmente agrícolas.
4. Aurélio: gêneros[Do pl. de gênero.] Substantivo masculino plural. 1.

Mercadorias, principalmente víveres (q. v.). ~ V. *gênero*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

144. GOMA Nf[Ssing]

ocê... ocê comprava cinco bala por um tostão... ocê comprava cinco biscoito de goma por um tostão... se ocê pedisse um mil réis de biscoito de goma... meu fio do céu... vai dá biscoito que não acabava... uai... (Entr. 6. linha 30)

É... a mandioca pra podê fazê... a farinha... na nossa língua antiga é goma... mas é hoje só fala porvio... ninguém fala goma não... mas antigamente... eu tanto que eu... eu não sou muito de falá porvio não... eu falo é goma {goma} é eu falo é goma... (Entr. 6. linha 122)

pra fazê um doce ou uma quitanda... era assim... a goma... ralava a mandioca... punha no cocho pra azedá... que é o porvio né... nós falamo goma... (Entr. 6. linha 444)

e tirava aqueles cavaco de goma... cada pedaço assim...punha lá... no sol quente assim... (Entr. 6. linha 447)

três dias... ela já tava seca agora ocê quebrava ela toda assim ó... e tá pronta a goma... pra vendê aos prato... (Entr. 6. linha 448)

ái ocê massava né...escaldava...ái eu vou fazê um biscoito de goma... (Entr. 6. linha 450)

Comprá querosene...comprá goma...que num precisava...{plantava muita roça}... mamãe tinha uma roda tocada com água... tinha aquês... rodan[d]o... agora tinha o ralo... (Entr. 7. linha 131)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Gomma. “ou goma. Humor viscoso, que sahe de algumas arvores, & se endurece.”
2. Moraes e Silva: Gomma. “s.f. Humor viscoso, que deitão algumas arvores, que se seca, e congela, e se desmancha, ou dissolve com água.”
3. Laudelino Freire: Goma. “s.f. Lat. *gummi*. Substância viscosa, translúcida e insípida que corre ou se extrai de certas árvores. // 6. Tapioca.
4. Aurélio: Goma¹. “goma l [Do b.-lat. *gumma* < lat. *gummi*, *is*.] S. f. 1. Designação genérica de resinas translúcidas e viscosas de alguns vegetais. 6. Bras. Tapioca (2).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: GOMA (A) s. Substância viscosa que se extrai de vários vegetais, em especial da mandioca. “... aquele couro era para labutar em casa de roda... quem tinha... era para labutar em casa de moagem de cana... quem tinha... aquele couro era pra secar goma...” (Entr.5, linha 459)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: latim > português. Goma. “sf. ‘seiva translúcida e viscosa de alguns vegetais’ XV. Do lat. tardio *gumma*.” (CUNHA, 1987)

145. GRÃO-DE-GALO NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

naquela época num tinha merenda não... tinha aquelas fruta.. ingá... ingá dava cada bagem assim... grão-de-galo... acabou tudo rapaz... a gente num vê mais cabô tudo... (Entr. 5. linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Grão de Galo, s.m. 1. Planta da família das ulmáceas, também chama *juá miúdo* e *vurapiá* (*Celtis iguaneus*, Saig.). 2. Planta da família das borragináceas, também denominada *Jaguará - mirim* (*Cordia magolicefolia*). 3. Planta da família das malpighiáceas (*Dicella bracteasa*, Griseb.). 4. Planta da família das ramnáceas, também chamada *juá-mirim*, *juazeiro*, *maminha de cabra* (*Zizyphus undulata*, Reiss.).
4. Aurélio: grão-de-galo [De *grão*¹ + *de* + *galo*¹.] 6. Arbusto ulmáceo (*Celtis iguanaea*) nativo do Brasil, de casca tanífera, ramos espinhosos, folhas variáveis, flores cimosas amareladas, e frutos drupáceos, edules; a madeira é forte e flexível. [Sin.: *juá-miúdo*, *vurapiá*.] 7. Árvore ramnácea (*Zizyphus undulata*) nativa do Brasil, do CE ao RJ, de folhas onduladas, flores branco-esverdeadas ou amareladas, em fascículos, e frutos ovóides, edules; *juá-mirim*, *juazeiro*, *maminha-de-cabra*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

146. GRUMIXAMA Nf [Ssing]

Tinha muita fruta do mato... é... o ano passado eu viajei na beira do rio... mais o minino viajamos na beira do rio... rapaz... aqui essa beira do rio essas árvore aqui da beira do rio nunca pode ser cortada... num tem uma árvore que chama... eles trata ela de grumixama... a fruta madurinha assim ó... (Entr. 5. linha 194)

Chama grumixama... uma árvore chama / eles tratava de grumixama nessa época... (Entr. 5. linha 198)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: IGRANAMIXAMA, s.f fruto Brasil. Como cereja, tem embaixo huma corozinha de folha verde. *Vasconc.* Not. Lá chamão-lhe vulgarmente *grumixama*.
3. Laudelino Freire: Grumixama, s.f. Tupi *ibamixama*. Fruto da grumixameira.
4. Aurélio: grumixama [Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Bot. Fruto da grumixameira. [Var.: *gurumixama*.]
5. Amaral: 'grumixama, árvore da fam. das Mirtáceas'.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 397).

147. GUARÁ Nm [Ssing.]

tem onça:... tem guará... tem rapo:sa... pa::ca... cuti:a... cutia com paca parece que a natureza é uma só... (Entr. 1. linha 102)

tudo... onça... guará:... guará quase num tem... mas tem {essas qualidade tudo tinha}... coisa antiga... (Entr. 1. linha 118)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: guará, s.m. Corr. de aguará. Certo mamífero do gênero *canis*.
4. Aurélio: *Bras.* Mamífero carnívoro da família dos *canídeos*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *aua'ra* (CUNHA, 1987, p. 398).

148. GUARIBA Nf [Ssing]

Só o soim e tinha... a guariba... que é tipo de macaco... a cara feito cara de gente... (Entr. 1. linha 128)

já conheci o G. de Inhá... G. de Inhá era ca / era... cunhado de T... matô um aqui numa ocasião aí... um guariba... viran[d]o... no Mucuri viran[d]o pro Maia... disse que o bicho chorô: rapaz... tomô o tiro... chorava feito / feito gente... (Entr. 1. linha 134)

Ah... tinha muito... guariba... ocê viu falá nele né? (Entr. 4. linha 147)

É... guariba também é um bicho tam[b]ém que é manso... (Entr. 4. linha 149)

Ah... tinha muito bicho... tem um sobrinho meu... tinha umas guariba lá chegava num tempo assim e elas tava gritan[d]o... gritan[d]o... (Entr. 5. linha 133)

guariba... guariba no Corgo Doce gritava demais naquela serra ()... eu já vi demais lá... ficava toc... toc... (Entr. 7. linha 336)

Bigó... bigó é um tipo de guariba né? (Entr. 7. linha 340)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Guariba, s.m. Macaco da América (*Simius seniculus*).
4. Aurélio: guariba [Do tupi.] Substantivo masculino e feminino.
 1. Bras. Zool. Designação comum aos símios platirinos, cebídeos, do gênero *Alouata*, da América Central e do Sul, de coloração escura, caracterizados pela maxila inferior barbada, e sobretudo pelo grito peculiar. São frugívoros e

vegetarianos, e vivem em bandos de mais de 12 indivíduos, guiados pelo macho mais velho, o *capelão*. [Sin.: *barbado*, *bugio*.]

5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *ua'riua* (CUNHA, 1987, p. 399).

I

149. IGUALA Nf [Ssing]

eu achei que era uma pessoa da minha igual... né porque teja me gavan[d]o não... (Entr. 3. linha 333)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Igual, s.f. Identidade de posição social.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português 'igual'. (CUNHA, 1987)

150. IMPARIA(R) [V]

...uma certa hora da tarde ir lá ajudá sartá o gado lá pra ele ir impariando por baixo assim ó... pro gado num / num descê... (Entr. 3. linha 513)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: EMPARELHAR os cavallos em tiro.
2. Moraes e Silva: EMPARELHAR, v.at. por de par, jungir *V.* g: dois cavallos em tiro. § Buscar boi, ou cavallo, ou macho, que possa servir bem com outro v. g: “*para emparelhar este boi, ou ajunta*, neutro, passar defronte, *emparedando as galés com o baluarte*” *Castan. 2. fl. 186.*
3. Laudelino Freire: Emparelhar, v.r.v. De em + parilha + ar. Por a par. (tr.dir.) : “*Ata o livre pescoço com viníreo frouxo, colar à servidão avezoz, os emparelha, e assim ligados marchem*” (Odorico Mendes.).
4. Aurélio: Emparelhar. [De *em*-² + *parilha* + *-ar*².] Verbo transitivo direto.
1. Pôr de par a par; jungir: *emparelhar cavalos*; *emparelhar bois*.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

151. INCÔMODO Nm [Ssing]

É::... tem vacina pra quase todo tipo de incômodo de criação que estabeleceu... hoje tem as vacina... mas quase num tá valendo de nada... vacina compra faz aquilo faz e acaba aquilo morren[d]o... criação morren[d]o... (Entr. 1. linha 336)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Incômodo, s.m. 2. Doença passageira.
4. Aurélio: Incômodo. Substantivo masculino. 6. Doença ligeira; indisposição.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

152. INDA [ADV]

Tem o preto é... disse que os preto inda é mais venenoso... (Entr. 1. linha 174)

Custa vê dele... custa muito vê dele... mas aqui tinha dele e pode até inda tê... mas tem muitos anos queu num vejo... (Entr. 1. linha 204)

Tem uma outra coisa também... qualé o outro bicho também... antigo... é bicho... é coisa de casa mesmo... carnero... aqueles cabiludo... tinha... inda HÁ::... mas por aqui quase ninguém mexe com aquilo mais... (Entr. 1. linha 304)

a hora certa é sete hora pegá... mas tem uns que pega até nove... inda tá dando nove hora... inda tá chegan[d]o... pegan[d]o o serviço... (Entr. 3. linha 19)

nessa época nós inda tava fazen[d]o uns dez quejo... (Entr. 3. linha 324)

falô: "hoje mesmo eu inda vô lá... da manhã até depois eu vorto aqui e te entrego a promissória... hah::... (Entr. 3. linha 336)

inda tava lá na porta... e eu fui e contei ele... e eu já tinha falado com ele... (Entr. 3. linha 388)

Inda acha ainda né... hoje o povo está muito preguiçoso... vai no armazém... acha de tudo... (Entr. 6. linha 66)

inda ontem... um senhor dormiu aqui... ele mora em Belo Horizonte... ele é daqui... mas ele mudô para Belo Horizonte... (Entr. 6. linha 88)

mas inda tem uma dona lá na roça... lá pro lado de Sabinópolis... pra lá do... lá do Bom Sucesso... (Entr. 6. linha 125)

hoje ainda tem... inda tem... mas antigamente era tudo... como diz... à moda... tudo da roça

mesmo... (Entr. 6. linha 306)

inda ontem mesmo... esse sinhô que durmiu aqui... falou comigo assim... “ô cumade... quem viu de... ah... A senhora fica queta... a senhora não precisa de trabaiaá mais não...” (Entr. 6. linha 329)

Ah::... antigamente tinha muito tatu::... tinha pa::ca... tinha veado... *inda* tem... (Entr. 7. linha 313)

Tinha... {*inda* tem... eu já vi}... (Entr. 7. linha 333)

Inda tem ela ainda? (Entr. 7. linha 399)

inda tava dan[d]o uma chuvinha... ()... ele tirô ele assim... saiu lá... ela tava ().. tava enroladinha... (Entr. 7. linha 408)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: *Inda* ou *ainda*. Os cultos usão do primeiro. Vid. *Ainda* que he mais vulgar.
2. Moraes e Silva: *INDA*, adv. *ainda*, nesta hora, a este tempo. Bluteau diz que *inda* he mais culto.
3. Laudelino Freire: *Inda*, adv. Lat. *Inda*. O mesmo que *ainda*.
4. Aurélio: *Inda*. Advérbio. 1. *Ainda*: “*Inda* conserva o pálido semblante / Um não sei quê de magoado, e triste, / Que os corações mais duros enternece.” (Basílio da Gama, *O Uruguai*, p. 81); “E caminhando, o viajante *inda* pensou nas cousas proibidas.” (Tristão da Cunha, *Histórias do Bem e do Mal*, p. 105).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: aférese do “a”.

153. INGÁ Nm [Ssing]

tinha aquelas fruta.. ingá... ingá dava cada bagem assim... (Entr. 5. linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: *Ingá*, s.m.ou f. Do tupi. Nome comum a diversas espécies vegetais da família das leguminosas-mimosáceas (*Inga marginata*, Willd; *Inga capuchoi*, P. Stand; etc.).
4. Aurélio: *Ingá* [Do tupi; tax. *Inga*.] Substantivo masculino e feminino.
 1. Gênero de árvores e arbustos mimosáceos de folhas penadas, flores densas, brancas ou vermelhas, dotadas de longos estames, e frutos capsulares, que se caracterizam por terem sementes embebidas numa massa carnosa, não raro comestível; ocorrem em todo o Brasil.
 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Inga edulis* (v. *ingá-cipó*).
 3. Qualquer espécime desse gênero, ou o fruto dele: “Dava-lhe [ao caminho] o doce *ingá*, rachado ao sol, o cheiro” (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 4.^a série, p. 223); “Iaiá ferra no sono, / pende a cabeça, abre-se a rede, / como uma *ingá*.” (Jorge de Lima, *Obra Completa*, I, p. 299). [Var. (MG): *angá*.]

5. Amaral: 'ingá – árvore da fam. das Leguminosas.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi (CUNHA, 1987, p. 436).

154. INGENHO Nm [Ssing]

...até o tipo de arreo procê mexe com animal... com boi tá tudo deferente... de primeiro boi era seis boi no carro... no mais era uma junta... quatro pra ará terra... no ingenho ocê punha quatro... mas ocê punha dois novo atrás pra aprendê... (Entr. 1. linha 315)

No ingenho também... é... hoje tem muito ingenho a motor que é / tem / tinha ingenho tocado à água... mas esses ingenho quase natural por todo canto era com boi... (Entr. 1. linha 323)

...tinha aquela passarinhada... lá no ingenho() nós ia pô cumê pros capado... (Entr. 3. linha 42)

É...é... um tipo de ingenho né...ocê... pô a / nas roças ainda tem... (entr. 6. linha 48)

macarrão... trigo.. e açucá... a não sê quando fazia uma açucá caseira... açucá não é... açucá caseiro mói a cana no ingenho... (Entr. 6. linha 408)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Engenho. Engenho de açúcar.
2. Moraes e Silva: Engenho. Máquina.
3. Laudelino Freire: Engenho. s.m. Lat. *ingenium*. 10. Estabelecimento agrícola, destinado à cultura da cana e fabricação do açúcar.
4. Aurélio: Engenho. [Do lat. *ingeniu*.] Substantivo masculino. 7. Bras. Moenda (1) de cana-de-açúcar. 8. Bras. Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: ENGEM • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Aparelho para moer cana de açúcar; moenda. “*Quano manheceu papai disse “ó vai lá na casa do (A...) e eu vô cortá o pau ali pa fazê ôto engem que nós tá com cento e oitenta quilo que cana no engem”*” (Ent.02, linhas 194 e 195)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

155. INGENHOCA Nf [Ssing] ~ INGENHOCAS Nf [Spl]

pra gente tomá café a gente tinha que moê / havia rapadura... mas nem todo mundo güentava comprá... o que havia mais era ingenhoca... ocê conhece ingenhoca? (Entr. 2. linha 43)

Pois é... o que havia mais é ingenhoca... a gente tinha que moê a cana... e tomá o café do caldo da cana que chama garapa... (Entr. 2. linha 46)

Era tudo... né... cana na ingenhoca pra fa / fazê o cafezinho... (Entr. 6. linha 37)

É... é... tudo você tinha que plantá... ali... tá ali... tá ali no canavial ó... aí chegava seu... você ia lá cortava umas cana... levava nas ingenhocas né... (Entr. 6. linha 39)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Engenhoca s.f. de engenho. 3. Pequeno engenho, destinado especialmente à fabricação de açúcar, rapaduras e aguardente.
4. Aurélio: Engenhoca [De engenho + -oca.] S. f. 3. Bras. N.E. Pequeno engenho que, destinado sobretudo à fabricação de aguardente, também serve para a de açúcar e rapadura.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: ENGENHOCA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Pequeno engenho destinado à moer cana. “*Ês enconstô tudo debaxo duma engenhoca né...que cumpade (H...) tinha na porta da cozinha*” (Ent.04, linha 169)

Origem: Do séc. XIX, português. (CUNHA, 1987)

156. INGENHO DE BOI NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}]

vinho só... vinha só de lá de fora... macarrão... trigo.. e açucá... a não sê quando fazia uma açucá caseira... açucá não é... açucá caseira mói a cana no ingenho... ingenho de boi ocê sabe o que é? (Entr. 6. linha 408)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

157. INTENDE(R) POR GENTE F [V + {Prep + Ssing}]

toda a vida que eu intendi por gente aqui nesse Corgo Doce... ali é lugar de horta... que minha mãe tinha... (Entr. 1. linha 85)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Entender. “Desde que me entendo; i.e., desde que tenho uso de razão.”

3. Laudelino Freire: Entender. “v. r. v. Lat. *intendere*. 28. Ter uso da razão (pr.): “Desde que me entendo”.”

1. Aurélio: Gente. “Entender-se de gente. 1. Começar, a criança, a ter percepção, noção das coisas, do mundo, da vida; entender-se por gente: “A velha Janoca, a minha avó, desde que me entendi de gente não tinha olhos para tomar conta das coisas.” (José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos*, p.15)”. / Entender-se por gente. 1. Entender-se de gente.”

2. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: ENTENDI POR GENTE (A) loc. verb. Passar a ter consciência das coisas. Fazer uso da razão. “*Desde quando eu entendi por gente eu já conheci por nome Mosquito...*” (Entr.12, linha 81)

2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

158. INXADA Nf [Ssing]

Era enxada pra capiná... inxada deitada... inxada em pé pra cová... seja pra feijão... seja pra cana... seja pra milho... a enxada... a inxada em pé pra podê dá a cova... (Entr. 1. linha 21)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Enxada. Instrumento de Agricutor. He hum ferro da largura de hum palmo, & do mesmo comprimento, alguma cousa encurvado. Tem hum anel, ou olho no pê, por onde se mette hum pao, a que chamão cabo de Enxada. Tem o ferro largo, & alguma cousa encurva, serve de cavar, escavar, & fazer regos. *Ligo, onis, Masc Marra, e. Fem. Colum.*

2. Moraes e Silva: ENXADA, infr. d'Agricult., chapa de;ferro quasi quadrada com gume opposto, a hum olho, ou alvado, onde entra o cabo, serve de cavar a terra [...].

3. Laudelino Freire: Enxada, s.f. Lat. Hip. Ascíata. Intrumento empregado geralmente na agricultura e na hosticultura, e que serve para cavar a terra.

4. Aurélio: Enxada. Instrumento de capinar ou revolver a terra.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

159. IRARA Nf [Ssing]

É... é... aqui é só cobra... tem um bicho que pega galinha né... disse que é gato-do-ma::to... irara... essas coisa... essas coisa que passa aí no brejo... (Entr. 9. linha 64)

Irara é um bicho que tem uma turma uma atrás da outra... é um bichinho que tem uma turma uma atrás da outra... (Entr. 9. linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Irara, s.f. Espécie de mamífero carnívoro, da família mustélidas (*Tayra bárbara*).
4. Aurélio: Irara. [Do tupi = ‘mel’, + o tupi = ‘tomar’.] Substantivo feminino.
 1. Bras. Zool. Animal carnívoro mustelídeo (*Tayra barbara*); jaguapé, papa-mel.
5. Amaral: ‘irara – mamífero do gen. *Galictis*.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *ei'rara* (CUNHA, 1987, p. 398).

160. ISBIUTA(R) [V]

contei ele o caso que tinha acontecido... ele foi falô: “ó... ocê... faz o seguinte... ocê procura o advogado aí qualé o advogado que conversô com ele e ocê isbiuta do advogado... (Entr. 3. linha 374)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Esbilhotar [De *es-* + *bisbilhotar*, com haplologia.] Verbo transitivo direto. Verbo intransitivo. 1. Bras. Pop. V. *bisbilhotar*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ‘bisbilhotar – origem onomatopaica (CUNHA, 1987, p. 112)

161. ISGOTA(R) [V]

É... tem que secá o brejo uai... tem que isgotá... depois que isgosta... vai... roçá... hora que roça... quema... mas é um serviço até bruto... é prepará terra de arroz no primeiro ano... (Entr. 1. linha 27)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ESGOTAR. Tirar toda a agoa de huma fonte, de hum poço. &c. *Exhaurire, (rio, haufi, hauftum)* Com accusativo. Cic. *Vid. Exhaurir.*
2. Moraes e Silva: ESGOTAR, v. at. exhaurir, enfecar, tirar até a ultima gota.
3. Laudelino Freire: Esgotar, v.r.v. De es + gota + ar. 4. Tirar todo o conteúdo de.
4. Aurélio: Esgotar. 3. Enxugar, secar, exaurir: esgotar um lodaçal.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

162. ISMIRIL Nm [Ssing]

...tem cuadô né que quem trabaia lá... o sujeito vai lavan[d]o... vai lavan[d]o a hora que / que tem o ismiri[l] que é preto... e tem o oro... procê apurá... cê tem que deixá secá () pro oro() separá o ismiri[l] do oro... ficá o oro puro... (Entr. 4. linha 127)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ESMERIL. Esmeríl. Derivase do Grego *Smaem, Alimpar, Polir.* Diz Redi, que se poderia derivar do Italiano *Smerare, que* antigamente era o mesmo, que *Alimpar*. He huma especie de Marcafita, ou pedra metallica, vermelha, ou algumas vezes parda, muito pesada, & muito dura, com que os Lapidários alimpão toda a pedraria. Também ferve de burnir ferro. Achate nas minas, particularmente nas de cobre, ferro, & ouro. Fundida com ferro, ou chumbo, os endurece, & ao ouro não só acrescenta a cor, mas também o peso.
2. Moraes e Silva: ESMERIL, s m. pedra escura, e areia fina, que corta muito, e serve de polir vidros, pedraria, acicalar armas. &c.
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do francês (CUNHA, 1987, p. 320).

Obs: metáfora

163. ISTALERO Nm [Ssing]

cavacava tudo...limpava tudo...por cima e cavacava...e cavacava aquilo com a forradera tirava aquês torrão assim e botava botan[d]o no istalero...(Ent. 7, linha 103)
Botava no istalero... no istalero de ()... no terrero... punha:... punha um pano grande branco... agora punha tudo ali em cima pra secá... (Entr. 7. linha 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Estaleiro, s.m. 3. Leito de pano sobre forquilha, em que se põe a secar carne, milho, etc.
4. Aurélio: Estaleiro. 2. Bras. N.E. Leito de paus sobre altas forquilhas, que é uma espécie de jirau onde se põe a secar milho, carne, etc.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: incerta (CUNHA, 1987).

J

164. JABUTIRICA Nf [Ssing]

Sumiu uai... Num tem bicho mais não... quando nós mudamo praqui... nós viemos praqui...nós fizemo um rancho aqui mesmo... aqui dentro do mato... aqui tinha até jabutirica... (Entr. 2. linha 116)

É onça... disse que é onça... e aquilo entrô uma jabutirica ali na / ali na horta... ea pegou a galinha e () num deixô ela levá a galinha... deitô nea a foice... ea matô a galinha mas num levô ea... (Entr. 2. linha 119)

Ah... paca... macaco... já cacei veado por aí afora... aqui tinha uma jabutirica também bonita rapaz... ih:... jabutirica bonita... onça... pintada... (Entr. 5. linha 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jabutirica, s.f. Felino selvagem.
4. Aurélio: Jaguatirica. [Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Mamífero carnívoro, físsipede, felídeo (*Pantera [Jaguaris] pardalis*), que atinge cerca de 85cm de comprimento e 40cm de altura. Cor ruivo-amarelada, com manchas redondas orladas de preto; na nuca apresenta cinco ou seis estrias pretas. Ocorre em todo o Brasil e América meridional; vive em matas e banhados, e alimenta-se de aves e pequenos mamíferos. [Var.: *jacatirica*. Sin.: *bracaiá*, *maracajá*, *gato-do-mato-grande*, *gato-açu*.]
5. Amaral: ‘jaguatirica – espécie de onça pequena.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: jaguatirica, do tupi (CUNHA, 1987, p. 452)

165. JACU Nm [Ssing]

Tinha... tinha... o parmito dá fruta... oia os cacho aí cheio de fruta... tem um que é cumê dos jacu... os jacu gosta muito de cumê ele... (Entr. 1. linha 290)

a caboclada já é pena... a vestimenta deles é pena pura... pena de bicho... bicho do mato... pena de pavão... pena de jacu... essas coisa... (Entr. 1. linha 377)

Tinha... Jacu come pôs mato afora... (Entr. 2. linha 160)

tipo... de todo tipo... assim miúdo... jacu é... aquele hoje num tem mais é codorna... que aqui tinha muito... codorna... esse perdiz...tinha demais... hoje ocê nem sonha que num tem... e agora esses bicho piqueno... (Entr. 4. linha 161)

ô minino tem gente que falô comigo... os pobre dos bicho rapá... daquelas grotas... jacu num guentava fumaça...os gavião tudo que tá aí num guentava... (Entr. 5. linha 127)

É... capoeira-branca... eu deixo ela pros passarinho () aqui tinha um bando de jacu rapaz aqui... comen[d]o banana... comen[d]o fruta aqui no quintal do alto da serra voava tudo pras vage... comia no terreiro aqui... (Entr. 5. linha 156)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jacú. s.m. Ave do Brasil, de caça, da família das galináceas, e de que há várias espécies.
4. Aurélio: Jacu. [Do tupi.] S. m. Bras. 1. Zool. Designação comum a várias aves galiformes, cracídeas, gênero Penelope, freqüentes nas matas primitivas do Brasil. Alimentam-se, sobretudo, de frutos e folhas.
5. Amaral: 'designa várias espécies do gên. *Penélope*.'

Registro em glossários:

1. Souza: JACU (A) s. Ave de caça que se assemelha a uma galinha, mas ao contrário destas, vivem nas árvores. Possuem a cauda e o corpo alongados e o bico curto, se alimentando de folhas e frutos. "Pegava um canto de mata aí e jacu... ocê ficava com medo da jacuzada... o jacu é um passarinho grande... o jacu é um passarinho grande assim... mais de que um urubu..." (Entr.5, linha 654)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *ia'ku* (CUNHA, 1987, p. 452)

166. JACU-AÇU NCm [Ssing + ADJsing]

Infor: Tinha... tinha... o parmito dá fruta... oia os cacho aí cheio de fruta... tem um que é cumê dos jacu... os jacu gosta muito de cumê ele... / Entr: Jacu é um passarinho também né? / Infor: É um pássaro grande... tem um do mato e tem uns piqueno que é o caca... e esses grande... galão grande que fica tamanho de um galo... aqueles com aquelas barbela vermelha... aquele é / é o açu... aqui tem muito dele naquela matinha lá... naquele mato de D. ali embaixo tem... (Entr. 1. linha 290)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jacu-guaçu, s.m. Galinácea americana, de barbela rubra e cauda em leque, espécie de jacu (*Penelope obscura*).

4. Aurélio: Jacuaçu. [De *jacu* + *-açu*.] Substantivo masculino. Bras. Zool.
1. AM Ave cracídea (*Penelope jacquacu*), da bacia amazônica, de coloração parda com as coberteiras da asa e do peito marginadas de branco, sobrelha preta seguida de uma estria branca, pernas avermelhadas e barbela vermelha.
2. Jacuguaçu.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *ia'ku* (CUNHA, 1987, p. 452)

167. JACU-CACA NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

E tem o caca... é um menor... mas é jacu tam[b]ém... mas é do piquitito... um gritadô... gosta de sarandi... ês desce cá embaixo quando a sede aperta nês... ês vem caçá água... no mais ês fica só no alto de serra... (Entr. 1. linha 297)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jacucaca, s.m. Espécie de jacu (*Penelope jacucaca*, Spix.).
4. Aurélio: jacupemba [Do tupi.] Substantivo masculino.
1. Bras. Zool. Ave cracídea (*Penelope superciliaris*) que ocorre do S. do rio Amazonas pelo Brasil central e N. E. até o Rio Grande do Sul e Paraguai, em matas, capões de mata do cerrado e na caatinga. Tem cerca de 55cm de comprimento, o dorso pardo-escuro, com as bordas das asas ferrugíneas, o abdome vermelho-escuro, o peito com desenhos esbranquiçados e barbela vermelha; **jacucaca**, jacupema, jacupeba, jacuvelho.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi *ia'ku* (CUNHA, 1987, p. 452)

168. JAMBO Nm [S_{sing}.]

É do mato tem muita fruta do mato... tem o / tem o jambo... tem o articum... (Entr. 1. linha 280)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: JAMBO, s. m. fruto como hum ovo, loiro, esbranquiçado, e coroado por baixo de verde; a casca grossa que tem um cheiro delicioso como rosas, he a que se como, tem dentro o caroço solto, que he redondo coberto de huma túnica parda, e chocalha dentro do fruto.

3. Laudelino Freire: Jambo, s.m. Do sâns. Fruto do jambeiro.
4. Aurélio: jambo 2. [Do sâns. *jambE*, pelo hindi.] Substantivo masculino. 1. O fruto do jambeiro
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do sânscrito *jambu* (CUNHA, 1987, p. 452)

169. JARARACA Nf [Ssing]

Uma cobra dessas cumpridinha assim... que parece cipó mas num é a cipó não... acho que era jararaca... aqui tem muitas qualidade de cobra né... tem surucucu... jararaca... cobra-cipó... coral... (Entr. 6. linha 227)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jararaca, s.f. Bot. Nome da serpentária do Brasil.
4. Aurélio: Jararaca [Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de reptis ofídios, crotalídeos, gênero *Bothrops*, que ocorrem em todo o Brasil, e têm presas anteriores solenóglifas, cauda afilada bruscamente, sem guizo, cabeça triangular e revestida de escamas. Embora venenosas, são cobras mansas; vivem ger. isoladas, e alimentam-se de roedores e outros animais de pequeno porte; medem 1m a 1,50m de comprimento. A espécie mais comum no Brasil é a *Bothrops jararaca*, a *jararaca-verdadeira* (q.v.).
5. Amaral: ‘designa diversas espécies de serpentes’.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi (CUNHA, 1987, p. 453)

170. JARATITACA Nf [Ssing]

Aquele já é... é hora que ele peida... que a catinga dele tá no peidá... ((risos)) é jaratitaca... (Entr. 1. linha 261)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Jaratitaca. [Var. de *jaratacaca*.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Mamífero carnívoro, mustelídeo (*Conepatus chilensis amazonicus*), amplamente distribuído no N. do Brasil, de coloração preta, com uma faixa branca dorsal dividida longitudinalmente ao meio por uma linha preta.

Mede 50cm além da cauda, que só tem 15cm e é muito pilosa, branca e empenachada; é provido de uma glândula anal que segrega e faz projetar, como defesa, um líquido fétido, irritante e nauseante. Ofiófago, não é sensível aos venenos das cobras peçonhentas. [Var.: *jaguacacaca, jaguaritaca, jaratataca, jaritacaca, jeritataca, iritataca, maratataca*. Sin.: *maritafede, cangambá*.]

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

171. JATOBÁ Nm [Ssing]

eu num quero que planta nada aqui... que eu vô semeá uma semente de árvore aqui jatobá... tamboril... cedro... (Entr. 5. linha 82)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jatobá, s.m. Bot. O mesmo que jataí.
4. Aurélio: Jatobá [Do tupi.] Substantivo masculino. Bras. Bot.
 1. Nome comum a árvores cesalpiniáceas do gênero *Hymenaea* (v. *himeneia*), de frutos comestíveis, e das quais se extrai o copal (1). [Sin.: *jataí, jataicica, jetaí, jetaíba, jitaí, jutaí, jutaípeba* ou *jutaípeva, jutaicica*.] 2. Árvore cesalpiniácea (*Hymenaea courbaril*) nativa do México ao Brasil, de até 20m, folhas compostas, com dois folíolos coriáceos brilhantes, pequenas flores brancas, em cimeiras terminais, e frutos que são legumes indeiscentes, com sementes envoltas em polpa amarela e cheiro forte, edules; é a principal fonte para a produção do copal (1). [Sin.: *abati, abati-timbaí, algarobo, copal, jataí, jataí-açu, jataí-grande, jataí-mondé, jetaí, jetaíba, jetaí-de-pernambuco, jupati, jutaí, jutaí-açu, jutaípeba* ou *jutaípeva, jutaí-do-campo, olho-de-boi, pão-de-ló-de-mico, quebra-machado*.] 3. Árvore cesalpiniácea (*Hymenaea courbaril* var. *stilbocarpa*) nativa do Piauí ao N. do Paraná, muito semelhante ao jatobá (2), e tb. importante para a produção de copal; jatobá-da-caatinga, jatobá-mirim, jatobazinho, jetaí-do-piauí, jutaí-mirim, quebra-facão.
 4. A madeira dessas árvores, de tom róseo-avermelhado. [Outros sin. e var., nas acepçs. 1 a 4: *árvore-copal, castanha-de-bugre, courbaril, curbaril, jetaíba, jetaípeba, jutaí-pororoca, jutaí-roxo*.]
5. Amaral: 'leguminosa muito semelhante a jataí.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi (CUNHA, 1987, p. 454)

172. JIRAU Nm [Ssing] ~ **JIRAUZINHO** Nm [Ssing]

agora pegava a forma... que tá lá em cima do jirau... e pega isso aqui ó fez o jirau e pos a forma aqui... (Entr. 6. linha 427)

agora fazia um jirau... punha a toalha no jirau... agora abria ele pra secá... aí quando queria fazê uma quitanda ou um doce... (Entr. 6. linha 441)

estendia a toalha lá no jirau... e tirava aqueles cavaco de goma... cada pedaço assim...punha lá... no sol quente assim... dois três dia... (Entr. 6. linha 446)

Entr: Estalero é tipo uma?/ Terc: Colocá vazia... um jirauzinho... (Entr. 7. linha 110)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Jirau. [Do tupi.] Substantivo masculino. Bras.
 1. Estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão, us. para guardar panelas, pratos, legumes, etc.: “Em frente, ou no chão, ou sobre um jirau de madeira, vasos, paneiros, pedaços de panelas, restos de potes, cheios de flores.” (José Veríssimo, *Cenas da Vida Amazônica*, pp. 342-343.)
5. Amaral: ‘estado de varas ou tábuas, colocado sobre esteios, ou na parte superior de uma parede, para nele se depositarem objetos quaisquer, ou para fazer algum serviço, como de serra, que demande altura para o competente manejo.’”

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: JIRAU • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Armação de madeiras dispostas sobre forquilhas que pode ser utilizada como cama ou como depósito para utensílios domésticos. • “*Eu chuchava lá pa casa do ...da dona dele chegava lá tinha aquela purção de cama de jirau assim ó ‘quea purção cada cama tinha um balaim d’buneca dibaxo’*” (Ent. 06, linha 286)

Origem: do tupi (CUNHA, 1987, p. 455)

173. JOÃO-VELHO NCm [Ssing + ADJsing]

eles pega um / um / um desse bicho aí um joão-véio... ele é cumércio a gente vende ele... eu vi falan[d]o que um joão-véio tem de dois mil réis pra lá rapaz... cantadô... né... (Entr. 5. linha 162)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: João-velho, s.m. Ave da família das picídeas (*Coleus flavescens*, Gm.).
4. Aurélio: Bras. Pica-pau de cabeça amarela
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

174. JOGA(R) NA BANDERA F [V + {Prep + Asing } + Ssing]

É... o mio é... que tinha de plantá... prepará a terra... plantá... capiná... depois é que vai colhe... quebrá o milho... joga na bandera... (Entr. 1. linha 42)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

175. JUBILEU Nm [Ssing.]

*eu num acumpanhei prucissão mais... dô esmola pros santos todo... todo ano pra jubileu mando... aqui... São Sebastião eu mando... dô esmola no dia vinte de janeiro... dia treze de dezembro que é dia de Santa Luzia padroeira de nossas vistas... (Entr. 1. linha 365)
agora num tá com () como era não... o jubileu aí... vinha gente de tudo qué lugar... pra cantá aí... fazê barraca... o jubileu... quantos anos que eu tô vendo aí descontrolô muitas coisa... (Entr. 8. linha 230)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: JUBILEO. Jubiléo. Derivase da palavra hebraica *jobel*, que quer dizer 50.
2. Moraes e Silva: Jubileu, s.m. graças, e indulgências concedidas pelo Papa de certo a certo termo de tempo, a quem se confessa, communga, e diz certas orações, ou faz outras obras pias.
3. Laudelino Freire: Jubileu, s.m. Lat. *Jubilaeus*. Indulgência plenária, concedida pelo papa em certas solenidades.
4. Aurélio: Solenidade em que se recebem indulgências.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: hebraico > latim > português. (CUNHA, 1987)

176. JUNTA Nf [Ssing]

de primeiro boi era seis boi no carro... no mais era uma junta... quatro pra ará terra... no ingenho ocê punha quatro... mas ocê punha dois novo atrás pra aprendê... punha quatro ali... os velho ensiná os novo moê... isso tudo eu já fiz aqui... já amansei muito boi... (Entr. 1. linha 315)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Junta de boys. Dous boys juntos ao carro, ao arado &c.
2. Moraes e Silva: Junta, s.f. Huma junta de bois, hum par.
3. Laudelino Freire: Junta, s.f. 3. Par ou parelha de bois.
4. Aurélio: Junta 4. Par, parelha: “Comprou a olhos fechados uma junta de bois fulvos como dois leões.” (João de Araújo Correia, *Cinza do Lar*, p. 16.)
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

L

177. LABUTA Nf [Ssing]

igual pai quando tinha esses retiro lá no Quilombo... que tinha dois retiro lá... toda semana nós ficava naquela labuta pra lá e pra cá... tinha semana de nós ir duas vezes na semana... (Entr. 3. linha 502)

{levantá de madrugada}... buscava boi no pasto pra moê cana... carregá bagaço... era aquela labuta... (Entr. 7. linha 30)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Labuta, s.f. o mesmo que labutação. Labutação, s.f. De labutar + ação. Ato ou efeito de labutar.
4. Aurélio: Labuta [Dev. de *labutar*.] Substantivo feminino. 1. Trabalho, lida, labor; labutação.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

178. LAMPARINA Nf [Ssing]

Era aquilo meio filho... lamparina.. {aí punha... punha}... querosene... (Entr. 6. linha 457)
lamparina é querosene e com candieiro... quem não tinha candieiro e nem querosene e num tinha dinheiro pra comprá... lumiava era com taquara... (Entr. 6.linha 466)
Outra coisa tam[b]ém que fazia... que fazia antigamente era lamparina... (Entr. 7. linha 300)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Lamparina. s.f. De *lâmpada*. Aparelho composto principalmente de um reservatório onde se contém azeite ou outro líquido apropriado, e munido de torcida que se acende para alumiar.
4. Aurélio: Lamparina .[Do esp. *lamparilla*.] **S.f.** 1.Pequena lâmpada. 2.Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária: —no pequenino oratório florido, a lamparina de azeite coava a sua luz longínqua para um crucifixo doloroso (Enéias Ferraz, *Adolescência Tropical*, p. 15). [Cf. *candeia*1 (1).]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Lamparina • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária. • *O que eu sei contá é no começo da vida da gente na roça, era muita dificuldade. Lá num tinha nada, num tinha luz num tinha nada. E era tudo cum lamparina de querosene. (Ent. 5, linha 6)*
3. Freitas: LAMPARINA • (A) • Nf[Ssing] • Cast. • Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada. • “Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu com gaiola e inxadão lamparina chucho tudo tava com ês” (Ent. 09, linha 199)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

179. LAMPARINA DE QUEROSENE NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

é uai... principalmente aqui pra nós pode ser que / ah... que foi P... que pôs essa luz pra nós... nós usava era lamparina de querosene... (Entr. 2. linha 75)
É... lamparina de querosene... querosene também que vinha de onde que trazia lá de Diamantina... aquela lata assim ó... de vinte litro... é... (Entr. 6. linha 459)
Outra coisa tam[b]ém que fazia... que fazia antigamente era lamparina... cê chegô conhece lamparina de querosene? (Entr. 7. linha 300)

Registro em dicionários:

6. Bluteau: n/e
7. Moraes e Silva: n/e

8. Laudelino Freire: Lamparina. s.f. De *lâmpada*. Aparelho composto principalmente de um reservatório onde se contém azeite ou outro líquido apropriado, e munido de torcida que se acende para alumiar.
9. Aurélio: Lamparina. [Do esp. *lamparilla*.] **S.f.** 1. Pequena lâmpada. 2. Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária: —no pequenino oratório florido, a lamparina de azeite coava a sua luz longínqua para um crucifixo doloroso (Enéias Ferraz, *Adolescência Tropical*, p. 15). [Cf. *candeia*1 (1).]
10. Amaral: n/e

Registro em glossários:

4. Souza: n/e
5. Ribeiro: n/e
6. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

180. LÁTICO Nm [Ssing]

chegava lá achava vaca parida de novo... bezerrinho sem mamá... () tirava lático de cabresto pra piá VA:CA... (Entr. 3. linha 504)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Látego. Correa larga, com que se açouta, ou açoute de correas.
2. Moraes e Silva: Látego, s.m. Correa de açoitar, ou açoite.
3. Laudelino Freire: Látego, s.m. Cast. *Látigo*. 3. Tira de couro cru, com que se apertam os arreios e que faz parte da cincha.
4. Aurélio: Látego [Do gótico **laitug*, poss.] Substantivo masculino. 1. Açoite de correia ou de corda; azorrague [v. *chicote* (1)] :“Aos ríspidos estalos / Do impaciente látigo, os cavalos / Correm veloz, larga e fogosamente...”(Raimundo Correia, *Poesias*, p. 17.)2. Fig. Castigo, flagelo,3. V. *inquerideira*. 4. Bras. RS Tira de couro cru com a qual se apertam os arreios, e que faz parte da cincha.
5. Amaral: ‘correia que prende a barrigueira à argola do travessão.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

181. LAVRA Nf [Ssing]

Ah... não... acho que não... acho que ne água... acho que tem é só o oro... que eu sei... que tira n'água é o oro... e o oro também acho que tem ne lugar de terra que dá pra tirá... acha oro também... mas aí já é mais difícil... aí já é lavra que fala né... é cortado no chão com ferramenta...aí já é mais difícil e esse dentro d'água é mais fácil de apurá... (Entr. 1. linha 455)

{ ainda tem gente lá na lavra até hoje}... ((conversas paralelas))... (Entr. 7. linha 387)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: LAVRA, ou lavoura. O cultivar, o lavrar a terra.
2. Moraes e Silva: LAVRA, s.f a terra que se lavrar § O trabalho de minar a terra, para extrahir metaes; *it.* a terra minada para este fim, ou que se anda minando v. g. “*andão trabalhando na lavra*”.
3. Laudelino Freire: Lavra, s.f. De lavrar. 6. terreno de mineração.
4. Aurélio: Lavra. 3. Bras. Terreno de mineração; lugar onde se extrai ouro ou diamante.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

182. LAVRA(R) [V]

Ih... eles custuma lavrá o oro lá no () tem uma... uma areia branca eles lavra / eles tira é muito oro... (Entr. 4. linha 134)

É... bateia... sem a bateia num tirava não... num tira... agora hoje tira por conta disso... que tem a / a banca né... que lavra ali e ele sai no cuadô lá e... qué dizê que já tem pra apurá... já apura... (Entr. 4. linha 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Lavrar. Lavrar madeira. Vid. aprainar.
2. Moraes e Silva: Lavrár. v. at. Fazer qualquer obra de mãos, v.g. obra de marceneiro.
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Lavrar. v.t.d. 3. Lapidar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Lavrar • (A) • [V] • Lat. • Aprainar, tornar a superfície plana. • *Aí ês riscava assim/vamo supô que a /ês lavrava o pau que é redondo, né? (Ent. 1, linha 672)*
3. Freitas: LAVRAR • (A) • [V] • Lat>Port • Revolver e sulcar a terra para o plantio. • *“A primêra roça que eu prantei aqui foi ali do ôto lado foi lavrado na enchada tinha que lavrá na enxada que num tinha arado...adubo...adubo foi de um certo tempo pra cá num tinha adubo que o povo estudo aí veio o adub”. (Ent. 04, linha 435)*

Origem: português. (CUNHA, 1987)

183. LOMBILHO Nm [Ssing.]

Pelego é de pô ne / é o corô do carnero... alveja ele... tem um tipo de alvejá ele... mas não por aqui... num alveja aquilo não... aquilo tirava só o corô pra pô ne lombilho pra montá ne animal brabo... (Entr. 1. linha 310)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Lombilho, s.m. De lombo +ilho. Parte principal dos arreios, que pode substituir o selim.
4. Aurélio: Lombilho. [Adapt. do esp. plat. *lomillo* (v. *lombo* e *-ilho*).]
Substantivo masculino. Bras. S. 1. O apero que substitui, nos arreios, a sela comum, o selim e o serigote.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

184. LOTE (DE BURRO) Nm [Ssing.]

É... onze burro era um lote... que falava... que era um lote... (Entr. 2. linha 24)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Lote. “s.m. Gót. *hlauts*. 11. Cada grupo de sete cargueiros, com um condutor, em que se dividem as tropas de carga, no Brasil.”
4. Aurélio: Lote¹. “lote1 [Do fr. *lot*.] S. m. 12. Bras. Cada grupo de animais cargueiros, em geral de sete, com um condutor, em que se dividem as tropas de carga: “Sua tropa de três lotes – cada lote dez burros! – era a melhor que batia o sertão aquém de Jacobina” (Nélson de Faria, Cabeça-Torta, p.7).”
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: LOTE-DE-BURRO (n/d) s. Cada conjunto de dez animais cargueiros em que se dividem as tropas de carga. “... meu pai... quando morreu... ele deixou um lote-de-burro pra mim... é dez burro arreado né... é dez burro...” (Entr.6, linha 216)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas:

Origem: português. (CUNHA, 1987)

185. LUMIA(R) [V]

E pra lá tem muita / esses lugá que tem muita pedra... tem cristal é onde disse que tem ou:ro né... ês fala que tem diamante... diamante eu vejo falá... mas num conheço... disse que é uma pedra muito clara que disse que de noite... aonde que tem a pidrinha dela descoberta na terra... ela lumeia feito estrela... (Entr. 1. linha 519)

rapaz novo... bonitão... forte... cabelo dele parecia com o cabelo de seu pai... aquele cabelo preto... alisado... cabelo dele lumiava como que ele tava untado de gordura... (Entr. 3. linha 607)

De querosene jacaré... é... querosene jacaré... lumiava era com querosene... com

querosene... ou então com candeia de azeite... candeia ocê sabe o que que é num sabe? (Entr. 6. linha 463)

candeia... candieiro... com azeite... eu já tive muito azeite aqui... e tô com querosene ó... é... com querosene... lamparina é querosene e com candieiro... quem não tinha candieiro e nem querosene e num tinha dinheiro pra comprá... lumiava era com taquara... (Entr. 6. linha 465)

Ah... num tinha não... tinha é de azeite de mamô::na... querosene... é... cê lumiava pra podê... até na hora de deitá... ()... (Entr. 8. linha 115)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Lumiar. “v. at. V. Allumiar. Arraes, 3. 10. “O sol lumia.” E 3.3. “lumiar o entendimento”.”
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: LUMIAR (n/A) v. Tornar claro algum lugar. Variante antiga de alumiar (alumiar > lumiar – caso de aférese). Cf. alumiar. “... era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor... e botava as candeia pra lumiar.” (Entr.6, linha 13)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: LUMIAR • (n/A) • [V] • Lat>Port • Tornar claro algum lugar. O mesmo que alumiar. • “Tava iscuero né tirei o fósfo lumiei assim ó tava aquê cuê de bicho pro chão fora” (Ent. 04, linha 294)

Origem: português > latim. (CUNHA, 1987)

186. LUMIENTA Nf [ADJ_{sing}]

Infor: Piriá... / Entr: Ah... piriá... é isso mesmo... / Infor: É lumienta né? Aquelas também num tem rabo não... (Entr. 1. linha 248)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

M

187. MAMA(R) CADEIA F [V + Ssing]

matô o homem... à toa... à toa.. mamô cadeia muito tempo... (Entr. 3. linha 364)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

188. MANDIM Nm [Ssing]

Tinha... a traíra pegava muito é com água suja... traíra e mandim é com água suja... hora que chove dá / os corgo enche... (Entr. 1. linha 565)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Mandí, s.m. Nome comum a diversos peixes de rio, da família silúridas.
4. Aurélio: mandi [Do tupi.] Substantivo masculino. Bras.
 1. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes siluriformes, esp. pimelodídeos, cujos primeiros aguilhões das nadadeiras peitorais e dorsal são rijos e ger. serrilhados. Costumam emitir, ao sair da água, um som semelhante a um choro.
5. Amaral: ‘mandí – certo peixe de rio’.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: mandi - do tupi (CUNHA, 1987, p. 455)

189. MANERO Nm [ADJsing]

É... e aquela imundície... cisco... areia... que é mais manero que o oro dava procê tira... no fazen[d]o assim com a água ia sain[d]o areia misturado com a água... e o oro ficava purim no fundo... (Entr. 1. linha 444)

todo mundo tá indo embora é pra cidade caçan[d]o só sirviço fácil... serviço manero... por isso é que nós tamo nessa dificuldade... na farta das coisas... (Entr. 3. linha 27)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: MANEIRO, adj. pequeno, leve, manual, que se traz na mão, ou maneja facilmente, de que se usa sem incomodo.
3. Laudelino Freire: Maneiro, adj. Do lat. *manus*. Que se maneja facilmente; portátil, manual, jeitoso. 3. Leve, grácil; que se move airoosamente.
4. Aurélio: maneiro [Do lat. tard. *manuariu*, 'manejável', por via pop.] Adjetivo. 1. Fácil de manejar; manual: *livro maneiro*. 2. De fácil uso ou manobra: *vestido maneiro*; *barco maneiro*. 3. Que exige pouco esforço; leve: *trabalho maneiro*.
5. Amaral: 'manêra – abertura na saia, contígua e perpendicular ao cós, para facilitar a passagem pelo corpo no ato de vestir ou despir.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

Obs: leve

190. MANGA Nf [Ssing]

É...lá tinha a manga lá... lá tinha os cocho de pô comida pros porcos de engorda... agora os de criá era outra manga separada...lá ocê jogava só o mio... (entr. 3. linha 46)

É... os porco... é... ficava fechado ali... num ficavam sorto à liberdade não... era preso... mas era uma manga grande... (Entr. 3. linha 49)

Pois é... éra[mos] nós três... e eu tava lá na manga tratando dos porcos... e mãe chegô lá... (Entr. 3. linha 230)

ele pegava uma penca de banana e chegava perto da cozinha no fundo daque / daque / daquelas manga e gritava... (Entr. 7. linha 344)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: "s.f. Pastagem cercada, onde se guardam cavalos e bois."
4. Aurélio: "manga 4. [Do esp. plat. *manga*.] S. f. 3. Bras. CE à BA MG a GO Pastagem cercada onde se guarda o gado.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: MANGA (A) s. Pastagem cercada próxima à casa da fazenda, especialmente

preparada para guardar o gado. “*Até ali eu conheci aquilo ali... uma manga só de capim...*” (Entr.5, linha 293)

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

191. MANJARRA Nf [Ssing]

um... um... toca é duas ou... assim né ó.. chama duas manjarra né... aqui ó... agora... tem... e dá um cruzado assim né... (Entr. 6. linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Manjarra, s.f. 2. Prensa usada na manipulação do fumo baiano.
4. Aurélio: manjarra [De *almanjarra*, com aférese.] Substantivo feminino.
 1. Bras. Prensa empregada na manipulação do tabaco.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e MANJARRA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do engenho de cana. • “*Quano é incostô na ôta muenda eu vi só pedaço da muenda fazê assim TÁ caiu a manjarra caiu tudo*” (Ent. 02, linha 191)

Origem: n/e

192. MÃO DE PILÃO NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

Soca sozinho não. ...{ah...com água é munjolo}... soca com isso... mão de pilão que chama... mas com água chama munjolo... pra soca farinha... (Entr. 2. linha 218)

É... tem a mão de pilão... é... é... tem mão de pilão... depois eu... (Entr. 6. linha 111)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Mão de pilão, s.f. Peça de madeira com que se tritura qualquer coisa no pilão.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e MÃO DE PILÃO • (n/A) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Peça de madeira com que se tritura algo no pilão. • “*Na hora que tá socano lá...qu’ê cumeça a bambiá ai vai isquentano a mão de pilão de vez em quano...a hora que ea soa toca lá depressa...soca soca soca...vorta lá torna isquentá nem a mão de pilão chupa a grudura e nem o pilão tamém...conserva só quente né*” (Ent. 01, l. 79 e 78)

Origem: português + francês. (CUNHA, 1987)

193. MARREQUINHO-DO-MATO NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

e tem os bicho de casa... pato né... marreco de casa... e tem do mato também... aqueles marrequinho-do-mato quês vem... (Entr. 6. linha 245)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Marrequinho do campo, s.m. Ave da família das análidas (*Querquedula versicolor*, Vieill).
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: origem obscura + português (CUNHA, 1987).

194. MARUJADA Nf [Ssing]

agora os marujo {é daqui da rua mesmo... é daqui mesmo}... tinha muito da rua e muitos de cá de roça... tudo era da turma da caboclada / da / da marujada... (Entr. 1. linha 382)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Marujada, s.f. Bailados populares com musica própria e características baseadas em episódios históricos das lutas entre cristãos e mouros na península.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

195. MASSANGA [V]

Aquilo serve pra cozinhá... o porco ocê acostuman[d]o ele desde novo... é mesma coisa da banana... cê cozinha ele fica maciinho... cê massanga ele e mistura no fubá... (Entr 1. linha 70)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Massãgada. (Termo do vulgo.) Mistura de muitas cousas, não muito líquidas.
2. Moraes e Silva: MASSAGADA, s.f mistura de muitas coisas. *vulg.*

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

196. MELADO DE TANQUE NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}]

o melado ia pingan[d]o na... ia pingan[d]o o melado... chamava melado de tanque... ocê provava ele era um meladozinho ruim... num era muito gostoso não... a gente aproveitava pra fazê cachaça... (Entr. 6. linha 432)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: 'melado- caldo de cana engrossado, no engenho.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

197. MELOSO Nm [S_{sing}]

mas ocê não via essa capoeirada que ocê tá vendo aí até hoje em dia ó... aquilo era meloso de baixo em cima... e o pasto que tinha também era meloso... puro meloso... (Entr. 3. linha 483)

É aquela gordura... o capim meloso ele tinha aquele mel... ca vassoura do rabo das vacas e dos boi- de- carro ocê pegava e pertava ela na mão assim ó... cê fazia aquela pelota... com o mel do meloso né... (Entr. 3. linha 487)

quando cê vê um campozinho que é pasto é esse capim plantado que é a braquiária... né... mas num tinha isso não... era meloso puro... (Entr. 3. linha 489)

forrava os balaio com meloso... meloso vivia dessa altura assim por todo canto... (Entr. 3. linha 506)

Infor 2: Duas ou três forma... mas é forma grande... lembro que no fundo da forma tem duas tirinha... duas tirinha... agora no fundo ali pun::ha... acho que é meloso... no fundo ali... e... / Terc: Tinha negócio de meloso mesmo... / Infor 2: É... punha meloso... agora depois que o / que o negócio / eu num sei se punha barro no fundo... / Terc: Tinha barro tam[b]ém... / Infor 1: Punha meloso e depois punha barro... / Infor 2: É... punha meloso... {o meloso punha por baixo}... agora despejava o melado ali dentro da forma... agora tinha... umas gamelona grande de pará... o melado... (Entr. 7. linha 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: MELOSO • (n/d) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Espécie de capim que serve como pastagem. Também conhecido como capim gordura. • “*Meu pai prantava cana de fora a fora ali...meloso tava dessa artura assim ó...ieu que ia pa lá judá é capiná...capiná o meloso...era assim mia fia cê frentava lá*” (Ent. 09, linha 18)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

198. MINORA(R) [V]

que as natureza lá vai caban[d]o ...vai caban[d]o... tá minoran[d]o... tá minoran[d]o... eu gosto de () as planta mas eu penso muito nos novo... eu penso muito os novo... (Entr. 5. linha 177)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: MINORAR. Diminuir. *Minnere*, (uo, ui, utum.) com acusativo.
2. Moraes e Silva: MINORAR, v. at. diminuir v.g., *minorar os humores com evacuação; minorar o come, comendo menos.*
3. Laudelino Freire: Minorar, v. tr. dir. Lat. *minorare*. Tornar menor, diminuir: “sem deixarem de prosseguir nas diligências em Roma, os hebreus portugueses procuravam *minorar* o perigo da sua situação.” (Herculano).
4. Aurélio: minorar [Do lat. *minorare*.] Verbo transitivo direto. Verbo intransitivo. 1. Tornar menor; diminuir: *minorar um perigo; A poluição de São Paulo minorou, com o rodízio de automóveis.* 2. Abrandar, suavizar, atenuar, aliviar, mitigar: “Constantemente procurava pílulas para minorar os sofrimentos.” (José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos*, p. 154); *As suas angústias minoraram graças ao carinho dos amigos.*
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português, ‘minorar’. (CUNHA, 1987, p. 513)

199. MOCHA(R) [V]

hoje num tem isso mais... quando o bezerro hoje nasce... daí a oito dia... ês tá com ferro quente queman[d]o os chifre dos bezerro pra mochá... (Entr. 3. linha 496)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: MOCHAR. Mutilar. Vid. no seu lugar. Vid. mocho. Mocho. Mutilado. *Vid.* no seu lugar. Diz-se dos animaes cornigeros, a que se cortarão as pontas. Carneiro mocho, bezerro mocho, vaca mocha.
2. Moraes e Silva: Mochar, v.at. Fazer mocho, mutilar.
3. Laudelino Freire: Mochar, v. tr. dir. De *môcho* + *ar*. Tornar mocho; cortar um membro a.
4. Aurélio: Mochar [De *mocho* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1. Tornar mocho¹; cortar um membro a.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: castelhano. (CUNHA, 1987)

200. MOFINA(R) [V]

chegá a banca no pé dele né... que se num chegá ele não dá nada... ele mofina a cova... e não dá nada né... (Entr. 10. linha 66)

Mofina porque o mato toma conta dele né... (Entr. 10. linha 68)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: castelhano. (CUNHA, 1987)

201. MUENDA Nf [Ssing]

É... é... assim porque... a... a as muenda são assim... né... as muenda é tipo dum ingenho... mas é deitado... né? (Entr. 6. linha 57)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: MOENDA. Mô, ou o lugar, em que há engenhos de moer.
2. Moraes e Silva: Moenda, s.f. mô, ou peça de qualquer engenho de moer, trilhar, v.g.

as moendas do engenho de assucar, são 3 toros grossos de pau ferrados de lamina de ferro, entre os quaes se trilha a cana de assucar, e exprime o seu suco.

3. Laudelino Freire: Moenda, s.f. De moer. Mó de moinho ou peças de outro qualquer engenho de moer ou pisar.
4. Aurélio: moenda [Do lat. *molenda*, ‘coisas que devem ser moídas’.] Substantivo feminino. 1. Peça ou conjunto de peças que servem para triturar ou moer; moinho: *moenda de cana*. 2. Lugar onde se acha(m) instalada(s) essa(s) peça(s).
5. Amaral:

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e MOENDA~MUENDA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do engenho que serve para moer. • “*Num sobrô nem uma muenda pra contá caso...quebrô as três muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele*” (Ent. 02, linha 192) “*Engem de pau é três moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui aí tem os dente põe a bulandêra lá os cavalo vai tocano*” (Ent. 04, linha 183)

Origem: ‘moenda, XIV – português . (CUNHA, 1987)

Obs: arcaísmo.

202. MULA-DE-GUIA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]

Meu pai mesmo tinha uma tropa... é quando o / tinha os peitorá[l] né... as mula-de-guia... tinha o peitorá[l]... quando começava a batê o povo gritava... “ai... meu Deus a tropa evem... a tropa evem... (Entr. 2. linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

203. MUNHO Nm [Ssing.]

Tinha verdura / ali embaixo toda a vida teve horta ali naquele munho de D... pra cá do munho do lado de baixo... (Entr. 1. linha 84)

Fazê o cafezinho... café... tem o café de munho né... você apanhava... tem o tempo próprio né... ia cuidá do café... da colheita... (Entr. 6. linha 42)

aqui Antonio compra o café limpo e tá... tem ali um pacote.. decoca... torra... e uma hora soca outra hora passa ele no munho né... (Entr. 6. linha 44)

Lá em casa tinha dois... tinha um do munho... de socá farinha... e tinha o da porta da

cozinha de socá café... socá arroz... (Entr. 7. linha 136)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Munho, s.m. Lus. 1. O mesmo que *moinho*.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: MUNHO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Engenho composto de duas mós sobrepostas e giratórias, movidas pelo vento, por queda-d'água, animais ou motor, e destinado a moer cereais. • INF.: *Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha. PESQ.: Mandô pô o quê? INF.: Angu de fubá de munho nas costa. (Ent. 2, linhas 74 e 77)*
3. Freitas: MUNHO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Engenho composto por astes giratórias destinadas a moer cereais. • “*O marido dela (J...N...) foi mudô pá Pedro Leopoldo inventô de fazê um munho lá...um...um...munho d'vento era um trem de ar*” (Ent. 03, linha 67)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

204. MUNHO D'ÁGUA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

Lá ne Zé Barroso que tinha né cláudio? ((conversas paralelas))... eu num gosto de fubá de (desempnadeira)... eu gosto de fubá de munho d'água... (Entr. 2. linha 221)

Infor 2: Lá em casa tinha dois... tinha um do munho... de socá farinha... e tinha o da porta da cozinha de socá café... socá arroz... / Entr: Ah... / Terc: Já viu munho d'água? É isso... (Entr. 7. linha 136)

Disse que assentô no fundo aí... / Terc: Pois é... mas munho d'água né? ((trecho confuso))... / Infor 2: () pé assim... / Terc: Em pé? / Infor 2: É... (Entr. 7. linha 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Moinho de água. Moletrina. *Cujos molae, aqnarum vi verfantur*. Chama Vitruvio a este gênero de moinho, *Hydromy - la, genit. Hydromelarum.Fem. Plur*.
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Moinho de água, s.m. O mesmo que *azinha*.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

205. MUNJOLO ~ MINJOLO Nm [Ssing]

Soca sozinho não. ...{ah... com água é munjolo}... soca com isso... mão de pilão que chama... mas com água chama munjolo... pra soca farinha... (Entr. 2. linha 218)

É o munjolo {o munjolo} e o munjolo é... o munjolo que fazia... e até hoje tem um que fazia aí ó... (Entr. 6. linha 113)

A gente compra né... o nome da farinha chama farinha de munjolo... (Entr. 6. linha 115)

É... no pacotinho cê qué vê? vô te mostrá ocê... no pacotinho vem escrito farinha de munjolo... mas é de mio né... o que oce não soubé... vô te... te explicá... (Entr. 6. linha 117)

Infor 1: E minjolo ocê arcancô? / Terc: Minjolo eu vi um lá na fazenda de Osvaldo Mourão... caminho de Sabinópolis... (Entr. 7. linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Munjolo, s.m. Máquina agrícola, com que se limpa o milho, tornando-o próprio para a fabricação de farinha; máquina de pilar milho.
4. Aurélio: monjolo1 (ô) [Do quimb.] 3. Bras. MG S. Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. [Pl.: *monjolos* (ô). Em MG (pelo menos) a pronúncia comum é com a vogal tônica aberta.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: MUNJOLO • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. • *E a farinha punha lá no munjolo. O munjolo massetava o mio até virá fubá. (Ent. 11, linha 124)*
3. Freitas: n/e

Origem: africano- banto/kimbundo (CASTRO, 2001, P. 289)

N

206. NAÇÃO Nf [Ssing]

um velho antigo... ele era carioca... ele era carioca... a nação dele era carioca... e a muié dele tam[b]ém num era daqui não... era outra nação... (Entr. 1. linha 463)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: nação, s.f. Lat. *natio*; *nationem*. 5. Naturalidade.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas:

Origem: português. (CUNHA, 1987)

207. NA VISTA DE FORA F [{Prep + Asing} + Ssing + Prep + Adv.]

Este rio Guanhões... este rio Guanhões... diz que ele é muito... que sempre vinha... como fala... na vista de fora... pra tirá o oro... oro em pó... um oro bonito... é uai... (Entr. 6. linha 253)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

208. NETA Nf [Ssing]

...ali tem... uma quarta... é uma medida quadrada... tem a quarta... meia quarta... uma neta... que a metade da meia quarta... um prato... e um quartil... ó... a quarta... a meia quarta é a metade da quarta... a neta é a metade da meia quarta... (Entr. 6. linha 134)
É uai... porque na... na fazenda de meu avô tinha todos... tinha a quarta... a meia quarta... a neta... porque a neta...fala a neta porque é a metade da meia quarta... qué dizê... você sabe que aí é... a terça parte da quarta né... (Entr. 6. linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

209. NUM FALA(R) PAU NEM PEDRA F [Adv + V + Ssing + Conj + Ssing]

quando eu / quando eu tava pra... pra casá ninguém fazia gosto do meu casamento... num sabe? Do meu pessoal... ninguém fazia gosto não... só Toco que num falava pau nem pedra... mas o resto ninguém fazia gosto não... (Entr. 3. linha 218)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

O

210. OFENDE(R) [V]

...cobra tem muitos que ofende.. o Juninho já foi ofendido de cobra... tem umas que ela ofende mas num traz muito perigo não... (Entr. 6. linha 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Offender. Fazer agravos a alguém.
2. Moraes e Silva: OFFENDER, v. at. fazer mal físico v. g. „*o calor ofende o corpo , a luz os olhos doente; e.f.*
3. Laudelino Freire: Ofender, v.r.v. Lat. *Offendere*. 3. Ferir, agravar (tr. dir..) : “O golpe ofendeu a carne.” (Aulete).
4. Aurélio: Ofender [Do lat. *offendere*.] Verbo transitivo direto. 1. Fazer mal a; lesar: *A punhalada ofendeu-o gravemente; “Somente ao tronco, que devassa os ares, / O raio ofende!” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, p. 21). 2. Causar mal físico a; ferir: “A bala ofendera-lhe um órgão qualquer lá dentro” (Viriato Correia, *Novelas Doidas*, p. 68).*
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

211. ÓLEO DE COADA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

Mói a cana ali... tem um processo... leva ela pra tacha... ferve... faz um barrilero com coisa que é pra fazê sabão e põe o óleo de coada... tem umas... (Entr. 6. linha 414)
tinha que pô óleo de coada pra podê... agora... punha tantos dia... ali naquele fim daqueles tantos dias... (Entr. 6. linha 424)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)**212. O QUE EU CUSPO EU NÃO ENGULO** F [A + Pron. + Pron. + V + Pron. + ADV+ V]

eu achei que era uma pessoa da minha iguala... né porque teja me gavan[d]o não... mas eu só um homem que o que eu cuspo eu num engulo... né? (Entr. 3. linha 333)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)**P****213. PACA** Nf [Ssing]

tem onça:... tem guará... tem rapo:sa... pa::ca... cuti:a... cutia com paca parece que a natureza é uma só... (Entr. 1. linha 102)
Parece... e é sureca como a paca é a cutia também é... (Entr. 1. linha 105)
Ah... tinha muito paca... veado... esses bicho miúdo tudo...de macaco pra cima tudo tinha... (Entr. 4. linha 145)

tá parecen[d]o uns veado por aí afora... tenho certeza que hoje ninguém anda caçan[d]o esses veado que num pode... né... num pode... tem paca mas acho que agora () disse que tinha paca... falei... eu num gosto que caça elas não... (Entr. 5. linha 147)

Ah... paca... macaco... já cacei veado por aí afora... (Entr. 5. linha 151)

Ah::... antigamente tinha muito tatu::... tinha pa::ca... tinha veado... inda tem... (Entr. 7. linha 313)

paca sumiu muito tia... canarinho – chapinha... curió... (Entr. 7. linha 321)

() de quati pra cima de tudo ocê encontrava... tatu... paca... cutia... né... veado... onça... (Entr. 8. linha 28)

É... paca... tatu... essas coisa assim né... hoje em dia num tá ven[d]o isso mais uai... (Entr. 10. linha 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: PACA. Animal do Brasil. He huma espécie de coelho, do tamanho de manãa, & grunhe quasi como porco. Tem lombos largos, orelhas sem pelo, ventas largas, barba de gato, os pes mais altos que as mãos, a barriga branca, & nas ilhargas cinzentas. A carne deste animal he gorda, & excelente, por isto os portugueses lhe chamão, Caça real paca.
2. Moraes e Silva: Paca, s.f. Animal Brasil de caça, espécie de porco.
3. Laudelino Freire: Paca, s.f. Quadrúpede roedor da América do Sul (*Cavia paca*, Lin).
4. Aurélio: Paca 2 [Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Roedor dasiproctídeo (*Agouti paca*), de hábitos noturnos, distribuído do Sul do México ao Sul do Brasil, de pelame castanho-avermelhado tirante a marrom, lados do corpo com três a cinco listras longitudinais brancas, irregulares, ventre branco e cauda curtíssima, quase invisível. A cabeça é grande, com orelhas curtas e arredondadas, a maxila é proeminente, os olhos são grandes e, à noite, apresentam-se vermelhos. Vive sempre perto da água, onde busca refúgio quando perseguido. Adulto, pesa cerca de 10kg, e sua carne é apreciada. [Masc.: *pacuçu*.]
5. Amaral: ‘mamífero do gên. *coelogenyo*, ordem dos roedores.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do tupi ‘paka. (CUNHA, 1987, p. 571)

214. PANELINHAZINHA Nf [Ssing]

a água suja vai sain[d]o e o / o oro vai assentan[d]o nessa panilha embaixo...”
panilinhazinha rasa feito um / feito um pi:res... assim que a dele tinha eu sei porque eu vi que ele me mostrô... (Entr. 1. linha 533)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

215. PÁ PI [INTERJ]

Tava dentro da bota... ele tirô a bota de noite pra deitá e quando foi no outro dia o bicho amanheceu dentro da bota num / {num olhô}... num bateu a bota pra tirá qualquer impuridade que tivesse... pegô ele no pé e foi pá pi... (Entr. 3. linha 125)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

216. PAREA(R) [V]

ele tava debruçado na janela eu fui pareei o burro assim... cumprimentei ele... ele mandô eu apiá... (Entr. 3. linha 378)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Parea, v. tr.dir 2. Ant. Emparelhar, colocar a par.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: 'parelhar, séc. XIV > pareiar* > parea

217. PARECE COISA F [V + Ssing]

Muito peixe... cevava ês... Antonio Mariquinha cevava ês... punha mio lá... no dia / naqueles horário que pai ia... ele já sabia... cevava ês... ele levava mio em casca marrado numa () punha lá... outra hora levava canjica de mio e jogava... tudo naquele horário... parece coisa / que os peixe acostumado / dava aquele horário ês vinha caçá... aonde é os dia que ia sortá a bomba ês já tava ali reunido... (Entr. 1. linha 556)

Sumiu TU::DO... cabô TU::DO... parece coisa que esses bicho / engraçado que a florestal proi:be... da gente derrubá... fazê as derrubada... fazê carvão... num deixa mesmo... se fizê assim sem tirá a licença paga uma murta rorosa... os mato tá aumentan[d]o... mato() tá faltan[d]o entrá dentro de casa... e ocê não pode devassá... (Entr. 3. linha 56)

Sabia né Vanderlei... povo lidava com mais / parece coisa que tinha mais atenção... igual pai quando tinha esses retiro lá no Quilombo... que tinha dois retiro lá... toda semana nós ficava naquela labuta pra lá e pra cá... (Entr. 3. linha 502)

mas que esse brejo eu vô falá cocê... lá quando pegô chove... parece coisa que o brejo deu um baque... rachô até cá em cima... (Entr. 5. linha 77)

Não... plantava mesma coisa... mas parece coisa que o jeito de plantá é outro né... e agora parece que é mió pra gente a gente plan::ta... às veze põe trabaiadó::... co:ie né... num coie muito mas é mais... é mió né... (Entr. 10. linha 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

218. PASSA(R) A PERNA NA MULA F [V + Asing + Ssing + {Prep + Asing} + Ssing]

tornei passá a perna na mula e fui pra acompanhá o enterro... foi ondê que eu cheguei lá e ainda mandei tirá o retrato como eu te mostrei aí da ultima vez... (Entr. 3. linha 248)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

219. PASSA(R) UMA CORTAGE(M) F [V + A_{sing} + S_{sing}]

Ah... isso aí é divera... igual cana... cana cê plantô ela... cê bota a primera capina nela... ali ele vai só... né... cê passa uma cortage nela... ali os broto vai brotando [ou]tra vez... quando pensa que não... a planta cresce () né... (Entr. 10. linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

220. PÁSSARO-PRETO NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]

hoje cê não vê passarinho... cê não vê movimento de passarinho ó... fica tudo em silencio ó... aquela quantidade de pintassilgo... canarinho... pomba-rolinha... passo-preto... tudo... (Entr. 3. linha 40)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Pássaro Preto, s.m. Passarinho icterídeo (*Icterus unicolor*).
4. Aurélio: Pássaro-preto. Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. Ave emberizídea icterínea (*Gnorimopsar chopi*), do Brasil central e este-meridional, Bolívia, Paraguai, Uruguai e N. da Argentina, com até 25cm de comprimento, coloração inteiramente preta, penas estreitas e pontiagudas na cabeça, e canto melodioso. Frequenta pastos, plantações e matas e não põe os ovos em ninho alheio. [Sin.: *arranca-milho*, *arumará*, *arumaru*, *chupão*, *chupim*, *graúna*, *melro*, *vira-bosta*, *vira-bosta-mau*, *vira-campo*. Pl.: *pássaros-pretos*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

221. PEDRA NASCENTE NCf [Ssing + ADJsing]

por baixo às vezes ela sai alta e essa sai funda e lá tem pedra na frente... lá tem natureza... foi criado a natureza que as água toda né... na cachoeira onde o pai desse minino tinha água... lá tem uma pedra nascente lá... (Entr. 5. linha 70)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza:
2. Ribeiro:
3. Freitas:

Origem: português. (CUNHA, 1987)

222. PEITORAL Nm [Ssing.]

Meu pai mesmo tinha uma tropa... é quando o / tinha os peitorá[l] né... as mula-de-guia... tinha o peitorá[l]... (Entr. 2. linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: PEITORAL de bestas. O peitoral do cavallo, he hũa larga tira de couro, que atravessa o peyto do cavallo, serve de ter a sela firme, de sorte que não caya para traz, quando sobe o cavallo.
2. Moraes e Silva: PEITORAL, s.m. correia preta na dianteira das selas, a qual rodeia o peito do cavallo.
3. Laudelino Freire: Peitoral, s.m. 4. Correia que cinge o peito do cavalo. 5. parte externa e anterior do peito da cavalgada.
4. Aurélio: Peitoral. 5. Correia que cinge o peito do cavalo. 6. A parte anterior e externa do peito da cavalgada.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

223. PELEGO Nm [Ssing.]

... o corô alvejava ele... fazia aqueles pelego que vinha... () que acha pra comprá... (Entr. 1. linha 307)

Pelego é de pô ne / é o corô do carnero... alveja ele... tem um tipo de alvejá ele... mas não por aqui... num alveja aquilo não... (Entr. 1. linha 310)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Pelego, ou Pellego, s.m. Pele de carnero com a lâ, servindo de xairel.
4. Aurélio: Pelego (ê) [Do esp. *pellejo*.] Substantivo masculino. 1. Bras. A pele do carnero com a lâ: “Trazia o sertanejo na garupa a maleta de pelego de carnero” (José de Alencar, *O Sertanejo*, p. 36). 2. Bras. Essa pele, usada nos arreios à maneira de xairel. 3. Bras. Tapete feito dessa pele.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ‘pelego, 1890’, português. (CUNHA, 1987)

224. PELEJA(R) [V]

umas ispiguinha assim que pai sempre falava que a ispiga menor tem condições dela / dela remoê e torá tudo... e dá uma grande... ele peleja... num acha recurso... baba ela... baba... baba... solta ela lá no chão... (Entr. 1. linha 330)

cê peleja aí pra arrumá uma... uma turmazinha [a]o meno duns oito ou dez cumpanhero procê fazê um sirviço... ocê num consegue... hoje num consegue mais né... povo mudô tudo pra cidade... (Entr. 3. linha 25)

Dos caso...mas enxergá...nunca enxerguei não...Lula tá pelejan[d]o... ele né...fazem[d]o isso... mas que caba com a violência...acho que num caba com isso não... (Entr. 8. linha 175)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: PELEJAR. Segundo o Mestre Vanegas, derivase do verbo Latino *Pellere*, lançar fora, porque o fim do pelejar he lançar fora o inimigo.
2. Moraes e Silva: PELEJAR, v.at. brigar na guerra, ou combate; batalhar, lutar, guerrear.
3. Laudelino Freire: Pelejar, v.r.v. Corr. De palejar, do lat. *palus*. Batalhar, brigar, lutar, pugnar, combater.
4. Aurélio: pelejar [De *pelo*² + *-ejar*, poss.] Verbo intransitivo. 1. Batalhar; combater, lutar, pugnar: *O Duque de Caxias pelejou na Revolução Farroupilha, na Balaiada e na Guerra do Paraguai.* [Sin., bras., SC e RS: *pelear*.] 6. Bras. Insistir, instar, com obstinação: *Pelejou para obter um emprego; Pelejou com o amigo para entrar na sociedade, mas em vão.*
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: 'pelejar – XVIII, português. (CUNHA, 1987)

225. PENITÊNCIA Nf [Ssing]

no outro dia tinha que apresentá... apresentei na mesma madrugada... agora quando cheguei... fui ()... nessa daí eu / entrô uma penitência pra nós... (Entr. 4. linha 08)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Penitência, s.f. Lat. *paenitentia*. 7. Incômodo, tormento.
4. Aurélio: penitência [Do lat. *poenitentia*.] Substantivo feminino. 3. Incômodo, fadiga, sacrifício.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

226. PENURA Nf [Ssing]

É... de primeiro era uma penura... (Entr. 7. linha 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: PENÚRIA. He palavra Latina, derivase de *penu*, que val o mesmo que despensa. Toma-se por falta do necessário, pobreza, indigência, pouco provimento.
2. Moraes e Silva: PENÚRIA, s.f. Falta do necessário, indigência, mingoa v.g.
3. Laudelino Freire: Penúria, s.f. Lat. *penuria*. Miséria extrema; privação do que é necessário; pobreza.
4. Aurélio: penúria [Do lat. *penuria*.] Substantivo feminino. 1. Pobreza extrema; indigência, miséria: "Era tanoeiro de officio, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria." (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 7.) 2. Privação do necessário; escassez, falta, pobreza: penúria de alimentos, de recursos, de informações.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Obs: penúria > penura (monotongação)

227. PERDIZ Nf [Ssing]

codorna... esse perdiz...tinha demais... hoje ocê nem sonha que num tem... e agora esses bicho piqueno... (Entr. 4. linha 161)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Perdiz. Ave conhecida. Não pousa em árvores; pouco se levanta da terra, & ainda que tenha o voo muito limitado, faz com azas muito estrondo.
2. Moraes e Silva: PERDIZ, s.f. Ave conhecida v. Garella, e rei da banda: *perdix cis*.
3. Laudelino Freire: Perdiz, s.f. Lat. *perdix*. Zool. Ave da ordem das galináceas, que tem tamanho de um pombo aproximadamente e constitui excelente caça (*Perdix cenera*; *Perdix rubra*).
4. Aurélio: perdiz [Do gr. *pérdix*, pelo lat. *perdice*.] Substantivo feminino.
 1. Zool. Ave tinamiforme, tinamídea (*Rhynchotus rufescens*), distribuída pelos cerrados e caatingas de todo o Brasil ao S. do rio Amazonas. Tem coloração avermelhada, com matizes amarelos e ferrugíneos, penas dorsais listradas de preto, e garganta esbranquiçada. É muito procurada para caça e esta se faz de agosto a setembro, período em que estão piando, ou em outras épocas, com auxílio de cães perdigueiros. Alimenta-se de toda a sorte de grãos e artrópodes de modo geral, ingerindo também folhas tenras. Vive e nidifica no solo. [Masc.: *perdigão*. Sin.: *inhambuapé*, *inhapupê*, *nhampupê*, *napopé*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

228. PERFEITIMZIM Nm [ADJsing]

mas a gente tá ven[d]o / conhecen[d]o ele perfeitimzim... ele num fez diferença nenhuma... num fez de mudança nenhuma... a feição dele vivo como depois dele morto... (Entr. 3. linha 253)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

229. PIÃO Nm [Ssing]

fazia de tudo... de carrero pra cima tudo era com nós... pião... mexia com burro... ((risos))... (Entr. 4. linha 14)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Peão, s.m. De pear. Homem que, montado a cavalo, agarra bois a laço. 2. Amansador de cavalos, burros e muares.
4. Aurélio: peão² [Do esp. plat. *peón*.] Substantivo masculino. 1. Bras. Amansador de cavalos, burros e bestas. 2. Bras. Conductor de tropa: “E repercutiam sonoros nas quebradas os gritos dos peões tangendo a tropa” (Alcides Maia, *Tapera*, p. 58). 3. Bras. Ajudante de boiadeiro. 4. Bras. Trabalhador rural.
5. Amaral: ‘pião – domador’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: PIÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. Trabalhador rural. • PESQ.: *Mais trabalhava mais era cum plantação? INF. 1: É, plantação. Aí () que tratá dos pião tinha que levá cumê pra eles. (Ent. 5, linha 63)*
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987, p. 588)

Obs: ‘*peon XIII, peõ XIV, pions pl XV* (arcaísmo)

230. PIÃO Nm [Ssing.]

Entr: Mas é... na época que... o senhor era criança ques brincadeira que tinha.... que fazia? / Infor: Aqui? / Entr: É... / Infor: Nós brincava aqui de bodo::que... ocê conhece? / Entr: Sei... / Infor: De vez em quando nós uma ()... é Pi:ão... (Entr. 8. linha 75)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pião. Bocado de pao, quasi redondo, armado de hum ferrão, com que jogão os rapazes.
2. Moraes e Silva: Pião, s.m. Peça cônica de pão, arredondada na parte oposta ao ferrão, na qual tem uma cabeça, enleia-se-lhe huma fieira, e soltando-o depois dança, ou gira sobre o ferrão.
3. Laudelino Freire: Pião, s.m. Pedaco de madeira ou de metal em forma de pêra e com um bico na ponta, com que os rapazes jogam enrolando-lhe uma grita e desenrolando-a rapidamente para fazer girar no chão.
4. Aurélio: pião¹ [Var. de *peão*.] Substantivo masculino. 1. Brinquedo piriforme, com uma ponta de ferro, que gira impulsionado por um cordel, enrolado, nele, ou por meio de uma mola.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: 'pião', XIX português. (CUNHA, 1987, p. 589)

231. PIA(R) [V]

tirava lático de cabresto pra piá VA:CA... pô os bezerrinho pra MAMÁ... punha... arrumava... (Entr. 3. linha 505)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: PEAR bestas. Porlhes a *pea*. *Vid.* Pea. Pear o cavallo.
2. Moraes e Silva: PEAR, v. at. por *pea*, prender com ella as bestas.
3. Laudelino Freire: Pear, v. tr. dir. De *peia* + ar. Lançar *peias* a; prender com *peia*.
4. Aurélio: Pear [De *peia* + -ar².] Verbo transitivo direto.
 1. Lançar *peia(s)* a.2. Prender com *peia(s)*.
 3. Embaraçar; impedir; estorvar: *Os compromissos sociais peavam-lhe as atividades intelectuais*; "A seu lado, conspícuo, empertigado, fato novo a *pear-lhe* os gestos, o marido tentava vãmente sofrear-lhe o choro com um gaguejar de palavras de consolação" (José Gomes Ferreira, *O Mundo dos Outros*, p. 128). [Conjug.: v. *frear*. Cf. *piar*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: PIAR (A) v. Pear; prender com *peias*; amarrar com corda. "...pegou essa nega moço e piou...tirou a roupa dela todinha e piou ela bem piada... amarrrou as mãos... amarrrou as pernas e... e botou lá dentro do forno..." (Entr.4, linha 438)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: onomatopaica (CUNHA, 1987, p. 602)

232. PIAU Nm [Ssing]

hoje tem / pega muito é ne rede e... anzol tam[b]ém / é muito difícil anzol pegá aqueles miudinho... muito difícil... quando é muito pequeno... assim tamanho de um parmo assim / esses peixe maió... traíra... piau... (Entr. 1. linha 561)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Piau, s.m. 2. Peixe fluvial (*Leporinus conirastris*).
4. Aurélio: piaba [Do tupi = 'pele manchada'.] Substantivo feminino.
 1. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes caraciformes; *piava*, *piau*, *aracu*.
 2. Bras. Zool. *Aracu-pintado* (1).
 3. Bras. Zool. V. *aracu-branco*.
 4. Bras. N.E. Zool. V. *lambari* (1).
5. Amaral: n/e . / 'piava, piaba – certo peixe do rio'.

Registro em glossários:

1. Souza: PIAU • (n/d) • Nf [Ssing] • Ind. • Qualquer animal que possui pintas

espalhadas pelo corpo. • *Num murria. Aí eu e meus irmão, mais véio levantaro tudo p[r]a vê matá o porca. Uma porcona que tava gorda. Porca piáu.* (Ent. 10, linha 624)

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ‘piáu – piaba / pião. Do tupi *pi’au.

233. PICADA Nf [Ssing]

QUEMA feito um condenado... mas cada palma dessa grossura... tava abrin[d]o a picada... e eu passei a mão num martelo ((trecho inaudível))... (Entr. 8. linha 73)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: PICADA, s.f. § Caminho estreito que se faz por entre mato, derribando algumas arvores.
3. Laudelino Freire: PICADA, s.f. De picar + ada. 8. Abertura mais ou menos larga, conforme o uso a que se destina, feita através da mata ou de campo cerrado, para estabelecer comunicação de um ponto a outro.
4. Aurélio: picada1 [De *picar* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 9. Bras. Angol. Cabo-verd. Guin. Moç. Santom. Atalho estreito, aberto no mato a golpes de facão; pique: “Atravessou primeiro por uma estreita picada... a pequena capoeira que limitava os campos do marido.” (José Veríssimo, *Cenas da Vida Amazônica*, p. 276.)
5. Amaral: ‘picada – passagem aberta através do mato.’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português (CUNHA, 1987, p. 602)

Obs: *picada* XIV (arcaísmo)

234. PIÇARRA Nf [Ssing]

Tirava... quando num era no rio... tinha o barranco aí... limpava a piçarra lá na / na / no cascaio... e ia lavan[d]o no rio... (Entr. 4. linha 122)

É a areia né que chamava assim... piçarra... tirava muitas... grama por dia... tinha pedaço de oro de duas três grama () no peso... é duro... (Entr. 4. linha 125)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: PIÇARRA. Espécie de Cascalho, ou camas de terra, incorporada com areia, & pedregulho.
2. Moraes e Silva: PIÇARRA, s.f. cascalho, ou terra misturada com areia, e pedregulho.
3. Laudelino Freire: Piçarra, s.f. Cast. *pizarra*. Terra misturada com areia e pedra; cascalho.
4. Aurélio: piçarra [Do esp. *pizarra*.] Substantivo feminino.

1. Geol. Qualquer rocha sedimentar argilosa estratificada, endurecida.
2. Terra misturada com areia e pedra; cascalho. [Sin., bras., nesta acepç.: *tapururuca*.]
3. Pedreira, penedia.
4. Bras. A última parte dos terrenos das lavras diamantíferas.
5. Bras. N. Solo laterítico muito empregado no revestimento do leito de estradas. [Var.: *piçarro*.]

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: castelhano (CUNHA, 1987, p. 603)

235. PILÃO Nm [Ssing]

O arroz era socado no pilão... a gente tinha que limpá ele no pilão né... pra podê cumê...
(Entr. 2. linha 02)

A o pilão ali... ali... a o pilão ali ((mostra o objeto no quintal da casa))... a o pilão lá soca / soca / agora não... mas socava arroz... mas soca café... soca amendoim pra fazê paçoca...
(Entr. 2. linha 215)

hoje... como diz... você vai no... no armazém... na mercearia... acha de tudo né... e de primeiro... arroz de pilão... café de pilão... (Entr. 6. linha 34)

ia cuidá do café... da colheita... agora sacudí... colocava no pilão... socava... limpava ele... depois torrâ... e depois voltava com ele no pilão outra vez e socá... (Entr. 6. linha 42)

Plantava... plantava milho... feijão... até arroz no brejo... é o arroz assim para colhê... que a proteína tem... pra ir pro pilão... vai socá... ao... muitos hoje... muitos dos antigos fala que o arroz de pilão... (Entr. 6. linha 76)

Você põe ele fogo que cozinha num instantinho... e já o... o de pilão não... o de pilão não cozinha muito depressa não... né... (Entr. 6. linha 81)

lá no Bom Jesus... eu limpei muito... ali... aquilo ali é pilão ó... aquele toco ali é o pilão... eu viro ele assim ó... tá lá... pra gente socá... inda ontem... (Entr. 6. linha 87)

pegô um café ... ele secô pra ela... ela torrô... socô... até socô foi num outro pilão lá dentro... que tem lá dentro... (Entr. 6. linha 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pilão Instrumento com que se pila. Na sua *Histor. das plantas do brasil*, liv. I, cap. II. Diz que os portugueses chamão pilão ao vaso de pao, a modo de gral, o almofariz em que pilão gergelim.
2. Moraes e Silva: PILÃO, s. m. Mão do gral. § *no Brasil* he gral de pao rijo, onde se pila, e descasca o arroz.
3. Laudelino Freire: Pilão, s.m. De pilar. Gral de madeira rija, onde se descasca e tritura café, milho, etc.
4. Aurélio: pilão [De *pilar*²+ *-ão*².] Substantivo masculino. 1. Mão de almofariz. 2. Maço dos moinhos onde se pisa o papel, a casca de carvalho, a massa da pólvora, etc. 3. Designação comum a diversos instrumentos que servem para bater, triturar, calcar.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: PILÃO (A) s. Espécie de vaso de madeira onde se pila e descasca arroz,

milho, café, etc. “...*agora a gente compra é o saco de arroz limpinho... e nesse tempo num era meu filho... era tudo pisado no pilão... o café era pisado tudo no pilão pra poder beber...*” (Entr.14, linha 198)

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: francês ‘pilon’ (CUNHA, 1987, p. 589)

236. PINTASSILGO Nm [Ssing.]

hoje cê não vê passarinho... cê não vê movimento de passarinho ó... fica tudo em silencio ó... aquela quantidade de pintassilgo... canarinho... (Entr. 3. linha 40)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pintacilgo, ou Pintasilgo, ou Pintacirgo, ou Pintaxilgo. Avezinha conhecida, tão agradável ao ouvido pela consonância da sua voz, como vistosa aos olhos pelas cores de sua plumagem.
2. Moraes e Silva: PINTASILGO, s.m, ou PINTACIRGO, s.m. Ave vulgar. *Palm. p. x. c. 109. (Carduelis, acanibis)*
3. Laudelino Freire: Pintassilgo, ou Pintasilgo, s.m. Ave cantora da família das tanáguidas (*Nemosia guira*). 2. Pássaro da família dos fringilídeos (*Spinus icterico*)
4. Aurélio: pintassilgo [Do arc. *pintassirgo*, de or. controversa.] Substantivo masculino. Zool. 1. Bras. Ave passeriforme, fringilídea (*Spinus magellanicus ictericus*), distribuída da BA para o S., de dorso oliváceo, cabeça, garganta, asas e cauda pretas, espelho, base da cauda e lado inferior amarelos. [É muito estimado como pássaro de gaiola, dando, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado *pintagol*. Alimenta-se de sementes de capim. Var., bras.: *pintassilva*; sin.: *pintassilgo-do-campo*.] 2. Bras. Ave passeriforme, traupídea (*Hemithraupis guira nigrigula*), da Amaz., macho verde-oliváceo, dorso baixo e peito alaranjado-vivo, sobrelha, meio do abdome e crisso amarelos, e garganta e lados da cabeça pretos. 3. Lus. Ave passeriforme, fringilídea (*Fringilla spinus*), de coloração geral amarelo-esverdeada.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: controversa. (CUNHA, 1987, p. 606.)

237. PINTASSILGO-DO-SERTÃO NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

Terc: Pintassilgo-do-sertão tam[b]ém cabô né.? / Infor 2: Cabô... (Entr. 7. linha 328)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: controversa + português. (CUNHA, 1987)

238. PIPA Nf [Ssing]

Gustavo mais Nicote é que fazia... por aqui era os fabricante dessa / desses / chamava barril e pipa... as grandes de pô leite chamava pipa... (Entr. 3. linha 562)
A pipa já era maió... os barril num passava / os maió que tinha era dessa artura assim ó... agora a pipa de pô leite era a pipa de / tinha pipa até de quinze... vinte litro... (Entr. 3. linha 574)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pipa. Vasilha grande, composta de aduelas, apertadas com arcos, & bem unidas, em que se guarda vinho, azeite e outros licores.
2. Moraes e Silva: PIPA, s.f. Vasilha de tanoa, de guardar vinhos, azeite, vinagres, &tc.
3. Laudelino Freire: Pipa, s.f. vasilha bojuda de madeira, menor que o tonel, para vinho e outros líquidos.
4. Aurélio: pipa1 [Do lat. vulg. **pipa*, ‘flautinha’ (< *pipare*, ‘piar’).] Substantivo feminino. 1. Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português, séc. XVIII. (CUNHA, 1987, p. 606)

239. PIQUITITO Nm [ADJsing] ~ **PIQUITITA** Nf [ADJsing] ~ **PIQUITITINHO** Nm [ADJsing]

É... Trabalhá... pois muitos tipo de sirviço... ocê já vai pegan[d]o aqueles mais fácil... e desde o princípio do / enquanto ocê tá piquitito... cê vai aprenden[d]o o tipo de sirviço... (Entr. 1. linha 97)

e o caranguejo / o carangonço é menor... piquitito e com aquele rabo... com aquela vorta... aonde o veneno é na ponta do rabo... (Entr. 1. linha 186)

E tem o caca... é um menor... mas é jacu tam[b]ém... mas é do piquitito... um gritadô... gosta de sarandi... (Entr. 1. linha 297)

umas ispiguinha assim que pai sempre falava que a ispiga menor tem condições dela / dela remoê e torá tudo... e dá uma grande... ele peleja... num acha recurso... baba ela... baba... baba... solta ela lá no chão... é restolho () ispiga piquitita... (Entr. 1. linha 330)

quando nós tava piquitito ainda... mas toda festa de mês de agosto e festa de São Sebastião... mãe fazia aquele isforço e nos levava naquela dificuldade que nós costumava ir até de carro de boi... (Entr. 3. linha 419)

Entr: E tinha também muito daqueles bichinhos... uns amarelinhos né... que fica no meio

da madeira e de entulhos assim... e diz que a picada dele também é perigosa até matar né?
/ Infor: Mas uns bichinhos piquitinho? (Entr. 3. linha 101)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Pequetito, adj, pequenito. Pequenito, adj. e s.m. O mesmo que *pequenino*.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: 'piquitito – diminutivo de *piqueno*'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

240. PIRIÁ Nf [Ssing]

Piriá... (Entr. 1. linha. 248)

no brejo... bichinho essas do brejo aí... eas gosta do brejo... é essas aí... é as piriá... (Entr. 1. linha 254)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: PREÁ, s.f Animal Bras. Que tem exteriormente na bariga huma bolsa, onde recolhe os filhinhos.
3. Laudelino Freire: Preá, s.m. Mamífero roedor, semelhante à cobaia (*Cavia aperea*).
2. Nome comum a outras espécies de pequenos roedores do mesmo gene. (*Cavia leucopyga*, *Cavia fulgida*, *Cavia spixi*).
4. Aurélio: preá [De *aperea*, com aférese e síncope.] Substantivo masculino e feminino. 1. Bras. Zool. Designação comum às espécies de mamíferos roedores caviídeos, gênero *Cavia*, esp. a *Cavia aperea*, que ocorre de PE para o S. 2. Bras. Zool. Designação comum a três espécies do gênero *Galea*, comuns no N. e no N.E., de dorso manchado de amarelo-sujo e preto, variando com as espécies, e superfície ventral branca, tendente ao amarelo-sujo. Vivem nos capinzais à beira de córregos, lagoas e rios, saindo ao anoitecer, e se alimentam de gramineas. [Sin., nessas acepçs.: *bengo*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987)

241. PIRIMENTE [ADV]

e ês... tive uma pessoa que dá denúncia que ocê matô uma cobra... eles vêm... eles vêm... eles vêm e ocê tem que pagá murta duma cobra... agora uma cobra morde uma pessoa aí... um cascavel pirimente que por aqui já tem... (Entr. 3. linha 64)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Primeiramente. Em primeyro lugar. *Primo, primum.*
2. Moraes e Silva: PRIMEIRAMENTE, adv. Em primeiro lugar.
3. Laudelino Freire: Primente, adv. De primo. Ant. O mesmo que *primeiramente*. Primeiramente, adv. De primeiro + mente. Em primeiro lugar; antes de outra coisa; antes de tudo.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

242. PISSUI(R) [V]

como eu tinha um livro até / Gerardo eu num sei se pissuiu ele... (Entr. 4. linha 64)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: ‘pissuí, possuir – adquirir, comprar’

Registro em glossários:

1. Souza: PESSUIR (n/A) v. Ter; adquirir; comprar. “... meu pai nunca *pessuiu* terra não...” (Entr.5, linha 129)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português, séc. XIII. (CUNHA, 1987, p. 626)

Obs: arcaísmo

243. PÓ Nm [Ssing]

foi turma de gente lá... num foi descoberto isso... matô o homem... cortô o pó de:le... e matô a muié... cortô os seios dela tudo... uma morte com covardia né... caçan[d]o o oro... (Entr. 1. linha 471)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português (CUNHA, 1987, p. 626)

244. PORCA CRIADE(I)RA NCf [Ssing + ADJsing]

criação era só porco né... ingordava um purquinho... pelo menos agora... nós temo dois piqueno... e eu tenho uma porca criadeira que foi pro () que deu pra ela... pra () é só isso só... (Entr. 9. linha 48)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português (CUNHA, 1987)

245. POLPA Nf [Ssing]

Parece... e é sureca como a paca é a cutia também é... agora o cabelo da polpa dela cá... da / da cutia é amarelo... {é amarelo}... (Entr. 1. linha 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Polpa. A parte do animal mais carnosa, de melhor substancia, sem gordura nem ossos.
2. Moraes e Silva: POLPA, s.f. Parte mais carnosa do corpo animal.
3. Laudelino Freire: Polpa, s.f. Lat. *pulpa*. Carne muscular dos animais, sem ossos nem gorduras.
4. Aurélio: polpa(ô) [Do lat. *pulpa*.] Substantivo feminino. 1. Carne muscular, sem ossos nem gorduras.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

246. PORCOS DE ENGORDA NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}}]

É... lá tinha a manga lá... lá tinha os cocho de pô comida pros porcos de engorda... agora os de criá era outra manga separada... lá ocê jogava só o mio... (Entr. 3. linha 46)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

247. PRATO Nm [S_{sing}] ~ **PRATOS** Nm [S_{pl}]

porque antigamente vendia tudo era nas.... nos pratos... media... nas quartas e nos pratos... hoje é tudo é quilo... é num é... hoje tudo é quilo... mas inda tem uma dona lá na roça... lá pro lado de Sabinópolis... pra lá do... lá do Bom Sucesso... que ela faz farinha de mandioca e vende pra gente aos prato... (Entr. 6. linha 124)

Não... ela não vende os quilos não... ela vende é aos pratos...é... eu mesmo já comprei na mão dela uma farinha de mandioca muito boa... é um prato por três reais... (Entr. 6. linha 129)

Uma quarta é... são dez pratos... são vinte litros né... dez pratos são vinte litros... (Entr. 6. linha 134)

um prato... um quartil é a metade... meio prato... o prato...o meio prato é a metade do prato... um quartil é a metade do meio prato... (Entr. 6. linha 136)

agora o prato... o prato... um meio prato... e um quartil... tanto que lá no (lume)... que vendia e às vezes os outros chegava pra comprá fubá... punha assim ó... punha o prato... e tudo tinha cabo num sabe? O fundo já ficava com cabo... agora punha o prato... meio prato por cima e tinha um quartil por cima... ocê as vezes queria chegava e tinha só duzentos réis... “cê me vende um quartil de fubá?” Cê comprava o que o dinheiro dava... às vezes ocê... ocê chegava e tinha dinheiro pra meio prato... ce comprava meio prato... se ocê tinha pra comprá ocê comprava... era assim... era a quantidade do dinheiro que ocê tinha... (Entr. 6. linha 141)

ela já tava seca agora ocê quebrava ela toda assim ó... e tá pronta a goma... pra vendê aos prato... (Entr. 6. linha 448)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

248. PRESEGUI(R) [V]

Ah... se ês vim... então se houve denúncia... num houvido denúncia até que ês num presegue muito não... mas se houve denúncia vêm em cima da hora... é... vêm em cima da hora... (Entr. 3. linha 61)

É...hoje ninguém vê isso mais não... não vê esses tiradô de oro mais...nada disso...e esse que mato...o J. é...brabo que tinha aí...onde...que um deles...preseguiu... / foi Deus que ajudô ele... preseguiu... arrumou inimizade... ês matavam mais pra / principalmente o pai desse que matou o J... o homem matava só / matava por graça... (Entr. 3. linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

249. PRIMERA CAPINA NCf [N. + Ssing]

Roça dá trabaio de todas as coisa né... o mio... o mio tinha que plantá... capiná... plantá a primera capina... (Entr. 10. linha 61)

dava porque o mio tem que plantá né... capina ele... primera capina... (Entr. 10. linha 65)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

Q

250. QUARTA Nf [Ssing] ~ QUARTAS Nf [Spl]

bandera é jogá aquelas... de distância em distância joga... faz aquela bandera... dá uma quarta... uma quarta e {tanta... é...} chama bandera... (Entr. 1. linha 45)

porque antigamente vendia tudo era nas.... nos pratos... media... nas quartas e nos pratos... (Entr. 6. linha 124)

ali tem... uma quarta... é uma medida quadrada... tem a quarta... meia quarta... uma neta... que a metade da meia quarta... um prato... e um quartil... ó... a quarta... a meia quarta é a metade da quarta... a neta é a metade da meia quarta... (Entr. 6. linha 134)

É uai... porque na... na fazenda de meu avô tinha todos... tinha a quarta... a meia quarta... a neta... porque a neta... fala a neta porque é a metade da meia quarta... qué dizê... você sabe que aí é... a terça parte da quarta né... (Entr. 6. linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Quarta Medida. Hũa quarta de cevada, farinha, legumes, &c. *Modiolus, i. Masc. Grapaldo, no livro 2. de Partibus aedium, pág. 372. diz Modiolus capit quartam partemipsius modii.*
2. Moraes e Silva: QUARTA, s. f. Huma porção de hum todo, que se divide em quatro partes v. g. ,, *buma quarta da vara ; buma quarta de assucar.*, por não dizer,, *buma quarta de hum arratel de assucar.*
3. Laudelino Freire: Quarta, s.f. de *quarto*. A quarta parte de alguma cousa; uma das quatro partes iguais em que se pode dividir qualquer unidade. 6. Medida de 72 litros para cereais e legumes.
4. Aurélio: [De *quarto*.] Substantivo feminino. 2. Antiga unidade de medida de capacidade para secos, equivalente à quarta parte de um alqueire (1), *i. e.*, 9 litros, aproximadamente. 7. Bras. N. Porção de qualquer coisa, equivalente a 40 litros. 8. Bras. PI Medida de 72 litros, para cereais e legumes.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

251. QUARTIL Nm [Ssing]

tem a quarta... meia quarta... uma neta... que a metade da meia quarta... um prato... e um quartil... ó... a quarta... a meia quarta é a metade da quarta... a neta é a metade da meia quarta... ((conversas paralelas)) ó... um prato... um quartil é a metade... meio prato... o prato... o meio prato é a metade do prato... um quartil é a metade do meio prato... (Entr. 6. linha 134)

agora o prato... o prato... um meio prato... e um quartil... tanto que lá no (lume)... que vendia e às vezes os outros chegava pra comprá fubá... punha assim ó... punha o prato... e tudo tinha cabo num sabe? O fundo já ficava com cabo... agora punha o prato... meio

prato por cima e tinha um quartil por cima... ocê as vezes queria chegava e tinha só duzentos réis... “cê me vende um quartil de fubá?” (Entr. 6. linha 141)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: QUARTILHO. Medida de vinho, leyte, &c. O quartilho da Bahia no Brasil, he hũa canada de Lisboa.
2. Moraes e Silva: QUARTILHO, s. m. a quarta parte de huma canada.
3. Laudelino Freire: Quartilho, s.m. Cast. *cuartillo*. Quarta parte de uma canada.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

252. QUEIMA(R) BORRALHO F [V + Ssing]

(Banturia) que ficava tudo queiman[d]o burraio... é... ah... os que... os outros chegava em casa tudo... tudo de ressaca... tudo queiman[d]o burraio... tudo sem (lei)... tudo sem (lei)... (Entr. 6. linha 316)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

253. QUEIMA(R) LÉGUAS F [V + Spl]

o homem ignorante... se a gente um () tem horário de pô fogo naquele mato... mas ocê chega de lá com o fogo aqui ó... cabô com a natureza como ali cabô com a natureza... ali cabô com a natureza fogo quemô léguas... (Entr. 5. linha 124)

ô minino tem gente que falô comigo... os pobre dos bicho rapá... () daquelas grotas... jacu num guentava fumaça... os gavião tudo que tá aí num guentava... quemô a noite inteira () praqui abaixo pode dizê que quemô légua... (Entr. 5. linha 127)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

254. QUITANDA Nf [Ssing]

e lá do do lado de fora ainda tem uma fornalha que tá dentro do forno de fazê quitanda e tem uma fornalha que a gente cozinha... (Entr. 6. linha 95)

recebia o dinheiro do oro... comprava... alguma coisa... uma coisa de cumê... às vezes assim... um doce... uma quitanda... e mais alguma coisa que ele vendia... (Entr. 6. linha 265)

aí quando queria fazê uma quitanda ou um doce... punha ela no tacho com um pouco d'água... derretia... refinava ela... pra poder fazê... refinava ela... dava aquele melado... dava cor... batia... ficava o açucá refinado... pra fazê um doce ou uma quitanda... era assim... (Entr. 6. linha 443)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Quitanda, s.f. Quibumbundo kitanda. 12. Biscoito, bolo ou qualquer doce de forno.
4. Aurélio: [Do quimb. kitanda, 'feira', 'venda'.] 7. Bras. MG S. C.O. Biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro.
5. Amaral: 'designa coletivamente os doces, broas, biscoitos, ou frutas e legumes expostos à venda, geralmente em tabuleiros, pelas ruas.'

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: QUITANDA • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Biscoitos, bolo ou qualquer doce de forno. • *O cupim quemava assim e ficava certinho. Eu lembro do cupim e lembro das quitanda que ês fazia ().* (Ent. 13, linha 487)
3. Freitas: n/e

Origem: 'banto/quimbundo – africano' (CRASTO, 2001, p. 327).

R

255. RAPA(R) [V]

() falei: “uai... Será que eu tinha... “então me empresta então...” rapei vim embora deixei os home lá ((galo cantando)) pra vim embora que ês já vai pra Goiás... e peguei o trem de ferro pra Belo Horizonte... (Entr. 4. linha 06)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

256. REBUÇA(R) [V]

E Zé Mané ia oiá passarinho no arroz... cê podia ir lá que ele tava deitado... ele durmia assim de... rebuçava de areia... (Entr. 7. linha 185)

Agora quando ele tava quase cabando de rebuçá... até no pescoço... ele acordava... ((risos))... (Entr. 7. linha 187)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: REBUÇARSE. Cobrir algũa parte do rosto com a capa, lançando-a sobre o rosto.
2. Moraes e Silva: REBUCAR-SE v. at. rest. Cobrir a metade do rosto com o capote, ou capa.
3. Laudelino Freire: Rebuçado. “adj. P. p. de rebuçar. Embuçado, oculto, disfarçado, meio encoberto.”
4. Aurélio: [De re- + (em)buçar.] Verbo transitivo direto. 1. Encobrir com rebuço; embuçar: *O grande capote rebuçava-lhe o rosto.*
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: REBUÇADO (n/d) s. Maço; molho; feixe. “... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo...fizeram aquele rebuçado de capim...” (Entr.4, linha 418)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ‘rebuçar – séc. XVI’ português. (CUNHA, 1987)

257. REFINA(R) A MIMÓRIA F [V + { Asing + Ssing }]

Quando eu pedi ela pra deixá eu copiá umas coisa do livro... ela foi e falô comigo: “não... num deixo copiá não que esse livro é só pros aluno refiná a mimória... tem muitos alunos aí da idéia rûe... num isforça... num faz isforço... (Entr. 3. linha 440)

No livro dela... e tinha mais... muito mais... muitas coisas... era um livro cheio de história... mas... ela num deixava ninguém copiá... diz ela que isso aí era pra gente refiná a mimória... (Entr. linha 469)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

258. RÉIS Nm [Spl]

Era sim... é... chamava chinelo de tapete... custava três mil réis... porque... ocê não conheceu mil réis? (Entr. 6. linha 20)

Pois é... é mil réis... o que a gente fazia com um tostão...era... era cem réis...um tostão... cem réis...num faz com um centavo hoje... você acredita? (Entr. 6. linha 23)

Porque de primeiro a gente tinha... era um mil réis... era dez tostões... qué dizê... dez cem réis... (Entr.6. linha 28)

ocê... ocê comprava cinco bala por um tostão... ocê comprava cinco biscoito de goma por um tostão... se ocê pedisse um mil réis de biscoito de goma... meu fio do céu... vai dá biscoito que não acabava... uai... cinco biscoito... com dez por seis cem... faz a conta aí quanto que dá... (Entr. 6. linha 30)

ocê as vezes queria chegava e tinha só duzentos réis... (Entr. 6. linha 143)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Reis. “Moeda bayxa de Portugal. He abreviatura de reaes, (como advertio o commentador de Camoes sobre o cant. 3. oyt. 46.)...”
2. Moraes e Silva: REIS, s. m. pl. de reaes, a ultima especie de moeda, e ideal, em que se resolve o dinheiro, e de que usamos no nosso modo de contar.
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Substantivo masculino plural. 1. Pl. de *real*² (3). [Cf. *reis*, pl. de *rei*, e *Reis*, antr., cronol. e top.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: RÉIS (A) s. Moeda usual no início do século passado; plural de real. “... de primeiro era mi[l] réis... ocê ia as vez com vinte mi[l] réis ou quinze ou o quanto

- que for...*” (Entr.8, linha 176)
2. Ribeiro: n/e
 3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

259. RESPONSO Nm [Ssing.]

E o cara foi lá e robô a rede... é... robô a rede... e ês jogava mio cozido pra pescá né... então João foi lá no responso... ea / ea viu tudo... ea falô “foi assim... assim... assim... sujeito de chapéu... vai voltá com ela... cê pode ir lá... amanhã... que ocês acha ela lá...” no dia que ele foi lá... que ele voltô... inda tava dan[d]o uma chuvinha... ()... ele tirô ele assim... saiu lá... ela tava ().. tava enroladinha... (Entr. 7. linha 405)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Respondo ou Responsório, s.m. Certa oração, ou súplica, que se diz pelos defuntos, e talvez a louvor de algum santo, para se obter algum benefício.
3. Laudelino Freire: Responso, s.m. lat. responsum. 2. Oração a Santo Antonio, para que se encontrem as cousas perdidas, ou para que não suceda um mal que se receia.
4. Aurélio: [Do lat. *responsu*, ‘resposta’.] Substantivo masculino. 1. Lit. Versículos rezados ou cantados alternativamente pelos dois coros, ou pelo coro e por um solista, depois das lições ou dos capítulos. 2. Oração a Santo Antônio para que se achem coisas perdidas ou não aconteça mal que se receia
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

260. RESTOLHA(R) [V]

Meu pai num deixava nós saí... de jeito nenhum... os minino ainda saía muito... mas nós não... era mesmo só mexê na roça... carregá cumida pra trabaiadô::... plantá feijão::... mi:o... quando... quando cabava... de... de coiê eu ia pra roça... restoiá... (Entr. 7. linha 01)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Restolhar, v.r.v. De restolho + ar. Rebuscar no restolho, procurar os restos.
4. Aurélio: [De *restolho* + *-ar*².] Verbo intransitivo. 2. Catar ou procurar os restos: *As crianças restolhavam na feira livre.* Verbo transitivo direto. 4. Catar, procurar, buscar: *O professor corrigia as provas restolhando erros.* [Pres. ind.: *restolho*, etc. Cf. *restolho* (ô).]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: obscura. (CUNHA, 1987, p. 680)

261. RESTOLHO Nm [Ssing.]

uma criação doente que precisava de tratá... cê dava era o restolho... caçava essa ispiguinha menor assim ó ((mostra a espiga)) ó... (Entr. 1. linha 329)
umas ispiguinha assim que pai sempre falava que a espiga menor tem condições dela / dela remoê e torá tudo... e dá uma grande... ele peleja... num acha recurso... baba ela... baba... baba... solta ela lá no chão... é restolho () espiga piquitita... (Entr. 1. linha 310)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: RESTOLHO, s.m. ou rastolho, restolho he mais conforme a resto, donde se deriva: v. rastolho.
3. Laudelino Freire: Restolho, s.m. Parte inferior do caule das gramíneas, que ficou enraizada depois da ceifa.
4. Aurélio: (ô) [De or. obscura.] Substantivo masculino. 3. Bras. Resíduos, restos, sobras. [Pl.: *restolhos* (ó). Cf. *restolho*, do v. *restolhar*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: obscura. (CUNHA, 1987, p. 680)

262. ROLETADA Nf [ADJ_{sing}]

tem o cascavel... tem... tem... uma pintada... roletada assim toda... uma tira do lado outra doutro...outra doutro... (Entr. 1. linha 210)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do francês. (CUNHA, 1987, p. 689)

263. RUA Nf [Ssing]

tinha os marujo e os caboclo... os caboclo só vinha era de Serro... caboclada prata lá de Serro vinha... agora os marujo {é daqui da rua mesmo... é daqui mesmo}... tinha muito da rua e muitos de cá de roça... tudo era da turma da caboclada / da / da marujada... (Entr. 1. linha 381)

Meu pai tinha tudo isso... que antigamente num era igual hoje né... saía tudo pra fora... antigamente ficava aí mesmo... hoje em dia se a gente quisé cumê um quejo tem de ir na venda ou então na rua... pra comprá... ((risos))... é que o povo quase num tá plantan[d]o mais... venden[d]o leite... (Entr. 2. linha 92)

Mata... mata... aqui pra cima da rua... um sujeito aí foi... levantô de manhã cedo... quando ele foi carçar a bota... tinha um dentro da bota... ele mordeu o pé dele dentro da bota e matô o homem... (Entr. 3. linha 122)

De mardade mesmo... e os outro irmão dele... tinha mais quatro... os outros num era tanto assim não... podia ser que tivesse aquela natureza rûe... mas... tratava a gente BEM... e o () também de prosa num era sujeito ruim de prosa não... mas... mardade... NOSSA SENHORA... era fora-de-série... agora dessa família tem só um aí na rua agora de resto... (Entr. 3. linha 197)

ele falô: “hoje mesmo eu inda vô lá... da manhã até depois eu vorto aqui e te entrego a promissória... hah::... Em vez dele ir ne ().... ele bateu com a promissória foi pra rua... (Entr. 3. linha 336)

aí eu fui e falei: “bão... então se ocê num qué que vai Zinho eu num vô então não... deixa / depois eu vou lá...” aí vim embora contrariado com aquilo e vim pensan[d]o... falei gente... amanhã eu vô lá na rua... e vô procurá qualé o advogado que () conversô com ele e perguntá o advogado como é que foi a conversa dele com o advogado... (Entr. 3. linha 367)

nós fiquemo inimigo muito / muitos anos... depois... um dia... eu adoeci aqui fui pra rua... doutor Rodrigo me internô... eu fiquei uns quatro ou cinco dia internado... (Entr. 3. linha 408)

ele foi chegan[d]o de São Paulo ó hoje eu vô na rua buscá / vô lá na rua / agora vô lá na cidade buscá uma bomba lá... (Entr. 5. linha 98)

Eu falei isso até poucos dia lá em casa... foi ontem... tava comentan[d]o sobre essas coisa... que antigamente... é fazia... produzia na roça pra rua... hoje... tá buscan[d]o na rua pra trazê pra roça... (Entr. 7. linha 163)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

S

264. SÁ Nf [Ssing]

É... agora esse negócio de escravidão... escravidão aquele homem que tem lá no retrato ne D. lá na sala de D... Semião Ribeiro... ele tinha os escravo... ele é do tempo dos escravo... ele era senhô dos escravo.... disse que quando ele morreu... ele pegô / antes dele morrê ele repartiu a / os escravo.... veio um pra Barra aqui pra minha vó sá Ernesta... (Entr. 1. linha 502)

É... e hoje se ela tivesse aí... ela era bisavó sua... um pra minha vó Dedé... que era a Custódia... o João Grilo pra sá Ernesta e a... e a Catirina... Catirina veio pro Cantagalo aí... veio pra sô Nico Ribeiro... veio uma pra sô Nico... uma pra minha vó sá Ernesta... outra pra vó Dedé... nessa época que ele morreu tinha essas duas escrava ainda... ele foi pegô eas e deu pra / pras filha... minha vó sá Ernesta e vó Dedé... já era filha do Semião... (Entr. 1. linha 507)

hora que nós vortava de lá passava lá ne mãe sá Ernesta... nossa janta tava guardadinha lá no canto da fornalha... (Entr. 3. linha 529)

Serrava as cabaça e fazia aquelas cuia grande assim ó... como ela mesmo... ela é que tirava leite... mãe sá Ernesta é que tirava leite e fazia os queijo... e nessas redondezas aqui... (Entr. 3. linha. 536)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Sa. Em antigas escrituras de Portugal se acha as por sua: & entre outras na sentença dada no ano de 1312 sobre a herança do conde de Barcellos D. João Affonso de Albuquerque, está quando partio com Affonso Sanches, & Dona Tareja Martins Sa mulher.
2. Moraes e Silva: Sá, variação fem. antiquada o mesmo que sua variação fem. de seu, ou adotaremos o Sa dos antigos Romanos, ou dos Francezes.
3. Laudelino Freire: As, adj.f. Ant. O mesmo que *sua*.
4. Aurélio: Substantivo feminino. 1. Bras. Alter. de *sinhá* (v. *seus*¹): “sá Nicota a se desapertar na turba incontível, bravia” (Adelino Magalhães, *Obras Completas*, I, p. 371).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: *Brasileirismo* (CUNHA, 1987)

265. SAPÉ Nm [Ssing]

Não... era capim: seco...taquara...de capim...sapé... arrancava sapé... e fazia... ou então taquara... batia a taquara e fazia assim ó... eu... quando morei na Coluna... que minha mãe morreu... a nossa casa lá era criada com taquara... né? É... (Entr. 6. linha 453)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Sapé, s.m. Bot. 1. o mesmo que capim-sapé.
4. Aurélio: [De *capim*¹ + *sapé*¹.] Substantivo masculino. 1. Bras. Bot. Erva poácea (*Imperata brasiliensis*) que chega a 1m de altura e coloniza terras degradadas. O rizoma termina em ponta dura e pungente; as folhas, rígidas, não servem como forragem, mas são apreciadíssimas para cobertura de casebres; inflorescências plumosas e alvas. [Tb. se diz apenas *sapé*. Sin.: *juçapé*. Pl.: *capins-sapés* e *capins-sapé*.]
5. Amaral: ‘sapé – gramínea do gên. *Saccharum*’

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: SAPÉ • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Capim da família das gramíneas (*Imperata brasiliensis*), muito us. para cobrir choças, de folhas duras, e cujo rizoma tem uma ponta perfurante. • *Pensa que eu dexei ês pó[r] teia na minha casa? Pois sapé.* (Ent. 15, linha 653)
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 704)

266. SAPUCAIA Nf [Ssing]

Eu lembro que mãe fazia sabão preto de quadra... falava... punha o que gente... osso de porco que / que a pessoa comia a carne sobrava o osso... fazia sabão de sapucaia também? (Entr. 7. linha 53)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Sapucaya, ou çapucaya. Planta do Brasil. He árvore de tronco alto, & ordinariamente muyto grosso. Seus pomos são de tamanho de cocos da Índia, quando estão com a primeira casca, posto que mais esféricos.
2. Moraes e Silva: SAPUCAIA, s.f. Coco duro, de cor esverdeada, que tem huma tampa cônica, ficando a ponta para dentro do vão que etá occupado por huma espécie de castanhas; quando está madura atampa abre por si.
3. Laudelino Freire: Sapucaia, s.f. Nome de varias arvores da família lecitidáceas (*Lecythis grandiflora*, *Lecythis ollaria*, *Lecythis rabucayo*, *Lecythis Pisonis*.).
4. Aurélio: [Do tupi = ‘fruto que faz saltar o olho’.] Substantivo feminino. 1. Bras. N.E. a L. Bot. árvores lecitidácea (*Lecythis pisonis*) da floresta atlântica, de folhas oblongas e acuminadas, flores grandes, carnosas, violáceo-pálidas, e com muitos estames fundidos, sendo os frutos enormes cápsulas lenhosas e cilíndricas, com grandes sementes oleaginosas, muito apreciadas como alimento saboroso, e a madeira ótima para obras externas. [Sin.: *cumbuca-de-macaco*, *quatetê*, *sapucaieira*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 705)

267. SARACURÁ Nf [Ssing]

Tem o saracurá... esses roda... fica muito ne brejo e ne seco... e a saracura fica mais é no brejo... é menor... é o mesmo tipo de saracurá... mas é menor... e os outro chama saracurá... os grande... é só o modo de falá... saraCUra e saracuRÁ... é só o... (Entr. 1. linha 233)

Parece... parece... mas é maió... saracurá é maió do que... a saracura... saracura é menor... grita muito... saracurá é danada pra rancá mio... quando ocê planta roça... (Entr. linha 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 705)

268. SARACURA Nf [Ssing]

É saracura? (Entr. 1. linha 229)

Tem o saracurá... esses roda... fica muito ne brejo e ne seco... e a saracura fica mais é no brejo... é o mesmo tipo de saracurá... mas é menor... e os outro chama saracurá... os grande... é só o modo de falá... saraCUra e saracuRÁ... é só o... (Entr. 1. linha 233)

Parece... parece... mas é maió... saracurá é maió do que... a saracura... saracura é menor... grita muito... (Entr. 1. linha 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Saracura, s.f. 3. Ave aquática brasileira (*Aramites*).
4. Aurélio: 2. Zool. Designação comum às aves gruiformes, ralídeas, representadas no Brasil por 13 gêneros e várias espécies. São aves desconfiadas, que passam o dia escondidas na vegetação, saindo, em geral, à tarde, para se alimentar de insetos, crustáceos e peixes de pequeno porte.
5. Amaral: 'designa várias aves pernaltas, do gên. *Gallinula*'.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 705)

269. SARANDI Nm [Ssing.]

E tem o caca... é um menor... mas é jacu tam[b]ém... mas é do piquitito... um gritadô... gosta de sarandi... (Entr. 1. linha 297)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Sarandi, s.m. 3. Terra maninha e estéril.
4. Aurélio: 3. S. Terra estéril, maninha.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 706)

270. SÔGRA Nf [Ssing]

Eu é tocá boi no ara::do... garrado na sôgra de boi::... ará terra... (Entr. 7. linha 28)
Terc: Sôgra do boi é aquela corda que ocê põe no chifre... / Infor 2: Não era esse boi manso não... de primeiro era boi... boi brabo só... tudo garrado na sôgra... e a terra dura... (Entr. 7. linha 36)

Pai toda a vida mexeu com boi... mas pai num sabe guia boi pra ará terra... porque os boi... igual o sinhô tá falan[d]o... os boi de pai antigamente ()... era na frente puxan[d]o a sôgra... (Entr. 7. linha 41)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: SOGA. He palavra Castelhana, usada no Minho, & na Beyra por corda, ou correa.
2. Moraes e Silva: SOGA, s.f. corda grossa de esparto curado, ou de outra matéria.
3. Laudelino Freire: Soga, s.f. 2. Tira de couro, cujas extremidades se prendem às partes do boi, e pela qual ele é puxado ou guiado.
4. Aurélio: 'soga [Do lat. tard. *soca, soga*.] Substantivo feminino. 1. Corda de esparto. 2. Corda grossa. 3. Bras. RS Guasca usada para prender animais ao poste.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: 'soga – corda de esparto, corda grossa, séc. XIII. Português (CUNHA, 1987, p. 731)

Obs: arcaísmo

271. SOIM Nm [Ssing.]

Hum... Aquele é o soim... (Entr. 1. linha 112)

Soim é aquele que fica pulan[d]o dum galho pro outro e olhando a gente... aquele da cara branca... (Entr. 1. linha 124)

Só o soim e tinha... a guariba... que é tipo de macaco... a cara feito cara de gente... (Entr. 1. linha 128)

Soim... não é aquele da carinha branca? (Entr. 3. linha 54)

É mansinho...mais pequeno cobra... ()... aqui ainda tem muito é desse o... soim... o macaquinho aí... (Entr. 4. linha 151)

eu falei aquilo chama macaco bigó um macaco () cara branca parecendo soim... (Entr. 5. linha 143)

Soim também é um macaco... esse aí também é um macaco grande da cara grande () e agora tá parecen[d]o outras qualidade de bicho ()... (Entr. 5. linha 146)

ele pegava uma penca de banana e chegava perto da cozinha no fundo daque / daque / daquelas manga e gritava... “vem cá soim... vem cá... vem cá...” ês vinha tudo e subia no ombro dele... e tratava ele na mão assim ó... (Entr. 7. linha 344)

Caxinguelê é parente de soim né? (Entr. 7. linha 350)

Lembra o soim... (Entr. 7. linha 351)

O bigó também é quase tamanho de macaco né... ()... o soim é esse de cara branca né... e o outro é roxo... ()... (Entr. 8. linha 147)

Piquinininho... aquilo é / é / soim né não? (Entr. 10. linha 105)

É soim uai... aquilo é soim... (Entr. 10. linha 107)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Soim, s.m. O mesmo que *saguim*. Saguim, s.m. pequeno macaco, de cauda felpuda e comprida (Geopithecus).
4. Aurélio: (oím) Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. V. *sagui*. Sagui(güi) [Do tupi.] Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. Designação comum às espécies de primatas, calitriquídeos, com cinco gêneros e várias espécies em território brasileiro, todos os quais possuem o dedo polegar da mão muito curto e não oponível, e as unhas em forma de garras, dentes molares 2/2. São espécies pequenas, de cauda longa. [Var. e sin.: *massau*, *saguim*, *sauim*, *soim*, *sonhim*, *tamari*, *xauim* e (bras. N., impr.) *mico*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi.

272. SOVA(R) [V]

cê põe dentro da gamela e sovava meio... penerava... ficava aquês porvio como vem hoje empacotado... (Entr. 6. linha 449)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: SOVAR O pão. Misturar, e revolver muytas vezes com as mãos a farinha, ou maça, para fazer o pão. Também se diz sovar de cousas, q. não são pão.
2. Moraes e Silva: SOVAR, v.at. sovar o pão, amassar, revolvendo a farinha com agua, para ficar bem misturada, e amassada.
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: [De or. obscura.] Verbo transitivo direto. 1. Bater a massa de; amassar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

273. SURA Nf [ADJsing.]

Num tem rabo nenhum... não... é igual essas galinha sura... num tem rabo não... (Entr. 1. linha 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Suro. “adj. Derrabado naturalmente, sem cauda.”
3. Laudelino Freire: Suro. “adj. cast. *zuro*. Que não tem rabo; derrabado.”
4. Aurélio: [V. *suro*.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Bras. Zool. Diz-se de animal sem cauda ou que só tem o coto da cauda; suri, suro, surote, bicó, cotó, nabuco, nambi, pitoco, rabi, rabicó, torado. [Fem.: *sura*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: **SURA** (A) adj. Que não tem cauda ou que apresenta somente o cotó. “*É... uma galinha sura... ocê via uma galinha sura... via uma izabelê né.*” (Entr.4, linha 303)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

274. SURECA Nf [ADJsing.]

Parece... e é sureca como a paca é a cutia também é... (Entr. 1. linha 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

275. SURUCUCU Nf [Ssing]

Uma cobra dessas cumpridinha assim... que parece cipó mas num é a cipó não... acho que era jararaca... aqui tem muitas qualidade de cobra né... tem surucucu... jararaca... cobra-cipó... coral... (Entr. 6. linha 227)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Surucucu, s.f. Serpente venenosíssima da familia dos viperídeos, também chamada *surucutinga* e *surucucutinga* (*Lachesis mutus*).
4. Aurélio: [Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Angol. Zool. V. *jararacuçu*. 2. Bras. Zool. V. *surucutinga*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987, p. 746)

T

276. TACHA Nf [Ssing] ~ **TACHO** Nm [Ssing] ~ **TACHADA** Nf [Ssing]

banana cozinhava é lá na tacha... dava pra muitos dia... uma tachada de banana... hora que parava de moê cana... aproveitava o fogo com a água quente... punha lá pra cozinhá... até ela rachá... hora que ela rachava... ela já tava maciinha... (Entr. 1. linha 72)

A rapadura a gente moía a cana...cabava de moê levava pra tacha pra podê ()...com poco () ela dava a conta de subí...batia ela...ela descia...parava com o ()... ela ia descen[d]o...ia descen[d]o... tomava o ponto da rapadura... entornava ela...(Entr. 8. linha 134)

e lá do do lado de fora ainda tem uma fonalha que tá dentro do forno de fazê quitanda e tem uma fonalha que a gente cozinha... quando precisa cozinhá cumê de porco e também para fazê doce no tacho grande... aí eu fui lá e ajudei ela... (Entr. 6.linha 95)

punha ela no tacho com um pouco d'água... derretia... refinava ela... pra poder fazê... refinava ela... dava aquele melado... dava cor... batia... ficava o açúcar refinado... (Entr. 6. linha 442)

Disse que tem um tacho de oro enterrado lá... ((risos))... (Entr. 7. linha 418)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Tachas. Nos engenhos de açúcar do Brasil são hũas duas caldeyras de

diferente figura, & grandeza, quem tem varias serventias. Há tacha de receber, tacha de cozer, tacha de bater &c. & o succo cozido de que se faz a Garapa se chama Agua de Tachas.

2. Moraes e Silva: TACHO, s.m, vaso de cobre, ou arame, com azas nascidas das bordas, para aquecer agua, e outros usos.
3. Laudelino Freire: Tacha, s.f. Tacho grande, usado nos engenhos de açúcar.
4. Aurélio: [De *tacho*.] Substantivo feminino. 1. Bras. Tacho grande, us. nos engenhos de açúcar: “Nas tachas, o mel fervia, engrossava” (Mário Sete, *Senhora de Engenho*, p. 122). [Cf. *taxa*, do v. *taxar*, e s. f.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: TACHA • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Tacho grande, usado nos engenhos de açúcar. • () *aquela tacha que tava aquela beleza. (Ent. 5, linha 323)*
3. Freitas: TACHA • (A) • Nf[Ssing] • obs. • Reciente de cobre sem alças. • *Jugava o feijão na tacha e mexia aquês pôdi separava tudo jugava fora jugava no terrêro aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano podia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá um bicho. (Ent. 02, linha 240)*

Origem: obscura. (CUNHA, 1987, p. 749)

277. TAMBORIL Nm [Ssing.]

mas ocês num planta nessas ladeira... eu num quero que planta nada aqui... que eu vô semeá uma semente de árvore aqui jatobá... tambрил... cedro... (Entr. 5. linha 81)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tamboril, s.m. 3. Grande arvore da família das leguminosas-mimosáceas, também denominada tambuleiro e tamboriúva (*Enterolobium maximum*, Ducke.).
4. Aurélio: [Var. de *tamburi* (q. v.), por infl. de *tamboril*¹.] Substantivo masculino. Bras. Bot. 1. Amaz. Árvore fabácea (*Enterolobium maximum*), da mata úmida, de tronco e copa muito amplos, folhas penadas, flores pequeninas, e cujo fruto apresenta a forma de alça intestinal achatada e contém polpa branca e adocicada, sendo a madeira castanha e grosseira.
5. Amaral: ‘tamburi – leguminosa de grande altura e frondosa’.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

278. TAQUARA Nf [Ssing]

eu vi contá um caso desses que um dia um homem foi no mato buscá uma taquara e a tinga dá o sinal... ela é tão braba que ela dá o sinal... igual a cascavel também dá... a tinga... quando tava tirando a taquara e a tinga piô pra cima dele assim ó... e ele conheceu o piado dela... (Entr. 3. linha 75)

Não... era capim: seco...taquara...de capim...sapé.. arrancava sapé...e fazia...ou então taquara... batia a taquara e fazia assim ó... eu... quando morei na Coluna... que minha mãe morreu... a nossa casa lá era criada com taquara... né? É... (Entr. 6. linha 453)

quem não tinha candieiro e nem querosene e num tinha dinheiro pra comprá... lumiava era com taquara... / Entr: Taquara? / Infor: taquara seca... (Entr. 6. linha 467)

É... ó... muito... muitos pobre que cê chegava na casa dele... coitadinho... de noite... cendia taquara assim ó... pra ilumia... é... a taquara a gente não acende ela no susto? (Entr. 6. linha 471)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tacuara, s.f. Designação vulgar das varias espécies de bambú.
4. Aurélio: [Do tupi.] Substantivo feminino. Bras. 1. Bot. Designação comum a diversas plantas poáceas, ger. dotadas de caule oco, como, por ex., a *Bambusa tacuara*, de colmo arbóreo de 6 a 7m de altura e 5 a 6cm de diâmetro, ramos cilíndricos, estriados, bainha cilíndrica, estriada na parte superior e glabra na inferior, e grandes panículas áfilas.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi 'taku'ara' (CUNHA, 1987, p. 755)

279. TEM APELO F [V + Ssing]

um cascavel pimente que por aqui já tem... {já tem o cascavel... já tem dele}... o cascavel ofendeu num tem apelo né Vanderlei? Num tem apelo... (Entr. 3. linha 66)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

280. TERNO DE BOI NC_m [S_{sing}]

IH:... brincava de carro de boi de sabugo... Duca tem uns monte / de sabugo dele até hoje... pode perguntá ele que tá no sótão... um terno de boi arriadinho... (Entr. 7. linha 230)
Mas Duca tem os terno dos boi dele lá... ()... ocê nunca viu não? (Entr. 7. linha 241)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: TERNO, Val o mesmo que três. Hum terno de Missas do Natal, são três missas.
2. Moraes e Silva: TERNO, s.m. Qualquer aparelho, que para ser completo necessita de três coisas semelhantes.
3. Laudelino Freire: Terno, s.m. Lat. *terni*. Grupo de três cousas ou pessoas, trio.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: 'terno – grupo: um *terno* de meninos, um *terno* de animais'.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

281. TRANSANTEONTEM [ADV]

passsei aqui é pra perguntá o senhor dotô () se é o sinhô que deu o parecê prum moço aqui... um dia / anteontem pra / ou de trasanteontem até anteontem mais ou menos... (Entr. 3. linha 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

282. TINGA N_f [S_{sing}]

Entr: Tinha um outro também muito perigoso... aqueles amarelinhos que ficam no meio da madeira né? / Infor: É... o tinga... / Entr: Tinga? / Infor: É a tinga... tem... dessa daí até eu nunca vi dela não... / Entr: É uma cobra que chama tinga? / Infor: Tinga... é... é braba igual o cascavel... (Entr. 3. linha 68)

Eu vi contá um caso desses que um dia um homem foi no mato buscá uma taquara e a tinga dá o sinal... ela é tão braba que ela dá o sinal... igual a cascavel também dá... a tinga...

quando tava tirando a taquara e a tinga piô pra cima dele assim ó... e ele conheceu o piado dela... (Entr. 3. linha 75)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Surucucutinga, s.f. Perigosa cobra do Brasil, também chamada *surucucu pico de jaca* (*Lachesis mutus*).
4. Aurélio: Surucutinga [Var. de *surucucutinga* < *surucucu* + *-tinga*.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Reptil ofídio, crotalídeo (*Lachesis muta*), das matas tropicais brasileiras, que pode atingir 3,60m de comprimento e é a maior cobra venenosa do Brasil. Tem na cabeça escamas tuberculiformes; a cauda termina em acúleo córneo; a coloração geral é rósea, e sobre ela se destacam, na região dorsal, figuras romboédricas escuras. Vive nas matas virgens ou capoeirões bastante desenvolvidos, e alimenta-se de roedores e outros pequenos animais. Ao contrário das jararacas, é muito arisca, afastando-se mal entra em contato com o homem. [Var.: *surucucutinga*. Sin.: *surucucu*, *surucucu-de-fogo*, *surucucu-pico-de-jaca*, *cobra-topete*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi (CUNHA, 1987)

283. TOCADÔ(R) Nm [Ssing.]

Tinha os dono das tropa e tinha os tocadô né... (Entr. 2. linha 11)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tocador, s.m. O que toca. 2. Almocreve, que guia um lote de animais de carga. 3. Aquele que sai ao campo, para conduzir o gado a determinado ponto; tropeiro.
4. Aurélio: Tocador (ô) [De *tocar*² + *-dor*.] Adjetivo. 1. Que toca. ~ V. *rolo* —. Substantivo masculino. 2. Aquele que toca. 3. Bras. Arriero, recoveiro, almocreve. 4. Bras. S. Espécie de vaqueiro. 5. Bras. MG Tangerino¹. [Cf. *toucador*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

284. TOCAIÁ(R) [V]

...) *tucaia galinha pra num pulá em cima... ih:... mas comia tudo ...* (Entr. 7. linha 114)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tocaiar, v.r.v. De tocaia + ar. Emboscar-se par matar ou caçar (tr. dir.) 2. Estar de espreita(intr.): “Marcos, que *tocaiava*, colada a um tronco, avançou de resto mansinho” (C. Neto).
4. Aurélio: [De *tocaia* + *-ar²*.] Verbo transitivo direto. 1. Bras. Emboscar-se a fim de agredir ou matar (o inimigo ou a caça). 2. Espreitar a chegada de. Verbo intransitivo. 3. Estar de espreita. [Sin. ger.: *atocaiar*, *entocaiar*.]
5. Amaral: ‘fazer tocaia’.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: tupi ‘to’kaia’ (CUNHA, 1987, p. 773)

285. TOSTÃO Nm [Ssing] ~ TOSTÕES Nm [Spl]

pois é... é mil réis... o que a gente fazia com um tostão...era... era cem réis...um tostão... (Entr. 6. linha 23)

Porque de primeiro a gente tinha... era um mil réis... era dez tostões... que dizê... dez cem réis... (Entr. 6. linha 28)

ocê... ocê comprava cinco bala por um tostão... ocê comprava cinco biscoito de goma por um tostão... (Entr. 6. linha 30)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Tostão. “Deriva se do italiano *testa*, ou do francez *teste*, que he toda a cabeça. E como em Italia foi chamada *testone*, & em francez *teston*, a moeda, em que estava representada a cabeça do principe, que a mandara cunhar, assim em Portugal foi chamada *testaõ*, & corruptamente *tostaõ* hua moeda, que el Rey D. Manoel mandou lavar, da qual porem não sabemos de certo que nella estivesse cunhada a cabeça deste príncipe. ... Em Portugal houve *tostoens* de ouro, & prata. *Tostoens*, moeda de ouro, lavrou el Rey D. Manoel anno 1517. Tihaõ o preço dos quarto dos portuguezes, segundo parece.”
2. Moraes e Silva: Tostão. “s.m. Moeda de prata que vale 100 réis. (De *teston* francez, *testom* dicerão os antigos)”
3. Laudelino Freire: Tostão. “s.m. Ital. *testone*. Moeda portuguesa de prata, do valor de cem réis. // 2. Moeda brasileira do valor de cem réis. // 3. Quantia de cem réis.”
4. Aurélio: [Do it. *testone*, pelo fr. *teston*, com assimilação.] Substantivo masculino. 1. Antiga moeda de níquel, de Portugal e do Brasil, que valia cem réis. 2. Bras. V. *dinheiro* (5).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: TOSTÃO (A) s. Designação de moeda em geral; dinheiro. “... *deve tá lá*

embaixo do chão...mas que vem... vem... tenho certeza... certeza que vem... se ficar devendo um tostão...” (Entr.12, linha 264)

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: do francês. (CUNHA, 1987, p. 779)

286. TOUCE(I)RA Nf [Ssing]

É inhamé... ali ne D. tinha muito... aquilo ainda tem umas toucera prali abaixo assim... ((aponta para uma direção))... pra baixo ali daquela casinha... (Entr 1. linha. 55)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Touceira, s.f. Grande touça. 2. Lus. Pé de uma planta, com raízes.
4. Aurélio: [De *touça* + *-eira*.] Substantivo feminino. Bot. 1. Grande touça ou moita. 2. Parte da árvore que fica viva no solo depois de cortado o caule da árvore; cepa. 3. Conjunto de rebentos ou filhos de uma planta. [F. paral.: *toiceira*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: pré-romano > português. (CUNHA, 1987)

287. TRAÍRA Nf [Ssing]

Tinha... a traíra pegava muito é com água suja... traíra e mandim é com água suja... hora que chove dá / os corgo enche... (Entr. 1. linha 565)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Traíra, s.f. Peix fluvial e lacustre, da família dos caracínideos (*Hoplias malabaricus*, *Erythrinus erythrinus*).
4. Aurélio: [Var. de *taraira*, do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Peixe teleósteo, caracídeo (*Hoplias malabaricus*), distribuído por todo o Brasil. Tem dorso negro, flancos pardo-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo, e é desprovido de nadadeira adiposa. Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro e considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. Comprimento: até 40cm. [Outras var.: *tararira* e *tarira*. Sin.: *dorme-dorme*, *maturaquê*, *robafo*, *rubafó*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: tupi *tare'ira*. (CUNHA, 1987, p. 780)

288. TRAPALHAÇÃO Nf [Ssing]

ocê vê aí hoje essa quantidade de... ()... é trapalhação pra todo mundo né... isso tudo acontece () né... (Entr. 4. linha 80)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: ATRAPALHAÇÃO, s.f. pleb.desordem, confusão.
3. Laudelino Freire: Atrapalhação, s.f. De atrapalhar + cão. 2. Confusão, desordem, barafunda, perturbação: “todos queriam sair ao mesmo tempo: foi uma atrapalhação”.
4. Aurélio: Atrapalhação [De *atrapalhar* + *-ção*.] Substantivo feminino. 3. Confusão, desordem.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

289. TRONQUEIRA Nf [Ssing]

chamô o homem lá na tronquera assim do quintal e quando o homem veio pra atendê o chamado dele... (Entr. 3. linha 363)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tronqueira, s.f. De tronco. *Lus.* Passagem estreita ordinária, onde ficavam os madeiros laterais de uma portada ou cancela. 2. Cada um dos madeiros verticais em que se introduzem as extremidades das varas de uma cancela.
4. Aurélio: Tronqueira [De *tronco*¹ + *-eira*.] Substantivo feminino. 3. Bras. S. Cada um dos esteios da porteira, em cujos buracos se introduzem as extremidades das varas de uma cancela.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: brasileirismo

290. TROPA Nf [Ssing]

Num havia esses arroz que tá vin[d]o hoje não... tudo era da roça... a verdura... tudo era da roça... num havia caminhão pra transportá nada... eu ainda tenho uma meio lembrança de tropa... cê num alembra de tropa não né? (Entr. 2. linha 04)

Pois é... que antigamente havia é tropa... num havia caminhão... nem nada... havia era tropa... tudo na cacunda dos burro... (Entr. 2. linha 08)

Tinha os dono das tropa e tinha os tocadô né... (Entr. 2. linha 11)

Meu pai mesmo tinha uma tropa... é quando o / tinha os peitorá[l] né... as mula de guia... tinha o peitorá[l]... quando começava a batê o povo gritava... “ai... meu Deus a tropa evem... a tropa evem...” (Entr. 2. linha 17)

Hum? Tropa é... o cargueiro é tropa... ês passô aqui esses dois dentista... ês era / ês assinava Pires... o mais velho... o mais velho Chamava José Pires e era casado... (Entr. 3. linha 606)

Era mexê com criação... é tudo... era comigo mesmo... levava tropa em Goiás vorta:va... fiz muitas vezes... (Entr. 4. linha 32)

Não... nunca mexi com tropa não... tropa nunca mexi com tropa não... (Entr. 5. linha 205)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tropa. “s.f. Lat. *turba*. 5. Grande porção de gado ou de bestas de carga, que segue em jornada.”
4. Aurélio: Tropa [Do fr. *troupe*, ‘bando de pessoas ou de animais’.] Substantivo feminino. 6. Bras. Caravana de animais equídeos, especialmente os de carga.
5. Amaral: ‘caravana de bestas de carga, comboio; manada de equídeos, quantidade desses animais.’

Registro em glossários:

1. Souza: TROPA (A) s. Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. “... aqui já teve muita fartura... tropa e mais tropa entrava () na rua da Fé... panhava um negócio ali e levando pra Bahia.” (Entr.12, linha 25)
2. Ribeiro: TROPA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. • *Ia um tocano os animale, a tropa assim arriada e apiava p[r]a ajudá carregá.* (Ent. 4, linha 42)
3. Freitas: TROPA • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. • “*Eu fiquei lá bem dizê quas dois mesi muí a cana do cumpá (C...) toda dos vizim tudo lá eu muí tudo com a tropa do cumpá (C...)”* (Ent. 04, linha 379)

Origem: do francês ‘troupe’. (CUNHA, 1987, p. 793)

291. TROPE(I)RO Nm [Ssing]

na fazenda de meu avô tinha muita criação... mas era muito mesmo... muito... muita vaca de leite... e havia muito queijo... cheio de queijo curava lá na prateleira... os tropero é que comprava... e ia lá:: pro Curvelo afora... Diamantina... hoje... Governador Valadares chamava Figueira... (Entr. 6. linha 393)

você era fazendero... cê tinha queijo... cê colheu muito café... e eu era tropero... chegava e comprava na sua mão... queijo... café... pra levá pra vendê... (Entr. 6. linha 396)

agora... por exemplo... eu era tropero... comprava isso aí na sua mão... e ocê me encumendava... café ou uma saquinha de trigo... cinco quilo de trigo... uma saquinha de pano... o sal e o arroz encumendava... Zé Euzébio era tropero... colocava ocê na mão dele e levava pra vendê... pra vortá trazen[d]o... (Entr. 6. linha 401)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tropeiro. “s.m. De *tropa*. 2. Aquele que conduz bestas de carga ou manadas de gado grosso, como cavalos e bois.”
4. Aurélio: Tropeiro [De *tropa* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1. Bras. Condutor de tropa (6); arrieiro, bruaqueiro.
5. Amaral: ‘tropêro – negociante de animais equídeos, que viaja com eles, condutor de tropa de equídeos.’

Registro em glossários:

1. Souza: TROPEIRO (A) s. Condutor de tropas de carga; arrieiro. “... era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse... o homem que eu tou contando que derrubava os burro...” (Entr.5, linha 537)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: TROPÊRO • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Condutor de tropas de carga. • “Os tropêro que passava e vinha de longe vino né...era as posada que tinha né ês passava nesses lugá e ranchava” (Ent. 08, linha 283)

Origem: português, 1844. (CUNHA, 1987, p. 793)

292. TUMBA-TUMBA NCf [Ssing + Ssing]

... aquilo é aquela raizada do mato... do brejo... aquilo é danado... a gente batia aquilo... cisca::va... juntava aquilo... se tivesse já seco a ponto de queimá... punha fogo naquelas tumba-tumba ()... (Entr 1. linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987, p. 793)

V

293. VA(R)GE(M) Nf [Ssing]

Aqui pra baixo da ponte é que ês matô ele aí... nessa estrada aqui perto de G... na vage aí perto da ponte... ele morava lado de baixo assim... onde que tinha uma morera... (Entr. 1. linha 468)

Pra apanhá as vage lá... ele morava lado de baixo... tem uma morera do lado de cima... ês morava em frente à morera... e outra morera do lado de baixo era pirtinho da casa dêis lá... (Entr. 1. linha 490)

Ê... capoeira-branca... eu deixo ela pros passarinho () aqui tinha um bando de jacu rapaz aqui... comen[d]o banana... comen[d]o fruta aqui no quintal do alto da serra voava tudo pras vage... (Entr. 5. linha 156)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: VÂRZEA, ou varzia, ou vargem, se chama hum espaço de terra cultivada, em campo, ou em qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto; há várzea de pão, de vinha, pomar, &c.
2. Moraes e Silva: Várzea, s.f. Vargem, campo, planície cultivada, semeada v.g. Campo plano, sem altibaixos.
3. Laudelino Freire: Várzea, s.f. Pop. O mesmo que várzea. Várzea, s.f. Campina cultivada. 2. Chã, planície.
4. Aurélio: Várzea [Do b.-lat. *varcena*, poss.] Substantivo feminino. 1. Planície fértil e cultivada, em um vale¹ (1); veiga: “Lá me ficava com seu teto amigo / A velha casa, a várzea verde e em flores” (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 3.^a série, p. 241). 2. Terra chã. 3. Bras. Vale¹ (2): “Fazia dias que os bois vinham aparecendo aqui, ali, nas encostas das serras, nas várzeas, na beira das estradas” (José J. Veiga, *A Hora dos Ruminantes*, p. 83). [Var.: *várgea*, *varge*, *vargem*, *varja*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: VARGE • (A) • Nf[Ssing] • obs. • Planície úmida e fértil cultivada. • ““Océ vai pegá um cavalo na varge pra mim” passei a mão no cabresto fui lá pegá o cavalo” (Ent. 02, linha 241)

Origem: português (CUNHA, 1987)

294. VAU Nm [Ssing]

os filhos de Argemiro que morava lá pertinho do vau... pertinho do vau ia pra lá pra ajudá nós sartá as criação lá no rio com aquela dificuldade... (Entr. 3. linha 515)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Vao. “A paragem por onde se possa passar hum rio, ou hua lagoa, sem barco, sem nadar, & sem se enlodar. *Vadum*, *i.* Neut. Caesar.”
2. Moraes e Silva: Vao. “s.m. No rio, he o lugar onde elle he mais baixo, e se pode vadear. Passar a vao, vadear.”

3. Laudelino Freire: Vau. “s.m. Lat. *vadum*. Sítio do rio onde a água é pouco funda, de sorte que se pode passar a pé ou a cavalo.”
4. Aurélio: [Do lat. *vadu*.] Substantivo masculino. 1. Trecho raso do rio ou do mar, onde se pode transitar a pé ou a cavalo. 2. V. *baixio* (1).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: VAU (A) s. Trecho raso do rio onde se pode passar a pé. “*Ah... esse rio quando era ocasião das água mesmo...seis meses... ninguém tinha condição de passar nele... num dava vau em canto nenhum né...*” (Entr.4, linha 198)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987)

295. VENDA Nf [Ssing]

hoje em dia se a gente quisé cumê um queijo tem de ir na venda ou então na rua... pra comprá... ((risos))... é que o povo quase num tá plantan[d]o mais... venden[d]o leite... (Entr. 2. linha 93)

ele vivia lá dentro d’água tirando oro... e ele vivia gavando... que tinha garrafa de oro em pó escondida / guardada dentro da terra... ele chegava numa venda e bebia um golinho... e ficava contan[d]o aquelas coisas que tinha isso tinha aquilo... (Entr. 3. linha 147)

meu pai tinha uma venda no Quilombo... um buteco né... costumava alguém garimpá assim... levava... e chegava lá e vendia pra ele... as grama de oro... conseguia o dinheiro... eles comprava ali na mão dele alguma coisa que tinha no buteco né... (Entr. 6. linha 263)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Venda. Taverna de estrada. Estalagem do campo. He tomado do castelhano, *venta*, que significa o mesmo.
2. Moraes e Silva: Venda. Taverna onde se vende.
3. Laudelino Freire: Venda, s.f. De vender. 3. Loja em que se vende. 4. Loja de secos e molhados. 5. Lugar onde se vendem bebidas; taberna.
4. Aurélio: [Do lat. *vendita*, part. pass. de *vendere*, ‘vender’.] Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de vender; vendagem, vendição. 2. Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. 3. Botequim onde se vendem, sobretudo, bebidas a varejo e pequenos artigos, como velas, pilhas, sal, etc.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: VENDA • (A) • Nf [Ssing] • Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. • *PESQ.*: *Aí aparecia lá em casa. Aí meu pai punha um prato de comida pra ele. Aí ele cumia. Aí ele pedia dinheiro pra ir beber. Aí meu pai num dava dinheiro pra ele não beber. INF. 1: Mais ele pidia nas venda, né?* (Ent. 12, linha 681)
3. Freitas: VENDA • (A) • Nf[Ssing] • (n/e) • Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. • “*O pai dele saiu foi lá pás venda quano foi de noite envinha com um quejo falô assim levanta pro cê cumê um pedacim do queijo*” (Ent. 09, linha 495)

Origem: português. (CUNHA, 1987)

296. VERGAMOTA Nf [Ssing]

tem duas frutas de fazê doce... zamboa e vergamota... é... parece laranja mais num é... (Entr. 6. linha 211)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: BERGAMOTA, Bergamota. Pera bergamota, assim chamada, porque as primeiras forão trazidas da cidade de Bergamo.
2. Moraes e Silva: BERGAMOTA, adj. *pera*, especie de peras. *pirum bergomium*.
3. Laudelino Freire: Vergamota, s.f. O mesmo que bergamota.
4. Aurélio: [Var. de *bergamota*.] Substantivo feminino. 1. Bras. SC RS V. *tangerina*. [Do turco *beg armudi*, 'pera do príncipe', pelo it. *bergamotta*.] Substantivo feminino. Bot. 1. Certa pera sumarenta. 2. Bras. SC RS V. *tangerina*. [Var.: *vergamota*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: bergamota, do italiano. (CUNHA, 1987, p. 106)

297. VINDOURO Nm [Ssing]

Ah... num qué não... isso aí a / a / a / o ritmo dos novo hoje tá muito diferente... tá muito diferente... é ondé que pai de vez em quando falava que precisava da gente ir transmitin[d]o muitas coisas pros mais novo que evinha... pros vindouro que evem... porque os vindouro evem com outro ritmo muito diferente... (Entr. 3. linha 430)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: VINDOUROS. Os vindouros. Os que hão de nascer depois de nós.
2. Moraes e Silva: Os vindouros, i.e, homens que se hão de seguir a geração presente.
3. Laudelino Freire: Vindouros, s.m. pl. Os homens futuros; a posteridade.
4. Aurélio: Vindouro [Var. de *vindoiro*.] Adjetivo. 1. Que há de vir ou acontecer; futuro, venturo. Substantivo masculino. 2. Bras. SP Pop. Pessoa que veio de outro lugar, que não é natural da povoação e nela se acha há pouco; adventício: "Quem foi agora na boleia já não era pessoa conhecida, que sim um vindouro da Mococa, por nome Antônio Cabeça." (Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 155.) [Var.: *vindoiro*.] ~ V. *vindouros*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: português. (CUNHA, 1987, p. 823)

298. VIRGENS Nf [Spl]

É tipo... mas é deitado... agora... a aqui... sobraram outra cá outra punha as duas virgens assim... que chama... as estátuas né... agora põe assim ó... agora sobe pra cá... sobe pra cá... e tem um buraco assim né... e outro assim... agora põe assim... põe assim... agora dá... eas ficam um cruzado assim ó... e da pra tocá... (Entr. 6. linha 60)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Virgens. Virgens do lagar são dous paos, ou duas pedras, empinadas fora do lagar, servem de guardar a vara, ou feyxe, para que não decline para nenhũa parte.
2. Moraes e Silva: Virgens. *Virgens do lagar*, são 2 peças ernpinadas fora do lagar, que tolhem que a vara, ou feixo decline para algum lado.
3. Laudelino Freire: Virgens, s.f. pl. Grossas taves de madeira que, enterradas no chão, sustentam os dormentes, nos engenhos de açúcar.
4. Aurélio: Virgem 8. Bras. N.E. Viga de madeira cuja parte superior é atravessada por um orificio onde se encaixa a vara (14), e que faz parte do arrocho (4), da casa de farinha. 9. Bras. S. Alavanca em que gira a haste do monjolo.
5. Amaral:

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem:(CUNHA, data, pág.)

Z

299. ZAMBOA Nf [Ssing]

E outras frutas do mato que às vezes a gente até num... num conhece... tem umas que até que a gente conhece... limão do mato... é... fruta de fazê doce... cidra... zamboa... isso tudo são fruta... (Entr. 6. linha 206)

tem duas frutas de fazê doce... zamboa e vergamota... é... parece laranja mais num é... (Entr. 6. linha 211)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: ZAMBOA. Zamboa. He hũa espécie de limeyra, ou cidreyra, que da hum fruto da feição de laranja, mas muito mayor, & de huma cor amarella, mais carregada. O gosto he quasi de laranja, mas desenxabido. Chamão lhe *Pomum Adami*, por ter na casca hũas como mordeduras, que a simplicidade dos antigos imaginou serem vestígios da impressão, que os dentes de nosso primeiro pay fizeram no pomo vedado, como se neste fruto se renovarã a memória de nossa desobediência. Chamaõ lhe outros *Pomum Assyrium*, porque dizem que a primeira planta viera da Assyria.
2. Moraes e Silva: Zamboa, s.f. fruto como laranja, mas muito insípido.
3. Laudelino Freire: Zamboa, s.f. Cast. *zamboa*. Espécie de cidra.

4. Aurélio: Zamboa (ô) [Do berbere, pelo ár.; esp. *zamboa*.] Substantivo feminino. 1. Bot. Fruta cítrica um tanto insípida, semelhante à cidra.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: árabe. (CUNHA, 1987, p. 835)

300. ZUERADA Nf[Ssing]

Entr: Ah... sei... ((conversas paralelas))... mas e caso assim... que antigamente tinha muita... o povo brigava muito né? O senhor conhece algum caso? / Infor: De briga? / Entr: É.../ Infor: Isso aí dê tá brigan[d]o com o outro assim... fazend[d]o aquela zuerada na casa... () de chegá a matá... isso aí num cheguei não né... (Entr. 8. linha 166)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: ZOADA, s.f. soada, fom forte, rio de fogo cuja zoadada &c.
3. Laudelino Freire: Zoeira, s.f. Lus. O mesmo que zoadada. 5. Confusão, conflito, escândalo, barulho.
4. Aurélio: Zoeira [De *zoar* + *-eira*.] Substantivo feminino. 1. Bras. Prov. port. Zoadada (1): “Que zoeira não farão as cigarras!” (Rubem Braga, *O Homem Rouco*, p. 29.) 2. Bras. RJ Gír. Desordem, barulho, confusão, zoadada.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

Passemos à análise dos dados na próxima seção.

4.2. ANÁLISE DOS DADOS

Após o levantamento e descrição dos dados do léxico rural coletados no município de Sabinópolis, procederemos às análises quantitativas e qualitativas das informações apresentadas nas fichas lexicográficas, registradas neste trabalho, para melhor sistematização, em gráficos e quadros.

4.2.1. Lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

Encontramos 207 lexias presentes em obras dicionarísticas, o que corresponde a 69,00% do total de dados selecionados para análise e 93 lexias, ou 31,00% não dicionarizadas nessas obras. Destacamos: a) aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não dicionarizadas; b) aquelas lexias que não apresentaram alterações significativas na forma foram computadas como dicionarizadas. Constatamos, portanto, que muitas das lexias de cunho regional que integram o vocabulário rural não se encontram dicionarizadas.



GRÁFICO 1 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

4.2.2. Número de lexias presentes em cada dicionário

Verificamos que, das 300 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, 207 possuem registro em pelo menos um dos seis dicionários consultados, como indicado no gráfico a seguir.

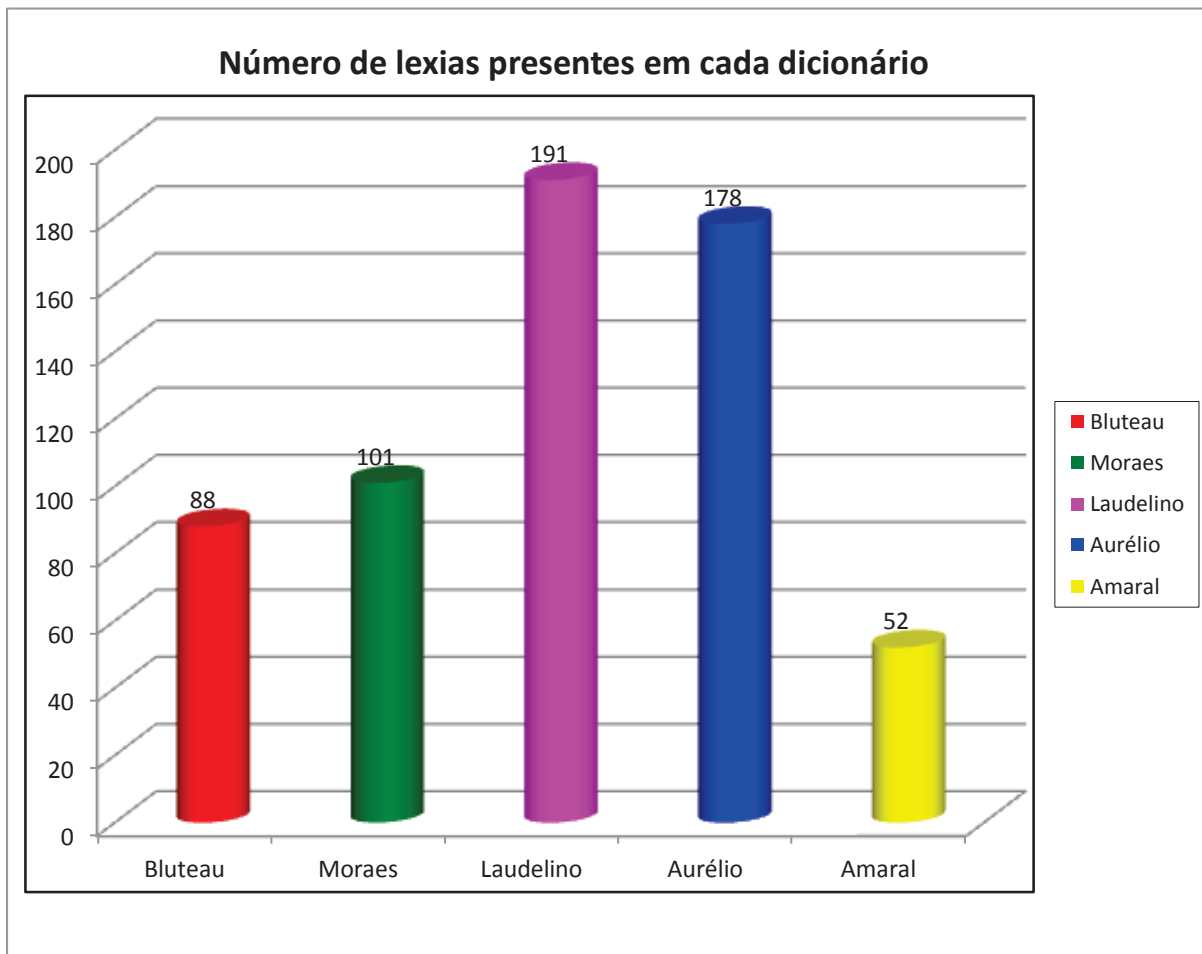


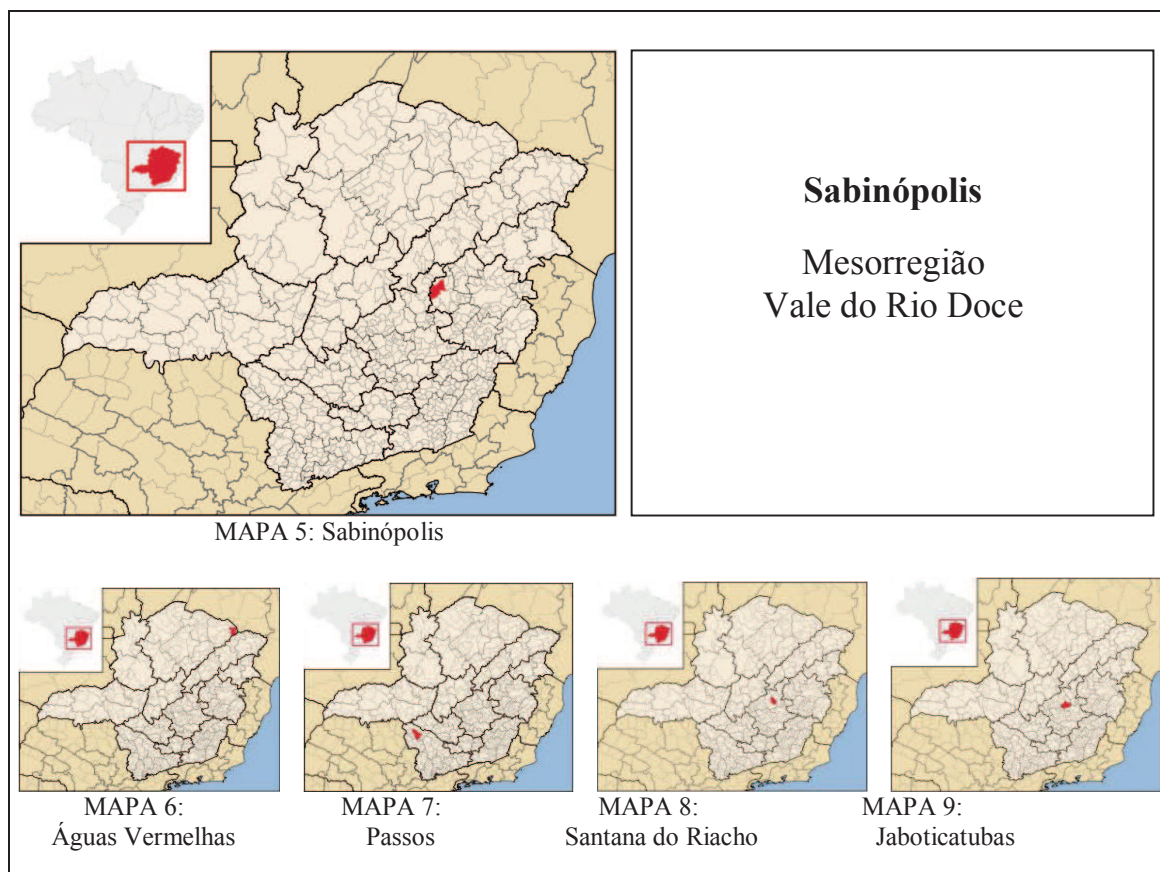
GRÁFICO 2 – Número de lexias encontradas em cada dicionário

O GRAF. 2 exhibe, em números absolutos, quantas lexias entre as 207 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: i) a barra vermelha, correspondente ao dicionário de P. Raphael Bluteau, mostra os 88 vocábulos encontrados nessa obra, o que corresponde a 29,33% do total de vocábulos dicionarizados; ii) o dicionário de Antonio de Moraes, representado pela barra verde, apresenta 101 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa 33,66%; iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio Buarque, representados, respectivamente, pelas barras rosa e azul, são os que apresentam o maior número de registro das lexias constantes do grupo das dicionarizadas, o primeiro com 191 vocábulos e o segundo com 178, o que corresponde a 63,66% e 59,33 respectivamente; iv) por fim, no dicionário de Amadeu Amaral, verificamos a presença de 52 unidades léxicas, ou seja, 17,33% do total das lexias que se encontram dicionarizadas.

4.2.3. Comparações regionais

Realizando comparações do nosso trabalho com os outros já desenvolvidos no âmbito do Projeto *Léxico Regional: descrevendo o português mineiro*, que contemplam regiões localizadas no quadro apresentado a seguir, pudemos constatar:

QUADRO 1: Áreas estudadas



→ Tendo em vista o vocabulário coletado, em se tratando das lexias que se encontram dicionarizadas, constatamos que a área rural de Sabinópolis conta com 31% de dados não registrados por nenhuma obra lexicográfica consultada. A região da Serra do Cipó, que engloba os municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas, contou com 23,58% de dados não registrados em dicionários; Passos apontou 27,30% de dados não registrados e Águas Vermelhas 42,2%. Tal constatação nos mostra que as obras lexicográficas não descrevem satisfatoriamente o léxico regional.

→ Os dicionários Laudelino Freire e Aurélio Buarque são as obras que mais contemplam essas unidades léxicas, conforme descreve o quadro a seguir :

QUADRO 2: Quadro comparativo

Obras Lexicográficas	SABINÓPOLIS (MIRANDA, 2013)	ÁGUAS VERMELHAS (SOUZA, 2008)	PASSOS (RIBEIRO, 2010)	SERRA do CIPÓ (FREITAS 2012)
LAUDELINO	63,66%	89,90%	84,14%	62,98%
AURÉLIO	59,33%	90,60%	87,39%	68,05%
AMARAL	17,33%	15,50%	25,30%	16,41%

- ✓ Com exceção de Sabinópolis, a obra de Aurélio Buarque se destaca como o dicionário que mais registrou ocorrências;
- ✓ Diferente das demais, na área que pesquisamos, isto é, da área rural do município de Sabinópolis, o dicionário de Laudelino Freire é o que mais registra ocorrências. Sobre sua proposta lexicográfica, esse dicionarista nos diz na Introdução⁴¹ de sua obra: *O [dicionário] traz grande número de palavras, registrando número de termos simples e compostos que nenhum dicionário jamais atingiu.* Em segundo lugar, vem o município de Águas Vermelhas;
- ✓ O “quadro comparativo” também aponta que o vocabulário coletado por Amadeu Amaral no interior de São Paulo se assemelha mais com o coletado por Ribeiro (2010) no município de Passos-sul de Minas. Tal constatação não nos surpreende, uma vez que o sul de Minas e o estado de São Paulo são, do ponto de vista geográfico, áreas próximas.

⁴¹ FREIRE (1957)

4.2.4. Forma e gênero

Nas 300 unidades léxicas analisadas, predomina a forma simples, sendo quase igual o número de ocorrências pertencentes ao gênero masculino e ao gênero feminino.

► Na forma simples, nossos dados contabilizam 228 lexias, ou 76% do total dos dados coletados, assim distribuídos:

Nm [Ssing.] = 84 ocorrências;
Nm [Spl.] = 1 ocorrência;
Nf [Spl.] = 1 ocorrência;
Nm [ADJsing] = 8 ocorrências;
Nf [Ssing] = 84 ocorrências;
Nf [ADJsing] = 5 ocorrências;
[V] = 38 ocorrências;
[ADV] = 6 ocorrências;
[INTERJ] = 1 ocorrência.

► Os 15,7% dos nomes compostos masculinos, referentes a 47 dados, são constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

NCm [Ssing + Ssing] = 1 ocorrência;
NCm [Ssing + ADJsing] = 6 ocorrências;
NCm [Spl + {Prep + Ssing.}] = 6 ocorrências;
NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] = 14 ocorrências;
NCm [V + Ssing] = 1 ocorrência;
NCm~NCf [Ssing + ADJsing] = 1 ocorrência;
NCf [Ssing + ADJsing] = 4 ocorrências;
NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] = 8 ocorrências;
NCf [Ssing + Ssing] = 3 ocorrências;
NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = 2 ocorrências;
NCf [N. + Ssing] = 1 ocorrência.

► Unidades fraseológicas contabilizam 6,6%, ou 20 ocorrências:

F [V + {Asing + Ssing}] = 4 ocorrências;
F [V + {Asing + N. + Ssing}] = 1 ocorrência;
F [V + {Prep + Asing} + Ssing] = 2 ocorrências;

F[V + {Prep + Asing} + Ssing + { Prep + Apl} + Ssing.] = 1 ocorrência;

F [V + Ssing] ~ F [V + Asing+Ssing] = 1 ocorrência;

F[V + Ssing]= 5 ocorrências;

F[V + SPL]= 1 ocorrência;

F [V + {Prep + Ssing}] = 1 ocorrência;

F [{Prep + Asing} + Ssing + Prep + Adv.] = 1 ocorrência;

F [Adv + V + Ssing + Conj + Ssing] = 1 ocorrência;

F [A + Pron. + Pron. + V + Pron. + ADV+ V] = 1 ocorrência;

F [V + Asing + Ssing + {Prep + Asing} + Ssing] = 1 ocorrência.

As unidade fraseológicas, acima contabilizadas, depreendidas de nosso *corpus* foram: *abrir a picada, aforçar a ideia, botar a primeira capina, chegar no conhecimento, cuspir na orelha das morena, dar moleque, dando imitação, entender por gente, fazer de mudança, jogar na bandeira, mamar cadeia, na vista de fora, não falar nem pau nem pedra, o que eu cuspo eu não engulo, parece coisa, passar a perna na mula, queimar borralho, queimar légoa, refinar a memória, tem apelo.*

► Contabilizamos, ainda 5 ocorrências de Locução: 4 adverbiais e 1 conjuntiva, o que corresponde a 1,7% do total dos dados analisados:

[LOC. ADV.] = 4 ocorrências [LOC. CONJ.] = 1 ocorrência

Destacamos: *de a pé, de maneira, de primeiro, com pouco, em ante.*

Dessas unidades fraseológicas e locuções, destacam-se como dicionarizadas pela obras de Aurélio somente a lexia *abrir a picada*, inclusive com a marca de uso “brasileirismo”. Laudelino Freire avança bem mais e dicionariza, além de *abrir a picada*, as lexias *de maneira, de primeiro* e *com pouco*. Amadeu Amaral coletou em seu *corpus* do interior de São Paulo somente a forma *abrir a picada*. Em se tratando da coleta que vem sendo realizada pelos pesquisadores do Projeto *Léxico Regional*, destacamos que a forma *de primeiro* integra, também, os dados de Souza (2008) e Freitas (2012); enquanto a forma *em ante* é encontrada em Souza (2008), Ribeiro (2010) e Freitas (2012).

4.2.5. Origem

No que diz respeito à origem das lexias, podemos observar:

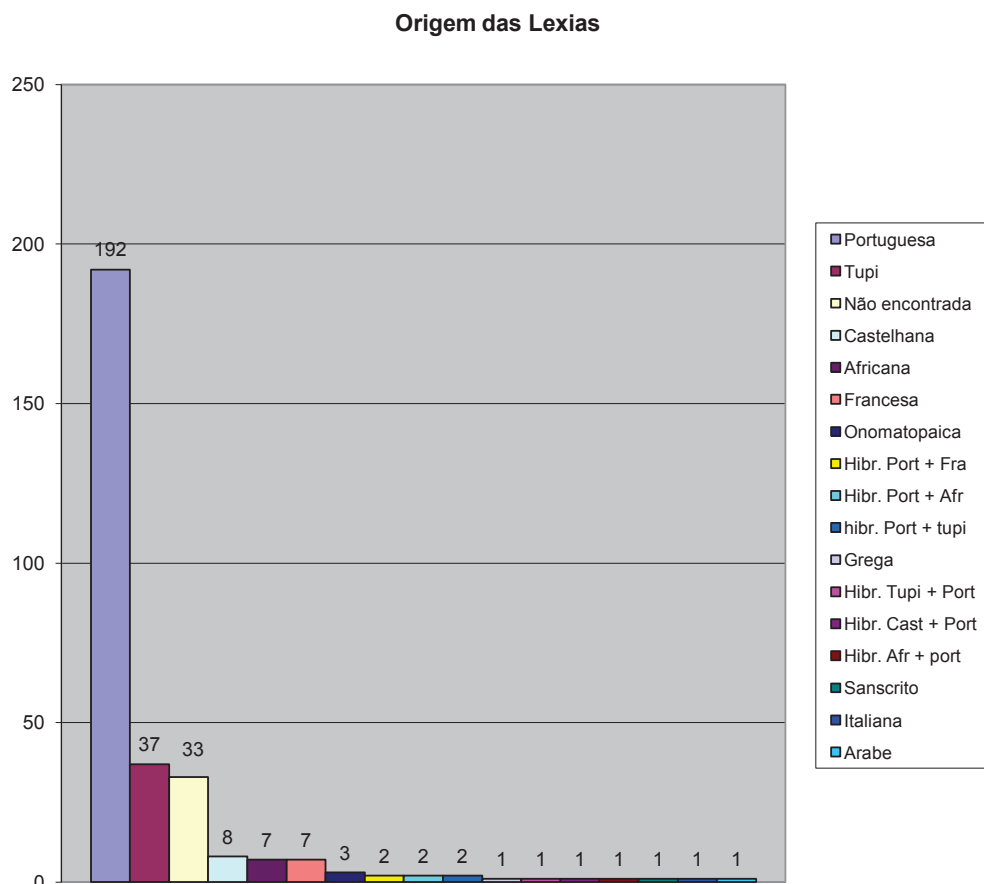


GRÁFICO 3- Origem das lexias

Foram encontradas 192 lexias de origem portuguesa, o que representa 64,0% do total de lexias em análise. As lexias de origem tupi somaram 37 ocorrências, correspondendo a 12,3% do total de lexias. Já as lexias que não tiveram sua origem encontrada somaram 33 ocorrências do total de nosso *corpus*, equivale a 11,0%. As lexias de origem castelhana somaram 8 ocorrências, o que corresponde a 2,6% do total de lexias do nosso *corpus*. As lexias de origem africana e francesa somaram 7 ocorrências cada, o que equivale a 2,3% cada uma. As lexias de origem onomatopaica somaram 3 ocorrências, o que equivale a 1% do total. As lexias de origem híbrida (portuguesa + francesa), híbrida

(portuguesa + africana) e híbrida (portuguesa + tupi) somaram 2 ocorrências cada, o que equivale a 0,66% cada uma. Por último, as lexias de origem grega, híbrida (tupi + portuguesa), híbrida (castelhana + portuguesa), híbrida (africana + portuguesa), sânscrito, italiana e árabe somaram 1 ocorrência cada, o que equivale a 0,33% dos dados selecionados cada uma.

Além disso, encontramos alguns vocábulos que, apesar de terem as mais diversas origens, são definidos por Cunha como brasileirismos. São eles: *abrir a picada*, *agregado*, *apartação*, *bodoque*, *sá* e *tronqueira*, que equivalem a 2% do total de nosso *corpus*. Aurélio vai mais além na sua classificação e, de acordo com a obra desse dicionarista, constituem brasileirismos presentes no nosso *corpus*: *abrir a picada*, *agregado*, *antonce*, *araticum*, *bicudo*, *bodoque*, *cacimba*, *cacunda*, *cainana*, *carangonço*, *catinga*, *cocho*, *cupim*, *curió*, *grumixama*, *guariba*, *irara*, *jabutirica*, *jacu*, *jacu-caca*, *jararaca*, *jararatitaca*, *jatobá*, *jirau*, *joão-velho*, *piau*, *piriá*, *sá*, *sacura*, *soim*, *surucucu*, *taquara*, *tinga*, *tocaiar*, *traíra*, *tronqueira*. Acreditamos que esse número possa ser bem maior se levarmos em conta, principalmente, algumas das lexias que estão presentes em nosso *corpus*, mas não estão dicionarizadas. Definimos brasileirismos como vocábulos e expressões que representam um modo de vida tipicamente brasileiro, evidenciando assim, conforme explica Oliveira⁴², “todo fato lingüístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”.

Enriquecendo nossos dados, constam alguns arcaísmos: *aguardar*, *alembiar*, *antonce*, *apartação*, *alqueire*, *corgo*, *parear*, *pissuir*.

Destacamos, também, lexias de origem indígena, a saber: *araticum*, *caboclada*, *cainana*, *capoeirada*, *capoeira branca*, *cuaiti*, *cuiá*, *cupim*, *curió*, *cutia*, *gabioba*, *grumixama*, *guará*, *guariba*, *ingá*, *irara*, *jacu*, *jacu-açu*, *jararaca*, *jaratitaca*, *jatobá*, *jirau*, *mandim*, *paca*, *piau*, *piriá*, *sapé*, *sapucaia*, *saracura*, *saracurá*, *sarandi*, *soim*, *surucucu*, *taquara*, *tinga*, *tocaiar*, *traíra*. A maioria delas nomeia a fauna e a flora brasileira.

Ainda, ressaltamos os nomes de origem africana, todos eles de origem banto, do quimbundo: *cacimba*, *cacunda*, *catinga*, *carangonço*, *caxinguelê*, *monjolo*, *quitanda*.

⁴² Apud Souza, 2008, p. 182.

4.2.6. Variação e Manutenção

Comparando as lexias coletadas na cidade de Sabinópolis, localizada na região do Rio Doce, com dados dos três estudos similares realizados por Souza (2008), Ribeiro (2010) e Freitas (2012), que analisaram o léxico rural dos municípios de Águas Vermelhas – Região Norte de Minas Gerais –, Passos – Região Sul/Sudeste do Estado – e Serra do Cipó- Região Metropolitana, detectaram-se que 22,33% ou seja, 67 lexias presentes em nosso *corpus* também eram recorrentes em uma das três regiões citadas, em alguns casos, os três estudos citados apresentam lexias em comum com nosso estudo, como ilustrado no Graf. 9:

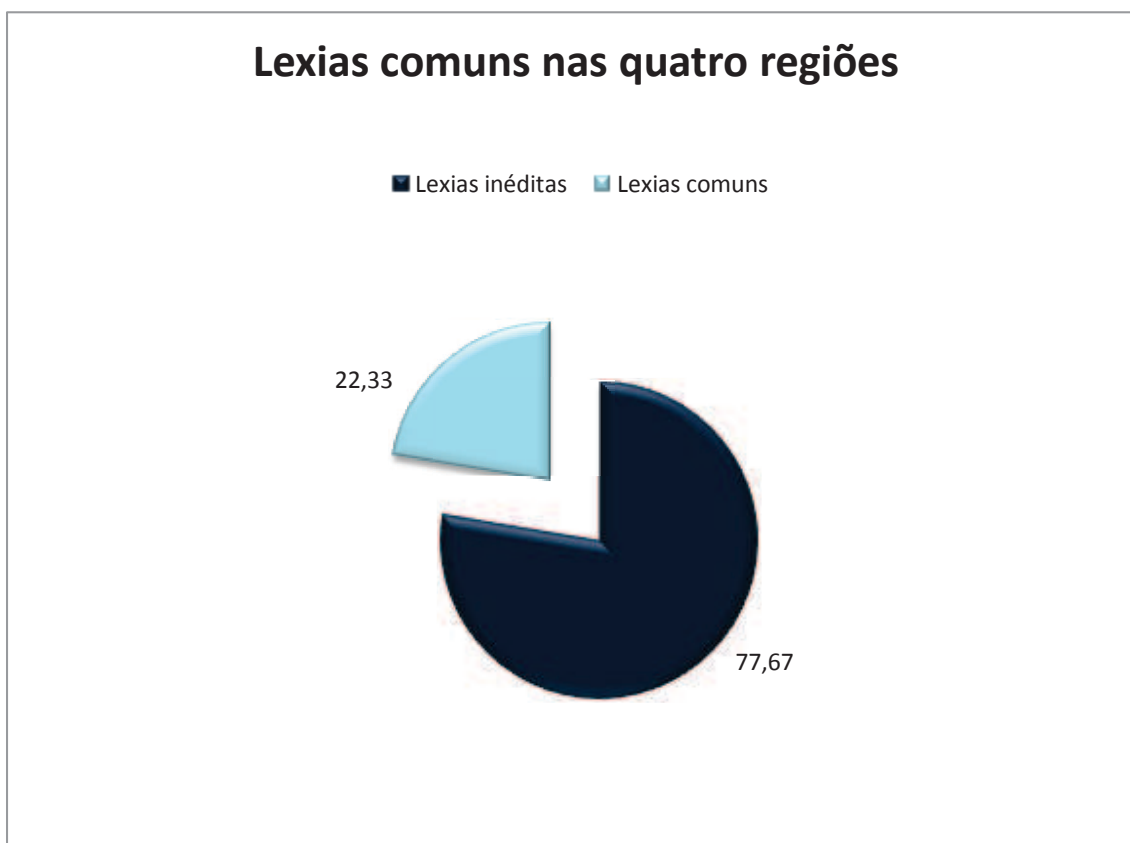


GRÁFICO 4 – Lexias comuns nas quatro regiões

Tendo em vista a comparação das quatro regiões – Rio Doce, Serra do Cipó, Águas Vermelhas e Passos –, verificou-se que o léxico comum encontrado é bastante expressivo. Entretanto, destaca-se maior similaridade nos dados do município de Sabinópolis e os da região da Serra do Cipó. Das 300 lexias do nosso *corpus*, 39 também constam nos dados pesquisados na região da Serra do Cipó, 33 lexias são verificadas no município de Águas

Vermelhas e 28 na cidade de Passos. Essas lexias podem ser observadas detalhadamente no QUADRO 1, a seguir.

QUADRO 3
Lexias comuns – Sabinópolis, Serra do Cipó, Águas Vermelhas e Passos

SABINÓPOLIS (MIRANDA, 2013)	ÁGUAS VERMELHAS (SOUZA, 2008)	PASSOS (RIBEIRO, 2010)	SERRA DO CIPÓ (FREITAS, 2012)
agregado	agregado	—	—
alembrar	alembrar	alembrar	alembrar
antonce	entonce	—	—
apiar	—	apiar	apiar
avultado	avultado	—	—
barriguera	—	—	barriguera
bodoque	bodoque	—	—
cabaça	—	cabaça	cabaça
cacimba	cacimba	—	—
candeia	candeia	candeia	candeia
cacunda	cacunda	cacunda	cacunda
candieiro	candieiro	candeero	—
capado	capadão	capado	capado
carangonço	—	—	carangonço
carguero	—	carguero	carguero
carrero	—	carrero	carrero
carro de boi	—	carro de boi	—
casa de morada	—	casa de morada	—
catinga	—	catinga	catinga
cocho	—	cocho	cocho
corgo	—	corgo	corgo
cuia	—	cuia	cuia
de primeiro	de primeiro	—	de primeiro
disarriar	—	—	disarriar

divera	devera	—	divera
dibulhar	—	—	dibuiar
dispensa	dispensa	—	—
em ante	em ante	em antes	im ante
fiar	—	—	fiar
fornalha	—	—	fornaia
fuso	fuso	—	fuso
gabirola	—	gabirola	—
gamela	gamela	gamela	gamela
goma	goma	—	—
ingenho	—	—	engem
ingenhoca	—	—	engenhoca
intender por gente	entendi por gente	—	—
jacu	jacu	—	—
jirau	—	—	jirau
lamparina	—	lamparina	lamparina
lavar	—	lavar	lavar
lote (de burro)	lote-de-burro	—	—
lumiã	lumiã	—	lumiã
manga	manga	—	—
manjarra	—	—	manjarra
mão de pilão	—	—	mão de pilão
meloso	—	—	meloso
muenda	—	—	moenda
munho	—	munho	munho
munjolo ~ minjolo	—	munjolo	—
pião	—	pião	—
piar	piar	—	—
piau	piau	—	—
pilão	pilão	—	—
pissuir	pessuir	—	—
quitanda	—	quitanda	—

rebuçar	rebuçado	—	—
réis	réis	—	—
sapé	—	sapé	—
sura	sura	—	—
tacha	—	tacha	tacha
tostão	tostão	—	—
tropa	tropa	tropa	tropa
tropero	tropeiro	—	tropero
vage	—	—	vage
vau	vau	—	—
venda	—	venda	venda

Percebemos, na análise dos dados, que apesar de haver um número significativo de lexias similares entre as quatro regiões, há uma proximidade maior entre o vocabulário rural da mesorregião do Rio Doce e da mesorregião Metropolitana de Minas Gerais. Tal similaridade pode advir da forma de ocupação das duas regiões; que tiveram, inicialmente, como principal atividade a exploração mineral, sendo substituída, posteriormente, após a decadência da mineração, por atividades relacionadas à pecuária e agricultura. Destaca-se, ainda, o fato de que ambas estão inseridas na região do projeto Estrada Real.

Após descrição, quantificação e análise dos dados, segue o capítulo 5, no qual é apresentado o Glossário.



FOTO 6: Casa de fazenda em Sabinópolis/MG (acervo pessoal)

Capítulo V - GLOSSÁRIO

Este glossário é parte do repertório lexical que compõe as 12 entrevistas que constituem o *corpus* desta dissertação, aqui já apresentado e analisado em fichas lexicográficas no capítulo 4. Divide-se em duas partes:

1. Quadro geral de classificação: seção que mostra a estrutura geral das relações existentes entre os grandes grupos de palavras, ou seja, coleta dos termos afins, unidos por rede semântica ou em campos de significados comuns – baseia-se no critério onomasiológico.
2. Glossário: a parte que contém as palavras selecionadas e agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), acrescentadas de definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas – trata-se da apresentação do vocábulo pelo critério semasiológico.

5.1. QUADRO GERAL DE CLASSIFICAÇÃO

a) Natureza

Animal

animais-de-custeio, animais-de-sela, anilmazim, azulão, bicudo, bigó, boiada-de-carro, boi-de-carro, bois-de-coice, boi-de-guia, cágado, cainana, campero, capado, carangonço, carguero, caxinguelê, chifre mestre, chifrim, cobra-cipó, cuati, cupim, curió, cutia, gato-do-mato, guará, guariba, irara, jabutirica, jacu, jacu-açu, jacu-caca, jararaca, jaratitaca, João-velho, junta (de boi), lote-de-burro, mandim, marrequinho-do-mato, mula-guia, paca, pássaro-preto, perdiz, piau, pintassilgo, pintassilgo-do-sertão, piriá, porca-criadeira, porcos-de-engorda, saracurá, saracura, soim, surucucu, tinga, traíra, tropa.

Mineral

cacimba, corgo, lavra, pedra nascente, piçarra, sarandi, vau.

Vegetal

articum, assa-peixe, bandera, braquiária, cansação, capueira-branca, capueirada, feijão do tempo, gabirola, grão-de-galo, grumixama, ingá, jambo, jatobá, meloso, sapé, sapucaia, tamboril, taquara, touceira, tumba-tumba, vergamota, zamboa.

b) Alimentação

açúcar sujo ~ açúcar suja ~ açúcar caseira, arroz de pilão, café de munho, café de pilão, farinha de fubá, fubá insoado, gênero, goma, melado de tanque, óleo de coada, quitanda.

c) Espaço físico/ Relações espaciais

casa de morada, compasso, curtume, manga, nação, picada, rua, va(r)ge(m), venda.

d) Tempo/ Relações temporais

antonce, arcançar, com po(u)co, de primeiro, em ante, fazer de mudança, inda, transanteontem, vindouro.

e) Ocupações e relações sociais.

agregado, carrero, carriar, giriqueiro, pião, sá, tocado(r), trope(i)ro.

f) Doenças

biche(i)ra, incômodo.

g) Produtos

Objetos, utensílios, coisas

balangô, banca(1), banca(2), barriguera, bateia, bodoque, boi de sabugo, cabaça, cabresto, caixa de guerra, candeia, candeia de azeite, candieiro, carro de boi, catrezim de cavalete, colchão de palha, corda de bacalhau, cuado(r), cuia, curisco, duela, fiaú, fole, formão, forradera, frisozim, fuso, gamela, girico, ismiril, istalero, jirau, lamparina, lamparina de querosene, lombilho, panelinhazinha, pião peitoral, pelego, pipa, réis, restolho, terno de boi, tostão.

h) Fazenda

Ferramentas e construções

alambique, banca de queijo, barrilero, carnero, cocho, crivo, dispensa, emborá, fonalha, ingenho, ingenhoca ~ ingenhocas, ingenho de boi, inxada, lático, manjarra, mão de pilão, muenda, munho, munho d'água, munjolo ~ minjolo, pilão, sôgra, tacha ~ tacho ~ tachada, tronqueira, virgens.

i) Características

baia, canoagem, catinga, certimzim, dar muleque, lumienta, perfeitimzim, piquitito ~ piquitita ~ piquitinho, roletada, sura, sureca.

j) Festa Popular e Religiosidade

apreparo, boi-balaio, caboclada, fugue(i)ra, jubileu, marujada, responso.

k) Morfologia

cacunda, pó, polpa.

l) Sentimentos, sensações e estado

bicudo(2), carranca, dar imitação, deferente, dificuldade, dificultoso, labuta, manero, na vista de fora, parece coisa, penitência, penura, tem apelo.

m) Quantidade/ tamanho

arqueire, avultado, neta, prato ~ pratos, quarta ~ quartas, quartil.

n) Movimento

apartação, apiar, abrir picada, botar a primera capina, burduada, cavacar, cevar, de a pé, disarriar, dibulhar, discriminar, dispejar, dispindir, dispor, fiar, impariar, isgotar, jogar na bandera, lavrar, lumiar, mamar cadeia, massanga, minorar, mochar, mofinar, ofender, pá pi, parear, passar a perna na mula, passar uma cortagem, piar, pissuir, presequir, primera, capina, queimar léguas, rapar, rebuçar, restolhar, sovar, tocaiá(r).

o) Conduta

abalar, arrearpar, cumunheiro, cuspir na orelha das morena, garração, gavar, o que eu cuspo eu não engulo, pelejar, queimar borralho, trapalhação, zuerada.

p) Conhecimento

aforçar a idéia, aguardar, alembrar, chegar no conhecimento, comparação, de maneira, dislindar, divera, iguala, intender por gente, isbiutar, num falar pau nem pedra, pirimente, refina(r) a mimória.

5.2. GLOSSÁRIO

Foram adotados os seguintes procedimentos na organização dos verbetes.

- As entradas estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito.
- Os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular, ao passo que os verbos estão no infinitivo.
- Após a entrada, é indicado, entre parêntesis, se o vocábulo é dicionarizado pelo *Aurélio*⁴³(A); se não é dicionarizado no *Aurélio*, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A)
- A categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc. Essas indicações vêm abreviadas. Na página seguinte, apresentamos uma lista de abreviaturas e convenções.
- Apresentamos a definição da palavra construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*.
- A frase de abonação (em itálico) mostra como a palavra é usada na região estudada.

⁴³ *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*

Abreviaturas e convenções

A – dicionarizado no *Aurélio*

adv. – advérbio

afr. – africanismo

arc. – arcaísmo

Ár. – árabe

Cast. – castelhana

Cf. - conferir

cont. – controvertida

desc. – desconhecida

Fr. - francesa

Greg. - grega

inc. – incerta

ind. – indigenismo

INF. – informante

lat. – latim

loc. adv. – locução adverbial

loc. pron – locução pronominal

n/A – não-dicionarizado no *Aurélio*

n/d – não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrada

NCf – nome composto feminino

NCm – nome composto masculino

Nf – nome feminino

Nm – nome masculino

obs. – obscura

onomat. – onomatopaica

PESQ. – pesquisadora

prep. – preposição

pron. – pronome

Ssing – Substantivo singular

top – toponímica

V – verbo

A

ABALA(R) • (A) • [V] • cont. • Mudar ou alterar comportamentos. • “Ó... mudô muita coisa que o povo desde primeiramente que essa luz apareceu o povo abalô tudo... abalô rapaz quarqué casinha que ocê vê aqui pra baixo tem as suas televisão...” (Entr. 5. linha 38).

ABRIR A PICADA • (n/d) • [Fras] • (bras.) • Abertura que se faz em lugares de mata fechada, a fim de permitir comunicação com outros pontos. • “*QUEMA* feito um condenado... mas cada palma dessa grossura... tava abrin[d]o a picada... e eu passei a mão num martelo...” (Entr. 8. linha 73).

AÇUCA(R) SUJO ~ AÇUCA(R) SUJA ~ AÇUCA(R) CASERA • (n/d) • NCm~NCf [Ssing + ADJ_{sing}] • Açúcar não refinado. • “agora tirava açucá... aqueles pedaço de açucá assim... chama açucá sujo... ou então açucá casera...” (Entr. 6. linha 440) “*Fazia açucá refinado e dessa açucá refinado fazia doce... tinha açucá suja... e a refinada... a suja é essa*...” (Entr. 7. linha 118).

AFORÇA(R) A IDEIA • (n/d) • [Fras] • Lat>Port • Exercitar a memória. • “... e ele não ten[d]o aquilo copiado ele tem que aforçá a idéia pra até aprendê...” (Entr. 3. linha 442).

AGREGADO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Trabalhador rural que vive em terras que não são de sua propriedade. • “*Infor: Eu nunca tive um terreno pra morá não... assim meu não... / Entr: Mora é de? / Infor: Assim de agregado né*...” (Entr. 10. linha 43)

AGUARDA(R) • (n/d) • [V] • Arc. • Guardar, conservar na memória. • “*Então ela num quis deixá e eu estudei esse livro... foi só duas coisa que eu aguardei já dentro desses setenta anos mais ou menos que eu num esqueci*...” Obs: Arcaísmo – forma encontrada no século XIII.

ALAMBIQUE • (A) • Nm [Ssing.] • Ár>Port • Aparelho próprio para destilação usado na produção de água ardente. • “...cabava de enchê o co:cho...ela fervia a tempo de podê derramá...das cana saía a cachaça...e lá dentro do alambique ficava a borra lá...” (Entr. 8. linha 127)

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat>Port • Trazer algo à memória, recordar, relembrar. Variante de lembrar • “...eu ainda tenho uma meio lembrança de tropa... cê num alembra de tropa não né?” (Entr. 2. linha 5) • (alembrar~lembrar: caso de prótese)

ANIMAIS DE CUSTEIO • (n/d) • NCm [Spl + {Prep + Ssing.}] • Animais que se utilizam para o trabalho e alimentação. “*Animais de casa... animais de custeio... de trabalho né... é boi é... é cavalo... coisa né... mais é uma galinhinha... um porquinho*...” (Entr. 8. linha 14)

ANIMAIS DE SELA • (n/d) • NC_m [S_{pl} + {Prep + S_{sing}. }] • Animais que se utilizam para montaria. • “os animais-de-sela a notícia ia lon:ge... todo mundo... falava: ‘ó gente... animais-de-sela... boiada-de-carro... vacada-de-leite... é João Mariano... mais ninguém... é bobage...’ ”(Entr. 3. linha 478)

ANIMALZIM • (n/d) • Nm [S_{sing}] • Animal equino ou muar que se utiliza para a montaria. • “Ficô não... num tinha / ele tinha um animalzim... num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do guanhã[es]... aonde o corgo do jacaré dispeja no guanhã[es]...” (Entr. 1. linha 542)

ANTONCE • (A) • [ADV] • Lat>Port • O mesmo que então. • “Sirviço demais... agora num tô guentan[d]o mais... mas eles num gosta de ficá sem o plantio dele né... vai antonce eu num falo com ele que eu num planto que eu num guento... eu num guento mais...” (Entr. 9. linha 10)

APARTAÇÃO • (A) • Nf [S_{sing}] • Discriminação de gado, muar ou equinos, para determinado fim. • “pai Joaquim cuidava era das suas égua dele... tinha as égua... tinha os jumento... todo ano ele tinha aquela remessa de burro pra vendê... vinte... trinta burro pra vendê na apartação...” (Entr. 3. linha 543)

APIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Descer de animal ou de veículo. • “...ele tava debruçado na janela eu fui pareei o burro assim... cumprimentei ele... ele mandô eu apiá... e eu não senhor dotô... tô com pressa...” (Entr. 3. linha 378)

APREPARO • (A) • Nm [S_{sing}] • Lat>Port • Reunião de pessoas para fins recreativos. • “Ô minino... com nós aqui nunca que ()... quando dava festa só lá pra Sabinópolis... e num tinha tempo de ir a festa nada... quando tinha aí era algum apreparo né... () aqui na roça... ()... o povo bebe... briga e... dá muita má sastifação né... má sastifação...” (Entr. 5. linha 272)

ARCANÇA(R) • (n/d) • [V] • Lat>Port • Chegar a conhecer determinada coisa ou pessoa; tomar conhecimento de algo. • “Muita coisa a gente escuta... muito antigo... a gente escuta daqueles mais véio... que a gente já num arcançô muito a coisa antiga mais né... a gente já num arcançô... mas esses mais velho que ainda tem algum ainda pode... contá... quase que num tem gente véio antigo mais... velho mesmo num tem não...” (Entr. 1. linha 498)

ARMAZÉM • (A) • Nm [S_{sing}] • Ár>Port • Estabelecimento onde se vendem produtos variados. • “Plantava uai... tinha muito repoio... a única coisa que a gente plantava de fora era o repoio () e o alface... assim mesmo que a gente compra a semente né... é a semente... no mais era tudo de casa mesmo... num é igual hoje não... que tudo a gente pega no armazém... as verdura antigamente era mais... mió do que hoje...” (Entr. 2. linha 37)

ARQUEIRE • (A) • Nm [S_{sing}] • Ár>Port • Medida antiga de grãos ou terras. • “...uns café antigo vai morren[d]o né... mas pra nossa despesa... teve ano que a gente panhó bastante café... panhamo mais de um arqueire de café...” (Entr. 9. linha 40)

ARREPARA(R) • (n/d) • [V] • Lat>Port • Prestar atenção em algo. • “No dia do velório de Gustavo... A. saiu de casa... e largô M. toman[d]o conta de tudo lá sozinha e ele saiu... todo mundo arreparô aquilo que ... fez...” (Entr. 3. linha 237)

ARROZ DE PILÃO • (n/d) • NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] • Arroz descascado no pilão. • “você vai no... no armazém... na mercearia... acha de tudo né... e de primeiro... arroz de pilão...” (Entr. 6. linha 34)

ARTICUM • (A) • Nm [S_{sing}] • Ind. • Fruta semelhante à pinha. • “É do mato tem muita fruta do mato... tem o / tem o jambo... tem o articum... articum é de madeira mesma de mato... mato virgem... uma fruta grande assim cascuda... hora que ela amarela é gostosa mais num há... muito gostosa... chama articum...” (Entr. 1. linha 280)

ASSA-PEXE • (A) • NC_m [V + S_{sing}] • Arbusto muito comum em áreas onde se cultivou roça. • “Aquilo gosta tam[b]ém é de tempo de lua clara... é de noite é que eas sai pras estrada afora... as catinguenta... e o cumê delas tam[b]ém é raiz de assa-peixe...” (Entr. 1. linha 269)

AVULTADO • (A) • Nm [ADJ_{sing}] • Lat>Port • Que se refere a uma quantidade maior; volumoso. • o sali ele comprava mais avultado... comprava cinqüenta saquinho de sal... porque ele tinha muito boi... muita vaca mesmo... tinha muita vaca mesmo...” (Entr. 6. linha 405)

AZULÃO • (A) • Nm [S_{sing}] • Pássaro de cor azulada. • “azulão... canário-chapinha... cabô tudo... essa época do azulão ês pegaram ês tudo... virô cumércio... virô cumércio...” (Entr. 5. linha 161)

B

BAIA • (A) • Nf [ADJ_{sing}] • Que tem a cor marrom clara. • “É essa comum... tem a baia... e tem a pintada... tem uma do lombo preto... três qualidade de onça..” (Entr. 1. linha 143)

BALANGÔ • (n/d) • Nm [S_{sing}] • Onomat. • Brinquedo usado por crianças para balançar de um lado para o outro. • “É... tudo... ô coitado... brinquedo... antigamente... era balango né... balangô...” (Entr. 6. linha 372)

BANCA (1) • (n/d) • Nf [S_{sing}] • Monte de terra que se põe ao redor de uma planta. • “...dava porque o mio tem que plantá né... capina ele... primera capina... depois tem que revirá a terra pra revirá ele... chegá a banca no pé dele né... que se num chegá ele não dá nada... ele mofina a cova... e não dá nada né...” (Entr. 10. linha 65)

BANCA (2) • (n/d) • Nf [S_{sing}] • Instrumento utilizado para explorar ouro. • “...tinha pedaço de oro de duas três grama () no peso... é duro... mas era friagem rapaz que naquele tempo num era mole não... Agora hoje tem banca...” (Entr. 4. linha 125) “É... bateia... sem a bateia num tirava não... num tira... agora hoje tira por conta disso... que tem a / a banca né...” (Entr. 4. linha 139)

BANCA DE QUEIJO • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Móvel utilizado para a fabricação de queijo. • “...e ela é que tirava o leite e fazia os queijo... e a banca de queijo dela era lá dentro da cozinha... eles fala que lugá quente pra queijo que num serve... e a banca dela era / a fornalha de lá e a banca de queijo de cá ó... e ela fazia seus queijo dela ó...” (Entr. 3. linha 538)

BANDERA • (n/A) • Nf [Ssing] • Monte de espigas de milho que se faz nas plantações com a finalidade de facilitar a colheita. • “É... o mio é... que tinha de plantá... prepará a terra... plantá... capiná... depois é que vai colhe... quebrá o milho... joga na bandera... depois da bandera vai c’os balaio...” (Entr. 1. linha 42)

BARRIGUERA • (A) • Nf [Ssing] • Cast • Peça do arreio que passa em volta da barriga do animal. • “A mãe de Tião Quitéria fiava pra mamãe... e mamãe usava / sortava um monte de emborá::...pra fazê ré::dea...fazê barrigue::ra...fazia rédea e barriguera...” (Entr. 7. linha 271)

BARRILERO • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Mesa cercada por um sulco ou rego, por onde escorre o soro de coalhada prensada. “Mói a cana ali... tem um processo... leva ela pra tacha... ferve... faz um barrilero com coisa que é pra fazê sabão e põe o óleo de coada... tem umas...” (Entr. 6. linha 414)

BATEIA • (A) • Nf [Ssing] • Inc. • Utensílio utilizado para garimpar ouro. “Este rio Guanhães... este rio Guanhães... diz que ele é muito... que sempre vinha... como fala... na vista de fora... pra tirá o oro... oro em pó... um oro bonito... é uai... tem uma gamela que chama bateia né... sei se cê conhece...” (Entr. 6. linha 253)

BICHE(I)RA • (A) • Nf [Ssing] • Ferida repleta de bichos ou vermes, causada por depósito de ovos de alguns insetos. “bateu a aftosa lá mas que arrasô o gado... que todo dia a gente tinha que ()... achava o gado fedem[d]o de bichera...” (Entr. 3. linha 524)

BICUDO (1) • (A) • Nm [Ssing] • Pássaro de 15 centímetros de altura, de coloração preta com uma mancha branca na parte externa das asas, bico branco ou manchado, presente em quase todo o Brasil. Seu canto lembra o som de uma flauta. “Terc: paca sumiu muito tia... canarinho-chapinha... curió... / Infor 2: Curió desapareceu... bicudo desapareceu...” (Entr. 7. linha 321) “É bicudo... tem um passarinho chamado bicudo...” (Entr. 7. linha 324)

BICUDO (2) • (A) • Nm [Ssing] • Pessoa que se encontra embriagada por ter abusado de bebidas alcoólicas. • “Entr: Mas o povo bebia e saía tudo... / Infor: Tudo bicudo... mas a cachaça todo mundo bebia...Cachaça... O povo pára de bebê cachaça minino? Só quando a gente morrê...” ((risos))... (Entr. 2. linha 139)

BIGÓ • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de macaco encontrado no Brasil. “É... bigó... bigó ainda tem muito ainda... ()... hoje tá muito fiscalizado né... NEM tá ficando mato nenhum que ocê tá passan[d]o por lá e ocê num vê...”

BODOQUE • (A) • Nm [Ssing] • Port<Ár. • Também chamado de atiradeira ou estilingue, é utilizado, principalmente para caça aos passarinhos. Feito com uma forquilha de árvore, tiras de borracha e um pedaço de couro. “*Entr: Mas é... na época que... o senhor era criança que brincadeira que tinha.... que fazia? / Infor: Aqui? / Infor: Nós brincava aqui de bodo::que... você conhece?*” (Entr. 8. linha 75)

BOIADA- DE- CARRO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Conjunto de bois, utilizado principalmente para puxar carro de boi. “*os animais-de-sela a notícia ia lon:ge... todo mundo... falava: “ó gente... animais-de-sela... boiada-de-carro... vacada-de-leite... é João Mariano... mais ninguém... é bobage...*” (Entr. 3. linha 478)

BOI-BALAIIO • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Port + Fr. • Festividade tradicional folclórica da região de Sabinópolis-MG . • “*Gororós que vai cantan[d]o de honra a São José....tinha... as festa ... ((conversas paralelas)) juni:na... tinha o boi-balaio né... é... hoje ainda tem... inda tem... mas antigamente era tudo... como diz... à moda...*” (Entr. 6. linha 305)

BOI-DE-CARRO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Conjunto de bois que se utilizam principalmente para puxar carro, variante de boiada-de-carro. “*pai pelo menos... ele tinha um gado... tanto a vacada-de-leite... dele como os boi de carro... era uma coisa que... a notícia ia lon:ge...*” (Entr. 3. linha 477)

BOIS-DE-COICE • (A) • NCm [Spl + {Prep + Ssing}] • Port. • Bois que, nos carros-de-boi, acham-se diretamente ligados ao veículo. • “*essa cabeça que tá aí era dos boi-de-guia que sempre era menor... mas os bois-de-coice... era cada chifre desse tamanho assim...*” (Entr. 3. linha 494)

BOI-DE-GUIA • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Boi que, em um carro-de-boi, faz parte da dupla dianteira. • “*essa cabeça que tá aí era dos boi-de-guia que sempre era menor... mas os bois-de-coice... era cada chifre desse tamanho assim...*” (Entr. 3. linha 494)

BOI DE SABUGO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Brinquedo tradicional, construído de sabugos de milho e gravetos, imitando pernas. • “*Boi de sabugo... carrinho de / fazia as cuia... a / a / a () de talo de banana...*” (Entr. 7. linha 236)

BOTA(R) A PRIMEIRA CAPINA • (n/d) • F [V + { Asing . + N. + Ssing }] • Port. + Port. + Ind. • Capinar pela primeira vez. • “*Ah... isso aí é divera... igual cana... cana cê plantô ela... cê bota a primera capina nela... ali ele vai só... né... cê passa uma cortagem nela... ali os broto vai brotando [ou]tra vez... quando pensa que não... a planta cresce () né...*” (Entr. 10. linha 74)

BRAQUIÁRIA • (n/d) • Nf [Ssing] • Greg • Qualidade de capim bastante utilizado em pastagens. • “*quando cê vê um campozinho que é pasto é esse capim plantado que é a braquiária... né... mas num tinha isso não...*” (Entr. 3. linha 489) “*cortô os mato... pra... braquiária né... ()... num tem nada pra cumê né... é::...*” (Entr. 10. linha 93)

BURDUADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Pancada com pedaço de pau ou porrete. • “*ele sai andan[d]o... hora que ocê mexe com ele... ele incoite e isconde... ocê pode dá burduada assim por cima que num mata ele...*” (Entr. 1. linha 223)

C

CABAÇA • (A) • Nf [Ssing] • desc. • Vasilha proveniente da casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • “*Ês usa mais né Cláudio ((conversas paralelas))... tem a cabaça... mas hoje em dia a gente num vê cabaça mais não... a gente planta... mas ela num dá...*” (Entr. 2. linha 199)

CABOCLADA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Festividade folclórica que se caracteriza como dança de rua típica do interior de Minas Gerais “*Aí tem... mas é aquelas caboclada...é festa de rua...é mesmo festa... fazem[d]o é festa... os caboclo é todo enfeitado de / nos boné dês em roda assim é espeio... esses espeizinho redondo que põe ne borso?*” (Entr. 1. linha 373)

CABRESTO • (A) • Nm [Ssing] • Lat>Port • Corda ou couro adaptado à cabeça do animal para segurá-lo. • “*tirava lático de cabresto pra piá VA:CA... pô os bezerrinho pra MAMÁ... punha... arrumava...*” (Entr. 3. linha 505)

CACIMBA • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Cova feita em lugares úmidos onde se acumula água. • “*comia lá pros mato... outra hora... chegava num rancho aí... debaixo de uma árvore... ficava pro ali ()... vinha a madrugada... arrancava que lá pra fora antigamente num tinha ()... trinta ou quarenta légua pra passá num corguinho aí... mas as água tudo aqui do () pra lá tinha que tirá na / na / na cacimba...*” (Entr. 4. linha 94)

CACUNDA • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • “*Pois é... que antigamente havia é tropa... num havia caminhão... nem nada... havia era tropa... tudo na cacunda dos burro...*” (Entr. 2. linha 8)

CAFÉ DE MUNHO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Café moído em moinho. • “*Fazê o cafezinho...o cafezinho... café... tem o café de munho né... você apanhava... tem o tempo próprio né... ia cuidá do café... da colheita... agora sacudí... colocava no pilão... socava... limpava ele... depois torrâ...*” (Entr. 6. linha 42)

CAFÉ DE PILÃO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Café socado no pilão. • “*mas a vida... antigamente... era difícil...é... hoje... como diz... você vai no... no armazém... na mercearia... acha de tudo né... e de primeiro... arroz de pilão... café de pilão...*” (Entr. 6. linha 34)

CÁGADO • (A) • Nm [Ssing] • Cont. • Espécie de tartaruga de água doce. • “*Tem outro que fica ne / natureza dele é de / é de dentro d’água... chama cágado... ele é redondo... hora que ocê mexe quele... hora que ele anda ele tem os quatro pezinho feito / feito rato...*” (Entr. 1. linha 220)

CAINANA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Espécie de cobra sem peçonha que se alimenta principalmente de roedores e pequenas aves. Variante de caninana. • “Cobra tinha e tem né... cobra tem diversas qualidade... tem jararaca... tem açu... tem cainana...” (Entr. 1. linha 210) “cobra perigosa... essa pequena... tem muita qualidade de cobra aí... cainana... que és trata é de campero...” (Entr. 4. linha 169)

CAIXA DE GUERRA • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Espécie de tambor musical. • “hoje ainda tem... inda tem... mas antigamente era tudo... como diz... à moda... tudo da roça mesmo... aquelas ca / aquelas caixa de... que eles fala caixa de gue::rra... é... era tudo... à moda da roça mesmo... chamava-se batuque...” (Entr. 6. linha 306)

CAMPERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • O mesmo que cainana. Espécie de cobra sem peçonha que se alimenta principalmente de roedores e pequenas aves. • “cobra perigosa... essa pequena... tem muita qualidade de cobra aí... cainana... que és trata é de campero...” (Entr. 4. linha 169)

CANDEIA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Utensílio usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. “De querosene jacaré... é... querosene jacaré... lumiava era com querosene... com querosene... ou então com candeia de azeite... candeia ocê sabe o que que é num sabe?” (Entr. 6. liinha 462)

CANDEIA DE AZEITE • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Objeto usado para iluminação, alimentado por azeite de mamona. • “De querosene jacaré... é... querosene jacaré... lumiava era com querosene... com querosene... ou então com candeia de azeite... candeia ocê sabe o que que é num sabe?” (Entr. 6. linha 462)

CANDIEIRO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, geralmente alimentado por óleo ou gás. • “Que eu tenho uma ali... se ocê num sabe eu vou mostrá ocê... candeia... candieiro... com azeite... eu já tive muito azeite aqui... e tô com querosene ó... é... com querosene... lamparina é querosene e com candieiro... quem não tinha candieiro e nem querosene e num tinha dinheiro pra comprá...” (Entr. 6. linha 465)

CANOAGEM • (n/d) • Nf [Ssing] • Cast. • Concavidade do fundo da bateia. • “e a gamelinha no fundo dela... lá no fundo no centro tinha uma meia canoagem... e o oro é pesado né... o oro / ocê ia tiran[d]o aquela imundície e o oro ia fican[d]o naquela / naquela panelinha lá embaixo...” (Entr. 1. linha 439)

CANSANÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Planta da família das urticáceas, que geralmente queima ao primeiro contato. • “fomo prendê um gado lá... e fomo fazê uma cerca pruma serra acima... tinha uns cansanção branco quemadô... ocê conhece ele?” (Entr. 8. linha 70)

CAPADO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Porco grande e castrado para engorda. • “...lá no ingenho...nós ia pô cumê pros capado... juntava aquela passarada lá... pra cumê o resto das cumida dos capado... hoje ocê não vê um passarinho...” (Entr. 3. linha 42)

CAPUERA-BRANCA • (n/A) • NCf [Ssing + ADJ_{sing}] • Ind. + Port. • Nome popular de um arbusto conhecido como couvetinga, também chamada de fruta de guará, fruta de lobo ou fumo bravo. • “É... capueira-branca... eu deixo ela pros passarinho () aqui tinha um bando de jacu rapaz aqui... comen[d]o banana... comen[d]o fruta aqui no quintal do alto da serra voava tudo pras vage...” (Entr. 5. linha 156)

CAPUEIRADA • (n/d) • Nf [Ssing] • Ind. • Lugar onde o mato cresceu após a derrubada da mata original. • “mas ocê não via essa capueirada que ocê tá vendo aí até hoje em dia ó... aquilo era meloso de baixo em cima... e o pasto que tinha também era meloso... puro meloso...” (Entr. 3. linha 483)

CARANGONÇO • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Animal artrópode semelhante ao escorpião de cor escura e também venenoso. • “Não... é... o carangonço... o carangonço também ocê vê o ferrão na ponta do rabo... ocê cortô aquela pontinha... ele pode mordê lá com o dente e tudo... mas num vale nada...” (Entr. 1. linha 190)

CARGUERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Animal que transporta carga sobre o dorso. • “...trazia os bezerrinho no carguero... de lá do Quilombo até aqui...” (Entr. 3. linha 516)

CARNERO • (A) • Nm[Ssing] • Port. • Máquina utilizada para elevar a água, acionada pelo próprio líquido, isto é, a água. • “eu pelo menos minha água sempre foi / uma água ali ó ((aponta para uma direção)) tinha água ali aí ó () mesmo que tinha um carnero ali em baixo a água num () dipois o carnero () junto com uma bomba de rodá água () lá em baixo () dava uns quinze metro de cano que a água vinha aqui em cima ó ((conversas paralelas)) lá pra baixo da () essa bomba nova lá...” (Entr. 5. linha 88)

CARRANCA • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Semblante fechado; mau humor. • “às vezes Antonio aqui sozinho... acostumô demais... quando eu tô aqui... arrumo uma carranca .. eu dô uma de... sabe?” (Entr. 6. linha 173)

CARRIA(R) • (A) • [V] • Port. • Ato de guiar o carro de bois. • “Entr: E o senhor chegou mexê com tropa assim? / Infor 2: Não... não... / Entr: Não né... mas carriar? / Infor 2: Carriá... / Terc: Carguero... / Infor 2: () carguero assim... puxá mio...” (Entr. 7. linha 273)

CARRERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Pessoa que guia o carro de bois. • “eu podia ter ido embora né... e diferente disso... é o sofrimento aqui na roça... fazia de tudo... de carrero pra cima tudo era com nós...” (Entr. 4. linha 13)

CARRO DE BOI • (A) • NCm [Ssing+prep+Ssing] • Lat>Port • Carro feito de madeira, movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parrelhas de bois, e guiado por carreiro. • “É no carro todo tipo de coisa de puxá no carro é com os boi né... no carro de boi era com os boi... mio... feijão... cana... lenha... madeira de todo tipo... madeira fina... tora... tábua...” (Entr. 1. linha 320)

CASA DE MORADA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Lat>Port • Qualquer casa que serve para se viver. • “ ‘eu vou vendê procê minha casa de morada pra mim pagá...’ Falei: ‘ah Cícero... mas não é possíve[l]... ocê vai vendê sua casa de morada... procê pagá essa importância que ocê ficô deven[d]o pai... não há necessidade disso não...’ ” (Entr. 3. linha 289)

CATINGA • (A) • Nf[Ssing] • Afr. • Cheiro forte e desagradável. • “Ah... não... aquilo onde ele peidá... a catunga dele é naquilo... até uma criação de gado que passá perto deles lá e ela... sortá um perfume... ((risos)) ela chega em casa ocê vê ah... o bicho já peidô nela... que ela chega com aquela catunga... custa... custa cabá...” (Entr. 1. linha 265)

CATREZIM DE CAVALETE • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] Port. • Móvel utilizado como cama. • “cavacô debaixo do catrezim de cavalete dele pra vê se achava... diz que num acharam não... ês fa:la... ês fa:la... mas falá num é coisa que num pode aprova né... porque num enxerga... num enxergô e nem escutô... às vezes num achô... que isso tava no mato... tá isso lá enterrado até hoje... lá praquelas berada onde era quintal dele lá no mato...” (Entr. 1. linha 483)

CAVACAR • (A) • [V] • Port. • O mesmo que escavar. • “achô que tava dentro de casa né... que disse que tinha até cavacado dentro de casa né... que ês cavacô... essa turma que matô ele lá... disse que era uns quatro... cavacô achan[d]o / cavacô debaixo do catrezim de cavalete dele pra vê se achava...” (Entr. 1. linha 481)

CAXINGUELÊ • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Animal da ordem dos roedores, o mesmo que esquilo. • “Ah... aquilo é caxinguelê... aqui tem muito... tem muito ainda... muito de aí... é um bicho que desce na vage... mas fica mais é caçan[d]o coqueiro... ele parece na televisão...” (Entr. 5. linha 172)

CERTIMZIM • (n/d) • Nm [Adjsing.] • Port. • O mesmo que muito certo. • “É pouco menos que... às vezes esse pau né... mede os parmo seu aqui... pai... pai os parmo de pai era quatro parmo pra dá um metro certimzim...” (Entr. 1 linha 8)

CEVAR • (A) • [V] • Port. • Pôr isca em determinado lugar para atrair os peixes. • “Muito peixe... cevava ês... Antonio Mariquinha cevava ês... punha mio lá... no dia / naqueles horário que pai ia... ele já sabia... cevava ês... ele levava mio em casca marrado numa () punha lá... outra hora levava canjica de mio e jogava... tudo naquele horário...” (Entr. 1. linha 556)

CHEGA(R) NO CONHECIMENTO • (n/d) • [F] • Port. • Convencer uma pessoa. • “Veio aqui e conversô com mãe...ela deu um durozinho.. chegou ela no conhecimento...ela foi e cedeu... e eu casei... mas... tudo que eu queria com ele...” (Entr. 3. linha 223)

CHIFRE MESTRE • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Cast. + Port. • Chifre principal. • “Veado... tem veado... veado tem o gaiero... por aqui num tem dele... mas tem / já vi o retrato... a figura dele muito... muito... o chifre dele é aquela gaiaria de chifre... tem o chifre mestre lá na cabeça...” (Entr. 1. linha 146)

CHIFRIM • (n/d) • Nm [Ssing] • Cast. • Chifre pequeno. • “Só um... é... e de dois é os chifrim natural feito boi...” (Entr. 1. linha 159)

COBRA-CIPÓ • (A) • NCf [Ssing + Ssing] • Port. + Ind. • Cobra de cor esverdeada, semelhante ao cipó. • “Uma cobra dessas cumpridinha assim... que parece cipó mas num é a cipó não... acho que era jararaca... aqui tem muitas qualidade de cobra né... tem surucucu... jararaca... cobra-cipó... coral...” (Entr. 6. linha 227)

COCHO • (A) • Nm[Ssing] • Cont. • Utensílio utilizada para colocar água, sal ou comida para o gado; feita, geralmente, com um tronco de madeira escavada. • “É... lá tinha a manga lá... lá tinha os cocho de pô comida pros porcos de engorda... agora os de criá era outra manga separada... lá ocê jogava só o mio...” (Entr. 3. linha 46)

COLCHÃO DE PALHA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Colchão recheado de palha ceca e revestido de tecido, normalmente de chita. • “Era difícil né... () nós dormia no colchão de paia... hoje em dia a gente num vê mais isso...” (Entr. 2. linha 68)

COMPARAÇÃO • (A) • Nf[Ssing] • Port. Ação de confrontar, comparar. • “...cê vai vendê ela por dois reais ou... comparação... aí você fala comigo... mas e o tempo que eu vou gastá... mas é divera... no fim das contas... acho que... num dá tanto lucro assim não... acho que o lucro é pouco mesmo...” (Entr. 6. linha 288)

COMPASSO • (n/A) • Nm [Ssing.] • Port. • Medida usada nas lavouras, para delimitar a distância de uma planta à outra. • “o compasso do mio e do feijão... café... é dois metro... numa cova na outra... aonde é café só... (“tá ligado?”) (“tá”)... aonde é café só... banana também o compasso dela... aonde há bananeira só... é o mesmo compasso de... de café... o mesmo compasso... cana... é um metro... é um metro numa cova na outra... um metro é...” (Entr. 1. linha 3)

COM PO(U)CO • (n/A) • [LOC. ADV.] • Port. • O mesmo que daqui a pouco, ou daí a pouco. • “A rapadura a gente moía a cana... cabava de moê levava pra tacha pra podê (). com pocol () ela dava a conta de subí... batia ela... ela descia... parava com o ()... ela ia descen[d]o... ia descen[d]o... tomava o ponto da rapadura...” (Entr. 8. linha 134)

CORDA DE BACALHAU • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. + Cont. • Espécie de corda. • “ô coitado... brinquedo...antigamente... era balango né... balangô... amarrava um cipó... era cipó... num era corda de bacalhau nem nada não... ia no mato... tirava um cipó...” (Entr. 6. linha 372)

CORGO • (n/A) • Nm [Ssing] • Port.< Lat. • Curso d’água de pequena largura, variante de córrego. • “...num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do ganhã[es]... aonde o corgo do jacaré dispeja no ganhã[es]...” (Entr. 1. linha 542)

CRIVO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Peneira de fio metálico. • “Tipo uma mesa... mas porém cheio de crivo né... agora punha um pano por cima tipo essa::... essa mesa aqui...” (Entr. 7. linha 113)

CUADO(R) • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • Utensílio utilizado na exploração de ouro; espécie de peneira de fio metálico. • “*agora hoje tem banca... tem porção de trem... tem cuado né que quem trabaia lá... o sujeito vai lavan[d]o... vai lavan[d]o a hora que / que tem o ismirí[l] que é preto... e tem o oro... procê apurá...*” (Entr. 4. linha 126)

CUATI • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Mamífero carnívoro, de focinho longo e aguçado, de cheiro desagradável. • “*É... cabô... mas eu conheço muita qualidade de bicho do mato... tem gato do mato... cachorro do mato... cuati:... de duas qualidade...*” (Entr. 1. linha 101)

CUIA (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Vasilha feita com a casca de uma planta conhecida como cuieira. • “*nossa janta tava guardadinha lá no canto da fornalha... cada / cada / cada um com um prato de cumê... tampado lá na fornalha pra nós jantá... pra podê cabá de chega... e nós tirava leite... era na cuia... tinha barde não...*” (Entr. 3. linha 530)

CUMUNHEIRO • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • Conduta compartilhada pela grande maioria de um grupo de pessoas. • / *por isso que tá esse cumunheiro... num há moça mais não... num há... num tem isso não... já é tudo muié... pode falá que já é muié... faz o que qué... num tem moça VIRgem mais no mundo...*” (Entr. 1. linha 398)

CUPIM • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Espécie de formiga esbranquiçada, que corrói madeira. • “*Cabô... ()... cupim cumeu tudo...*” (Entr. 9. linha 76)

CURIÓ • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Pássaro nativo do Brasil e muito apreciado pelo seu canto. Mede cerca de 15 centímetros, sendo que o macho é preto na parte superior do corpo e castanho-avermelhado na parte inferior, com a parte interna das asas na cor branca. • “*Terc: paca sumiu muito tia... canarinho-chapinha... curió... / Infor 2: Curió desapareceu... bicudo desapareceu...*” (Entr. 7. linha 321)

CURISCO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Parte inferior do biquíni em tamanho pequeno. • “*aqueles veste né... tem umas que põe só aquela tirinha... como diz Julinha de Juquinha... aquela tirinha ((risos)) que aquilo chama curisco... Julinha fala que aquilo chama / o nome daquilo chama curisco... tampa o cu e o risco... ((risos)) isso é Julinha...*” (Entr. 1. linha 400)

CURTUME • (A) • Nm[Ssing] • Cont. • Lugar onde se curte o couro. • “*Mas o de carnero quem sabia alvejá era ne lugá longe aí... tinha as fábrica e o curtume próprio daquilo...*” (Entr.1. linha 313)

CUSPIR NA ORELHA DAS MORENA • (n/d) • [Fras] • Port. • O mesmo que paquerar. • “*()... de vez em quando tinha um forrozinho também né... a gente ia pra lá... cuspi na oreia das... das morena né... cê cospe?*” (Entr. 8. linha 91)

CUTIA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Mamífero roedor, que vive nas matas e capoeiras, saindo à tardinha para alimentar-se de frutos e sementes caídos das árvores. Possui o corpo grosso, a cabeça um pouco alongada com orelhas relativamente pequenas. Apresenta de 1,5 a 3,0 kg de peso. • “*() de quati pra cima de tudo ocê encontrava... tatu... paca... cutia... né... veado... onça...*” (Entr. 8. linha 28)

D

DANDO IMITAÇÃO ~ DANDO UMA IMITAÇÃO • (n/d) • [Fras] • Port. • O mesmo que parecer. “*Tinha e ainda tem... tá dando imitação que as aranha que dando uma diminuída viu...*” (Entr. 8. linha 35) “*Tá dando uma imitação... eu tô achan[d]o que elas diminuíram é largatixa que tá comen[d]o elas...*” (Entr. 8. linha 37)

DAR MOLEQUE • (n/d) • [Fras] • Port. + Afr. • Modo de se referir a toda planta que desenvolve muito. • “*Do grande ainda tem ali... um pedaço ali ó ((aponta para o local))... mas ninguém ranca não que sempre é pouco porco... e... tem a banana... num precisa de / de plantá /de usá ele... fica ali é perdendo ali... mas ele... dá muleque dessa artura ó ((mostra com a mão))...*” (Entr 1. linha 66)

DE A PÉ • (n/d) • [LOC. ADV.] • Port. • O mesmo que andar a pé. • “*num tinha estrada de carro... tinha só trilho... tinha só um trilho... passava muito mais é de a pé e / cavaleiro...*” (Entr. 2. linha 121)

DEFERENTE • (n/A) • [ADJ_{sing}] • Port. • O mesmo que diferente; inimizado. • “*Hoje tem umas missa aí... as missa tudo deferente... o tipo dos padre celebrá é outro... tudo deferente que era... batizado... os batizado era duas hora / uma hora da tarde...* (Entr. 1. linha 344) *Mudaram... mudaram... povo tá tudo deferente né...*” (Entr. 9. linha 81)

DE MANEIRA • (n/A) • [LOC. CONJ.] • Port. • De sorte que, de modo que. • “*Não? De maneira que a gente faz...*” (Entr. 7. linha 380)

DE PRIMERO • (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antigamente; outrora. “*as festa de primeiro tinha muito cumê... ((risos)) até as eleição de primeiro tinha cumê... matava vaca... agora num dá mais não... cabô...*” (Entr. 2. linha 134)

DISARRIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Tirar os arreios. • “*Eu fui aceitei ele ficô lá e me deu a mula e eu vim na mula de Sebastião de Quinquim... cheguei aqui... disarreei a mula... sortei já de noite... cheguei aqui já devia ser umas... de oito pra nove hora... disarreei a mula sortei () a porta da cozinha abri a casa entrei...* (Entr. 3. linha 244)

DISLINDAR • (A) • [V] • Port. • Apurar, descobrir, resolver algo. • “*‘eu vim aqui foi pra isso: eu vim aqui procê me emprestá a promissória... que eu tô com um negócio de encren::ca lá com o ()... mais ()... um negócio duma porca... e ocê me emprestá a promissória pra mim... levá ela pra mim dislindá lá o negócio da porca...’*” (Entr. 3. linha 329)

DIVERA • (A) • [Adv] • Lat>Port • Realmente, com certeza. • O mesmo que deveras. • “*Ah... isso aí é divera... igual cana... cana cê plantô ela... cê bota a primera capina nela... ali ele vai só... né... cê passa uma cortagem nela... ali os broto vai brotando [ou]tra vez... quando pensa que não... a planta cresce () né...*” (Entr. 10. linha 74)

DIBULHAR(R) • (A) • [V] • Port • Desfazer-se. • “Era assim... plantava feijão... era mio... plantava café... é... dibuiava e eu vendia pra Raimundo Cruz...” (Entr. 7. linha 07)

DIFICULDADE • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • O mesmo que dificuldade. • “quando nós tava piquitito ainda... mas toda festa de mês de agosto e festa de São Sebastião... mãe fazia aquele isforço e nos levava naquela dificuldade que nós costumava ir até de carro de boi...” (Entr. 3. linha 419) “pertinho do vau ia pra lá pra ajudá nós sartá as criação lá no rio com aquela dificuldade...” (Entr. 3. linha 516)

DIFICULTOSO • (A) • Nm [ADJsing] • Port. • Da qualidade do que é muito difícil, em que há muita dificuldade. • “num tinha carro nesse tempo igual hoje tem né... era difícultoso... num tinha estrada tam[b]ém falava tam[b]ém quase tudo era tri:lho... né...” (Entr. 4. linha 43)

DISCRIMINA(R) • (A) • [V] • Port. • Distinguir, separar. • “Ah... plantava... ah... o que colhia aí / plantava e... discriminava tudo aí mesmo... né...” (Entr. 4. linha 51)

DISPEJA(R) • (n/A) • [V] • Obs. • O mesmo que desaguar. • “...num tinha criação de gado... num tinha terreno... morava ne terreno de J. Mortimer aí ó... na beira do ganhã[es]... aonde o corgo do jacaré dispeja no ganhã[es]...” (Entr. 1. linha 542)

DISPENZA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Compartimento ou cômodo da casa onde se guardam alimentos. • “E antigamente... antigamente as dispensa do Serro era aqui... hoje a dispensa do Luca é no Serro... ((risos))... é uai... antigamente ia café... arroz... mio ... rapadura... capado... ia tudo pra dispensa do Serro... hoje não a dispensa do {Lucas é no Serro}...” (Entr. 7. linha 165)

DISPINDI(R) • (n/d) • [V] • Port • O mesmo que cair, despencar. • “...porque o primeiro avião era aeroplano...() né... aí... o primeiro avião quando chegô aí ()... ele caiu no Serro... que o... tanque de gasolina dele acabô... ele num teve recurso de vortá pra terra dele mais... ele dispindiu lá no Serro...” (Entr. 4, linha 55)

DISPÔ(R) • (A) • [V] • Port. • Arrumar, colocar em lugares próprios; distribuir. • “era... e... uns vinte cinco... trinta... quarenta mula ()... era... dispunha... vortava e pegava arroz em Uberaba...” (Entr. 4. linha 46)

DUELA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Tábua encurvada que circula o corpo de tonéis e pipas. • “As grandes de pô leite chamava pipa... e as piquitita era{barril} preparava aquelas duela... eu nunca vi ês fazê não... mas a forma lá ondê que eles fazia eu vi a forma... aquelas duela... tudo feito na forma...” (Entr. 3. linha 563)

E

EM ANTE (n/A) • [Loc. Adv] • Port. • Antes, anteriormente. • “...*depois que passô muito tempo em ante da polícia chegá é que ele escapuliu... e caiu fora... mas mesmo assim depois ele foi preso...*” (Entr. 3. linha 191)

EMBORÁ • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Fiapos de algodão que servem para fazer rédeas, barrigueiras e outras coisas. • “*A mãe de Tia Quitério... fiava pra mamãe... e mamãe usava / sortava um monte de emborá:::... pra fazê ré::dea... fazê barrigue::ra... fazia rédea e barriguera...*” (Entr. 7. linha 271)

F

FARINHA DE FUBÁ • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. + Afr. • Farinha que se faz a partir do fubá de milho. • “...*ela torrô farinha de fubá... porque nossa farinha né... tão boa... ..porque cê sabe que tem muita gente que gosta...*” (Entr. 6. linha 98)

FAZE(R) DE MUDANÇA • (n/d) • [Fras] • Port. • Mudar, ser diferente. • “*ele num fez diferença nenhuma... num fez de mudança nenhuma... a feição dele vivo como depois dele morto...*” (Entr. 3. linha 254)

FEIJÃO DE TEMPO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Feijão que se planta fora da época própria. • “*feijão do tempo... um parmo... duma cova da outra... num pode ser mais nem menos... isso é o tipo do / do mio... o compasso do mio e do feijão...*” (Entr. 1. linha 2)

FIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Refinar o algodão até se tornar fio. • “*A mãe de Tião Quitério... fiava pra mamãe... e mamãe usava / sortava um monte de emborá:::... pra fazê ré::dea... fazê barrigue::ra... fazia rédea e barriguera...*” (Entr. 7. linha 271)

FIAU • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Quantidade pouco significativa. • “*as corrente dos rio ocê que sabe tem direito de lado e doutro... mas fica no meio dele que eu num sei... num fica nem um fiau de peixe... fica nada? Tem tirá areia no rio () de peixe pra baixo () fica nada... ()... cabô com a natureza toda...*” (Entr. 5. linha 62)

FOLE • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Utensílio utilizado para produzir vento com a finalidade de provocar combustão. • “*É... tem um fole ali que ocê toca pra ele soprá o fogo ó... o fole faz... assim ó... ele tem um canudo lá encostado no fogo... canudo de ferro... ocê enche lá de brasa... de car:vão... e tem uma corda docê puxá o fole ele / ele / é feito um fole de sanfona... ele abre e fecha...*” (Entr. 3. linha 591)

FORMÃO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Instrumento de carpinteiro que tem a extremidade chata e cortante. • “E ela ta lá cortada com formão... num é com tinta não... é cortada com formão as letra... então num apaga não...” (Entr. 7. linha 427)

FORNALHA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que fogão a lenha. • “*nossa janta tava guardadinha lá no canto da fornalha... cada / cada / cada um com um prato de cumê... tampado lá na fornalha pra nós jantá... pra podê cabá de chega...*” (Entr. 3. linha 530)

FORRADE(I)RA • (n/d) • Nf[Ssing] • Port. • Utensílio utilizado na produção de açúcar e rapadura. • “*cavacava tudo... limpava tudo... por cima e cavacava... e cavacava aquilo com a forradera tirava aquês torrão assim e botava botan[d]o no estalero... ((trecho confuso))...*” (Entr. 7. linha 103)

FRISOZIM • (n/d) • Nm[Ssing] • Port. > It. • Tira metálica que contorna tonéis e pipas. • “*O mesmo formato... o mesmo formato... mas tudo de madeira... e o fundo delas embaixo tinha um frisozim nas [a]duela assim... que eles colocava o fundo dentro daquele frisozim assim ó...*” (Entr. 3. linha 577)

FUBÁ INSOADO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Afr. + Port. • Comida preparada à base de farinha de milho e gordura. • “*quando é na hora de cumê comida e ele pega farinha torrada... é... que a gente torra... é muitos num gostam não... mas num...*” fubá insoado né... fubá insoado... (Entr. 6. linha 103)

FUGUE(I)RA • (n/A) • Nf [Ssing] • Port. • Festa popular onde se fazem fogueiras e queimam fogos de artifícios para comemorar dias santos. • “*chamava-se batuque... as batucada... é... noite de São João... noite de ...agora... festa junina... que () as festa junina na cidade era aquelas festa bunita memo né... na roça chamava de fuguera...*” (Entr. 6. linha 308)

FUSO • (A) • Nm[Ssing] • Port • Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. • “*Infor 1: É a mãe dele é que fazia boneca pra mim... ((trecho confuso))... / Terc: E o fuso que fazia ali?*” (Entr. 7. linha 267)

G

GABIROBA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Fruta da família das mirtáceas parecida com a goiaba, porém menor. • “*...goiaba nossa dava muito antes... a o pé ali ó... ((mostra a árvore))... cabaram... e tem uma tal de gabiroba... uma goiabinha assim piquitita assim ó... ((mostra o tamanho da fruta))...*” (Entr. 8. linha 59)

GAMELA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos, para servi-los ou até mesmo para tomar banho. • “*Gamelá é aquele trem... qué vê ((procura o utensílio)) gamela de pau é isso... (aquilo) num acha mais não... aqui ((mostra o utensílio)) isso que chama gamela... feita de madeira... a gente faz...*” (Entr. 2. linha 196)

GARRAÇÃO • (A) • Nf[Ssing] • Port. • O mesmo que agarramento. • “*Era um trem com respei::to... cê segurava ne moça era pra dança... sodá e dispidí... num tinha essa garração um na outro não...*” (Entr. 1. linha 395)

GATO DO MATO • (A) • NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Espécie de gato selvagem. • “*É essa comum... tem a baia... e tem a pintada... tem uma do lombo preto... três qualidade de onça... num falan[d]o no gato-do-mato... que é igual gato... mas é do mato... é maió que esse de casa...*” (Entr. 1. linha 143)

GAVAR • (A) • [V] • Fr. • Elogiar; preconizar as boas qualidades de algo ou alguém. • “*ele vivia lá dentro d’água tirando oro... e ele vivia gavando... que tinha garrafa de oro em pó escondida / guardada dentro da terra...*” (Entr. 3. linha 147)

GÊNERO • (A) • Nm [Ssing.] • Port. • Produtos agrícolas. • “*Plantava era mio né... era os gê:nero... CANA... esse produto de / banana né... esse trem tudo é... é tudo assim é tirado da roça né... a produção que coia mesmo era mi:o... feijão... arroz que nós plantava muito...*” (Entr. 4. linha 23)

GIRICO • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e). • Espécie de trator utilizado para arar a terra. “*Muito pesado... tudo na base de mão né... ne mão::... na enxa::da... agora merolhô um pouco porque que tem o girico né... então o giriquero... o que a gente faz num dia com o boi... ele faz com uma hora...*” (Entr. 8. linha 17)

GIRIQUEIRO • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e). • Condutor de giricos. • “*Muito pesado... tudo na base de mão né... ne mão::... na enxa::da... agora merolhô um pouco porque que tem o girico né... então o giriquero... o que a gente faz num dia com o boi... ele faz com uma hora...*” (Entr. 8. linha 17)

GOMA • (n/A) • Nf [Ssing] • Lat>Port • Substância viscosa que se extrai de vários vegetais, em especial da mandioca. • “*É... a mandioca pra podê fazê... a farinha... na nossa língua antiga é goma... mas é hoje só fala porvio... ninguém fala goma não... mas antigamente... eu tanto que eu... eu não sou muito de falá porvio não... eu falo é goma {goma} é eu falo é goma...*” (Entr. 6. linha 122)

GRÃO-DE-GALO • (A) • NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Espécie de árvore frutífera. • “*naquela época num tinha merenda não... tinha aquelas fruta.. ingá... ingá dava cada bagem assim... grão-de-galo... acabô tudo rapaz... a gente num vê mais cabô tudo...*” (Entr. 5. linha 191)

GRUMIXAMA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Árvore frutífera brasileira da floresta pluvial da Mata Atlântica, também conhecida por grumixaba, grumixameira, cumbixaba, ibaporoiti. • “*Tinha muita fruta do mato... é... o ano passado eu viajei na beira do rio... mais o minino viajamos na beira do rio... rapaz... aqui essa beira do rio essas árvore aqui da beira do rio nunca pode ser cortada... num tem uma árvore que chama... eles trata ela de grumixama... a fruta madurinha assim ó...*” (Entr. 5. linha 194))

GUARÁ • (A) • Nm [Ssing.] • Ind. Animal carnívoro da família dos canídeos, semelhante ao lobo. • “*tem onça::... tem guará... tem rapo:sa... pa::ca... cuti:a... cutia com paca parece que a natureza é uma só...*” (Entr. 1. linha 102)

GUARIBA • (A) • Nm [Ssing.] • Ind. Nomeação dada ao bugio ou barbado, macaco que mede de 30 a 75 centímetros, famoso por seu grito e pela presença de pêlos mais compridos nos lados da face formando uma espécie de barba. • “*Só o soim e tinha... a guariba... que é tipo de macaco... a cara feito cara de gente...*” (Entr. 1. linha 128)

I

IGUALA • (n/A) • Nf [Ssing] • Port. • De mesma posição social. • “*eu achei que era uma pessoa da minha iguala... né porque teja me gavan[d]o não...*” (Entr. 3. linha 333)

IMPARIA(R) • (A) • [V] • Port. • Pôr a par. • “*...uma certa hora da tarde ir lá ajudá sartá o gado lá pra ele ir impariando por baixo assim ó... pro gado num / num descê...*” (Entr. 3. linha 513)

INCÔMODO • (A) • Nm [Ssing.] • Port. • Doença, enfermidade. • “*É:... tem vacina pra quase todo tipo de incômodo de criação que estabeleceu... hoje tem as vacina... mas quase num tá valendo de nada... vacina compra faz aquilo faz e acaba aquilo morren[d]o... criação morren[d]o...*” (Entr. 1. linha 336)

INDA • (A) • [ADV] • Port. O mesmo que ainda. • “*Custa vê dele... custa muito vê dele... mas aqui tinha dele e pode até inda tê... mas tem muitos anos queu num vejo...*” (Entr. 1. linha 204))

INGÁ • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Planta da família das faváceas, cujo fruto apresenta-se em forma de vage. • “*tinha aquelas fruta.. ingá... ingá dava cada bagem assim...*” (Entr. 5. linha 191)

INGENHO • (A) • Nm[Ssing] • Port • Aparelho para moer cana de açúcar; moenda. • “*No ingenho também... é... hoje tem muito ingenho a motor que é / tem / tinha ingenho tocado à água... mas esses ingenho quase natural por todo canto era com boi...*”(Entr. 1.linha 323)

INGENHOCA ~ INGENHOCAS • (A) • Nf [Ssing] ~ Nf [Spl] • Port • Pequeno engenho destinado a moer cana. • “*pra gente tomá café a gente tinha que moê / havia rapadura... mas nem todo mundo güentava comprá... o que havia mais era ingenhoca... ocê conhece ingenhoca?*” (Entr. 2. linha 43)

INGENHO DE BOI • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Engenho movido por bois. • “*vinho só... vinha só de lá de fora... macarrão... trigo.. e açucá... a não sê quando fazia uma açucá caseira... açucá não é... açucá caseira mói a cana no ingenho... ingenho de boi ocê sabe o que é?*” (Entr. 6. linha 408)

INTENDE(R) POR GENTE • (A) • [Fras] • Port. • Passar a ter consciência das coisas. Fazer uso da razão. • “*toda a vida que eu intendi por gente aqui nesse Corgo Doce... ali é lugar de horta... que minha mãe tinha...*” (Entr. 1. linha 85)

INXADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Instrumento usado principalmente na agricultura. • “*Era enxada pra capiná... inxada deitada... inxada em pé pra cová... seja pra feijão... seja pra cana... seja pra milho... a enxada... a inxada em pé pra podê dá a cova...*” (Entr. 1. linha 21)

IRARA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Animal onívoro. Tem um aspecto semelhante às martas e fuinhas, podendo atingir um comprimento de 60 cm • “*É... é... aqui é só cobra... tem um bicho que pega galinha né... disse que é gato-do-ma::to... irara... essas coisa... essas coisa que passa aí no brejo...*” (Entr. 9. linha 64)

ISBIUTA(R) • (A) • [V] • Onomat. • O mesmo que bisbilhotar. • “*contei ele o caso que tinha acontecido... ele foi falô: “ó... ocê... faz o seguinte... ocê procura o advogado aí qualé o advogado que conversô com ele e ocê isbiuta do advogado...”* (Entr. 3. linha 374)

ISGOTA(R) • (A) • [V] • Port. • O mesmo que drenar. • “*É... tem que secá o brejo uai... tem que isgotá... depois que isgosta... vai... roçá... hora que roça... quema... mas é um serviço até bruto... é prepará terra de arroz no primeiro ano...*” (Entr. 1. linha 27)

ISMIRIL • (n/A) • Nm [Ssing] • Fr. • Espécie de mineral que vem misturado ao ouro. • “*...tem cuadô né que quem trabaia lá... o sujeito vai lavan[d]o... vai lavan[d]o a hora que / que tem o ismirí[l] que é preto... e tem o oro... procê apurá... cê tem que deixá secá () pro oro() separá o ismirí[l] do oro... ficá o oro puro...*” (Entr. 4. linha 127)

ISTALERO • (A) • Nm [Ssing] • Inc. • Pano que se coloca sobre uma armação de paus onde se põe a secar alimetos. • “*Botava no istalero... no istalero de ()... no terrero... punha::... punha um pano grande branco... agora punha tudo ali em cima pra secá...*” (Entr. 7. linha 108)

J

JABUTIRICA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Onça de pequeno porte. • “*Sumiu uai... Num tem bicho mais não... quando nós mudamo praqui... nós viemos praqui...nós fizemo um rancho aqui mesmo... aqui dentro do mato... aqui tinha até jabutirica...*” (Entr. 2. linha 116)

JACU • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Ave de caça que se assemelha a uma galinha, mas ao contrário destas, vivem nas árvores. Possui a cauda e o corpo alongados e o bico curto, alimenta-se de folhas e frutos. • “*Tinha... tinha... o parmito dá fruta... oia os cacho aí cheio de fruta... tem um que é cumê dos jacu... os jacu gosta muito de cumê ele...*” (Entr. 1. linha 290)

JACU-AÇU • (A) • NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • Ind. • Espécie de jacu de grande porte. • “Infor: Tinha... tinha... o parmito dá fruta... oia os cacho aí cheio de fruta... tem um que é cumê dos jacu... os jacu gosta muito de cumê ele... / Entr: Jacu é um passarinho também né? / Infor: É um pássaro grande... tem um do mato e tem uns piqueno que é o caca... e esses grande... galão grande que fica tamanho de um galo... aqueles com aquelas barbela vermelha... aquele é / é o açu... aqui tem muito dele naquela matinha lá... naquele mato de D. ali embaixo tem...” (Entr. 1. linha 290)

JACU-CACA • (A) • NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • Ind. • Espécie de jacu de pequeno porte. • “E tem o caca... é um menor... mas é jacu tam[b]ém... mas é do piquitito... um gritadô... gosta de sarandi... ês desce cá embaixo quando a sede aperta nês... ês vem caçá água... no mais ês fica só no alto de serra...” (Entr. 1. linha 297)

JAMBO • (A) • Nm [S_{sing}.] • Sans. • Fruto do jambeiro. • “É do mato tem muita fruta do mato... tem o / tem o jambo... tem o articum...” (Entr. 1. linha 280)

JARARACA • (A) • Nf [S_{sing}] • Ind. • Espécie de cobra venenosa. • “Uma cobra dessas cumpridinha assim... que parece cipó mas num é a cipó não... acho que era jararaca... aqui tem muitas qualidade de cobra né... tem surucucu... jararaca... cobra-cipó... coral...” (Entr. 6. linha 227)

JARATITACA • (A) • Nf [S_{sing}] • Ind. • Mamífero carnívoro da ordem dos mustelídeos, o qual, por meio de uma glândula anal, segrega um líquido fétido e nauseante. • “Aquele já é... é hora que ele peida... que a catinga dele tá no peidá... ((risos)) é jaratitaca...” (Entr. 1. linha 261)

JATOBÁ • (A) • Nm [S_{sing}.] • Ind. • Árvore também chamada jatobá da mata, jataí, jutaí e pão-de-ló-de-mico, originalmente encontrada na Amazônia e Mata Atlântica brasileiras. Suas sementes são envoltas em uma polpa amarela. • “eu num quero que planta nada aqui... que eu vô semeá uma semente de árvore aqui jatobá... tamboril... cedro...” (Entr. 5. linha 82)

JIRAU • (A) • Nm[S_{sing}] • Ind. • Armação de madeiras dispostas sobre forquilhas que pode ser utilizada como cama ou como depósito para utensílios domésticos. • “agora pegava a forma... que tá la em cima do jirau... e pega isso aqui ó fez o jirau e pos a forma aqui...” (Entr. 6. linha 427) “agora fazia um jirau... punha a toalha no jirau... agora abria ele pra secá... aí quando queria fazê uma quitanda ou um doce...” (Entr. 6. linha 441)

JOÃO VELHO • (n/A) • NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • Port. • Ave também conhecida como bico-chã-chã, cabeça-de-velho, joão-velho, pica-pau-amarelo, pica-pau-loiro, pica-pau-velho e pica-pau-cabeça-de-fogo. Destaca-se pelo vistoso topete amarelo que da origem a maior parte de seus nomes populares. • “eles pega um / um / um desse bicho aí um joão-véio... ele é cumércio a gente vende ele... eu vi falan[d]o que um joão-véio tem de dois mil réis pra lá rapaz... cantadô... né...” (Entr. 5. linha 162)

JOGA(R) NA BANDERA • (n/d) • F [V + {Prep + A_{sing}} + S_{sing}] • Port. • Ação de jogar as espigas de milho umas sobre as outras até formar um pequeno monte. • “É... o mio é... que tinha de plantá... prepará a terra... plantá... capiná... depois é que vai colhe... quebrá o milho... joga na bandera...” (Entr. 1. linha 42)

JUBILEU • (A) • Nm [Ssing] • Comemoração religiosa, dia em que se dão esmolas e recebem indulgências. “*eu num acumpanhei prucissão mais... dô esmola pros santos todo... todo ano pra jubileu mando... aqui... São Sebastião eu mando... dô esmola no dia vinte de janeiro... dia treze de dezembro que é dia de Santa Luzia padroeira de nossas vistas...*” (Entr. 1. linha 365)

JUNTA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Um par de bois. • “*de primeiro boi era seis boi no carro... no mais era uma junta... quatro pra ará terra... no ingenho ocê punha quatro... mas ocê punha dois novo atrás pra aprendê... punha quatro ali... os velho ensiná os novo moê... isso tudo eu já fiz aqui... já amansei muito boi...*” (Entr. 1. linha 315)

L

LABUTA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Luta, dificuldade. • “*igual pai quando tinha esses retiro lá no Quilombo... que tinha dois retiro lá... toda semana nós ficava naquela labuta pra lá e pra cá... tinha semana de nós ir duas vezes na semana...*” (Entr. 3. linha 502)

LAMPARINA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal tranpassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada. • “*lamparina é querosene e com candieiro... quem não tinha candieiro e nem querosene e num tinha dinheiro pra comprá... lumiava era com taquara...*” (Entr. 6. linha 466)

LAMPARINA DE QUEROSENE • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Espécie de lamparina que tem como líquido combustível o querosene. • “*é uai... principalmente aqui pra nós pode ser que / ah... que foi P... que pôs essa luz pra nós... nós usava era lamparina de querosene...*” (Entr. 2. linha 75)

LÁTICO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Tira de couro cru com a qual se apertam os arreios e se peiam vacas. • “*chegava lá achava vaca parida de novo... bezerrinho sem mamá... () tirava lático de cabresto pra piá VA:CA...*” (Entr. 3. linha 504)

LAVRA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Lugar onde se exploram ouro e outros minerais. • “*Ah... não... acho que não... acho que ne água... acho que tem é só o oro... que eu sei... que tira n'água é o oro... e o oro também acho que tem ne lugar de terra que dá pra tirá... acha oro também... mas aí já é mais difícil... aí já é lavra que fala né... é cortado no chão com ferramenta... aí já é mais difícil e esse dentro d'água é mais fácil de apurá...*” (Entr. 1. linha 455)

LAVRAR • (A) • [V] • Port. • Revolver e sulcar a terra para o plantio, ou para extrair ouro e outros minerais. • “*Th... eles custuma lavrá o oro lá no () tem uma... uma areia branca eles lavra / eles tira é muito oro...*” (Entr. 4. linha 134) “*É... bateia... sem a bateia num tirava não... num tira... agora hoje tira por conta disso... que tem a / a banca né... que lavra ali e ele sai no cuadô lá e... qué dizê que já tem pra apurá... já apura...*” (Entr. 4. linha 140)

LOMBILHO • (A) • Nm[Ssing] • Port. • Espécie de sela para montaria. • “*Pelego é de pô ne / é o coro do carnero... alveja ele... tem um tipo de alvejá ele... mas não por aqui... num alveja aquilo não... aquilo tirava só o coro pra pô ne lombilho pra montá ne animal brabo...*” (Entr. 1. linha 310)

LOTE (DE BURRO) • (A) • Nm[Ssing] • Port. • Cada conjunto de dez animais cargueiros em que se dividem as tropas de carga. • “*É... onze burro era um lote... que falava... que era um lote...*” (Entr. 2. linha 24)

LUMIAR • (n/A) • [V] • Lat>Port • Tornar claro algum lugar; o mesmo que alumiar. • “*E pra lá tem muita / esses lugá que tem muita pedra... tem cristal é onde disse que tem ou:ro né... ês fala que tem diamante... diamante eu vejo falá... mas num conheço... disse que é uma pedra muito clara que disse que de noite... aonde que tem a pidrinha dela descoberta na terra... ela lumeia feito estrela...*” (Entr. 1. linha 519))

LUMIENTA • (n/d) • Nf[ADJsing] • (n/e) • Que ilumina muito. • “*Infor: Piriá... / Entr: Ah... piriá... é isso mesmo... / Infor: É lumienta né? Aquelas também num tem rabo não...*” (Entr. 1. linha 248)

M

MAMA(R) CADEIA • (n/d) • [Fras] • Port. • Cumprir pena em presídio. • “*matô o homem... à toa... à toa.. mamô cadeia muito tempo...*” (Entr. 3. linha 364)

MANDIM • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Peixe da ordem dos siluriformes, semelhante ao bagre. • “*Tinha... a traíra pegava muito é com água suja... traíra e mandim é com água suja... hora que chove dá / os corgo enche...*” (Entr. 1. linha 565)

MANERO • (A) • Nm [ADJsing] • (n/e) • O mesmo que leve. • “*É... e aquela imundície... cisco... areia... que é mais manero que o oro dava procê tira... no fazen[d]o assim com a água ia sain[d]o areia misturado com a água... e o oro ficava purim no fundo...*” (Entr. 1. linha 444)

MANGA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Pastagem cercada próxima à casa da fazenda, especialmente preparada para guardar o gado. • “*É...lá tinha a manga lá... lá tinha os cocho de pô comida pros porcos de engorda... agora os de criá era outra manga separada...lá ocê jogava só o mio...*” (entr. 3. linha 46)

MANJARRA • (A) • Nf[Ssing] • (n/e) • Peça do engenho de cana. • “*um... um... toca é duas ou... assim né ó.. chama duas manjarra né... aqui ó... agora... tem... e dá um cruzado assim né...*” (Entr. 6. linha 50)

MÃO DE PILÃO • (n/A) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • Port. + Fr. • Peça de madeira com que se tritura algo no pilão. • “*Soca sozinho não. ...{ah...com água é munjolo}... soca com isso... mão de pilão que chama... mas com água chama munjolo... pra soca farinha...* (Entr. 2. linha 218)

MARREQUINHO DO MATO • (n/A) • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Obs. + Port. • Espécie de marreco selvagem. • “*e tem os bicho de casa... pato né... marreco de casa... e tem do mato também... aqueles marrequinho-do-mato quês vem...*” (Entr. 6. linha 245)

MARUJADA • (n/A) • Nf [Ssing] • Port. • Baile popular de rua que representa a luta entre cristãos e mouros. • “*agora os marujo {é daqui da rua mesmo... é daqui mesmo}... tinha muito da rua e muitos de cá de roça... tudo era da turma da caboclada / da / da marujada...*” (Entr. 1. linha 382)

MASSANGA • (n/A) • [V] • (n/e) • O mesmo que amassar. • “*Aquilo serve pra cozinhá... o porco ocê acostuman[d]o ele desde novo... é mesma coisa da banana... cê cozinha ele fica maciinho... cê massanga ele e mistura no fubá...*” (Entr 1. linha 70)

MELADO DE TANQUE • (n/A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Melado de cana engrossado, extraído antes do ponto da rapadura. • “*o melado ia pingan[d]o na... ia pingan[d]o o melado... chamava melado de tanque... ocê provava ele era um meladozinho ruim... num era muito gostoso não... a gente aproveitava pra fazê cachaça...*” (Entr. 6. linha 432)

MELOSO • (n/d) • Nm[Ssing] • Port • Espécie de capim que serve como pastagem; também conhecido como capim gordura. • “*mas ocê não via essa capoeirada que ocê tá vendo aí até hoje em dia ó... aquilo era meloso de baixo em cima... e o pasto que tinha também era meloso... puro meloso...*” (Entr. 3. linha 483)

MINORA(R) • (A) • [V] • Port. • O mesmo que diminuir. • “*que as natureza lá vai caban[d]o ...vai caban[d]o... tá minoran[d]o... tá minoran[d]o... eu gosto de () as planta mas eu penso muito nos novo... eu penso muito os novo...*” (Entr. 5. linha 177)

MOCHA(R) • (A) • [V] • Cast. • Queimar o chifre do animal para que ele não cresça; o mesmo que mutilar. • “*hoje num tem isso mais... quando o bezerro hoje nasce... daí a oito dia... ês tá com ferro quente queman[d]o os chifre dos bezerro pra mochá...*” (Entr. 3. linha 496)

MOFINA(R) • (n/d) • [V] • Cast. • O mesmo que definhar; que não vingar. • “*chegá a banca no pé dele né... que se num chegá ele não dá nada... ele mofina a cova... e não dá nada né...*”(Entr. 10. linha 66)

MUENDA • (A) • Nf[Ssing] • Port • Peça do engenho que serve para moer. • “*É... é... assim porque... a... a as muenda são assim... né... as muenda é tipo dum ingenho... mas é deitado... né?*” (Entr. 6. linha 57)

MULA DE GUIA • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Mula que, em uma tropa, serve de guia para os outros animais. • “*Meu pai mesmo tinha uma tropa... é quando o / tinha os peitorá[l] né... as mula- de- guia... tinha o peitorá[l]... quando começava a batê o povo gritava... “ai... meu Deus a tropa evem... a tropa evem...”* (Entr. 2. linha 17)

MUNHO • (n/d) • Nm[Ssing] • Port • Engenho composto por hastes giratórias destinadas a moer cereais. • “*Tinha verdura / ali embaixo toda a vida teve horta ali naquele munho de D... pra cá do munho do lado de baixo...*” (Entr. 1. linha 84)

MUNHO D’ÁGUA • (n/A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port • Engenho composto por hastes giratórias movidas à água destinadas a moer cereais. • “*Lá ne Zé Barroso que tinha né cláudio? ((conversas paralelas))... eu num gosto de fubá de (desempenadeira)... eu gosto de fubá de munho d’água...*” (Entr. 2. linha 221)

MUNJOLO ~ MINJOLO • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. • “*É... no pacotinho cê qué vê? vô te mostrá ocê... no pacotinho vem escrito farinha de munjolo... mas é de mio né... o que oce não soubé... vô te... te explicá...*” (Entr. 6. linha 117)

Infor 1: E minjolo ocê arcancô? / Terc: Minjolo eu vi um lá na fazenda de Osvaldo Mourão... caminho de Sabinópolis... (Entr. 7. linha 134)

N

NAÇÃO • (n/A) • Nf[Ssing] • Port • O mesmo que naturalidade. • “*um velho antigo... ele era carioca... ele era carioca... a nação dele era carioca... e a muié dele tam[b]ém num era daqui não... era outra nação...*” (Entr. 1. linha 463)

NA VISTA DE FORA • (n/d) • [Fras] • Port. • O que atrai a atenção, que é relevante. • “*Este rio Guanhães... este rio Guanhães... diz que ele é muito... que sempre vinha... como fala... na vista de fora... pra tirá o oro... oro em pó... um oro bonito... é uai...*” (Entr. 6. linha 253)

NETA • (n/d) • Nf[Ssing] • Port. • Medida que equivale a 1/4 de uma quarta (antiga unidade de medida), equivalente a 18 litros. • “*...ali tem... uma quarta... é uma medida quadrada... tem a quarta... meia quarta... uma neta... que a metade da meia quarta... um prato... e um quartil.... ó... a quarta... a meia quarta é a metade da quarta... a neta é a metade da meia quarta...*” (Entr. 6. linha 134)

NUM FALA(R) PAU NEM PEDRA • (n/d) • [Fras] • Port. • Não dar opinião sobre determinado assunto. • “*quando eu / quando eu tava pra... pra casá ninguém fazia gosto do meu casamento... num sabe? Do meu pessoal... ninguém fazia gosto não... só Toco que num falava pau nem pedra... mas o resto ninguém fazia gosto não...*” (Entr. 3. linha 218)

O

OFENDE(R) • (A) • [V] • Port. • O mesmo que morder, ferir. • “...*cobra tem muitos que ofende.. o Juninho já foi ofendido de cobra... tem umas que ela ofende mas num traz muito perigo não...*” (Entr. 6. linha 239)

ÓLEO DE COADA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • O mesmo que caldo de cana. • “Mói a cana ali... tem um processo... leva ela pra tacha... ferve... faz um barrilero com coisa que é pra fazê sabão e põe o óleo de coada... tem umas...” (Entr. 6. linha 414)

O QUE EU CUSPO EU NÃO ENGULO • (n/d) • [Fras] • Port. • Não voltar atrás depois de opinar sobre algum assunto. • “*eu achei que era uma pessoa da minha iguala... né porque teja me gavan[d]o não... mas eu sô um homem que o que eu cuspo eu num ingulo... né?*” (Entr. 3. linha 333)

P

PACA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Mamífero roedor semelhante a um porco. • “*Ah... tinha muito paca... veado... esses bicho miúdo tudo...de macaco pra cima tudo tinha...*” (Entr. 4. linha 145)

PANELINHAZINHA • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Panela ou vasilha de pequeno tamanho. • “*a água suja vai sain[d]o e o / o oro vai assentan[d]o nessa panilinha embaixo...*” *panilinhazinha rasa feito um / feito um pi:res... assim que a dele tinha eu sei porque eu vi que ele me mostrô...*” (Entr. 1. linha 533)

PÁ PI • (n/d) • [INTERJ] • (n/e) • Na mesma hora, imediatamente. • “*Tava dentro da bota... ele tirô a bota de noite pra deitá e quando foi no outro dia o bicho amanheceu dentro da bota num / {num olhô}... num bateu a bota pra tirá quarquê impuridade que tivesse... pegô ele no pé e foi pá pi...*” (Entr. 3. linha 125)

PAREA(R) • (n/A) • [V] • Port. • Pôr a par, colocar emparelhadamente. • “*ele tava debruçado na janela eu fui pareei o burro assim... cumprimentei ele... ele mandô eu apiá...*” (Entr. 3. linha 378)

PARECE COISA • (n/d) • [Fras] • Port. • O mesmo que parecer. • “*Sabia né Vanderlei... povo lidava com mais / parece coisa que tinha mais atenção... igual pai quando tinha esses retiro lá no Quilombo... que tinha dois retiro lá... toda semana nós ficava naquela labuta pra lá e pra cá...*” (Entr. 3. linha 502)

PASSA(R) A PERNA NA MULA • (n/d) • [Fras] • Port. • O mesmo que montar na mula. • “tornei passá a perna na mula e fui pra acompanhá o enterro... foi ondê que eu cheguei lá e ainda mandei tirá o retrato como eu te mostrei aí da ultima vez...” (Entr. 3. linha 248)

PASSA(R) UMA CORTAGE(M) • (n/d) • [Fras] • Port. • Remover o excesso de folhas, desbastar. • “Ah... isso aí é divera... igual cana... cana cê plantô ela... cê bota a primera capina nela... ali ele vai só... né... cê passa uma cortage nela... ali os broto vai brotando [ou]tra vez... quando pensa que não... a planta cresce () né...” (Entr. 10. linha 74)

PÁSSARO-PRETO • (A) • NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • Port. • Ave cantora de aproximadamente 25cm, e coloração predominantemente preta. • “hoje cê não vê passarinho... cê não vê movimento de passarinho ó... fica tudo em silencio ó... aquela quantidade de pintassilgo... canarinho... pomba-rolinha... passo-preto... tudo...” (Entr. 3. linha 40)

PEDRA NASCENTE • (n/d) • NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • Port. • Pedra onde nasce um curso de água. • “por baixo às vezes ela sai alta e essa sai funda e lá tem pedra na frente... lá tem natureza... foi criado a natureza que as água toda né... na cachoeira onde o pai desse minino tinha água... lá tem uma pedra nascente lá...” (Entr. 5. linha 70)

PEITORAL • (A) • Nm [S_{sing}.] • Port. • Corda feita de couro que cinge o peito do cavalo ou burro, para dar mais firmeza à montaria. • “Meu pai mesmo tinha uma tropa... é quando o / tinha os peitorá[l] né... as mula-de-guia... tinha o peitorá[l]...” (Entr. 2. linha 17)

PELEGO • (A) • Nm [S_{sing}.] • Port. • Pele do carneiro trabalhada, semelhante a um tapete, que se usa em montaria sobre a sela. • “...o coro alvejava ele... fazia aqueles pelego que vinha... () que acha pra comprá...” (Entr. 1. linha 307)

PELEJA(R) • (A) • [V] • Port. • Batalhar, lutar, trabalhar muito. • “Dos caso...mas enxergá...nunca enxerguei não...Lula tá pelejan[d]o... ele né...fazen[d]o isso... mas que caba com a violência...acho que num caba com isso não..”. (Entr. 8. linha 175)

PENITÊNCIA • (A) • Nf [S_{sing}] • Port. • Sacrifício, luta, incômodo. • “no outro dia tinha que apresentá... apresentei na mesma madrugada... agora quando cheguei... fui ()... nessa daí eu / entrô uma penitência pra nós...” (Entr. 4. linha 08)

PENURA • (A) • Nf [S_{sing}] • Port. • Pobreza, privação. • “É... de primeiro era uma penura...” (Entr. 7. linha 29)

PERDIZ • (A) • Nf [S_{sing}] • Port. • Ave da ordem das galináceas, de tamanho aproximado de um pombo, e muita apreciada como caça. • “codorna... esse perdiz...tinha demais... hoje ocê nem sonha que num tem.... e agora esses bicho piqueno...” (Entr. 4. linha 161)

PERFEITIMZIM • (n/d) • Nm [ADJ_{sing}] • Port. • O que é muito perfeito. • “mas a gente tá ven[d]o / conhecen[d]o ele perfeitimzim... ele num fez diferença nenhuma... num fez de mudança nenhuma... a feição dele vivo como depois dele morto...” (Entr. 3. linha 253)

PIÃO (1) • (A) • Nm [Ssing.] • Port. • Trabalhador rural que lida com o gado. • “*fazia de tudo... de carrero pra cima tudo era com nós... pião... mexia com burro... ((risos))...*” (Entr. 4. linha 14)

PIÃO (2) • (A) • Nm [Ssing.] • Port. • Brinquedo infantil em forma de pêra, feito de metal ou madeira, que gira sobre si próprio. • “*Entr: Mas é... na época que... o senhor era criança ques brincadeira que tinha.... que fazia? / Infor: Aqui? / Entr: É... / Infor: Nós brincava aqui de bodo::que... ocê conhece? / Entr: Sei... / Infor: De vez em quando nós uma ()... é Pi:ão...*” (Entr. 8. linha 75)

PIA(R) • (A) • [V] • Onomat. • Ato de prender com cordas, amarrar. • “*tirava lático de cabresto pra piá VA:CA... pô os bezerrinho pra MAMÁ... punha... arrumava...*” (Entr. 3. linha 505).

PIAU • (A) • Nm [Ssing.] • Ind. • Peixe de água doce da ordem dos caraciformes, cuja pele é cheia de pintas. • “*hoje tem / pega muito é ne rede e... anzol tam[b]ém / é muito difícil anzol pegá aqueles miudinho... muito difícil... quando é muito pequeno... assim tamanho de um parmo assim / esses peixe maió... traíra... piau...*” (Entr. 1. linha 561)

PICADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Abertura feira na mata fechada para permitir a passagem. • “*QUEMA feito um condenado... mas cada palma dessa grossura... tava abrin[d]o a picada... e eu passei a mão num martelo ((trecho inaudível))...*” (Entr. 8. linha 73)

PIÇARRA • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Terra misturada com areia e cascalho, podendo conter também outros minerais como o ouro. • “*Tirava... quando num era no rio... tinha o barranco aí... limpava a piçarra lá na / na / no cascaio... e ia lavan[d]o no rio...*” (Entr. 4. linha 122) “*É a areia né que chamava assim... piçarra... tirava muitas... grama por dia... tinha pedaço de oro de duas três grama () no peso... é duro...*” (Entr. 4. linha 125)

PILÃO • (A) • Nm [Ssing.] • Fr. • Espécie de vaso de madeira onde se pila e descasca arroz, milho e café. • “*A o pilão ali... ali... a o pilão ali ((mostra o objeto no quintal da casa))... a o pilão lá soca / soca / agora não... mas socava arroz... mas soca café... soca amendoim pra fazê paçoca...*” (Entr. 2. linha 215)

PINTASSILGO • (A) • Nm [Ssing.] • Cont. • Pássaro muito procurado pela beleza de seu canto e da sua plumagem. • “*hoje cê não vê passarinho... cê não vê movimento de passarinho ó... fica tudo em silencio ó... aquela quantidade de pintassilgo... canarinho...*” (Entr. 3. linha 40)

PINTASSILGO DO SERTÃO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Cont. + Port. • Espécie de pintassilgo. • “*Terc: Pintassilgo-do-sertão tam[b]ém cabô né.? / Infor 2: Cabô...*” (Entr. 7. linha 328)

PIPA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Espécie de tonel utilizado para guardar leite e outros líquidos. • “*Gustavo mais Nicote é que fazia... por aqui era os fabricante dessa / desses / chamava barril e pipa... as grandes de pô leite chamava pipa...*” (Entr. 3. linha 562)

PIQUITITO ~ PIQUITITA ~ PIQUITITINHO • (n/A) • Nm [ADJ_{sing}] ~ Nf [ADJ_{sing}] ~ Nm [ADJ_{sing}] • (n/e) • Que é muito pequeno. • “É... *Trabalhá... pois muitos tipo de sirviço... ocê já vai pegan[d]o aqueles mais fácil... e desde o princípio do / enquanto ocê tá piquitito... cê vai aprenden[d]o o tipo de sirviço...*” (Entr. 1. linha 97) “*umas ispiguinha assim que pai sempre falava que a ispiga menor tem condições dela / dela remoê e torá tudo... e dá uma grande... ele peleja... num acha recurso... baba ela... baba... baba... solta ela lá no chão... é restolho () ispiga piquitita...*” (Entr. 1. linha 330) “*Entr: E tinha também muito daqueles bichinhos... uns amarelinhos né... que fica no meio da madeira e de entulhos assim... e diz que a picada dele também é perigosa até matar né? / Infor: Mas uns bichinhos piquititinho?*” (Entr. 3. linha 101)

PIRIÁ • (A) • Nf [S_{sing}] • Ind. • Mamífero roedor; vive à beira de córregos, lagoas e rios, alimentando-se de gramíneas. “*no brejo... bichinho essas do brejo aí... eas gosta do brejo... é essas aí... é as piriá...*” (Entr. 1. linha 254)

PIRIMENTE • (n/A) • [ADV] • (n/e) • Em primeiro lugar, antes de tudo. “*e ês... tivé uma pessoa que dé denúncia que ocê matô uma cobra... eles vêm... eles vêm... eles vêm e ocê tem que pagá murta duma cobra... agora uma cobra morde uma pessoa aí... um cascavel pirimente que por aqui já tem...*” (Entr. 3. linha 64)

PISSUI(R) • (n/A) • [V] • Port. Ter; adquirir; comprar. • “*como eu tinha um livro até / Gerardo eu num sei se pissuiu ele...*” (Entr. 4. linha 64)

PÓ • (n/d) • Nm [S_{sing}] • Port. Órgão sexual masculino. • “*foi turma de gente lá... num foi descoberto isso... matô o homem... cortô o pô de:le... e matô a muié... cortô os seios dela tudo... uma morte com covardia né... caçan[d]o o oro...*” (Entr. 1. linha 471)

PORCA CRIADE(I)RA • (n/d) • NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • Port. • Fêmea suína que se cria para a procriação. “*criação era só porco né... ingordava um purquinho... pelo menos agora... nós temo dois piqueno... e eu tenho uma porca criadera que foi pro () que deu pra ela... pra () é só isso só...*” (Entr. 9. linha 48)

POLPA • (A) • Nf [S_{sing}] • Port. • Parte posterior do corpo dos animais. • “*Parece... e é sureca como a paca é a cutia também é... agora o cabelo da polpa dela cá... da / da cutia é amarelo... {é amarelo}...*” (Entr. 1. linha 105)

PORCOS DE ENGORDA • (n/d) • NC_m [Spl + {Prep + S_{sing}}] • Port. • Porcos que se encontram confinados com o objetivo de adquirir mais peso para o abate. • “*É... lá tinha a manga lá... lá tinha os cocho de pô comida pros porcos de engorda... agora os de criá era outra manga separada... lá ocê jogava só o mio...*” (Entr. 3. linha 46)

PRATO ~ PRATOS • (n/d) • Nm [S_{sing}] ~ Nm [Spl] • Port. • Antiga unidade de medida para cereais e grãos. • “*porque antigamente vendia tudo era nas... nos pratos... media... nas quartas e nos pratos... hoje é tudo é quilo... é num é... hoje tudo é quilo... mas inda tem uma dona lá na roça... lá pro lado de Sabinópolis... pra lá do... lá do Bom Sucesso... que ela faz farinha de mandioca e vende pra gente aos prato...*” (Entr. 6. linha 124)

PRESEGUI(R) • (n/d) • [V] • Port. • O mesmo que perseguir. • “*Ah... se ês vim... então se houve denúncia... num houendo denúncia até que ês num presegue muito não... mas se houve denúncia vêm em cima da hora... é... vêm em cima da hora...*” (Entr. 3. linha 61)

PRIMERA CAPINA • (n/d) • NCf [N. + Ssing] • Primeira limpeza feita na plantação após a sementeira. • “*Roça dá trabaio de todas as coisa né... o mio... o mio tinha que plantá... capiná... plantá a primera capina...*” (Entr. 10. linha 61)

Q

QUARTA ~ QUARTAS • (A) • Nf [Ssing] ~ Nf [Spl] • Port. • Medida antiga utilizada para medir cereais e grãos equivalente a 72 litros. • “*ali tem... uma quarta... é uma medida quadrada... tem a quarta... meia quarta... uma neta... que a metade da meia quarta... um prato... e um quartil... ó... a quarta... a meia quarta é a metade da quarta... a netas é a metade da meia quarta...*” (Entr. 6. linha 134)

QUARTIL • (n/A) • Nm [Ssing] •(n/e) • Medida utilizada para medir cereais e grãos equivalente a aproximadamente 2,5 litros. • “*tem a quarta... meia quarta... uma neta... que a metade da meia quarta... um prato... e um quartil... ó... a quarta... a meia quarta é a metade da quarta... a netas é a metade da meia quarta... ((conversas paralelas)) ó... um prato... um quartil é a metade... meio prato... o prato...o meio prato é a metade do prato... um quartil é a metade do meio prato...*” (Entr. 6. linha 134)

QUEIMA(R) BORRALHO • (n/d) • [Fras] • Port. • O mesmo que contar vantagem, falar mentira. • “*(Banturia) que ficava tudo queiman[d]o burraio... é... ah... os que... os outros chegava em casa tudo... tudo de ressaca... tudo queiman[d]o burraio... tudo sem (lei)... tudo sem (lei)...*” (Entr. 6. linha 316)

QUEIMA(R) LÉGUAS • (n/d) • [Fras] • Port. • Queimada de grande extensão. • “*o homem ignorante... se a gente um () tem horário de pô fogo naquele mato... mas ocê chega de lá com o fogo aqui ó... cabô com a natureza como ali cabô com a natureza... ali cabô com a natureza fogo quemô léguas...*” (Entr. 5. linha 124)

QUITANDA • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Biscoitos, bolo ou qualquer doce de forno. • “*e lá do lado de fora ainda tem uma fofalha que tá dentro do forno de fazê quitanda e tem uma fofalha que a gente cozinha...*” (Entr. 6. linha 95)

R

RAPA(R) • (n/d) • [V] • Port. • O mesmo que sair , ir embora. • () “*falei: “uai... Será que eu tinha... “então me empresta então...” rapei vim embora deixei os home lá ((galo cantando)) pra vim embora que ês já vai pra Goiás... e peguei o trem de ferro pra Belo Horizonte...”* (Entr. 4. linha 06)

REBUÇA(R) • (A) • [V] • Port. • O mesmo que se cobrir. • “E Zé Mané ia oiá passarinho no arroz... cê podia ir lá que ele tava deitado... ele durmia assim de... rebuçava de areia...” (Entr. 7. linha 185)

REFINA(R) A MIMÓRIA • (n/d) • [Fras] • Port. • Exercitar a memória. • “*Quando eu pedi ela pra deixá eu copiá umas coisa do livro... ela foi e falô comigo: “não... num deixo copiá não que esse livro é só pros aluno refiná a mimória... tem muitos alunos aí da idéia rñe... num isforça... num faz isforço...”* (Entr. 3. linha 440)

RÉIS • (A) • Nm[Spl] • Port. • Moeda usual no início do século passado; plural de real. • “*Porque de primeiro a gente tinha... era um mil réis... era dez tostões... qué dizê... dez cem réis...”* (Entr.6. linha 28)

RESPONSO • (A) • Nm [Ssing.] • Port. • Oração que se faz a Santo Antonio para que se achem coisas perdidas ou para prevenir que coisas ruins aconteçam.. • “*E o cara foi lá e robô a rede... é... robô a rede... e ês jogava mio cozido pra pescá né... então João foi lá no responso... ea / ea viu tudo... ea falô “foi assim... assim... assim... sujeito de chapéu... vai voltá com ela... cê pode ir lá... amanhã... que ocês acha ela lá...” no dia que ele foi lá... que ele voltô...inda tava dan[d]o uma chuvinha...()...ele tirô ele assim...saiu lá...ela tava...tava enroladinha...”* (Entr. 7. linha 405)

RESTOLHA(R) • (A) • [V] • Obs. • Procurar na roça as sobras da colheita que podem ser aproveitadas. • “*Meu pai num deixava nós saí... de jeito nenhum... os minino ainda saíá muito... mas nós não... era mesmo só mexê na roça... carregá cumida pra trabaiadó:... plantá feijão:... mi:o... quando... quando cabava... de... de coiê eu ia pra roça... restoiá...”* (Entr. 7. linha 01)

RESTOLHO • (A) • Nm [Ssing.] • Obs. • Aquilo que ficou do resto da colheita nas roças, e que pode ainda ser aproveitado. • “*uma criação doente que precisava de tratá... cê dava era o restolho... caçava essa ispiguinha menor assim ó ((mostra a espiga)) ó...”* (Entr. 1. linha 329)

ROLETADA • (n/d) • Nf [ADJsing] • Fr. • Que tem o corpo circundado por faixas de variadas cores. • “*tem o cascavel... tem... tem... uma pintada... roletada assim toda... uma tira do lado outra doutro...outra doutro...”* (Entr. 1. linha 210)

RUA • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • O mesmo que cidade; área urbana. • “*ai eu fui e falei: “bão... então se ocê num qué que vai Zinho eu num vô então não... deixa / depois eu vou lá...” ai vim embora contrariado com aquilo e vim pensan[d]o... falei gente... amanhã eu vô lá na rua... e vô procurá qualé o advogado que () conversô com ele e perguntá o advogado como é que foi a conversa dele com o advogado...*” (Entr. 3. linha 367)

S

SÁ • (A) • Nm [Ssing.] • Bras. • O mesmo que sinhá. • “*É... agora esse negócio de escravidão... escravidão aquele homem que tem lá no retrato ne D. lá na sala de D... Semião Ribeiro... ele tinha os escravo... ele é do tempo dos escravo... ele era senhô dos escravo... disse que quando ele morreu... ele pegô / antes dele morrê ele repartiu a / os escravo... veio um pra Barra aqui pra minha vô Sá Ernesta...*” (Entr. 1. linha 502)

SAPÉ • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Capim da família das gramíneas (*Imperata brasiliensis*), de folhas duras, muito usado para cobrir choças. • “*Não... era capim: seco...taquara...de capim...sapé... arrancava sapé... e fazia... ou então taquara... batia a taquara e fazia assim ó... eu... quando morei na Coluna... que minha mãe morreu... a nossa casa lá era criada com taquara... né? É...*” (Entr. 6. linha 453)

SAPUCAIA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Árvore brasileira originária da Mata Atlântica; de grande porte, com folhas ovais e pontudas, flores grandes e carnosas; e frutos encapsulados, cujas sementes são apreciadas como alimento. • “*Eu lembro que mãe fazia sabão preto de quadra... falava... punha o que gente... osso de porco que / que a pessoa comia a carne sobrava o osso... fazia sabão de sapucaia também?*” (Entr. 7. linha 53)

SARACURÁ • (n/d) • Nf [Ssing] • Ind. • Ave aquática do gênero *Gallinula*. Tem o tamanho aproximado de uma galinha. Alimenta-se de peixes e pequenos crustáceos. “*Tem o saracurá... esses roda... fica muito ne brejo e ne seco... e a saracura fica mais é no brejo... é menor... é o mesmo tipo de saracurá... mas é menor... e os outro chama saracurá... os grande... é só o modo de falá... saraCUra e saracuRÁ... é só o...*” (Entr. 1. linha 233)

SARACURA • (n/A) • Nf [Ssing] • Ind. • Espécie de saracurá, porém menor. • “*Parece... parece... mas é maió... saracurá é maió do que... a saracura... saracura é menor... grita muito...*” (Entr. 1. linha 239)

SARANDI • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Terra pouco fértil, imprópria para a cultura, coberta por arbustos e pequenas árvores. Geralmente ocorre em lugares mais altos. • “*E tem o caca... é um menor... mas é jacu tam[b]ém... mas é do piquitito... um gritadô... gosta de sarandi...*” (Entr. 1. linha 297)

SÔGRA • (n/A) • Nf [Ssing] • Port. • Corda grossa usada para prender animais, e que, presa à cabeça do boi, serve para puxar este animal no arado. • “*Pai toda a vida mexeu com boi... mas pai num sabe guia boi pra ará terra... porque os boi... igual o sinhô tá falan[d]o... os boi de pai antigamente ()... era na frente puxan[d]o a sôgra..*” (Entr. 7. linha 41)

SOIM • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Pequeno macaco de cara branca, cauda cabeluda e longa. Variante de sagui. • “*Soim é aquele que fica pulan[d]o dum galho pro outro e olhando a gente... aquele da cara branca...*” (Entr. 1. linha 124)

SOVAR • (A) • [V] • Port. • Bater a massa várias vezes, revolvendo a farinha com água ou outro líquido. • “*cê põe dentro da gamela e sovava meio... penerava... ficava aquês porvio como vem hoje empacotado...*” (Entr. 6. linha 449)

SURA • (A) • Nf [ADJ_{sing}] • (n/e) • Que não tem cauda ou que apresenta somente o cotó. • “*Num tem rabo nenhum... não... é igual essas galinha sura... num tem rabo não...*” (Entr. 1. linha 108)

SURECA • (n/d) • Nf [ADJ_{sing}] • (n/e) • Que não tem rabo ou parte dele. • “*Parece... e é sureca como a paca é a cutia também é...*” (Entr. 1. linha 105)

SURUCUCU • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Cobra muito peçonhenta, que pode chegar até dois metros de comprimento. Sua coloração varia entre cinza, rosa, amarelo, marrom ou preto, com manchas triangulares marrom-escuras. • “*Uma cobra dessas cumpridinha assim... que parece cipó mas num é a cipó não... acho que era jararaca... aqui tem muitas qualidade de cobra né... tem surucucu... jararaca... cobra-cipó... coral...*” (Entr. 6. linha 227)

T

TACHA ~ TACHO ~ TACHADA • (A) • Nf[Ssing] • obs. • Recipiente de metal ou de cobre com duas alças laterais. • “*banana cozinhava é lá na tacha... dava pra muitos dia... uma tachada de banana... hora que parava de moê cana... aproveitava o fogo com a água quente... punha lá pra cozinhá... até ela rachá... hora que ela rachava... ela já tava maciinha..*”. (Entr. 1. linha 72) “*e lá do do lado de fora ainda tem uma fornalha que tá dentro do forno de fazê quitanda e tem uma fornalha que a gente cozinha... quando precisa cozinhá cumê de porco e também para fazê doce no tacho grande... aí eu fui lá e ajudei ela...*” (Entr. 6.linha 95)

TAMBORIL • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Árvore de grande porte da família das faváceas, encontrada em matas úmidas. Possui tronco grosso e copa frondosa, folhas penadas, flores miúdas e frutos de polpa branca e adocicada. “*mas ocês num planta nessas ladeira... eu num quero que planta nada aqui... que eu vô semeá uma semente de árvore aqui jatobá... tamboril... cedro...*” (Entr. 5. linha 81)

TAQUARA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Espécie de bambu que pode atingir de 6 a 7 metros de altura e de 5 a 6 cm de diâmetro. “*eu vi contá um caso desses que um dia um homem foi no mato buscá uma taquara e a tinga dá o sinal... ela é tão braba que ela dá o sinal... igual a cascavel também dá... a tinga... quando tava tirando a taquara e a tinga piô pra cima dele assim ó... e ele conheceu o piado dela...*” (Entr. 3. linha 75)

TEM APELO • (A) • [Fras] • Port. • Que não tem solução, que não se pode remediar. • “*um cascavel pirimente que por aqui já tem... {já tem o cascavel... já tem dele}... o cascavel ofendeu num tem apelo né Vanderlei? Num tem apelo...*” (Entr. 3. linha 66)

TERNO (DE BOI) • (A) • NC_m [Ssing] • Port. • Conjunto de três elementos. • “*IH:... brincava de carro de boi de sabugo... Duca tem uns monte / de sabugo dele até hoje... pode perguntá ele que tá no sótão... um terno de boi arriadinho...*” (Entr. 7. linha 230)

TRANSANTEONTEM • (n/d) • [ADV] • Port. • Dia que precedeu o de anteontem. • “*passsei aqui é pra perguntá o senhor dotô () se é o sinhô que deu o parecê prum moço aqui... um dia / anteontem pra / ou de trasanteontem até anteontem mais ou menos...*” (Entr. 3. linha 379)

TINGA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Réptil ofídio das matas tropicais brasileiras, que pode atingir até 3, 5 metros, tem coloração rósea, com escamas na cabeça. É considerada a cobra mais venenosa do Brasil. • “*Eu vi contá um caso desses que um dia um homem foi no mato buscá uma taquara e a tinga dá o sinal... ela é tão braba que ela dá o sinal... igual a cascavel também dá... a tinga... quando tava tirando a taquara e a tinga piô pra cima dele assim ó... e ele conheceu o piado dela...*” (Entr. 3. linha 75)

TOCADO(R) • (A) • NC_m [Ssing] • Port. • Aquele que conduz a tropa. • “*Tinha os dono das tropa e tinha os tocadô né...*” (Entr. 2. linha 11)

TOCAIÁ(R) • (A) • [V] • Ind. • Ficar de espreita a fim de atacar ou matar (o inimigo ou a caça). Vigiar animais domésticos para não atacarem o alimento. • “*tucaiá galinha pra num pulá em cima... ih:... mas comia tudo ...*” (Entr. 7. linha 114)

TOSTÃO • (A) • NC_m [Ssing] • Fr. • Moeda antiga equivalente a cem réis. • “*pois é... é mil réis... o que a gente fazia com um tostão...era... era cem réis... um tostão...*” (Entr. 6. linha 23)

TOUCE(I)RA • (A) • Nf [Ssing] • pré-romano > português. • Moita grande de uma planta. • “*É inhame... ali ne D. tinha muito... aquilo ainda tem umas toucera prali abaixo assim... ((aponta para uma direção))... pra baixo ali daquela casinha...*” (Entr. 1. linha. 55)

TRAÍRA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. Peixe carnívoro de água doce da ordem dos caraciformes. Possui o dorso negro, abdômen branco e manchas escuras pela pele, podendo chegar até 40 centímetros. • “*Tinha... a traíra pegava muito é com água suja... traíra e mandim é com água suja... hora que chove dá / os corgo enche...*” (Entr. 1. linha 565)

TRAPALHAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Briga, confusão, perturbação da ordem. • “*ocê vê aí hoje essa quantidade de... ()... é trapalhação pra todo mundo né... isso tudo acontece () né...*” (Entr. 4. linha 80)

TRONQUEIRA • (A) • Nf [Ssing] • Bras. • Espécie de porteira rudimentar, feita de troncos amarrados por arame. • “*chamô o homem lá na tronquera assim do quintal e quando o homem veio pra atendê o chamado dele...*” (Entr. 3. linha 363)

TROPA • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. • “*Pois é... que antigamente havia é tropa... num havia caminhão... nem nada... havia era tropa... tudo na cacunda dos burro...*” (Entr. 2. linha 08)

TROPEIRO • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Condutor de tropas de carga. • “*tropero é que comprava... e ia lá:: pro Curvelo afora... Diamantina... hoje... Governador Valadares chamava Figueira...*” (Entr. 6. linha 393)

TUMBA-TUMBA • (n/d) • NCf [Ssing + Ssing] • Port. • Restos de mato e raízes que se acumulam após a capina e limpeza de um terreno. • “*... aquilo é aquela raizada do mato... do brejo... aquilo é danado... a gente batia aquilo... cisca::va... juntava aquilo... se tivesse já seco a ponto de queimá... punha fogo naquelas tumba-tumba ()...*” (Entr. 1. linha 28)

V

VA(R)GE(M) • (A) • Nf[Ssing] • Port. • Planície úmida e fértil cultivada. • “*É... capoeira-branca... eu deixo ela pros passarinho () aqui tinha um bando de jacu rapaz aqui... comen[d]o banana... comen[d]o fruta aqui no quintal do alto da serra voava tudo pras vage...*” (Entr. 5. linha 156)

VAU • (A) • Nm[Ssing] • Port. • Trecho raso de um rio onde se pode passar a pé. • “*os filhos de Argemiro que morava lá pertinho do vau... pertinho do vau ia pra lá pra ajudá nós sartá as criação lá no rio com aquela dificuldade...*” (Entr. 3. linha 515)

VENDA • (A) • Nf[Ssing] • Port. • Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. • “*hoje em dia se a gente quisé cumê um queijo tem de ir na venda ou então na rua... pra comprá... ((risos))... é que o povo quase num tá plantan[d]o mais... venden[d]o leite...*” (Entr. 2. linha 93)

VERGAMOTA • (A) • Nf[Ssing] • It. • Espécie de fruta semelhante à laranja. • “*tem duas frutas de fazê doce... zamboa e vergamota... é... parece laranja mais num é...*” (Entr. 6. linha 211)

VINDOURO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • As pessoas que ainda chegarão. • “*Ah... num qué não... isso aí a / a / a / o ritmo dos novo hoje tá muito diferente... tá muito diferente... é ondê que pai de vez em quando falava que precisava da gente ir transmitin[d]o muitas coisas pros mais novo que evinha... pros vindouro que evem... porque os vindouro evem com outro ritmo muito diferente...*” (Entr. 3. linha 430)

VIRGENS • (A) • Nf [Spl] • Port. • Viga de madeira que na parte superior possui orifícios que dão suporte a uma vara, usada em engenhocas e engenhos. • “*É tipo... mas é deitado... agora... a aqui... sobraram outra cá outra punha as duas virgens assim... que chama... as estátuas né... agora põe assim ó... agora sobe pra cá... sobe pra cá... e tem um buraco assim né... e outro assim... agora põe assim... põe assim... agora dá... eas ficam um cruzado assim ó... e da pra tocá...*” (Entr. 6. linha 60)

Z

ZAMBOA • (A) • Nf[Ssing] • Ar. Fruta semelhante à cidra, usada para fazer doce. • “*E outras frutas do mato que às vezes a gente até num... num conhece... tem umas que até que a gente conhece... limão do mato... é... fruta de fazê doce... cidra... zamboa... isso tudo são fruta...*” (Entr. 6. linha 206)

ZUERADA • (A) • Nf[Ssing] • (n/e) • Desordem, barulho muito alto, confusão. • “*Entr: Ah... sei... ((conversas paralelas))... mas e caso assim... que antigamente tinha muita... o povo brigava muito né? O senhor conhece algum caso? / Infor: De briga? / Entr: É.../ Infor: Isso aí dê tá brigan[d]o com o outro assim... fazend[d]o aquela zuerada na casa... () de chegá a matá... isso aí num cheguei não né...*” (Entr. 8. linha 166)



FOTO 7: Antigo engenho em Sabinópolis/MG (acervo pessoal)

Capítulo VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, realizamos uma investigação do léxico rural da região da Sabinópolis, localizada na mesorregião conhecida como Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, procurando focar no tripé língua-cultura-sociedade.

Em primeiro lugar, em pesquisa de campo, realizamos 10 entrevistas orais com moradores dessa região, tendo como suporte os embasamentos da Antropologia Linguística e da Sociolinguística. Essas entrevistas, após serem gravadas, foram transcritas e se encontram disponíveis para consulta, em CD-Rom que acompanha este volume.

Na **Introdução** deste trabalho, apontamos as orientações que seguimos no desenvolvimento da pesquisa e, também, os objetivos que nortearam nosso trabalho.

No **capítulo I**, apresentamos os pressupostos teóricos que deram sustentação a esse estudo: i) língua e cultura, com enfoque na Antropologia Linguística, na visão de Duranti e Hymes; ii) língua e sociedade, baseando-nos em Labov e Milroy, com destaque para a

variação linguística; iii) léxico, com os ensinamentos, principalmente de Matoré e Biderman.

Foram abordados, no **capítulo II**, aspectos históricos e sociais da região estudada, bem como características atuais do município de Sabinópolis. Tal abordagem se fez necessária, uma vez que o conhecimento destes aspectos contribuiu para análise linguístico cultural do léxico regional.

Aapresentaram-se, no **capítulo III**, os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Explicitamos a metodologia, a pesquisa de campo executada para o levantamento dos dados, com detalhamento dos critérios adotados para a transcrição das entrevistas e descrição do modelo de ficha lexicográfica utilizada para a análise de dados.

No **capítulo IV**, foram apresentadas as fichas lexicográficas, com as 300 lexias selecionadas a partir da análise das transcrições. Essas fichas, contendo as seguintes informações: a) lexia; b) abonação; c) registros em dicionários; e) registros em glossários, constituíram suporte para descrição e análise dos dados, uma vez que tais informações foram capazes de oferecer subsídio para a análise linguística realizada e para a comparação de resultados de outros dados de pesquisas já realizadas em território mineiro, com a mesma metodologia, realizados por Souza (2008), Ribeiro (2010) e Freitas (2012).

No **capítulo V**, intitulado **Glossário**, elaboramos a partir das lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas, seguindo critérios onomasiológico e semasiológico, um glossário contendo as 300 lexias selecionadas.

Como se pode constatar, cumprimos nossos objetivos e oferecemos ao Projeto *Léxico Regional: descrevendo o português mineiro* uma contribuição sobre o estudo do vocabulário de uma região do território mineiro até então não submetida à investigação linguística. Acreditamos que demos mais um passo rumo ao conhecimento da realidade linguística contemporânea no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo, ed. Anhembi limitada, 1955.
- AMARAL, Eduardo T. Roque. *A transcrição das fitas: abordagem preliminar*. In *filologia Bandeirante*. Estudos I, 2000. Org. Heitor Megale.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A paixão medida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia, in *ALFA*, 9, FFCL de Marília, 1966.
- BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARBOSA, M. A. Contribuição Ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas.. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BARROSO, S. P. *Sabino Barroso. Um estadista das Gerais*. 1997.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978, p.19.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p.131-145.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dimensões da palavra*. In *Filologia e Lingüística Portuguesa*. N.2. São Paulo: Humanitas, FFLCH / USP, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BISPO, Cláudia Luiz de Souza; MENDES, Estevane de Paula Pontes. *O Rural e o Urbano Brasileiro: definições em debate*. In. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, 2010.
- BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da Lingüística*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A Dialetoлогия no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *Geolinguística: Tradição e Modernidade*. Salvador:Parábola, 2010
- COHEN, Maria Antonieta A. M. et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997.
- COHEN, Maria Antonieta A. M. Pressupostos Teórico-metodológicos do projeto Filologia Bandeirante. In *Filologia Bandeirante*. Estudos I, 2000. Org. Heitor Megale.
- COSTA, Raquel Pires. *Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFMG- Belo Horizonte, 2012.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- D'ANDRADE, R. (1995): The development of cognitive anthropology. Cambridge, CUP.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.
- DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ESPINDOLA, Haruf Salmen. *O sertão do Rio Doce*, Bauru, São Paulo, EDUSC, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de inqueritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p.171-194.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- FREITAS, Cassiane Josefina de. *Café com quebra-torto: um estudo léxico-cultural na Serra do Cipó-MG*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte.
- HAENSCH, Gunther. Tipologia de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: ETTINGER, S. et alii. *La Lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.
- HYMES, Dell. *Language in culture and society*. A Reader in Linguistics and Antropology. New York: Harper and Row, 1964.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J.B.; HOMES, J. (Eds.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Orgs.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p.91-100.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LIMA JUNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais (Origens e Formação)*. 3º ed. Belo Horizonte, MG: Edição do Instituto de História, Letras e Arte, 1965.

MACHADO, J.P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952-59.

MARTINET, André. *Elementos de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: martins fontes, 1975.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine Française*. Paris: Didier, 1953.

MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978. Coleção Reconquista do Brasil, v.33.

MILROY, L. *Language and Social networks*. 2ª edición, Oxford, Basil, Backwell, 1987.

MILROY, L. *Language and Social Network*. Oxford: Blackwell, 1980

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAES e SILVA, António de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Os dicionários de Bluteau, Moraes e Vieira e sua importância na história da Lexocografia portuguesa*. In. *Actas do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. V.II

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Araraquara, UNESP, 1999 (Tese de doutorado, inédita).

- OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico*. 1998.
- PIMENTA, José Demerval. *A Mata do Peçanha*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966.
- RIBEIRO, Gisele Aparecida. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo lingüístico nos Sertões do Jacuhy*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) -UFMG- 2010.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1961.
- SAPIR, E. *A Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, [1921] 1980.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Livraria Itatiaia Editora Ltda. 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989
- SEABRA, M.C.T. C de. *A rota das bandeiras em Minas Gerais – A região do Carmo, in Filologia bandeirante, estudos I*, 2000. Org. Heitor Megale.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística) – UFMG – Belo Horizonte.
- SOUZA, José Martinez de. *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona, VOX, 1995.
- SOUZA, M.E de. *Aconteceu no Serro*, 1999. BDMG Cultural. Belo Horizonte.
- SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas- Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UFMG – Belo Horizonte.
- TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolingüística*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.
- VERDELHO, Telmo. *Dicionários portugueses, breve história*. In. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo:Humanitas/FFLCH, 2002.
- VILELA, M. *Estudos de lexicologia no português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola, 2006.